



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

JÚLIO DA SILVEIRA MOREIRA

VIOLÊNCIA CONTRA MIGRANTES EM TRÂNSITO PELO MÉXICO

Goiânia
2014

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação


Autor (a):	Júlio da Silveira Moreira		
E-mail:	julio.s.moreira@gmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
Vínculo empregatício do autor	Pontifícia Universidade Católica de Goiás		
Agência de fomento:	CAPES	Sigla:	
País:	Brasil	UF:	GO
		CNPJ:	
Título:	Violência contra migrantes em trânsito pelo México		
Palavras-chave:	Migração indocumentada. Migração de trânsito. Emigração brasileira. Violência. México.		
Título em outra língua:	Violence against migrants in transit over Mexico		
Palavras-chave em outra língua:	Undocumented Migration. Transit migration. Brazilian emigration. Violence. Mexico.		
Área de concentração:	Sociologia das Migrações Internacionais		
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	04/08/2014		
Programa de Pós-Graduação:	Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS)		
Orientador (a):	Dijaci David de Oliveira		
E-mail:	dijaci@gmail.com		

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹.

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.


Assinatura do (a) autor (a)

Data: 10 / 08 / 2014

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

JÚLIO DA SILVEIRA MOREIRA

VIOLÊNCIA CONTRA MIGRANTES EM TRÂNSITO PELO MÉXICO

Tese de doutorado apresentada para fim de obtenção do grau de Doutor em Sociologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFG, sob a linha de pesquisa Direitos Humanos, Diferença e Violência, e sob a orientação do Prof. Dr. Dijaci David de Oliveira.

Goiânia
2014

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG**

M835v Moreira, Júlio da Silveira.
Violência contra migrantes em trânsito pelo México
[manuscrito] / Júlio da Silveira Moreira. - 2014.
239 f. : figs, tabs.

Orientador: Prof. Dr. Dijaci David de Oliveira.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Ciências Sociais, 2014.

Bibliografia.

Lista de abreviaturas.

Anexo.

1.Emigração – Violência 2.Violência – Aspectos sociais.
I. Título.

CDU: 314.15



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA TESE DE DOUTORADO DE

JÚLIO DA SILVEIRA MOREIRA

Aos quatro dias de agosto de 2014, às 14:30 horas, na Sala 29 da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, realizou-se a sessão de julgamento da Tese de Doutorado do doutorando **Júlio Da Silveira Moreira**, intitulada *Violência contra Migrantes em Trânsito pelo México*. A Banca Examinadora foi composta, conforme Portaria n.º 022/2014-FCS, de 11 de julho de 2014, pelos seguintes Professores Doutores: Dijaci David de Oliveira (Presidente/UFG), Telma Ferreira Nascimento Durães (UFU), Pedro Célio Alves Borges (UFG), Sueli Siqueira (Univale) e Maria Zenaide Alves (UFG-Catalão) – Suplente: Camilo Albuquerque de Braz (UFG). O candidato apresentou o trabalho, os examinadores o arguíram e ele respondeu as arguições. Às 18:10 horas, a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão secreta, pela qual foram atribuídos ao doutorando os seguintes resultados:

Aprovado(a) () Reprovado(a)

Dr. Dijaci David de Oliveira _____ *Dijaci*

Aprovado(a) () Reprovado(a)

Dra. Telma Ferreira Nascimento Durães _____ *Telma*

Aprovado(a) () Reprovado(a)

Dr. Pedro Célio Alves Borges _____ *Pedro*

Aprovado(a) () Reprovado(a)

Dra. Sueli Siqueira _____ *Sueli*

Aprovado(a) () Reprovado(a)

Dra. Maria Zenaide Alves _____ *Maria Zenaide*

Resultado Final _____ *Aprovado*

Reaberta a sessão pública, a Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Marcelo Augusto Parrillo Rizzo, Secretário do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, e pelos membros da Banca Examinadora.

Marcelo Augusto Parrillo Rizzo _____ *Marcelo Rizzo*

Aos 72 migrantes.

AGRADECIMENTOS

Aos colegas do Doutorado, sempre dispostos a conversar sobre o projeto. Aos professores do programa, especialmente aqueles que ministraram as disciplinas a que assisti. Ao Prof. Dijaci, que foi mais que um orientador. Aos que permitiram os primeiros contatos para as pesquisas de campo. Aos que me acolheram em Governador Valadares e abriram suas portas. À minha família em Santa Efigênia de Minas. Aos colegas professores da PUC Goiás e aos meus alunos. Aos mexicanos. Aos companheiros do Tribunal Internacional de Consciência dos Povos em Movimento. Aos que fazem de tudo para servir aos migrantes, nas casas de migrantes e nas caravanas. Às mães centro-americanas. Aos pesquisadores, fotojornalistas, escritores, artistas e cineastas comprometidos com a causa dos migrantes. Às irmãs, padres e voluntários religiosos dedicados ao trabalho pastoral. Aos amigos de Tijuana. Aos companheiros de luta no mundo todo. À minha família querida, meus irmãos Rafael e Heloísa, e minha linda mãe Anailda, que tanto me apoia em todos os momentos da vida. À memória sempre presente e inspiradora do meu pai, o Prof. Rafael Moreira. À Clarissa, minha eterna namorada e companheira em todos os aspectos da vida. Com cada um de vocês, compartilhei muitas vitórias e nos abraçamos emocionados. Esta é mais uma vitória.

E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar
Gonzaguinha

Hermano Indocumentado

Padre Flor María Rigoni

No tienes papeles, no tienes un nombre:
eres hijo de nadie en tierra de nadie;
llevas el rostro de todos los pobres,
sumido en el miedo de tu acoso,
andas cargando destierro e ilusión.

Cristal hecho pedazos
por el juego de gente corrupta,
anillo indefenso de una cadena de mafia,
te sales en búsqueda
de otro horizonte.

Hasta la tierra
se ha vuelto amarga:
bocas que lloran y piden por pan;
madres y padres que quedan y esperan.

Un pueblo fantasma queda a tu espalda:
niños sin padres, viejos sin hijos,
madres solteras, viudas sin muerte.

No tienes derechos, no tienes lugar;
abres camino en medio de junglas:
policías y soplones,
polleros y enganchadores,
migra y pandilleros,
hoteleros y taxistas...
buitres humanos,
corredores de esclavos.

Llegas al Norte,
a una frontera cercada con púas:
entras en guerra, entras en lucha.
Perros y caballos, carros y motos,
sensores y helicópteros van correteando
a quien se mete con manos de trabajo
y corazón abierto.

Llevas contigo la última bolsa,
una camisa y la Guadalupana:
te metes al río y te traga la noche,
hijo perdido por las dos fronteras.
Andas pidiendo pan y trabajo,
andas tocando de casa en casa,
andas buscando tu nueva patria.

Me dicen algunos que eres borracho,
cliente seguro de calle y burdeles:
sabes, amigo, Dios te entiende,
y hasta perdona aquel beso fugitivo,
el trago amargo en una cantina,
nostalgia de tu tierra, gemido de soledad.

Te erigen un muro, te echan atrás;
ya te conocen y hasta te temen,
tú, marea café para políticos,
pueblo peregrino para la historia.

Eres también hermano nuestro,
hijo de una Iglesia
sin visas ni fronteras,
invitado de honor
a partir el mismo Pan,
tú, eucaristía del camino,
tú, visión de mi mañana.

Y si el día que hayas llegado,
te dieran patadas,
tachándote por tu piel morena,
bronceada por el sol
de tu mar y de tu tierra,
no llorar, amigo indocumentado,
tú vas abriendo camino...
yo también estoy en tu aventura.

Amén.

RESUMO

Essa pesquisa se dá no contexto das migrações internacionais contemporâneas, especialmente da migração indocumentada para os Estados Unidos. O ponto de partida é a violência contra migrantes na travessia pelo México, e as perguntas centrais são: se o migrante sabe do risco que corre com a violência no trânsito, por quê continua indo para os Estados Unidos? Como atuam as redes sociais na reprodução dos fluxos migratórios? Qual o vínculo existente entre a política migratória e a violência? Por quê os Estados controlam e restringem a migração, se há uma demanda pelo trabalho dos migrantes? Todas essas perguntas confluem para uma só problemática que são as relações de causalidade entre indivíduo e meio social na determinação do ato de migrar, combinadas com as relações de causalidade que levam à violência contra migrantes no México, estabelecendo o nexó entre política migratória e violência. A metodologia se baseia no método documentário e na sociologia reflexiva da migração de Sayad. As principais ferramentas da pesquisa de campo foram a observação participante e as entrevistas em profundidade. O percurso teórico faz uma revisão das teorias das migrações para chegar à teoria dos sistemas migratórios, ao funcionamento das redes sociais, e ao mito da *elghorba* como constituinte da violência simbólica na migração. O cenário da migração de trânsito pelo México é construído com o contexto geo-histórico da fronteira entre México e EUA, a conformação do México como país de trânsito dentro da regionalização das políticas de segurança continental e a análise detalhada das rotas utilizadas pelos migrantes centro-americanos. A violência simbólica nessas rotas é documentada a partir de entrevistas feitas em 2012 durante a Caravana de Mães Centro-americanas em busca de seus filhos desaparecidos. Em seguida, é construído o cenário da emigração brasileira para os EUA, tomando dados gerais e tomando a região de Governador Valadares como estudo de caso, observando a variação da cultura migratória entre o núcleo urbano e os municípios rurais próximos. A emigração brasileira indocumentada para os EUA é analisada em profundidade, observando como surgiram os primeiros mecanismos para favorecer a entrada de migrantes nos EUA e como eles foram se desenvolvendo conforme a migração foi constituída como desvio, até se consolidar a rota de trânsito de brasileiros pelo México. Dentro disso, é analisado criticamente o papel cumprido pela CPMI da Emigração em 2005 e 2006. O massacre de 72 migrantes no norte do México em agosto de 2010 é o ponto de partida para se analisar as relações entre violência contra migrantes e política migratória, observando o significado da guerra às drogas no México e o conluio entre crime organizado e autoridades públicas no estado de Tamaulipas como quadro para analisar de maneira ampla o significado da violência contra migrantes no México.

Palavras-chave: Migração indocumentada. Migração de trânsito. Emigração brasileira. Violência. México.

RESUMEN

Esta investigación se lleva a cabo en el contexto de las migraciones internacionales contemporáneas, especialmente la migración indocumentada a los Estados Unidos. El punto de partida es la violencia contra los migrantes que cruzan por México, y las preguntas centrales son: si el migrante sabe el riesgo que se está pasando con la violencia en el tránsito, ¿por qué seguir yendo a los EUA? ¿Cómo las redes sociales operan en la reproducción los flujos migratorios? Cuál es el vínculo existente entre la política de migración y la violencia? ¿Por qué los Estados controlan y restringen la migración, si hay una demanda de mano de obra migrante? Todas estas preguntas convergen en una sola problemática, que son las relaciones causales entre el individuo y el medio social en la determinación del acto de migrar, junto con las relaciones causales que conducen a la violencia contra los migrantes en México, estableciendo el vínculo entre la política migratoria y la violencia. La metodología se basa en el método documental y la sociología reflexiva de la migración de Sayad. Las principales herramientas de la investigación de campo fueron la observación participante y entrevistas en profundidad. En el curso teórico se revisan las teorías de la migración para llegar a la teoría de los sistemas migratorios, el funcionamiento de las redes sociales, y el mito de *elghorba* como constituyente de la violencia simbólica en la emigración. El escenario de la migración de tránsito a través de México se construye con el contexto geo-histórico de la frontera entre México y EUA, la conformación de México como país de tránsito en la regionalización de las políticas de seguridad continental y un análisis detallado de las rutas utilizadas por los migrantes centroamericanos. La violencia simbólica en esas rutas se documenta a partir de entrevistas realizadas en 2012 durante la Caravana de madres centroamericanas que buscan a sus hijos desaparecidos. A continuación, es construido el escenario de la emigración brasileña a los EUA, tomando los datos generales, y teniendo la región de Governador Valadares como caso de estudio, observando la variación de la cultura migrante entre el núcleo urbano y los municipios rurales circundantes. La emigración brasileña indocumentada a los EUA se analiza en profundidad, observando como surgieron los primeros mecanismos de apoyo a la entrada de los inmigrantes en los EUA y como ellos se fueron desarrollando conforme la migración fue constituida como desviación, hasta consolidar la ruta de tránsito de brasileños por México. Además, se analiza críticamente el papel que desempeñó la Comisión de Investigación del Congreso Nacional para la Emigración en 2005 y 2006. La masacre de 72 migrantes en el norte de México en agosto de 2010 es el punto de partida para analizar la relación entre la violencia contra los migrantes y la política de migración, señalando el significado de la guerra contra las drogas en México y la colusión entre el crimen organizado y autoridades públicas en el estado de Tamaulipas, como marco para analizar ampliamente el significado de la violencia contra los migrantes en México.

Palabras-clave: Migración indocumentada. Migración de tránsito. Emigración brasileña. Violencia. México.

ABSTRACT

This research takes place in the context of contemporary international migrations, especially undocumented migration to the United States. The starting point is the violence against migrants crossing through Mexico, and central questions are: if the migrant knows the risk suffered with violence in transit, why he keeps going to the U.S.? How do social networks operate in the reproduction of migration flows? Which is the link between migration policy and violence? Why do States control and restrict migration, if there is a demand for migrant labor? All these questions converge to a single problematic that are the causal relationships between individual and social environment in determining the act of migrate, combined with the causal relationships that lead to violence against migrants in Mexico, establishing the link between migration and political violence. The methodology is based on the documentary method and Sayad's reflexive sociology of migration. The main tools of the field research were participant observation and in-depth interviews. The theoretical course reviews the theories of migration to reach the theory of migration systems, the functioning of social networks, and the myth of *elghorba* as a constituent of symbolic violence in migration. The scenario of transit migration through Mexico is built with the geo-historical context of the border between Mexico and the U.S., the conformation of Mexico as a transit country in the regionalization of continental security policies and detailed analysis of the routes used by Central Americans migrants. Symbolic violence on those routes is documented from interviews conducted in 2012 during the Caravan of Central American Mothers seeking their missing children. Then is constructed the scenario of Brazilian emigration to the U.S., taking general data and taking the region of Governador Valadares as a case study, observing the variation of migrant culture between the urban core and the surrounding rural municipalities. The undocumented Brazilian emigration to the U.S. is analyzed in depth, looking at how the first mechanisms have emerged to support the entry of migrants in the U.S. and how they were developed as the migration was constituted as a deviation, until consolidate transit route of Brazilians through Mexico. In addition, it is critically analyzed the role played by National Congress' Inquiry Commission on Emigration, in 2005 and 2006. Massacre of 72 migrants in northern Mexico in August 2010 is the starting point to analyze the relationship between violence against migrants and migration policy, noting the meaning of the drug war in Mexico and collusion between organized crime and public authorities in Tamaulipas state as a framework to analyze broadly the meaning of violence against migrants in Mexico.

Keywords: Undocumented Migration. Transit migration. Brazilian emigration. Violence. Mexico.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALADI – Associação Latino-Americana de Integração
ASPAN – Acordo para a Segurança e Prosperidade da América do Norte
CEAM/UnB – Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares / Universidade de Brasília
CIAAT – Centro de Informação e Assessoria Técnica (Governador Valadares)
CNDH – Comissão Nacional de Direitos Humanos (México)
CPMI – Comissão Parlamentar Mista de Inquérito
CSEM – Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios
DEA – Drug Enforcement Administration (EUA)
DHS – Department of Homeland Security (EUA)
DPMH – Dimensão Pastoral da Mobilidade Humana (México)
EFVM – Estrada de Ferro Vitória Minas
EUA – Estados Unidos da América
GAFE – Grupo Aeromóvil de Fuerzas Especiales (México)
IAPL – International Association of People’s Lawyers
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFAI – Instituto Federal de Acesso à Informação (México)
INM – Instituto Nacional de Migração (México)
INS – Immigration and Naturalization Service
MMM – Movimiento Migrante Centroamericano
MRE – Ministério das Relações Exteriores (Brasil)
OIM – Organização Internacional das Migrações
PGR – Procuradoria Geral da República (México)
PRI – Partido Revolucionário Institucionalista (México)
SCJN – Suprema Corte de Justiça da Nação (México)
SEDENA – Secretaria de Defesa Nacional (México)
SEGOB – Secretaría de Gobernación (México)
SESP – Serviço Especial de Saúde Pública (Governador Valadares)
TICPM – Tribunal Internacional de Consciência dos Povos em Movimento
TLCAN – Tratado de Livre Comércio da América do Norte
TPP – Tribunal Permanente dos Povos
UFG – Universidade Federal de Goiás
UNAM – Universidad Nacional Autónoma de México
UNIVALE – Universidade do Vale do Rio Doce
UPM – Unidad de Política Migratoria (México)

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	6
RESUMO	8
RESUMEN	9
ABSTRACT	10
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	11
SUMÁRIO	12
PRELÚDIO	14
MÚSICA E PESQUISA	14
INTRODUÇÃO E PERCURSO METODOLÓGICO	16
CAPÍTULO 1	
PERCURSO TEÓRICO	33
1. Introdução às teorias das migrações	34
2. Pensando a migração como um sistema	37
3. O funcionamento das redes sociais	41
4. A violência simbólica na trajetória do migrante	46
4. O Estado na migração e o migrante indocumentado	54
6. A construção de dados sobre a migração indocumentada	64
CAPÍTULO 2	
MIGRAÇÃO DE TRÂNSITO NO MÉXICO	66
1. Construção do cenário	66
1.1. Contexto geo-histórico da fronteira México-EUA	66
1.2. México como país de trânsito	71
1.3. As rotas de migração	74
2. Trabalho de campo e violência simbólica	80
2.1. Mães de filhos ausentes; filhos de mães ausentes	84
2.2. José e Maria na rota migratória: o significado da solidariedade	91
2.3. A <i>elghorba</i> hondurenha	96
CAPÍTULO 3	
A EMIGRAÇÃO BRASILEIRA PARA OS EUA	103
1. Construção do cenário	103
1.1. Dados da emigração brasileira para os Estados Unidos	105

1.2. Perfis do emigrante brasileiro	108
2. Estudo de caso: a região de Governador Valadares	112
3. O significado do rural na emigração. A Cabília brasileira.....	119
CAPÍTULO 4	
BRASILEIROS INDOCUMENTADOS	131
1. A construção da migração como desvio	131
2. A rota do México	137
2.1. O surgimento da rota	139
2.2. A consolidação da rota.....	140
2.3. Os tipos de contrato	143
3. Análise sistemática do percurso.....	146
3.1. Da partida ao embarque em São Paulo	146
3.2. O aeroporto da Cidade do México.....	147
3.3. Rumo ao norte	151
3.4. Cruzar o Rio Bravo.....	157
3.5. Chegada aos Estados Unidos: emoção e desilusão.....	159
4. A CPMI da Emigração e a construção da migração como desvio	166
CAPÍTULO 5	
MASSACRE E POLÍTICA MIGRATÓRIA	172
1. O massacre de San Fernando	173
2. As razões mais profundas do massacre	178
2.1. O significado da guerra às drogas no México	180
2.2. O negócio de sequestrar migrantes	184
3. Significado da violência contra migrantes no México	191
CONCLUSÃO.....	195
POSLÚDIO	201
REFERÊNCIAS	203
ANEXO	215

PRELÚDIO

MÚSICA E PESQUISA

Não é apenas a razão que acompanha um doutorando no longo período em que desenvolve os estudos e pesquisas que levam à sua tese. Uma vez que decide pelo tema, o tema se incorpora na sua pessoa, tal como o sonho da emigração se incorpora na perspectiva do futuro migrante. O doutorando carrega o seu tema aonde quer que vá. Fala dele, justifica, tenta mostrar a importância do que está pesquisando, busca fontes incessantemente. Conforme a pesquisa se confunde com o pesquisador, as emoções do pesquisador passam a fazer parte da pesquisa.

A música possui uma carga emocional muito forte. Algumas músicas despertam no indivíduo um sentimento tal que se transforma numa busca em viver o que está sendo cantado, produzindo uma migração psicológica. A vida também produz algumas situações em que o que se está vivendo combina com a música que está sendo escutada no mesmo momento. Nessas horas, a gente diz que parece um filme.

Muito antes que eu estivesse estudando a migração indocumentada, a música *Clandestino*, de Manu Chao, já era para mim um hino contra tudo o que a globalização produz em termos de mobilidade humana, e uma motivação para querer conhecer o México e tudo o que esse país significa como fronteira contraditória para o maior império do mundo atual.

Estar em um ônibus viajando pelo interior do México junto com as mães centro-americanas em busca de seus filhos desaparecidos também foi algo muito significativo e transcendental. As brincadeiras, risadas e cantorias eram na mesma intensidade que o sofrimento, o cansaço e a persistência tomava conta do ambiente. As músicas que saíam das caixas de som me chamavam a atenção, porque eram muito diferentes das músicas ouvidas no Brasil e muito pouco conhecidas por aqui. Uma estrofe imediatamente me prendeu a atenção. Dizia:

Cuando han sabido
que un doctor un ingeniero
se han cruzado de braceros
por que quieran progresar
o que un cacique deje tierras y ganado
por cruzar el Río Bravo
eso nunca lo verán.

Era um desses momentos em que a música representa a vida e vice-versa. Trata-se da música *El Otro México*, do grupo *Los Tigres del Norte*, típica música *norteña* ou *ranchera*. Esse grupo musical foi capaz de representar e sintetizar na música a dura realidade do povo mexicano

em seus aspectos fundamentais, e de representar e sintetizar as questões fundamentais que abordo nesta tese. Por isso decidi iniciar cada capítulo com uma canção deles – dispensando maiores explicações. Ao fazê-lo, homenageio aos tantos amigos mexicanos que fiz nessa jornada.

INTRODUÇÃO E PERCURSO METODOLÓGICO

Os pensadores mais admiráveis dentro da comunidade intelectual que escolheram não separar seu trabalho de suas vidas. Encaram a ambos demasiado a sério para permitir tal dissociação, e desejam usar cada uma dessas coisas para o enriquecimento da outra.

Wright Mills

Esta tese representa a conclusão parcial de um trabalho de pesquisa iniciado formalmente em abril de 2011, mas que, de fato, se iniciou em 24 de agosto de 2010. Eu estava concluindo o Mestrado em Direito, Relações Internacionais e Desenvolvimento, e comprometido com os assuntos internacionais, seja na academia, como professor e pesquisador, seja na militância, como membro da Associação Internacional dos Advogados do Povo (IAPL). Naquele dia, eu soube do massacre de 72 migrantes no norte do México. Como era possível uma quantidade tão grande de vítimas inocentes? Como situar tal massacre na compreensão dos conflitos internacionais e das lutas pela transformação da sociedade?

Ao mesmo tempo em que o massacre representava a síntese da globalização, apresentava algo de novo nos conflitos internacionais. Síntese da globalização, porque descortinou a realidade do “mundo sem fronteiras” propagandeado pelas grandes corporações, e apresentou elementos chave para a sua compreensão: migração indocumentada, militarização das fronteiras, crime organizado transnacional. Um massacre que, embora tenha acontecido numa região pouco conhecida e pouco habitada do mundo, teve repercussões continentais, expondo os problemas políticos e sociais dos Estados Unidos, como país de destino, do México, como país de trânsito, e os demais países do continente, como países de origens dos migrantes. E apresentava algo de novo, porque não se tratava de um conflito declarado entre Estados, nem de um ato sobre o qual um ou outro Estado tenha reivindicado a autoria, e, ao mesmo tempo, com nítidas implicações estatais.

O massacre teve ainda uma importância especial para pensar a realidade social do nosso país: quatro jovens brasileiros, com idades entre 20 e 23 anos, estavam entre as vítimas, numa época em que já não se falava mais da emigração brasileira para os Estados Unidos.

Como representante da IAPL, fui convidado para compor a comissão jurídica do Tribunal Internacional de Consciência dos Povos em Movimento (TICPM), um evento de organizações da sociedade civil de vários países que aconteceu no México entre outubro e novembro de 2010. Essa viagem, além de ter possibilitado conhecer uma enorme quantidade de pesquisadores e ativistas dedicados à defesa dos direitos dos migrantes, abriu minha visão

para a quantidade de problemas que perpassam as migrações internacionais contemporâneas, e que envolvem, em muitos casos a passagem pelo México para entrar irregularmente nos EUA.

Na entrada da Comissão de Direitos Humanos do Distrito Federal (CDHDF), na Cidade do México, lugar onde se daria a abertura dos trabalhos do Tribunal, um altar memorial trazia fotos, calçados usados e outros objetos pessoais, lembrando as vítimas do massacre. Lá dentro, o Padre Alejandro Solalinde (fundador do *Albergue Migrante Hermanos en el Camino*, em Ixtepec, Oaxaca, sul do México, e um dos mais conhecidos defensores dos direitos dos migrantes naquele país) falava da situação vulnerável das casas de migrantes, e que também havia migrantes brasileiros sendo sequestrados no México. Ele relatava que os grupos criminosos tinham a prática de se infiltrar nas casas e albergues onde os migrantes encontram repouso, para obter informações e sequestrar-lhes após sua saída. Então, afirmou que os brasileiros migrantes eram os mais vulneráveis, pois entregavam de cara sua origem por falar uma língua diferente do espanhol, e porque, sendo o Brasil um país distante, as extorsões cobradas deles próprios ou de seus familiares no Brasil eram maiores.

Em outro momento, a Caravana de Mães Centro-Americanas em Busca de seus Filhos Desaparecidos no Trânsito pelo México tomou conta do evento, apontando uma lista de mais de 800 familiares desaparecidos que elas andavam buscando.

Quando propus ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFG uma pesquisa sobre a violência contra migrantes em trânsito pelo México, já estava convencido da importância das migrações internacionais como um dos elos fundamentais das dinâmicas de dominação e resistência do mundo globalizado, juntamente com as guerras de ordenamento mundial e ações policiais globais do Ocidente sob a liderança dos EUA, como reflete Kurz (2005). Para Bacon (2008), as pessoas são despojadas dos seus territórios e levadas a se mover para procurar trabalho, sendo que as dinâmicas de exploração que promovem o despojo são as mesmas que atraem o migrante para o estrangeiro. Para Bauman (1999, p. 8), a globalização se relaciona diretamente com a mobilidade humana, seja ela física ou simbólica: “ser local num mundo global é sinal de privação e degradação social”.

As migrações internacionais são um problema social de extrema relevância na contemporaneidade, marcada por crises econômicas que desencadeiam a contraditória lógica de atrair trabalhadores migrantes para os centros do mundo capitalista e ao mesmo tempo negar-lhes direitos. Regiões como a Europa e os EUA, que, ao longo do século XX, se afirmaram como regiões de progresso econômico e social (se comparadas com o chamado Terceiro Mundo), têm negado esse progresso, especialmente a partir do Pós Segunda Guerra Mundial, aos trabalhadores imigrantes, e têm aplicado a eles um estatuto jurídico diferenciado que

implica na vulnerabilidade de sua condição e, em consequência, no aumento de sua exploração. O mundo do livre comércio fortaleceu suas fronteiras e não admite a livre mobilidade humana: “as fronteiras abrem-se para o fluxo de capitais e mercadorias, mas estão cada vez mais fechadas aos migrantes: essa é a grande inconsistência que define o atual momento histórico no que se refere às migrações internacionais” (MARTINE, 2005, p. 8). Esse cenário se tornou ainda mais evidente quando, nos marcos de uma política universal de Guerra ao Terror, após o 11 de setembro de 2001, a migração internacional passou a ser tratada como matéria de segurança nacional em diversos países.

No caso particular dos EUA, todas essas perspectivas são percebidas, com o agravante da sua política de vistos extremamente restrita. Ali se observa o que significa ser um “migrante indocumentado”. A fronteira desse país com o México, por sua vez, se mostra como uma das regiões mais militarizadas do mundo contemporâneo – e ainda assim milhares de pessoas passam irregularmente por ela todos os anos. A maioria são mexicanos, mas há também pessoas de outras nacionalidades, como de países da América Central e também brasileiros. “Passei pelo México”: essa frase tem feito parte do imaginário brasileiro, especialmente depois do auge da emigração brasileira indocumentada para os EUA, nos anos de 2005 e 2006.

Acontece que no México, em decorrência das políticas de Guerra ao Terror e Guerra às Drogas, há um cenário de extrema violência contra migrantes – tais como os 198 sequestros de migrantes com 9.758 vítimas apenas entre setembro de 2008 e fevereiro de 2009 (CNDH, 2009). Em 2010, o massacre de 72 migrantes no norte do México trouxe de volta à tona os vários problemas relacionados à violência contra migrantes e suas dimensões globais – entre eles a relação entre Estado e crime organizado.

Tal cenário justifica a relevância do projeto de tese que comecei a construir em 2011 – a partir de pesquisas exploratórias ainda em 2010. Meu ponto de partida era buscar os significados do massacre dos 72 migrantes e a partir deles fazer uma pesquisa original sobre as migrações internacionais contemporâneas. Estabelecido o tema, o objeto e os problemas foram sendo construídos no próprio decorrer da pesquisa.

Ainda que o projeto de pesquisa inicial estivesse suficientemente delineado, o objeto e os problemas só tomaram corpo quando o próprio trabalho social de construção do objeto foi submetido a reflexão, quando a revisão literária e das atividades de campo estavam em pleno curso. Como leciona Bourdieu (2011a: 26-27):

[...] a construção do objeto [...] não é uma coisa que se produza de uma assentada, por uma espécie de ato teórico inaugural, e o programa de observações ou de análises por meio do qual a operação se efetua não é um

plano que se desenhe antecipadamente, à maneira de um engenheiro: é um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções, de emendas, sugeridos por o que se chama o ofício, quer dizer, esse conjunto de princípios práticos que orientam as opções ao mesmo tempo minúsculas e decisivas.

Abdelmalek Sayad (1998, p. 13) concorda com essa perspectiva, ao dizer que “é igualmente o desenrolar do processo que determina, em função das necessidades que encontra ou que faz surgir, não só a natureza das interrogações como também a forma que elas adotam”. Weller (2005, p. 269), explicando o método documentário de Manheim, reforça: “a interpretação documentária não parte de teorias ou metodologias elaboradas previamente: essas são desenvolvidas ou incorporadas de forma reflexiva durante o processo da pesquisa”, pelo que o sociólogo se vale da ferramenta da reconstrução para expressar a realidade observada de maneira sociologicamente qualificada.

Os acúmulos desta pesquisa podem ser divididos em três partes ou momentos: o período em que cursei as disciplinas do programa; os períodos de estudos e pesquisa de campo no Brasil; e os períodos em que estive no México, especialmente o período de um ano correspondente ao Doutorado Sanduíche. Isso sem contar outros momentos curtos, como participações em congressos e eventos dentro e fora do Brasil. Em todos eles houve ricas trocas de experiências com colegas pesquisadores e professores, o que, somando às leituras e aos desafios da prática, contribuíram para formar o fazer prático e teórico baseado no conhecimento sociológico como um conhecimento diferenciado da apreensão imediata da realidade: “a invenção nunca se reduz a uma simples leitura do real, por mais desconcertante que seja, já que pressupõe sempre a ruptura com o mesmo e com as configurações que ele propõe à percepção” (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2010, p. 24).

Aplicando a sociologia reflexiva ao estudo das migrações internacionais, Sayad aponta que a migração é um fato social total: falar dela é falar da sociedade como um todo, em sua perspectiva histórica (diacrônica) e em sua extensão no plano das estruturas e no funcionamento da sociedade (perspectiva sincrônica). Castles e Miller (2004) dizem que a migração é um processo que afeta todas as dimensões da existência social, desenvolvendo uma complexa dinâmica própria. Carassou (2006) nota que os estudos sobre as migrações pertencem a vários campos e dimensões do conhecimento, resultando que sua compreensão, em qualquer campo, só pode se dar numa base transdisciplinar e sob métodos que reconheçam essas interações.

O que há, então, de particular na construção da migração como objeto da sociologia? Carassou diz que a sociologia das migrações deve estudar as práticas e representações sociais

ligadas aos migrantes, observando sobretudo as motivações que os levam a mudar-se de lugar, num contexto relacional. Para Portes (1995), essa decisão não parte de um ato individual isolado, mas sim socialmente condicionado, sendo portanto uma ação econômica socialmente orientada. Para Sayad, o estudo das migrações possui dupla dimensão, de fato coletivo e de itinerário individual. Para Castles e Miller, as macroestruturas e as microestruturas interagem para determinar os fluxos migratórios, assim como os países de envio e recepção dos migrantes se conectam através de vínculos socioculturais e econômicos. Abandonando a falsa dicotomia segundo a qual o estudioso das migrações deve optar pelo macro ou pelo micro, pelo indivíduo ou pela estrutura, tais autores observam o fenômeno em sua totalidade.

Na construção dos problemas a partir do objeto, me apoio nas contribuições de Manheim (1952, 1987) em seu método documentário e análise sóciogenética. Para esse referencial metodológico, o sociólogo deve interpretar a sociedade em três níveis (objetivo, expressivo e documentário), em que o terceiro nível, ao qual se chega a partir dos dois anteriores, permite uma interpretação crítica, que vai além do significado objetivo imediato de uma prática social e do sentido atribuído a ela pelo próprio sujeito (expressão). O pesquisador cumpre a função de conceituar teoricamente um conhecimento que se constitui de visões de mundo ateóricas sobre as práticas sociais.

Seguindo essa linha metodológica, o problema geral que esta tese introduz é: como a violência é praticada contra os migrantes em trânsito pelo México?

Essa pergunta, todavia, além de ser genérica, não pode ser respondida apenas com uma descrição (nível objetivo de interpretação). Por exemplo, a descrição das rotas de migração, que faço nos capítulos 2 e 4, atende a essa perspectiva. Resta, porém, analisar como reagem os sujeitos e atores envolvidos frente a essa violência (nível expressivo). Essa perspectiva se dá na exposição das entrevistas e fontes indiretas que realizei ao longo da pesquisa. Permito que as falas dos sujeitos apareçam em sua plenitude e extensão, realizando a expressão do sujeito qualificada pela expressão do sociólogo, que preconiza Sayad e que é ao mesmo tempo a transição do nível expressivo para o nível documentário de que fala Manheim.

Dois discursos que são um só: o discurso do informante que o sociólogo constrói pela interrogação, o discurso do sociólogo que, para apropriar-se da teoria da emigração que o informante produz com os meios que lhe são próprios e com ela trazer uma contribuição à ciência sociológica, deve fazer a ciência das leis de construção do que fala o informante. (SAYAD, 1998, p. 25)

Manheim ensina que interpretar é diferente de compreender. Os sujeitos podem ter uma compreensão de suas práticas sociais e relacionar-se entre si com base nessa compreensão, sem

que para isso seja necessária uma conceituação teórica, que está no plano da interpretação. Partindo da questão fundamental, realizo a interpretação das várias práticas e expressões da violência contra migrantes no México e chego a novas perguntas, novos problemas mais específicos que perfazem a robustez teórica que esta tese pretende ter.

- 1. Se o migrante sabe do risco que corre com a violência no trânsito, por quê continua indo para os Estados Unidos?**
- 2. Como atuam as redes sociais na reprodução dos fluxos migratórios?**
- 3. Qual o vínculo existente entre a política migratória e a violência?**
- 4. Por quê os Estados controlam e restringem a migração, se há uma demanda pelo trabalho dos migrantes?**

As duas primeiras perguntas partem do sujeito (o indivíduo migrante em suas esferas psicológica, familiar e social), e as duas últimas partem da estrutura (os mecanismos públicos ou privados que funcionam direta ou indiretamente controlando o fluxo migratório).

Para cada pergunta, assim como para a pergunta fundamental, há um arcabouço teórico que explica o problema *a priori* e de maneira genérica, demonstrando essas explicações no objeto específico da tese e culminando com a interpretação qualificada desse objeto na conclusão.

Ao me debruçar sobre o objeto, o fenômeno que encontrei resultou muito mais amplo que o próprio massacre de 72 migrantes. A violência contra migrantes no México é um fenômeno estrutural e cotidiano: ela não se refere a um fato histórico (o massacre), mas a um complexo de práticas que envolve milhares de migrantes de várias procedências que cruzam o território mexicano todos os dias, em meios múltiplos que vão desde viajar em massa por cima dos vagões de trens de carga até cruzar o deserto a pé.

Os materiais obtidos e vividos no início da pesquisa foram me mostrando isso: além da experiência com a participação no TICPM – que se prolongou como parte integrante do Tribunal Permanente dos Povos (TPP), atuando no tema da violência contra migrantes no México – Tive acesso a uma dezena de relatórios de organizações de direitos humanos, mexicanas e internacionais (cito como exemplo os relatórios da Comissão Nacional de Direitos Humanos – CNDH – e da Anistia Internacional), e conheci diretamente movimentos sociais relacionados à violência contra migrantes, especialmente as Caravanas de mães centro-americanas em busca de seus filhos migrantes desaparecidos no México e os coletivos, religiosos ou não, que mantém albergues ou casas de migrantes ao longo das rotas migratórias.

Esses primeiros contatos com o objeto me despertaram à busca de um conhecimento mais detalhado.

Logo de início, quis conhecer em detalhes as rotas pelos quais os migrantes passavam. Era importante visualizar topograficamente o fenômeno. Os relatos esparsos com os quais tinha tido contato até então me davam apenas nomes isolados de lugares, que eu não podia articular, até porquê era necessário um conhecimento amplo da geografia mexicana. Além disso, a existência de dados cientificamente qualificados sobre as rotas e os tipos de violência sofridos é prejudicada pelo fato de que a migração se dá, em certa medida, de forma clandestina, longe dos registros oficiais – assunto que permeia toda a tese e que explicarei melhor adiante. O trabalho de Casillas Ramírez (2007, 2008, 2011, 2012) foi o que mais luz deu a esse objetivo da pesquisa, pois imprime em mapas geográficos as rotas, em seus vários meios de transporte e pontos de partida, além de outros eventos recorrentes, como localização de postos de controle e centros de detenção de migrantes. Em etapa posterior da pesquisa esse mesmo objetivo foi cumprido pelo exame do relatório da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) da Emigração, do Congresso Nacional brasileiro (2006). Estava sendo assim formulado o nível objetivo, descritivo, da interpretação. Esse nível descritivo aparece também em outros momentos da tese, especialmente quando estou dando o contexto de um objeto (por exemplo, quando caracterizo a emigração brasileira para os EUA em termos históricos e geográficos).

Um outro nível de pesquisa consistiu em viagens de campo, no Brasil e no México. O projeto, com especificação das atividades de pesquisa de campo, foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFG. As entrevistas, quando registradas, foram feitas mediante prévia explicação, leitura e assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com a clareza de que se tratava de participação voluntária e o compromisso de que as identidades dos entrevistados não seriam reveladas.

Os sujeitos da pesquisa são pessoas que viveram direta ou indiretamente a experiência do trânsito migratório pelo México, visando chegar aos EUA, tendo ou não obtido sucesso na rota migratória. Ao pesquisar no Brasil, isso inclui migrantes retornados, assim como familiares de pessoas que sofreram violência. Essa definição implica numa característica ou recorte específico de migrante – aquele que, a partir da década de 1980, possuía uma condição econômica média ou baixa no Brasil e tentou ir aos EUA para trabalhar e obter progresso econômico, e em geral permaneceu como migrante indocumentado. No Capítulo 3, abordarei em detalhes o perfil sócio-demográfico dos emigrantes brasileiros.

Os migrantes retornados não se encontram concentrados em um local específico, mas estão dispersos entre a população de uma determinada região. O pesquisador deve, de certa

forma, sair à procura dos possíveis informantes, em locais diretamente afetados pela migração para os Estados Unidos, que revelam indícios de que haverá vários informantes cujas entrevistas darão um significado para a pesquisa. Foi isso que tornou aplicável a técnica de amostragem por bola de neve (*snowball sampling*) (BIERNACKI; WALDORF, 1981). A partir de contatos iniciais, nas áreas, com colaboradores e alguns migrantes (informantes-chave), pude chegar a outros entrevistados, e assim sucessivamente. Os critérios de inclusão e exclusão se dão, inicialmente, pelo perfil sócio-demográfico, e se desenvolvem a partir de entrevistas em profundidade com os informantes-chave. O ponto de saturação é atingido quando os novos entrevistados começam a repetir elementos e conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores. A compreensão das redes sociais entre os locais de origem e destino da migração, que é um elemento fundamental desta tese, também se aplica aqui, pois é através dessas redes que um sujeito leva ao conhecimento de outro. Nessa técnica de amostragem estão também elementos das técnicas de pesquisa apontadas por Bourdieu (2011) para a escolha dos entrevistados e sua proximidade com o entrevistador.

Ao esboçar essas estratégias, defini um *locus* para concentrar a pesquisa de campo no Brasil: a região de Governador Valadares, que é paradigmática em nível nacional como região de envio de migrantes para os EUA. Eu tinha clareza que ali iria encontrar um “laboratório” ao ar livre para pesquisar a emigração brasileira – e meus achados foram muito além das expectativas iniciais. Além disso, dois dos quatro jovens brasileiros vítimas do massacre dos 72 migrantes eram procedentes dessa região.

A experiência vivida foi muito além da realização de entrevistas, e incluiu atividades exploratórias e observação participante, que “pressupõe a integração do investigador ao grupo investigado, ou seja, o pesquisador deixa de ser um observador externo dos acontecimentos e passa a fazer parte ativa deles” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 71). Busquei formas sensíveis e reflexivas de abordagem para alcançar a empatia dos grupos pesquisados e obter os dados com uma perspectiva de comprometimento mútuo e solidário com as lutas e sofrimentos dos sujeitos, afim de trazer a lume as pequenas misérias que são invisibilizadas numa ordem social que estabelece as grandes misérias como parâmetro de referência (BOURDIEU, 2011b). Em outras palavras, minha imersão no mundo dos sujeitos buscava compreender e revelar a violência simbólica, exercida no dia a dia pela própria maneira com que os sujeitos reproduzem seus modos de vida.

Cumprе ressaltar que tal imersão não foi instantânea e requereu processos gradativos para superar o choque da aproximação de um desconhecido, decorrente da “intrusão sempre um

pouco arbitrária que está no princípio da troca” entre pesquisador e pesquisado (BOURDIEU, 2011b, p. 695)

Dentro disso estiveram as duas incursões na região de Governador Valadares (em janeiro de 2012, com carácter exploratório, e em setembro de 2013, cada uma com a duração de duas semanas), que não teriam acontecido satisfatoriamente sem o contato inicial e a contribuição de certos atores, como uma advogada e amiga da cidade, comprometida com causas de migrantes; membros do CIAAT (Centro de Informação e Assessoria Técnica); pesquisadores da UNIVALE (Universidade do Vale do Rio Doce), incluindo a Prof.^a Sueli Siqueira; e servidores da Secretaria de Desenvolvimento Social da Prefeitura de Governador Valadares.

A Prof.^a Sueli Siqueira me introduziu em noções preliminares práticas para a condução das entrevistas, complementando ensinamentos anteriores e as indicações do meu orientador. Ela chama atenção para os aspectos cognitivos na execução e interpretação das entrevistas (SIQUEIRA, 2006), em que a compreensão vai além da mera expressão verbal do entrevistado. Suas explicações me deram clareza para optar pela estratégia de entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas e de amostragem em bola de neve (*snowball sampling*).

A opção pelas entrevistas semiestruturadas decorre da subjetividade presente no problema e na percepção de situações de violência. Esta forma de entrevista “permite ao entrevistador tocar em assuntos mais complexos e delicados, ou seja, quanto menos estruturada a entrevista maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75). Por exemplo, não se poderia esperar que um migrante retornado respondesse afirmativamente a uma pergunta objetiva tal como: “você sofreu algum tipo de violência?” Por outro lado, a resposta negativa não teria efeitos práticos para a pesquisa, já que a palavra violência, na pergunta, remete a um significado de agressão física grave, excluindo situações mais complexas de violência.

Para se chegar à interpretação da violência real e simbólica no processo migratório, foi preciso propor ao entrevistado uma narrativa mais ou menos livre sobre sua trajetória, interrompendo periodicamente para controlar o objeto e ao mesmo tempo incentivar a narrativa. Tudo se dá como se fosse um testemunho de vida acompanhado de uma conversa, mas com perguntas fundamentais pré-determinadas no roteiro e na consciência do entrevistador. Busquei, assim, “instaurar uma relação de escuta ativa e metódica, tão afastada da pura não-intervenção da entrevista não dirigida, quando do dirigismo do questionário”, como ensinam e aplicam Bourdieu (2011, p. 695) e seus seguidores, como Sayad. Essa postura instaura uma relação de cumplicidade entre entrevistador e entrevistado, no sentido de

[...] submissão à singularidade de sua história particular, que pode conduzir, por uma espécie de mimetismo mais ou menos controlado, a adotar sua linguagem e a entrar em seus pontos de vistas, em seus sentimentos, em seus pensamentos, com a construção metódica, forte, do conhecimento das condições objetivas [...]. (BOURDIEU, 2011b, p. 695)

Esta maneira de conduzir a entrevista resultou em extensas transcrições da fala do entrevistado, recortadas por curtas intervenções do entrevistador, tal como as entrevistas transcritas na obra coletiva coordenada por Bourdieu (2011b) e no texto de Sayad (1998). É a análise do conjunto da entrevista, e não de suas partes isoladas, que permite ao pesquisador uma interpretação marcada pela totalidade – que é o objetivo da pesquisa, mais além da mera descrição dos fenômenos (TRIVIÑOS, 1987).

Foi preciso, também, ler nas entrelinhas: “durante todo o processo da pesquisa o pesquisador terá que ler nas entrelinhas, ou seja, ele tem que ser capaz de reconhecer as estruturas invisíveis que organizam o discurso do entrevistado” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 77). Isso inclui compreender não só as expressões positivas, mas também as resistências, as pausas e os silêncios do entrevistado.

Uma vez na região de Valadares, uma segunda imersão permitiu um contato ainda mais profundo, uma percepção do fenômeno da emigração que não se obtém nas ruas de Valadares. Isto porque tal fenômeno, marcado por uma “cultura de migrar para o exterior” (MARGOLIS, 2013), atualmente, se percebe com mais impacto na zona rural que na zona urbana. Foi ali, na cidade de Santa Efigênia de Minas, que encontrei a acolhida e o apoio de familiares de migrantes, eles próprios também migrantes, com os quais permaneci em plena convivência. Nessas situações, a percepção da pesquisa de campo vai além das entrevistas formais, ressaltando o aprendizado decorrente da observação participante e entrevistas informais. Pela dimensão dos achados da pesquisa e semelhança com as percepções de Sayad sobre a migração argelina para a França, posso dizer que encontrei em Santa Efigênia uma Cabília brasileira¹.

Há que se falar também da experiência de campo no México, sem a qual esta tese também não teria existido, a começar pela concepção progressiva do seu objeto desde minha primeira ida ao país, em novembro de 2010. As dimensões do trânsito de migrantes pelo México

¹ A Cabília é uma região camponesa da Argélia, onde Bourdieu teve suas primeiras experiências de pesquisa de campo, e é também a região de origem dos imigrantes argelinos pesquisados por Sayad. O impacto da emigração nessa região é tamanho, que gera nos jovens da localidade a impressão de que emigrar é o único projeto de vida possível. Santa Efigênia, em outras proporções e com devidas particularidades, é também uma cidade totalmente influenciada pela emigração, onde se visualizam os problemas relatados na exposição de Sayad. Reforço essa ideia, inclusive, para contrapor a Governador Valadares, uma cidade que já possui uma lógica própria e uma estrutura econômica e social que lhe tornou de certa forma independente da emigração.

não podiam ser percebidas apenas por dados e fontes indiretas, pois era preciso participar e conhecer os processos e movimentos sociais ligados ao fenômeno, conhecer os próprios migrantes que por ali viajam, os familiares que buscam migrantes desaparecidos e as iniciativas criadas para lhes dar apoio. Além disso, o tema é muito abordado nos ambientes acadêmicos, como na *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM), instituição que me acolheu como pesquisador visitante durante o período do Doutorado Sanduíche no Exterior, com orientação direta da Prof.^a Ariadna Estévez López, do Centro de Investigaciones sobre América del Norte (CISAN). Ali apresentei resultados parciais de minhas pesquisas, incluindo trabalhos sobre a necropolítica do migrante indocumentado e as questões do retorno de migrantes na região de Governador Valadares.

A estadia de um ano no México, entre agosto de 2013 e agosto de 2014, teve uma implicação muito maior que a realização de pesquisas de campo. Tratou-se de um estado de intensa mobilidade objetiva e subjetiva, em que também vivi alguns aspectos da experiência da migração. Fui para a Cidade do México - uma das maiores cidades do mundo e uma síntese da América Latina, do Terceiro Mundo, da opressão e exploração, das contradições e desigualdades econômicas e sociais - e a partir dali me desloquei por um amplo raio de mobilidade, desde a fronteira sul até a fronteira norte do país.

Minhas estratégias de imersão no campo levaram em conta o prazo relativamente largo para realização da pesquisa, o que me permitiu um processo de familiarização, sensibilização e conhecimento das particularidades do país e do objeto pesquisado. Comparando com as pesquisas realizadas em nossa “própria casa”, tratava-se, agora sim, de uma imersão em terreno desconhecido, inclusive por conta das diferenças culturais, linguísticas e geográficas. Além disso, para abordar os processos de migração de trânsito, era necessário tomar parte solidária nos movimentos de apoio aos migrantes, conviver passo a passo com os demais ativistas, jornalistas, artistas, estudantes, pesquisadores e religiosos que atuam nesses movimentos.

Dei continuidade aos trabalhos do TICPM, que se desenvolveram como o grupo de Migração, Refúgio e Deslocamento Forçado do TPP. Nesse plano de experiência, ajudei a organizar e participei de eventos chave no cenário nacional.

Particpei da Caravana de Mães Centroamericanas em Busca de seus Filhos Desaparecidos em Trânsito pelo México, que se realizou entre 15 de outubro e 3 de novembro de 2012, e percorreu 4600 Km de ônibus e a pé pelo território mexicano, do sul ao norte e do norte ao sul, parando em praças públicas, linhas e estações de trem e casas de migrantes. Durante minha participação, realizei entrevistas e outros registros de áudio, assim como fotografias e diário de campo. Fora do período da caravana, realizei duas visitas de campo à

Casa de Migrantes de San José Huehuetoca, no Estado do México.

Realizei entrevistas dentro das casas de migrantes e na própria rota migratória, às margens da linha de trem ou em outros locais públicos das pequenas cidades ao longo da rota. Entrevistava as pessoas no mesmo momento em que atividades intensas e tensas estavam acontecendo, com pessoas em plena condição de vulnerabilidade. Havia uma grande dificuldade em ligar o gravador, pois este ato fatalmente cortaria o ritmo da narrativa. Nos casos em que a conversa foi gravada, isso foi negociado com antecedência e respeitando os procedimentos da ética em pesquisa. Em outras ocasiões, gravei discursos públicos e rodas abertas de conversa (como, por exemplo, a situação em que um grupo de migrantes denunciava para os membros da caravana, incluindo jornalistas com seus ostensivos equipamentos, a tentativa de sequestro que haviam sofrido na noite anterior).

Como experiência em regiões de fronteira, realizei três travessias de fronteiras terrestres: duas vezes na fronteira México/Guatemala (pelo Rio Suchiate, em novembro de 2012, e pelo Rio Usumacinta, em dezembro de 2012); e cruzamentos da fronteira México/EUA, na passagem fronteira de San Ysidro, entre Tijuana e San Diego. Tais experiências me colocaram em contato mais direto com os mecanismos de controle estatal da mobilidade. Aliás, todas essas passagens fronteiriças são marcadas pela ostensividade militar e estão nas rotas do tráfico de drogas. Percebi claramente como o controle é discriminatório. No Estado de Chiapas, a Kombi em que eu estava viajando foi abordada por um bloqueio militar, e um jovem local foi humilhado e teve de provar que falava o idioma indígena da região para mostrar que não era migrante. Na passagem de San Ysidro, que é um dos principais pontos de cruzamento da fronteira México-EUA, os paradoxos são cotidianos. É possível refletir sobre a vida binacional daqueles que vivem no México e trabalham do outro lado, tendo de cruzar a fronteira todos os dias e lidar com os mecanismos de controle – várias histórias particulares surgiram dessa experiência – conectando-se com meu objeto de pesquisa e fornecendo material para além da própria tese, como o estudo que tenho realizado sobre a cultura de fronteira em Tijuana e o problema das deportações de mexicanos que vivem nos EUA.

Nessa pesquisa de campo entre Tijuana e Califórnia, em julho de 2013, fiquei duas semanas alojado na Casa de Migrantes de Tijuana, realizando observação participante, entrevistas, serviço voluntário e contatos com pessoas deportadas e acadêmicos da região. Do outro lado da fronteira, realizei viagens e observação de campo em bairros de imigrantes em Los Angeles e na área circundante de San Francisco.

Também estabeleci relações e trocas de experiências e informações com acadêmicos de várias instituições e centros de pesquisa, e apresentei um grande número de trabalhos em

eventos acadêmicos em diferentes cidades do México. Realizei cursos de curta duração que aproximavam a análise do fenômeno migratório com as teorias da violência e os processos de acumulação capitalista.

Toda a pesquisa (objeto, problema, referenciais teóricos) foi se reconstruindo de acordo com as novas descobertas. Se o ponto de partida foi o massacre dos 72 migrantes, a convivência com o problema dos migrantes centro-americanos – incluindo os sequestros, as condições de viagem no trem, etc. – alargou o objeto para além do massacre, e para além da emigração brasileira. Se o foco era observar o trânsito de migrantes indocumentados pelo México rumo aos EUA, era necessário abrir o olhar pesquisador sobre esse problema humanitário de enormes dimensões e tão pouco conhecido pelos brasileiros. Ao mesmo tempo, lançou novas indagações sobre as rotas de migração indocumentada pelo México, observando as variações entre as rotas usadas por parte dos centro-americanos e pelos brasileiros em geral.

Cabe relatar ainda as consequências de haver decidido por um objeto e problema permeado de situações de violência extrema – o que envolve um estresse tanto do pesquisado quanto do pesquisador, e lança desafios enormes para o desenvolvimento da pesquisa – desafios, inclusive, de ordem ética.

Por exemplo. Em minhas idas à região de Governador Valadares, não só entrevistei familiares de dois dos jovens mortos no massacre dos 72, como participei, em certa medida, do seu mundo particular. Como o meu contato com eles era prolongado, a conversa sobre o fato violento não surgia apenas na primeira abordagem, como quem chega, faz uma entrevista e desaparece. A conversa surgia periodicamente, em situações da vida cotidiana (compartilhando um lanche, por exemplo). Como diz Bourdieu (2011b, p. 698), ao objetivar o interrogado, o interrogador objetiva a si mesmo, “é posto à prova, tanto quanto aquele que ele interroga”. O pesquisador, ao obter a generosidade daquele que aceitou ser pesquisado, se compromete, nesse mesmo momento, ainda que implicitamente, a provar para o pesquisado que seu ato tem alguma importância para ambos, e não apenas para o pesquisador. No relato da situação limite, o choro era recorrente, e a lembrança dos fatos passados trazia de volta o sofrimento, fazendo-me questionar e refletir sobre qual era a importância daquela pesquisa: por quê eu resolvi vir até aqui? O que eu farei de útil para essas pessoas depois que sair daqui? Para quê vale trazer a eles de volta a memória da violência? Não é um ato extremo de egoísmo fazer tudo isso para concluir uma tese? Tudo isso passava pela minha cabeça naqueles momentos. Para completar, naqueles dias estava lendo o livro *O que resta de Auschwitz*, de Agamben (2008) – e o modelo teórico do *Homo sacer*, da vida nua, matável e insacrificável, portanto descartável, se acoplava aos relatos das entrevistas. Por outro lado, existe algo mais no testemunho, que é transformar a dor

em resistência e o trauma em memória (VEZZETTI, 2009). Isso certamente se verificou com os familiares, já que a existência de alguém honestamente comprometido em ouvir a história lhes dava uma esperança de que algo mais pode ser feito pela justiça. O compartilhamento da dor e do sofrimento estabelecem laços de solidariedade e construção identitária (ARAÚJO, 2011).

Ainda sobre a dificuldade em pesquisar situações de violência e a maneira como as pessoas recebem a presença intrometida e arbitrária de um pesquisador: quem vai se arriscar a conversar coisas pessoais com um desconhecido, sem ter clareza de qual proveito real terá disso? Em Governador Valadares, uma assistente entrou em contato com dois rapazes que tinham acabado de retornar, após serem deportados dos EUA. Mas eles não queriam dar entrevista, pois estavam planejando emigrar novamente. “Esses que querem voltar nunca dão entrevistas mesmo. Quanto mais ocultos estiverem é melhor para eles”, disse a assistente. Ora, era exatamente com estes que eu precisaria conversar! Mas assim, vão ficando essas limitações – o que corrobora a tese de Agamben (2008) de que a testemunha integral é aquela que não pode dar testemunho.

Em minha segunda viagem à região, eu “não encontrava” pessoas que estivessem planejando partir para os EUA de maneira irregular (por razões óbvias), e era importante para a pesquisa entender qual a rota que estava sendo usada, para pôr à prova o argumento de que os brasileiros já não estariam mais usando a rota do México. Então, jogando sinuca num bar à beira da rodovia, comecei a conversar com meu parceiro de jogo, dizendo que eu mesmo estava querendo ir para os EUA. Ele me informou que estava sendo formado um grupo de seis pessoas para partir. Faltava só um deles vender a sua casa para conseguir o dinheiro para pagar os agenciadores, e fechar o grupo. Perguntei de que maneira estavam indo, por onde iam passar, e ele disse que seria pelas “Bahamas”. Fiquei de lhe procurar nos próximos dias, e não segui adiante na combinação.

E quanto à tensão de pesquisar a violência no México? Esta foi ainda maior e surgiu desde o momento em que decidi pelo tema da pesquisa. Quando planejei o Doutorado Sanduíche no México, já conhecia a situação declarada de violência no país. Em 2006, o então presidente Felipe Calderón decretou sua Guerra às Drogas, estabelecendo no país uma situação de alerta permanente contra o crime organizado. Após o massacre dos 72, se tornou ainda mais conhecido o quadro de violência, especialmente no norte do país. Várias pessoas, no Brasil e no México, me fizeram recomendações sérias para que eu não fosse para o norte. Mesmo assim, não estava livre do estado de alerta permanente em que vivem todos os mexicanos. Essas situações, embora tenham causado limitações no processo de pesquisa, não prejudicaram as

entrevistas, que foram realizadas em casas de migrantes ou nas rotas migratórias, num contexto de mobilização social em que havia um consenso de que a situação dos migrantes devia ser visibilizada.

Após definir o percurso metodológico, passarei à seguinte lógica de exposição: (a) percurso teórico geral, com introdução das ferramentas teóricas que são utilizadas para abordar o objeto em vistas a responder os problemas; (b) abordagem direta do objeto em suas divisões analíticas, de maneira descritiva e reflexiva, à luz do suporte teórico já introduzido (aplicação prática da teoria em nosso objeto específico); e (c) conclusões, definidas como um salto teórico provido pelos problemas de pesquisa aplicados ao objeto; ou seja, um quadro teórico qualificado pela reflexão sobre a prática. Como ensina Weller (2005), não se trata de articulação compartimentada entre teoria e empiria, mas de produção teórica construída a partir da análise criteriosa de dados empíricos.

O detalhamento dessa lógica de exposição resulta no seguinte plano de trabalho. Início com um capítulo teórico, cujas finalidades são permitir um aprofundamento nos conceitos e categorias que serão usados durante o trabalho e antecipar respostas aos problemas fundadores, ainda em um nível abstrato. O desenvolvimento das teorias das migrações, ao buscar explicações sobre as motivações dos fluxos migratórios tanto em nível estrutural como em nível subjetivo e individual, culmina com a teoria dos sistemas migratórios. Em seguida, há um tópico específico para tratar do funcionamento das redes sociais na reprodução dos fluxos migratórios, o que ajuda bastante a responder ao tipo de migração de que trato no trabalho. Então, aprofundo na teoria da migração segundo o método de abordagem da sociologia reflexiva de Bourdieu, sob o fio condutor da violência simbólica. Para terminar o capítulo situo a importância da migração indocumentada nos problemas atuais da globalização, e trato das dificuldades e desafios sobre a construção de dados a respeito desse tipo de migração.

O segundo capítulo é um detalhamento da situação da migração de trânsito pelo México. Há muitos aspectos que compõem o cenário do trânsito migratório de latino-americanos pelo México, e busco analisar os aspectos fundamentais, que se referem-se ao contexto geo-histórico da fronteira México-EUA, a característica do México como país de trânsito, e o que se passa nas rotas de migração que cortam o país. Em seguida, ao apontar resultados do meu trabalho de campo, exponho problemas dessa migração ao abordar três dramas específicos: o encontro dos migrantes de um albergue com as mães que buscavam filhos desaparecidos; o significado da migração em família, da solidariedade e da dimensão pastoral da mobilidade humana, e o caso de cinco jovens hondurenhos que decidem voltar no meio do caminho. Em todos os casos, a perspectiva reflexiva e a violência simbólica restam claramente aplicados.

No terceiro capítulo, trago informações gerais sobre a emigração de brasileiros para os EUA, e em particular o sentido que tem a Região de Governador Valadares como protagonista nesse tema. Em seguida, apresento uma descoberta fundamental do campo, que foi a percepção de que os municípios rurais próximos a Valadares reproduzem mais uma subjetividade migratória que o centro urbano. Isso lança uma implicação generalizante sobre a relação campo e cidade nas migrações internacionais.

O quarto capítulo trata mais especificamente da emigração de brasileiros indocumentados desde a perspectiva de como ela foi se constituindo como desvio, tomando elementos da sociologia do desvio de Becker (2008), para desconstruir o discurso criminológico da migração. Essa genealogia das formas de entrada e permanência irregular nos EUA leva à constituição da rota do México, e faço uma reconstrução detalhada da rota, a partir de fontes indiretas e entrevistas. Ao fim, questiono a perspectiva dada à emigração pela CPMI da Emigração do Congresso Nacional (2006).

No quinto capítulo, a tese alcança seu ponto culminante ao abordar, a partir da reconstrução do massacre dos 72 migrantes em agosto de 2010, as relações entre violência, crime organizado e Estado através da política migratória e da política de guerra às drogas. A conclusão amarra todos os elementos descritivos e analíticos do trabalho para responder às suas perguntas de partida, apresentando essa tese como uma contribuição substancial aos estudos da violência contra migrantes no Brasil e no continente americano.

De Paisano a Paisano

Los Tigres del Norte

Como el águila en vuelo
como la fiera en celo
desafiando fronteras
defendiendo el honor
he pasado la vida explorando
otras tierras para darle a mis
hijos un mañana mejor.

Si la muerte me alcanza en su loca
carrera envuelto en mi bandera que me
lleven allá, que me canten el himno de
mi patria diez meses o me muero dos
veces si me entierran acá.

De paisano a paisano del hermano
al hermano por querer trabajar, nos
han hecho la guerra patrullando
fronteras no nos pueden domar.

De paisano a paisano del hermano
al hermano ese hombre es llorar,
como duele la patria cuando llora
mi raza llanto internacional.

*De paisano a paisano antes de seguir
cantando yo le pregunto al patrón, quien
recoge la cosecha quien trabaja en la
limpieza hoteles y restaurants y
quien se mata trabajando en construcción
mientras el patrón regaña tejiendo la
telaraña en su lujosa mansión.

Muchas veces ni nos pagan, para que
sale la llaga como sale envenenada
nos echan la inmigración si con mi
canto pudiera derrumbaría las fronteras
para que el mundo viviera con una
sola bandera en una misma nación.

De paisano a paisano del hermano
al hermano por querer trabajar, nos
han hecho la guerra patrullando
fronteras no nos pueden domar.

De paisano a paisano del hermano
al hermano ese hombre es llorar,
como duele la patria cuando llora
mi raza llanto internacional.

CAPÍTULO 1

PERCURSO TEÓRICO

Não se pode escrever inocentemente sobre a imigração e sobre os imigrantes; não se pode escrever sem se perguntar o que significa escrever sobre esse objeto, ou, o que é o mesmo, sem interrogar-se acerca do estatuto social e científico desse mesmo objeto.

Abdelmalek Sayad

Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o “imigrante” situa-se nesse lugar “bastardo”, de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social.

Pierre Bourdieu

O tema deste trabalho introduz duas categorias aparentemente separadas – migração e violência. A dificuldade em articular um percurso teórico reside na amplitude dessas duas categorias, que aparentemente não dialogam entre si: as teorias da migração não falam de violência e as teorias da violência não falam da migração. A pesquisa exigiu um domínio teórico nos dois campos. A enorme quantidade de obras estudadas para compreender essas duas categorias se reflete na extensa bibliografia. Muitas outras obras estudadas ficaram, porém, de fora do produto final, pois, embora pertinentes à matéria, não se enquadraram com os percursos metodológicos e teóricos definidos para a abordagem.

O método de exposição não corresponde ao método de investigação (MARX, 1987), assim como a síntese não é uma reprodução idêntica da análise, mas um nível superior de conhecimento decorrente da integração constante entre teoria e prática. Os fenômenos não se apresentam, na realidade, de maneira compartimentada, sendo esta compartimentação feita apenas para promover a compreensão do objeto. Portanto, neste trabalho, a reflexão teórica sobre a migração aparecerá sempre relacionada com a reflexão teórica sobre a violência.

O que apresento neste capítulo são análises teóricas que servem para responder aos problemas fundantes da pesquisa: como se dá a violência contra migrantes no México, por que as pessoas emigram, como atuam as redes sociais, qual o vínculo entre política migratória e violência e qual a lógica de controle e exploração do migrante. Para tanto, farei uma introdução às teorias das migrações para me concentrar na teoria dos sistemas migratórios (CASTLES;

MILLER, 2004), que por sua vez introduz a compreensão sobre as redes sociais nos processos migratórios. Em seguida, trarei a lume o conceito de violência simbólica, que favorece a abordagem reflexiva de Sayad (1998). Depois, caminhando para responder às perguntas que tratam de aspectos estruturais do problema, farei uma reflexão sobre o que significa a migração indocumentada na sociedade contemporânea, concluindo com os mecanismos de controle e exploração dos migrantes que perfazem um quadro de violência estrutural.

1. Introdução às teorias das migrações

O ponto de partida para compreender as migrações internacionais no campo da Sociologia reflete as preocupações mais gerais sobre a teoria social, como o estudo das determinações recíprocas entre indivíduo e estrutura. Assim como, na teoria social, há teorias que focam no micro, na ação individual, e outras que focam nos processos estruturais e dão opacidade às ações individuais isoladas, também na teoria das migrações internacionais esse debate acontece (CARASSOU, 2006). E a solução para o problema é a mesma, compreendendo que não se pode ser unilateral e determinista, devendo observar as implicações recíprocas entre indivíduos e estrutura com olhos para a totalidade social compreendida como sistema.

As migrações constituem um fato social total, porque são “frequentemente causa e efeito de várias formas de conflitos e não um fenômeno isolado” (SAYAD, 1998, p. 00). Em outras palavras, “*la migración es un proceso que afecta todas las dimensiones de la existencia social, que desarrolla una compleja dinámica propia*” (CASTLES, MILLER, 2004, p. 34). Isso implica que os estudos sobre as migrações internacionais pertencem a vários campos e dimensões do conhecimento (demográfica, geográfica, histórica, econômica, sociológica, política, jurídica, psicológica e cultural, para ficar apenas nas mais amplas), resultando que sua compreensão, em qualquer campo, só pode se dar numa base transdisciplinar e sob métodos que reconheçam essas interações.

Os enfoques especificamente sociológicos se debruçam sobre os comportamentos, práticas e representações sociais ligados aos migrantes, ou, como diz Carassou (2006), as análises das motivações e implicações sociais de um ponto de vista qualitativo.

As migrações internacionais constituem um enclave essencial em qualquer discussão sobre a chamada globalização. Juntamente com as guerras de ordenamento global, elas são elemento e consequência fundamental das dinâmicas de acumulação capitalista na sua atual fase (KURZ, 2005). Os fluxos e processos migratórios “constituem a contrapartida da reestruturação territorial planetária intrinsecamente relacionada à reestruturação econômico-

produtiva em escala global” (PATARRA, 2006, p. 8). É o próprio sistema social e econômico que provoca os processos de mobilidade humana (BACON, 2008), sendo que o deslocamento não é apenas físico, mas também simbólico (BAUMAN, 1999). Devido aos laços sistemáticos que envolvem todos os países, as migrações afetam todas as sociedades envolvidas na passagem dos migrantes (territórios de origem, de trânsito e de destino), relacionando essas sociedades, quase sempre, de maneira conflituosa.

A primeira tarefa de uma teoria das migrações é definir o termo: o que é um migrante? Existem muitas formas de se definir o migrante nas Ciências Humanas. Os primeiros campos que ofereceram explicações sobre as migrações foram o direito e a geografia. O direito, pela necessidade das legislações estatais de dispor sobre nacionalidade e regulação dos direitos dos estrangeiros em seu próprio território (antes das migrações serem um problema para a ciência, já o eram para o direito estatal). A geografia, porque os primeiros estudos científicos sobre migração foram dados por Ravenstein (1885), que estabeleceu leis gerais comuns a todos os fluxos migratórios.

Segundo Carassou (2006), o migrante é aquele que passa de um lugar a outro, cruza uma fronteira que pode ser definida de forma geográfica, jurídico-política e sociocultural. Quanto à percepção geográfica, há aspectos espaciais (distância percorrida) e temporais (tempo de permanência) que tentam caracterizar o *status* de um migrante. Em relação à fronteira jurídico-política, o Estado define um migrante ao diferenciar nacionais e estrangeiros, estabelecendo diferentes tipos de condição jurídica outorgada aos estrangeiros conforme a finalidade de sua permanência. Não há uma definição jurídica universal, já que cada Estado tem a prerrogativa de controlar o reconhecimento dessa condição a partir de decisões administrativas e critérios estabelecidos em suas legislações.

Essas percepções geográficas e jurídico-políticas não podem ser estabelecidas sem se observar o quadro sociocultural do sujeito – aqui a sociologia das migrações joga um peso especial, demarcando seu objeto como a busca da motivação para o ato de migrar e como são formados socialmente os mecanismos que condicionam as ações dos indivíduos migrantes e dos indivíduos que se relacionam com aqueles. O sujeito se muda para outra comunidade, abandonando a sua própria e mudando seu marco sociocultural. O fator psicossocial importa em como o sujeito se relaciona com os obstáculos simbólicos e psíquicos na passagem da sociedade de origem para a sociedade de destino.

O conflito identitário na região de passagem e de destino também é fundamental na condição do imigrante. Como demonstram Elias e Scotson (2000) os que já estão estabelecidos (no nosso caso, os nacionais de um determinado país) tendem a ver os forasteiros recém-

chegados como uma ameaça ao seu modo de viver e colocá-los num plano de inferioridade. A violência contra migrantes no nordeste do México também possui uma base social, como mostra Casillas (2012), sem negar a relação entre Estado e crime organizado.

Acontece que as determinações jurídico-políticas do fenômeno migratório não podem ser subestimadas para o objeto dessa pesquisa. Mais do que as variantes geográficas, é o Estado quem cria o imigrante, ao definir quem é estrangeiro e quais direitos devem ser dados a cada um. Existe uma relação de causalidade direta entre a vulnerabilidade social do migrante e o ato político de constituir uma fração do universo de trabalhadores como sujeitos de direito diferenciados. Uma explicação sobre por que os Estados criminalizam os migrantes e ao mesmo necessitam de sua força de trabalho só pode ser feita se considerada essa premissa – levando em consideração um fenômeno típico da contemporaneidade, que é a migração indocumentada como regra e não como exceção.

Embora haja muitas maneiras de definir a atividade exercida por um imigrante, a sua representação está atada ao motivo predominante dos fluxos migratórios contemporâneos, que é a busca de progresso econômico – especialmente através do trabalho. A incidência dessa condição é tão significativa que Sayad faz uma universalização da figura do imigrante a partir da figura do operário sem especialização (definido na França como “O.S.”):

A identificação que se estabelece entre ‘ser um imigrante’ e ‘ser um O.S.’ não se limita apenas à esfera do trabalho. Na verdade, ela marca toda a existência do imigrante, pode ser encontrada em todas as suas práticas sociais, sendo a relação no trabalho, no limite, em grande parte, uma tradução da relação com a condição de imigrante (SAYAD, 1998, p. 109)

É importante, todavia, notar que, nas condições atuais de crise do capitalismo, uma grande parte dos imigrantes não é absorvida pelo mercado de trabalho no país de destino, ou é simplesmente descartada desse mercado depois de certo período, pois há um processo de desmobilização da força de trabalho (KURZ, 2005). Isso gera uma contradição fundamental na vida do imigrante, pois sua permanência só pode ser justificada jurídica e sociologicamente pelo trabalho.

Quanto às motivações para a decisão de migrar, que Carassou (2006) define como a marca fundamental da abordagem sociológica das migrações internacionais, há a discussão sobre a relação entre indivíduo e estrutura na determinação dessas motivações. Para Alejandro Portes (1995), ela não parte de um indivíduo isolado, mas socialmente condicionado, o que chama de ação econômica socialmente orientada, observando as estruturas sociais que afetam a mobilidade espacial e socioeconômica dos indivíduos. Ariadna Estévez-López (2009),

baseada na teoria da estruturação de Giddens (2000), mostra que os migrantes, ao mesmo tempo em que são frutos das dinâmicas atuais da globalização, também são agentes sociais com relativa autonomia, que faz com que transformem as estruturas sociais seja dos países de origem, de trânsito ou de destino. Dentro do referencial teórico marxista, essa decisão está relacionada à estrutura econômica mundial que demanda o trabalho do imigrante, o que resta justificado pela teoria do mercado de trabalho segmentado ou dual, de Piore (1979). Para outros autores (GERMANI, 1971; CASTLES, MILLER, 2004), a decisão de migrar é marcada pela interação entre fatores psicológicos e estruturais, combinando razões que atraem o migrante para o local de destino e razões que o repelem do local de origem. Há ainda o papel fundamental das redes sociais como condicionante da decisão de migrar.

2. Pensando a migração como um sistema

Na perspectiva da individualidade isolada, a migração é fruto de um cálculo racional de custos e benefícios: o sujeito decide se o benefício salarial no país de destino supera os custos, econômicos, sociais e afetivos decorrentes da mudança. Em outras palavras, “o migrante calcula o custo e o benefício da experiência migratória e é isso que influencia e determina a sua decisão, sendo que a migração é entendida aqui como simples somatória de indivíduos que se movem em função do diferencial de renda” (SASSAKI; ASSIS, 2000 p. 6). No plano da macroeconomia neoclássica, a relação entre migração e demanda por força de trabalho tenderia ao equilíbrio por leis naturais de mercado – o país que necessitasse de força de trabalho estrangeira ofereceria salários mais altos, e o país que perdesse trabalhadores elevaria os salários para recompor a oferta de trabalho.

Esse modelo pode ser questionado em suas próprias bases, já que o crescimento da população não está governado por leis autônomas, mas em função do processo social de acumulação do capital. Há que se considerar, dentro disso, que a população ativa desempregada não constitui necessariamente um desajuste na sociedade capitalista, mas uma necessidade do sistema. A marcha do migrante nem sempre é uma marcha do desemprego ao emprego, mas ao subemprego ou à manutenção do desemprego formando o exército industrial de reserva inerente à dinâmica do capitalismo.

Analisando as condições que travam a acumulação de capital nas colônias, Marx (1988b) afirmava que nelas a população absoluta crescia mais rapidamente que nas metrópoles, ao mesmo tempo em que o mercado de trabalho permanecia subabastecido, o que fazia desmoronar a lei da oferta e procura de trabalho. Essa contradição pode ser identificada pelo

atrofiamento do mercado interno, pelo descompasso entre as esferas de produção e circulação de mercadorias (produção dentro e consumo fora), travando o mecanismo de acumulação de capital internamente e gerando atraso econômico correspondente à cadeia de dominação imperialista (MARINI, 2000; NIKOLANIKOS, *apud* CARASSOU, 2006).

Na fase do capitalismo centralizado e monopolista, as potências econômicas estatais só podem manter a lógica de acumulação se explorarem o mercado, as matérias-primas e a força de trabalho dos países subordinados, formando uma rede de divisão internacional do trabalho. Para conter a tendência à queda das taxas de lucro, precisam manter o atraso econômico e social das regiões subordinadas, reproduzindo o ciclo de dependência, impedindo o desenvolvimento das forças produtivas e contendo os movimentos de libertação e independência. (MOREIRA, 2011, p. 117)

O desenvolvimento histórico do capitalismo, assim como levou à constituição de um mercado mundial de trocas comerciais, levou também à constituição de um mercado mundial da força de trabalho: “milhões de pessoas têm sido há séculos espalhados por todo o mundo, como trabalhadores, e só como tal, isto é, reduzidos à função de meros fornecedores de força de trabalho viva” (POTTS, 1990, p. 2, traduzi).

A acumulação primitiva representa um processo constante da passagem de relações de produção não-capitalistas para relações capitalistas, sendo a força de trabalho formada em condições não capitalistas aproveitadas dentro do próprio sistema. A economia doméstica, embora não constitua um sistema doméstico tipicamente capitalista, está incorporada na circulação capitalista e a ela fornece trabalho gratuito ou barato. Em outras palavras, “apenas a existência de grupos e países não capitalistas pode garantir tal suprimento de força de trabalho adicional para a produção capitalista” (LUXEMBURGO, *apud* POTTS, 1990, p.00, traduzi).

A migração de força de trabalho é parte do desenvolvimento do capitalismo desde sua forma mercantil e baseada na escravidão e no trabalho forçado, assumindo novas formas até chegar ao período da industrialização, no século XIX, quando assume o caráter de trabalho assalariado, sem abrir mão das formas anteriores. As formas anteriores de exploração laboral não desaparecem, mas se entrelaçam com as novas formas.

Especialmente após a Segunda Guerra Mundial, o padrão colonial de exportação de capitais e exploração da força de trabalho nativa é complementado pela importação de força de trabalho para os países centrais, sem interromper as relações de subordinação entre periferia e centro, levando, portanto, à super-exploração dos imigrantes ao mesmo tempo em que a imigração é reproduzida como processo.

O que foi dito até agora explica como o trabalho do imigrante nos grandes centros da economia mundial se tornou necessário ao processo de desenvolvimento do capitalismo. Para ir mais fundo em como as populações de países relativamente atrasados são postas em mobilidade para integrar o exército de trabalhadores migrantes nos países relativamente avançados, é importante observar os processos econômicos, culturais e ideológicos inseridos nos países de origem, para dar compreensão sobre a base social na qual a pessoa decide emigrar.

Como dizem Massey e outros (2008, p. 453), “la penetración de las relaciones económicas capitalistas en las periféricas sociedades no capitalistas crea una población ambulante propensa a migrar al extranjero”. A inserção de capitais estrangeiros provoca mudanças (processos de desestruturação/reestruturação) nas relações de produção no campo. O latifúndio se torna o modelo de acumulação de riqueza no campo, gerando os minifúndios e os inúmeros camponeses sem-terra; a mecanização reduz a procura de trabalho manual; a monocultura para exportação avança sobre as produções de subsistência e multiculturas voltadas para o mercado interno; os monopólios controlam os preços e impõem um regime de carências aos pequenos produtores; para estes se torna inviável competir com os produtos colocados no mercado pelos monopólios, não restando opções senão incorporar-se à cadeia como trabalhador super-explorado. Enfim, a atividade do capital internacional escraviza o povo do campo e torna inviável, especialmente para os jovens, qualquer perspectiva de mobilidade social, econômica e profissional.

Seja pela desestruturação e precarização das condições de sobrevivência no modelo agrário, seja pelas remoções e despejos provocados pela instalação de indústrias, grandes projetos de investimento, como usinas hidrelétricas, etc., os povos são desenraizados (ou, melhor dizendo, desterritorializados) mesmo quando não estão, em princípio, interessados em mover-se:

Os de ‘baixo’ volta e meia são expulsos do lugar em que gostariam de ficar. [...] Se eles não se retiram, o lugar muitas vezes é puxado como um tapete sob seus pés, de modo que é como se estivessem de qualquer forma se mudando. [...] estão se movendo porque foram empurrados – tendo sido primeiro desenraizados do lugar sem perspectivas (BAUMAN, 1999, p. 95 e 101)

O processo que desenraiza as pessoas nas suas próprias terras, desestrutura a economia local e mina as possibilidades de ascensão social é o mesmo que oferece o *American way of life* e mostra as vantagens da emigração: “el mismo proceso económico capitalista que crea inmigración en las regiones periféricas, simultáneamente atrae hacia ellos a los países desarrollados” (MASSEY *et al.*, 2008, p. 455).

Isso acontece conforme são criados vínculos materiais e ideológicos com os lugares onde o capital se origina. O movimento internacional de força de trabalho geralmente segue o movimento internacional de bens e capitais, mas em sentidos opostos. Os vínculos materiais que provocam a emigração são facilitados pelas infraestruturas de transportes e comunicações entre os dois extremos da relação (constituídas originalmente para o escoamento das matérias-primas extraídas na periferia).

Massey *et al* (2008) explicam que as origens das relações desiguais entre determinados países ocasionam impactos ideológicos que motivam pessoas a migrar e depois reproduzem a corrente migratória. Parte desses laços ideológicos estão ligados aos primeiros séculos da colonização, quando as metrópoles instalaram nos países subordinados seus padrões de institucionalidade, instrução e dominação cultural.

Deve-se observar, portanto, “la existencia de vínculos previos entre los países de envío y recepción basados en la colonización, la influencia política, el intercambio, la inversión o los vínculos culturales” (CASTLES; MILLER, 2004, p. 39), o que explica porque migrantes de países anteriormente colonizados tendam a trasladar para o território dos colonizadores, ou também porque os Estados Unidos e Europa sejam polos de atração em razão do domínio cultural que essas regiões exercem sobre o restante do mundo.

Essa abordagem histórica explica o desenvolvimento de redes migratórias entre países que antes tiveram uma relação colonial, como França e Argélia, Inglaterra e Índia. Mas explica também as redes migratórias entre países onde, mesmo não tendo tido uma relação colonial típica, tem havido relações de dominação econômica e política sob a forma da independência formal. Nesse bojo estão as redes migratórias direcionadas aos Estados Unidos, como, por exemplo, os fluxos vindos do México e da América Central.

Soma-se a isso o fator da indústria cultural, a propaganda sobre as intermináveis vantagens de se viver no “primeiro mundo”, uma fetichização dos desejos de consumo, da organização urbana e das liberdades democráticas.

Estas conexiones ideológicas y culturales se refuerzan a través de los medios de comunicación de masas y las campañas propagandísticas dirigidas por los países del núcleo capitalista. La programación televisiva de EEUU, Francia, Gran Bretaña, y Alemania, transmite información sobre los estilos y los estándares de vida del mundo desarrollado, y la publicidad comercial realizada por agencias extranjeras inculcan gustos de consumo modernos en la población periférica. La difusión de las lenguas de los países principales y los modelos culturales, así como la expansión de modelos de consumo moderno interactúan con la emergencia de unas infraestructuras de comunicación y medios de transporte que canalizan la migración internacional hacia los países del núcleo capitalista. (MASSEY *et al*, 2008, p. 456).

Stephen Castles e Mark J. Miller (2004) também tratam da interação dos fatores que operam nos países de origem e de destino. Incorporam à análise dos processos migratórios os vários fatores incidentes na decisão de migrar, sejam de ordem macro ou micro, objetiva ou subjetiva, econômica ou psicossocial: tudo isso constitui um sistema migratório.

El principio básico es que cualquier movimiento migratorio puede ser visto como la consecuencia de la interacción entre macroestructuras y microestructuras. Las macroestructuras se refieren a factores institucionales a gran escala, mientras que las microestructuras abarcan las redes, prácticas y creencias de los migrantes mismos. (CASTLES; MILLER, 2004, p. 40).
Las macro, meso y microestructuras están interrelacionadas en el proceso migratorio y no hay claras líneas divisorias entre ellas. Ninguna causa por sí sola es suficiente para explicar por qué la gente decide dejar su país y establecerse en otro. (CASTLES; MILLER, 2004, p. 42).

A análise, portanto, é multicausal e interacionista, afastando abordagens unilaterais e deterministas que tendam a reduzir as causas da emigração a um só fenômeno, no falso dilema entre micro e macro, indivíduo e estrutura.

Devem-se observar os fatores de repelência no país de origem integrados com os fatores de atração no país de destino, observando também as interações dos processos materiais (como a situação socioeconômica do país de origem) com os processos de transformação (a partir da influência sociocultural do país de destino) na mentalidade das pessoas que fazem com que parte delas decidam por migrar a outro país.

3. O funcionamento das redes sociais

As teorias das migrações permitem entender quais razões estruturais fazem com que as carências de uma região produzam subjetividades propensas a emigrar para outro país, o que se compõe, num sistema migratório, com os fatores subjetivos que representam essa emigração como viável a partir dos símbolos positivos que esse país oferece. De maneira processual e histórica, forma-se uma cultura de emigrar para o exterior. Dentro disso, uma questão que resta ser melhor entendida é por quê, em um mesmo segmento populacional, sob efeito das mesmas condicionantes estruturais e sob uma mesma subjetividade migratória, algumas pessoas migram e outras não? A resposta é encontrada num campo de estudo chamado de Análise das Redes Sociais.

As redes sociais designam um conjunto de atores ligados por um tipo específico de relação, que se manifesta na interligação de subjetividades e de regiões geográficas. As relações

apresentam conteúdo, que é a natureza dos laços (amizade, parentesco, poder, afetividade, etc.) e forma, composta pela intensidade ou força do laço e a frequência e o grau de reciprocidade em que esse laço se manifesta. Segundo Soares e Rodrigues (2005, p. 75)

As redes funcionam como circuito de tráfego no ambiente social, como trajetórias relacionais possíveis que ligam certos atores/nós; remetem ao fato de que a interação carece de princípios “ordenadores”, de representações sociais por meio das quais as pautas de conduta possam ser exercidas e, até mesmo, mudadas. Elas são dinâmicas, suscetíveis de alterações ao longo do tempo e, portanto, possuem dimensão processual, histórica, uma vez que expressam as regularidades presentes nas interações sociais.

As redes migratórias se diferenciam das redes pessoais por constituírem um conjunto (uma rede mais ampla) de redes sociais, voltadas para a geração de fluxos migratórios: Elas implicam em recortes territoriais que se articulam por intermédio de fluxos migratórios. Constituem, assim, uma

[...] teia de relações sociais interligadas, mantida por um conjunto de expectativas mútuas e de comportamentos determinados, que apoia o movimento de pessoas, bens e informações, que une migrantes e não-migrantes, que liga comunidades de origem a lugares específicos das sociedades de destino (SOARES, 2002, p. 21)

Corroborando essa explicação e agregando à teoria dos sistemas migratórios, apontam Castles e Miller (2004, p. 40) que “las redes informales incluyen las relaciones personales, patrones de organización familiar y del hogar, los vínculos de amistad y comunitarios y la ayuda mutua en asuntos económicos y sociales”.

As redes sociais interferem nos fluxos migratórios através de uma relação entre custos e benefícios no projeto migratório de cada migrante ou futuro migrante, e na maneira pela qual as vantagens da rede podem agregar capital social ao migrante. O migrante procura na emigração uma oportunidade de ascensão social que não encontra fora dela, ou seja, no meio social em que está inserido no lugar de origem. Mas, para assumir os custos e riscos do projeto migratório, precisa ao menos projetar uma vantagem que faça compensar. Zenólia Almeida (*apud* CONGRESSO NACIONAL, 2006, p. 90) assim explica:

Nas migrações de longa distância, as redes sociais desempenham importante papel no sentido de minimizar riscos, criando alternativas de suporte aos recém-chegados através de uma rede informal de solidariedade, prestação de serviços e informações interpessoais. A escolha do lugar de destino dos imigrantes é orientada pela presença de redes sociais que mantêm fortes ligações com seu local de origem; pode-se dizer que, de certa forma, elas estabelecem limites em relação às escolhas dos imigrantes, levando-os a se concentrarem, especialmente, em determinadas localidades.

Em razão da distância cultural e linguística com os nacionais do país de destino, por um lado, e a convivência constante com pessoas do próprio país, por outro lado, os migrantes tendem a construir relações sociais mais sólidas (amizade, relações afetivas) dentro da comunidade, que pode funcionar como uma rede de ajuda mútua. Castles e Miller (2004) mostram que, quando existe aceitação do amplo meio social a certo grupo de estrangeiros, forma-se uma comunidade étnica; quando essa aceitação não existe, e o grupo é marginalizado, e reage a essa marginalização consolidando mais ainda seus laços e assumindo uma postura de confrontação, formam-se as minorias étnicas, que também podemos chamar de guetos.

Nesse mesmo sentido, Soares (2002, p. 20) mostra que os imigrantes, em vez assimilarem toda a subjetividade social do país de destino, recriam relações sociais baseadas na hibridéz da conexão com o local de origem com as particularidades da sua condição no local de destino: “em vez de uma série de transformações individuais na direção de uma cultura dominante no destino, os migrantes negociam novas relações/categorias dentro e por meio das redes”.

Outro elemento das redes sociais informais é a manutenção do vínculo com a família e a comunidade que fica na região de origem. Como dizem Castles e Miller (2004, p. 40), “la familia y la comunidad son críticas en las redes migratorias”. A família incide desde o momento em que pode se reunir e decidir enviar um de seus membros para fora do país, para aumentar a renda familiar. Uma vez que o migrante já está lá, o vínculo é mantido principalmente com o envio das remessas financeiras. Dependendo da situação da família, essas remessas podem vir a constituir a principal fonte para sua renda e manutenção. As remessas chegam a ser apontadas como fator macroestrutural, responsáveis por parte considerável do produto interno bruto dos países de emigração, e há correntes teóricas que sustentam que as remessas são fatores fundamentais de desenvolvimento nesses países.

Além das remessas, o vínculo com a terra natal é potencializado com o avanço dos meios de comunicação e trocas. A comunicação audiovisual, através das redes sociais virtuais, programas de videoconferência, chamadas telefônicas, e até mesmo programas de TV, assim como um mercado de trocas em esfera individual (envio de produtos através de visitantes, lojas com produtos importados, etc.) fazem com que os migrantes, mesmo estando em territórios longínquos, mantenham laços subjetivos com a terra de origem (e também objetivos, relacionando-se com a comunidade de migrantes do seu país).

Por fim, a rede pode se completar com os fluxos de reunificação familiar: “lo que comenzara como un flujo laboral temporal se transforma em um flujo de reunificación familiar”

(CASTLES; MILLER, 2004, p. 45). Uma vez que o migrante esteja estabelecido, pessoas do seu núcleo familiar imediato podem decidir migrar não diretamente por uma proposta de trabalho, mas sim com a finalidade de reunificar a família. Mas não é o único e natural caminho, sobretudo porque o projeto de migração pode sofrer desvios de rota, como explica Sueli Siqueira (2009): o migrante pode constituir novas relações afetivas no país de destino, cortando as relações com sua família imediata na origem; pode, também, retornar, ou porque esse era seu plano, ou porque não alcançou êxito no projeto migratório.

Ao decidir migrar, a pessoa conta com algum apoio na cidade de destino, em pessoas conhecidas a partir de círculos familiares, de amizades ou de ambiente de trabalho. Quase sempre há uma ou várias pessoas no destino que dizem: “venha que aqui há trabalho para você”. É por isso que o migrante, via de regra, já sabe a qual cidade deve chegar depois de cruzar a fronteira.

Na história da emigração de Governador Valadares, os primeiros emigrantes foram aventureiros de classe média que partiram para viver nos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970. Ao abrir caminho e encontrar progresso, outros valadarenses foram encorajados a partir. Aí foi formada a rede. Cada nova pessoa que ia tinha o contato de alguém que já estava lá.

Quando não existe uma rede social formada entre origem e destino, como no caso das primeiras emigrações de Governador Valadares para os EUA, o projeto migratório se reveste de um carácter de aventura, exploração, em que o sujeito possui uma base social segura que lhe recupere caso o projeto seja frustrado; ou então, o sujeito pode estar sendo movido por uma fuga desesperada e cega, o que é pouco passível de verificação, já que, até mesmo na figura do refugiado, existe condicionamentos sociais, geográficos e históricos na escolha do local de destino. Nenhuma das duas hipóteses se aplicam à onda de emigração brasileira para os EUA que se iniciou na década de 1980. Conforme será demonstrado nesta tese, já existiam redes sociais em que os emigrantes partiam com um mínimo de relações sociais já constituídas no local de destino – um familiar ou amigo que oferece apoio no período inicial, uma proposta de trabalho, etc. Como diz Assis (2002, p. 45), ao analisar a formação da emigração valadarenses:

Quando a crise econômica se aprofundou na década de 80, a partida de valadarenses para os Estados Unidos tornou-se significativa, por que já fazia parte de nossa subjetividade esta possibilidade: a utopia americana. Já conhecíamos as oportunidades de emprego, onde ficar e possuímos pessoas para nos ajudar, por isso a escolha dos Estados Unidos.

Por conta do funcionamento das redes sociais, os migrantes que vão depois são beneficiados com a diminuição dos custos e riscos do projeto migratório. Em contraparte, a diminuição dos custos e riscos permite que a emigração seja expandida como alternativa também para pessoas com menos capital social. Na emigração brasileira para os EUA, foi observada uma diversificação no perfil dos migrantes, entre os períodos iniciais e os posteriores. Como explica Margolis (2013, p. 67-68)

Ao diminuir os custos da migração e aumentar os lucros, as redes sociais ajudam a criar um perfil demográfico do migrante que passa a refletir, cada vez mais, a população do lugar de origem. Em termos mais simples, os migrantes mais pobres, que antes não tinham acesso à informação e recursos necessários para emigrar para o exterior, agora passam a ter as duas coisas graças à assistência monetária e aos conselhos dados por amigos e parentes que já se estabeleceram fora do país.

Tal constatação corrobora a análise geral de Tilly (1990). As redes migratórias não podem ser entendidas como características ou intenções individuais, mas como a mobilidade de uma estrutura comunitária. Em sua complexidade, ao ser uma rede de redes sociais, as redes migratórias transplantam para o outro país as redes que estão em si: as redes migram, e as relações sociais no país de destino dos migrantes entre si, e entre migrantes e o meio social, recriam seletivamente as cadeias simbólicas de desigualdade e dominação que existem no país de origem, o que faz com que elas não incluam apenas relações de consenso e colaboração, mas também de conflito.

Isso fica demonstrado quando, por exemplo, um imigrante explora outro do mesmo país, dentro de um processo de especialização do trabalho no mercado de trabalho dos imigrantes nos EUA (nas áreas de limpeza doméstica e construção, por exemplo, alguns imigrantes brasileiros já estabelecidos e com uma ampla demanda de serviços formam pessoas jurídicas que subcontratam outros imigrantes brasileiros).

Na teoria dos sistemas migratórios, a carência econômica e a busca de trabalho, que marcam o carácter da migração que estudamos como migração laboral, podem ser determinantes na decisão de migrar, em um momento, e podem não ser, em outro. Pela atuação das redes sociais, os fluxos migratórios alcançam autonomia relativa: uma vez iniciados, se convertem em processos sociais autossustentados (CASTLES; MILLER, 2004).

Assim, a compreensão sobre as redes sociais, associada à teoria dos sistemas migratórios, parecer dar resposta a falsas dicotomias nos estudos migratórios: o macro e o micro, o objeto e o sujeito, a estrutura e o indivíduo. Se é certo que a estrutura social (através da conformação estrutural da região de origem e da demanda por trabalho na região de destino)

determina e caracteriza os fluxos migratórios na contemporaneidade, também é certo que, uma vez iniciados, os fluxos migratórios se reproduzem por mecanismos internos à sua lógica sistemática, afastando-se da determinação direta pelas condições estruturais que o geraram.

Aplicando às redes sociais o olhar da demografia cultural, Soares (2002) observa que elas se realizam num contexto de trocas simbólicas, num circuito em que as representações são negociadas. Essa compreensão abre espaço para a abordagem que Sayad (1998) faz da migração como construção social em que a emigração é justificada tanto pelo migrante como pelo seu meio social em seu duplo carácter de ilusão consentida e de única saída, nos marcos da violência simbólica, conforme abordarei abaixo.

4. A violência simbólica na trajetória do migrante

As teorias dos sistemas migratórios, assim como a questão das redes sociais, respondem objetivamente às perguntas propostas por esta tese, especialmente aquela que questiona por quê a pessoa decide emigrar. Um fluxo migratório pode se iniciar por razões econômicas e/ou históricas, mas sua continuidade atende a regras inerentes ao funcionamento relativamente autônomo das redes sociais formadas entre migrantes atuais, futuros migrantes e atores que participam no processo. Resta analisar como se dão essas influências no subjetivo do migrante, ou seja, entender como a rede se internaliza no indivíduo. Aqui entram as explicações fundamentais de Bourdieu, segundo o qual, através do que chama de violência simbólica ou poder simbólico, a estrutura (a ordem social) é impressa no corpo e na linguagem dos indivíduos, conformando o seu *habitus*. O indivíduo, assim, reproduz os valores dominantes na estrutura, de maneira inconsciente ou não. Abordarei então o problema da violência simbólica no objeto específico da migração, fazendo referência a Sayad (1998), o autor que tratou dessa tarefa com maior profundidade.

Para tratar de violência simbólica, é preciso colocar em questão o conceito de violência, ampliando-o para além da concepção estrita de agressão física e visível. É preciso um conceito de violência que explique a injustiça social, a discriminação, o preconceito, a submissão. Mais que isso, que explique como a violência está profundamente enraizada no dia a dia das relações sociais, porque é inerente à estrutura. Como enuncia Labica (2009):

Se sabe que la peor de las violencias no es siempre física y visible. Así, tenemos la violencia inherente a las relaciones sociales, que no es por naturaleza un rasgo sólo de regímenes totalitarios o dictatoriales, sino que, por el contrario, caracteriza a cualquier sociedad basada en la explotación del trabajo - de la que el contrato salarial representa la forma más elemental.

Para esse autor, existe uma violência fundante na sociedade capitalista, que é a exploração do trabalhador sob a chancela da liberdade e da igualdade jurídicas, ou seja, a violência ocultada por um contrato de trabalho com aparência de direitos iguais, a ocultação da mais-valia, processo revelado pela primeira vez por Marx (1988a).

Para demonstrar os mecanismos da violência simbólica, Bourdieu (2001, p. 247) também se vale desse modelo teórico, para explicar a existência da dupla verdade (verdade objetiva e verdade subjetiva) no processo do conhecimento:

O lance de força objetivante que se faz necessário para constituir o trabalho assalariado em sua verdade objetiva fez esquecer que essa verdade teve de ser conquistada contra a verdade subjetiva a qual, como o próprio Marx indica, só se torna verdade objetiva em certas situações excepcionais de trabalho: o investimento no trabalho, logo o desconhecimento da verdade objetiva do trabalho como exploração, que leva a encontrar no trabalho um ganho intrínseco, irreduzível ao mero rendimento em dinheiro, faz parte das condições reais da consecução do trabalho e da exploração.

Nessa relação, a verdade objetiva do trabalho corresponde ao seu carácter real de exploração, enquanto a verdade subjetiva corresponde ao carácter aparente de igualdade, é aquilo a que o trabalhador é levado a crer (portanto, subjetiva), e revela a sua alienação como mascaramento da exploração.

A violência simbólica, além de ser inerente à estrutura, difusa e extrafísica, é reflexivamente aceita, legitimada e reproduzida pelo próprio sujeito que a sofre, acreditando ter algum benefício com isso, ou seja, praticando condutas que mantenham sua posição no meio social, sem consciência de que tais condutas são a condição para a sua própria dominação. Por exemplo, no ambiente de trabalho desenhado acima, Bourdieu não está apenas sustentando que o trabalhador consente com sua exploração porque ela está mascarada. Ele está explicando que o trabalhador é levado a “encontrar no trabalho um ganho intrínseco, irreduzível ao mero rendimento em dinheiro”. Ou seja, não basta que o trabalhador seja privado dos meios de produção de sua subsistência e levado às fileiras do trabalho assalariado por necessidade. Uma vez que o trabalhador já está dentro desse sistema, o capitalista precisa criar mecanismos para explorar ao máximo e assim garantir a mais-valia. Isso que Marx (1988a) chama de incremento da mais-valia absoluta e relativa, Burawoy (2010, p. 89) chama de garantia do excedente, aplicada por meio da dominação despótica ou da “amarração dos interesses do trabalho aos interesses do capital”. Ao conceber a estrutura social como um jogo, Burawoy (2010, p. 90) mostra que os trabalhadores “jogam e procuram conquistar liberdades e recompensas que efetivamente contribuem para a exploração e vantajosamente a mascaram”. Assim, completa

Bourdieu (2001, p. 248), “os trabalhadores podem contribuir para sua própria exploração inclusive pelos esforços que fazem para se apropriar de seu trabalho e que os prende a ele por intermédio das liberdades, por vezes ínfimas e quase sempre ‘funcionais’”.

Uma questão importante está em indagar qual é a margem de consciência que os dominados possuem de sua própria dominação. Ao discutir esse ponto, Burawoy (2010) compara o conceito de violência simbólica de Bourdieu com o conceito de hegemonia de Gramsci, levantando uma aparente oposição logo esclarecida. Para Gramsci (*apud* BURAWOY, 2010), a dominação é assegurada pelo fato de que a classe dominante procura apresentar seus interesses particulares como sendo universais; esse domínio, gerenciado através do Estado, busca obter a submissão dos dominados com seu próprio consentimento, havendo, portanto, uma falsa consciência. Já para Bourdieu, não haveria uma falsa consciência, um vício de consentimento, mas sim a submissão dos dominados pela incorporação da estrutura social em sua subjetividade, “uma dominação que se aloja profundamente no inconsciente por meio dos sedimentos cumulativos da estrutura social” (BURAWOY, 2010, p. 102), ou, dito pelo próprio, “essa cumplicidade não é concedida por um ato consciente e deliberado; ela própria é o efeito de um poder, que se inscreve duravelmente no corpo dos dominados” (BOURDIEU, 2001, p. 207).

Para Burawoy, a naturalização da dominação com o consentimento dos dominados (Gramsci) parece ser uma descrição incompleta do mecanismo. Por outro lado, o que se aplica aos dominados não é um pleno desconhecimento da exploração (Bourdieu), mas a sua mistificação, que tem o consentimento como uma pré-condição.

O problema na concepção de Bourdieu é que ela subestima as margens de ações autônomas em relação à estrutura, e mina os horizontes para a ruptura dessa ordem social e sua transformação pelas mãos dos próprios dominados. Diferentemente, Burawoy (2010, p. 104) concebe que “o *habitus* desempenha papel coadjuvante na reprodução da dominação, porém, pode desempenhar o papel principal na criação de novas ordens”. Esse limite na teorização de Bourdieu não põe em cheque a integralidade do seu trabalho. Pelo contrário, ele dá contribuição fundamental para que os problemas fundantes desta tese sejam respondidos.

Bourdieu ajuda a encontrar o mecanismo de reprodução da migração, ou seja, neste trabalho, a resposta ao porquê de as pessoas continuarem migrando para os EUA, mesmo sabendo dos riscos a que estão sujeitas. Dentro do carácter duplo da verdade, ele mostra como a verdade subjetiva (aquela que mascara a verdade objetiva) é constantemente construída (reproduzida) no próprio meio social do sujeito:

Os agentes sociais podem surgir ao mesmo tempo como enganadores e enganados, podem parecer enganar e se enganar eles mesmos a respeito de suas "intenções" (generosas), porque seu embuste (do qual também se pode dizer, em certo sentido, que não engana ninguém) tem a garantia da cumplicidade tanto dos destinatários diretos de seus atos, como de terceiros. (BOURDIEU, 2001, p. 235)

A contradição aqui é evidente: um embuste que engana a todos e ao mesmo tempo não engana ninguém, mas que se crê necessário para a manutenção da vida social. Em outras palavras: “só pode haver ilusão eficiente, ou seja, ilusão que não sabe que é ilusão (esta é a condição de todos os imigrantes) com a condição de que seja coletivamente mantida” (SAYAD, 1998, p. 114).

Há um mecanismo de reprodução da migração pelo qual a imagem socialmente construída sobre o país de destino não corresponde à situação real de vida que o imigrante enfrenta, mas se vê condicionado a manter e reproduzir tal imagem para atender a regras de posicionamento social na comunidade de origem. Esse processo se dá pela evocação de “mentiras inocentes com que se reproduzem as ilusões sobre a terra de exílio”, levando o sujeito para o círculo vicioso de uma “vida impossível e inevitável” (BOURDIEU, 1998, p. 11), do qual ele não pode sair sem anular a si mesmo como ser social.

Não se pode indagar sobre os problemas da vida de um imigrante na terra estrangeira, sem reconstituir sua trajetória, perquirindo sobre como ele se formou como tal, como um emigrante, como os fatores sociais levaram à sua decisão de partir. Sayad começa sua elaboração teórica analisando, pelo relato de um imigrante residente na França, a vida social em sua terra natal, uma aldeia da Cabília (região agrária da Argélia), profundamente influenciada pela emigração.

No seu relato, estão presentes, em profundidade, as dificuldades materiais da vida, a ruptura dos laços familiares, os limites ao desenvolvimento psicossocial e afetivo impostos pelas tradições. Em sua trajetória na aldeia, o máximo de reconhecimento social que ele teve foi se tornar um “felá” (um tipo de servidão em que a pessoa trabalha na terra do dono), ser reconhecido como um homem trabalhador por assumir uma posição de destaque no trabalho com a terra, até se dar conta de que essa posição só lhe havia sido dada porque fora recusada pelos outros, e ainda fracassar nessa posição, tendo devolver as terras e vender os animais.

De outra parte, toda a subjetividade da aldeia estava depositada fora dela, na figura imaginária e socialmente construída como a “França”. Em uma terra com tantas dificuldades, o país de emigração se torna muito mais que uma região geográfica, se torna o único destino possível, uma fuga necessária, ou seria melhor dizer, uma utopia, um ponto imaginário a ser

alcançado a qualquer custo, pois na aldeia só ficavam “os 'quebrados' e os 'tortos', os que não servem para nada” (*apud* SAYAD, 1998, p. 30), enquanto aqueles que regressavam da França demonstravam a superioridade de sua posição social, pareciam estar felizes e ganhando muito dinheiro. A utopia passa a tomar conta da vida do sujeito:

É assim que a França penetra até os nossos ossos. Uma vez que você enfiou essa ideia na cabeça, acabou, não sai mais da mente; para você acabaram os trabalhos, acabou a vontade de fazer outra coisa; não se vê outra solução a não ser partir. A partir de então, a França instalou-se em você, ela não o solta mais; você a tem sempre nos olhos. A gente fica então como possuído. (*apud* SAYAD, 1998, p. 29)

O que observamos aqui é nada mais que uma expressão profunda da incorporação da estrutura social como alienação nos corpos e na linguagem dos indivíduos, ou seja, a própria dinâmica da violência simbólica de que fala Bourdieu.

Ao mesmo tempo em que a França é representada como utopia, o melhor dos mundos, a terra natal é representada como o pior dos mundos: a terra da estreiteza, da pobreza, da miséria, do declínio, a terra incapaz de segurar os seus, a terra abandonada; “a França é, a cada vez, caracterizada por uma série de atributos que constitui, com a série antitética que seria aplicada à terra natal, um conjunto de oposições homólogas” (SAYAD, 1998, p. 43).

O problema se completa quando o imigrante relata a frustração imediatamente após pisar na França e se deparar com a realidade conflitante com todo o seu imaginário, uma realidade que não aparecia nos relatos ouvidos anteriormente.

Foi a primeira coisa que vi, a primeira coisa que ouvi: alguém batendo à porta, ela abre para um quatinho que recende uma mescla de cheiros, a umidade, a atmosfera fechada, o suor dos homens adormecidos. Que tristeza! Quanta infelicidade em seu olhar, em sua voz – eles falavam em voz baixa –, em suas palavras. [...] esses homens, eu os conheço todos; eu sei que estão na França, me lembro bem deles; eu os vi na aldeia, não faz muito tempo; eles estavam voltando da França, estavam contentes. Serão os mesmos? Na época me pareciam altos, muito altos, e agora estão pequenos, bem pequenos, escondidos em suas camas! Que significa isso? A gente pode se enganar tanto assim? (*apud* SAYAD, 1998, p. 34).

A primeira reação do imigrante recém-chegado era de questionar se aquela não se tratava de mais uma de tantas provações para se alcançar a terra prometida; outra reação também era de questionar se aquelas pessoas estavam é querendo lhe impedir de ser mais um bem sucedido como eles diziam ser; era como se aquelas pessoas lhe tivessem traído, quando, na verdade, sua própria consciência havia traído a si mesmo. O contraste é percebido até mesmo no tamanho como as pessoas são representadas, associando com o reconhecimento que

possuíam: na aldeia eles eram “grandes, bem grandes”, na França eles eram “pequenos, bem pequenos”.

A frustração desata no imigrante um princípio de consciência sobre como as ilusões sobre a França são produzidas. Ele questiona por quê os jovens que regressam à aldeia têm de mentir sobre sua condição, em consonância com o que os familiares esperam ouvir deles. Em sua explicação, fica claro que se trata de uma mentira coletivamente sustentada, ou seja, não é uma mentira unilateral e precisamente planejada, é uma mentira que faz parte do próprio costume, e, além disso, é o que as pessoas querem ouvir, e mais, independentemente das palavras que os migrantes possam dizer, a ilusão sobre a França já faz os familiares verem eles de outra forma: “grandes, bem grandes”... Quando vão visitar os familiares, cortam os cabelos, vestem as melhores roupas, trazem malas cheias, gastam dinheiro fácil; quando lhe perguntam de seu trabalho, a resposta “estou trabalhando muito” é entendida como que estão ganhando muito dinheiro. O informante diz que, ainda que falasse coisas de sua dura realidade, eles não ouviriam, pois o único que queriam ouvir é que estava trabalhando e ganhando dinheiro.

Acontece que essa consciência não é completa, pois os rastros de que o imigrante ainda carrega ilusões sobre sua condição estão presentes no próprio relato que denuncia essas ilusões. As mesmas cadeias que aprisionam o imigrante nas duras condições em que vive, aprisionam a sua consciência ao seguir justificando a emigração como o único caminho possível. O sujeito está preso aos mesmos esquemas de pensamento que reproduzem a ilusão sobre a emigração. Em outras palavras, “o informante produz o próprio modelo do mecanismo segundo o qual se reproduz a emigração e no qual a experiência alienada e mistificada da emigração preenche uma função essencial” (SAYAD, 1998, p. 44). Quando, depois de já estar vivendo na França, o migrante retorna à aldeia, continua reproduzindo os mitos do êxito, mesmo sabendo de sua real condição. O dinheiro que ganha é visto com um certo tipo de rejeição: “na verdade, se eles vissem como tiramos esse dinheiro, em que miséria vivemos para poder economizá-lo, a gente tem motivo para odiar esse dinheiro, ele é muito amargo”. Ainda assim, o mecanismo impõe que ele continue sua trajetória de migrante; mesmo sabendo das cadeias que o aprisionam, ele regressa à França e deseja retomar aquele estilo de vida. O mito da *elghorba*, do eterno exílio ou do eterno retorno, se reproduz como a obsessão da volta ao passado, a ilusão de que a melhor terra é aquela em que o sujeito não está naquele momento:

Quando a gente precisa, é como se a necessidade fizesse esquecer tudo por que passamos. Se não fosse isso, por que voltar para a França, quando a gente já viu o que é a França? [...] Todos nós somos assim: parece que foi Deus quem nos “tocou”, basta que a gente esteja num lugar para que imediatamente

Deus torne o outro lugar melhor. [...] A gente recomeça tudo e volta para a França, como se nada tivesse acontecido. (*apud* SAYAD, 1998, p. 37).

Não é só uma mentira inocente e coletivamente sustentada que permeia a problemática do migrante. A existência social do indivíduo é afetada por sua condição de migrante. Para que se compreenda isso, é preciso trazer a consideração de Sayad sobre a relação existencial entre a condição de migrante e a condição de trabalhador sem qualificação, fruto da demarcação de um mercado de trabalho específico para os imigrantes (o que é melhor explicado pela teoria do mercado de trabalho dual que abordarei adiante): “duas condições que, agora que são encontradas simultaneamente e também prioritariamente, tendem a formar uma só, tendem a se tornar uma dupla condição encarnada nas mesmas pessoas” (SAYAD, 1998, p. 106), o que se expressa na representação que o migrante faz de si mesmo e se estende da esfera do trabalho para toda a vida social do sujeito. Dessa maneira, o mal-estar enfrentado no trabalho (devido à sua verdade objetiva como exploração) se estende para toda a vida do migrante e faz formar um juízo negativo sobre sua própria condição social: “poderíamos pensar que a relação de trabalho [...] está ligada tanto às condições próprias do trabalho quanto ao que é constitutivo da condição de imigrante ou nela está contido” (SAYAD, 1998, p. 109).

A presença do imigrante na França (e sua ausência na terra natal) é justificada e legitimada pelo trabalho; por outro lado, essa presença-ausência também justifica todos os fracassos da vida social, como, por exemplo, o fracasso na constituição familiar em razão de ser um pai-ausente e um marido-ausente. O pecado original da emigração os torna alheios à sociedade de destino, mas, quando voltam para sua terra, já se tornaram alheios ali mesmo. O que é então o imigrante? É um ser que se move, que não se realiza como ser em nenhum lugar.

O “pecado da ausência” é uma culpa, ao mesmo tempo, por estar ausente de sua família e sua comunidade, e por não obter êxito na missão de trabalhar na França: êxito ao qual está vinculada a justificação tanto da sua ausência quanto da sua presença. O imigrante, assim, está enredado numa rede social na qual sua realização enquanto ser social, embora sempre almejada, nunca é alcançada. Por isso, Bourdieu (1998, p. 11) se refere a uma vida inevitável e ao mesmo tempo impossível, “nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o ‘imigrante’ situa-se nesse lugar ‘bastardo’ de que Platão também fala, a fronteira entre o ser o não-ser social”. O mecanismo auto-reproduzido da migração constitui o imigrante num ser sem terra, um estrangeiro em qualquer lugar, um deslocado física e simbolicamente. O mito da *elghorba* se inverte, passando a ser a própria terra natal o local de exílio.

É na natureza publicamente “clandestina” ou secretamente “pública” da “vergonha” – é assim que se fala dessa “coisa” que está presente na mente de

todos os membros do grupo, mas que ninguém quer enunciar, e da qual a imigração é considerada responsável, no fim [...] – que reside o “mal” (a doença e o mal-estar) que corrói o imigrante quando este se vê na impossibilidade de dar um sentido possível à sua imigração ou, mais do que isso, é levado a denunciar sua imigração, a pô-la sob acusação e a fazer o seu processo. (SAYAD, 1998, p. 113)

Revela-se então a dupla contradição da migração como provisória e permanente: seu estado é sempre provisório, levado a se perpetuar, e sempre duradouro, com intenso sentimento de provisoriedade. O imigrante acredita numa estadia provisória (aquela que lhe assegure ganhar dinheiro e retornar para sua família), que acaba se tornando definitiva pelas dificuldades impostas ao retorno. Ao mesmo tempo, ao perpetuar sua estadia, não deixa de ser visto como imigrante, ou seja, como provisório. Ele é provisório de direito e permanente de fato. A sociedade e o Estado, ao tratar-lhe juridicamente como provisório, asseguram-se de que não precisará estender a ele o mesmo status atribuído ao nacional. A condição de “provisório de direito” faz com que o migrante e os seus familiares acreditem no seu retorno, enquanto a condição de “permanente de fato” frustra essa crença e o fixa no lugar que não reconhece sua condição e torna impossível sua realização social.

Sayad mostra com isso o lado perverso da mobilidade humana – se, para alguns em certas condições, viajar para outro país pode significar liberdade e prazer, para outros, em outras condições, pode significar um aprisionamento e dor. Como analisa Bauman, é bem diferente viajar a outro país como turista e como trabalhador imigrante. Isso leva à incrível percepção de que o imigrante, ainda que cruze fronteiras, está privado do significado simbólico da livre mobilidade humana. Ainda que esteja em movimento, está localizado:

O que para alguns parece globalização, para outros significa localização; o que para alguns é sinalização de liberdade, para muitos outros é um destino indesejado e cruel. [...] Alguns de nós tornam-se plena e verdadeiramente “globais”; alguns se fixam na sua “localidade” Ser local num mundo globalizado é sinal de privação e degradação social. (BAUMAN, 1999, p. 8).

O imigrante, embora esteja em movimento, não tem liberdade – ele se desloca para sobreviver – e seu destino não pertence a si próprio.

Resta assim demonstrado, no plano teórico, o mecanismo subjetivo, psicossocial ou sociocultural (de violência simbólica) que, atuando dentro das redes sociais, perpetua os fluxos migratórios. Mas, quando refletimos sobre a violência simbólica como inculcamento da estrutura no indivíduo e estratégia de dominação, não podemos deixar de perquirir sobre quais são as forças dominantes que atuam na estrutura. Em outras palavras. Para não cair no relativismo, não basta entender como o sujeito reproduz sua própria dominação. É preciso

enunciar quem domina e por quê o faz. Assim como o sujeito e seu meio social se movem para manter o mito socialmente construído, a estrutura se move para que a exploração seja perpetuada. A dupla condição do sujeito como imigrante e trabalhador sem qualificação não é inata do sujeito, ela é constituída pelos desenhos do mercado de trabalho que, garantindo o excedente (BURAWOY, 2010), servem ao processo de acumulação capitalista.

No tópico anterior, pontuei a tese de que o Estado cria o imigrante ao estabelecer as regras para distinguir nacionais e estrangeiros e distribuir direitos entre os estrangeiros. O fenômeno da migração indocumentada está diretamente relacionado a isso. No próximo tópico, avançarei mais nessa tese, que ajuda a responder às perguntas de partida.

4. O Estado na migração e o migrante indocumentado

Carassou (2006) divide os principais aspectos que interferem nas migrações internacionais contemporâneas nos aspectos geográfico, jurídico-político e sociocultural. Numa primeira vista, poderia parecer que, para uma tese sociológica, o aspecto sociocultural seria determinante, levando a uma subestimação do aspecto jurídico-político, que não deixa de ser também sociológico. Quando se percebe de que maneira as regulamentações estatais interferem na situação do imigrante, pode-se responder às perguntas: qual o vínculo existente entre a política migratória e a violência? Por quê os Estados controlam e restringem a migração, se há uma demanda pelo trabalho dos migrantes?

Bourdieu (2005, 2006), ao analisar as estruturas sociais da economia no caso específico do mercado da construção de casas próprias na França, mostrava como o Estado não só controla, como constrói os mercados, através das políticas de concessões financeiras aos particulares. O Estado não só é fruto das relações sociais, mas também as gera, constitui. Para ele, o mercado é uma dupla construção social na qual o Estado contribui de maneira decisiva: a construção da demanda e a construção da oferta. Em outras palavras,

Com efeito, o Estado não é somente o regulador encarregado de manter a ordem e a confiança, e de regular os mercados, nem o árbitro encarregado de “controlar” as empresas e suas interações, como é visto tradicionalmente. Como conseguimos mostrar a respeito do campo de produção de casas próprias, ele contribui, às vezes de maneira extremamente decisiva, para a construção da demanda e da oferta, ambas as formas de intervenção operando sob a influência direta ou indireta das partes mais diretamente interessadas (BOURDIEU, 2005, p. 40-41).

Ao mesmo tempo em que o Estado expressa como universais os interesses sociais e econômicos dominantes em seu seio, sendo um instrumento político das classes dominantes,

ele também recria as forças sociais e econômicas, balizado por esses interesses. E, assim como o Estado detém o monopólio da violência física legítima, também detém o monopólio da violência simbólica legítima. Exercendo esse monopólio, o Estado “está apto a inculcar, de maneira universal, no âmbito de certa jurisdição territorial, um princípio comum de visão e de divisão, ou seja, estruturas cognitivas e avaliativas idênticas ou semelhantes” (BOURDIEU, 2001, p. 209).

Pensando a migração desde o campo do direito, a definição jurídica de imigrante depende de uma discricionariedade estatal. Essa discricionariedade está presente desde a distinção normativa entre nacionais e estrangeiros, que não é imanente ou geográfica, mas sim fruto de uma norma estatal. É uma prerrogativa do Estado estabelecer os critérios pelos quais uma pessoa pode ser considerada um “nacional”. Tanto é assim que só o Estado pode dizer se um filho de estrangeiros nascido em seu território é um nacional, ou se um filho de nacionais nascido no estrangeiro será um nacional. Depois disso, o Estado irá classificar, entre os estrangeiros, pessoas com esquemas distintos de direitos (ou, num limite, pessoas privadas de qualquer direito). Afinal, há distintas categorias de estrangeiros, por exemplo, um turista, um viajante a negócios, um trabalhador, etc.. Ao classificar, o Estado cristaliza a posição social e jurídica do sujeito, ou seja, impõe um limite que o sujeito não pode ultrapassar. Um turista, por exemplo, não pode exercer atividade remunerada, nem permanecer no país após certo período de tempo. O Estado dará documentos para estabelecer se um estrangeiro pode ou não residir ali. Para que seja um trabalhador, o Estado precisa reconhecê-lo (autorizá-lo) como tal. E o ato de não o reconhecer o coloca na zona da proscricção, naquela zona na qual o Estado, em tese, não reconhece ao estrangeiro nenhum esquema jurídico, simplesmente apaga a pessoa da existência jurídica: a zona do migrante indocumentado, que o senso comum chama de “clandestino” ou “ilegal”.

A classificação que o Estado faz quanto ao status migratório está dentro das estratégias de governança enunciadas por Trouillot (2001), que incluem quatro efeitos: isolamento (atomização dos indivíduos); identificação (alinhamento das subjetividades atomizadas em linhas coletivas de reconhecimento); legibilidade (produção de linguagem e conhecimento para a governança e de ferramentas teóricas e empíricas que classificam e regulam as coletividades; e espacialização (produção de fronteiras e jurisdição).

A classificação dos estrangeiros aparece especialmente no efeito da legibilidade, quando toda a vida social do estrangeiro é submetida ao mandamento jurídico decorrente dessa classificação. Como ressaltam Veena Das e Deborah Poole (2008), essa legibilidade importa não só sobre como o Estado classifica para si os indivíduos, mas sobre como o uso de

documentos com diferentes *status* jurídicos encarnam em formas de vida através das quais certas ideias e padrões de reconhecimento circulam entre as próprias pessoas. A legibilidade aparece portanto como o filtro pelo qual o Estado atribui a alguns indivíduos determinada condição jurídico-social e ao mesmo tempo exclui alguns indivíduos dessa condição (os migrantes indocumentados), e aparece também na maneira como os indivíduos, ao relacionarem entre si, criam esquemas de reconhecimento e distinção com base nessa condição jurídico-social.

Portanto, é assim que o Estado cria o migrante indocumentado e essa condição passa de uma condição meramente regulamentar e jurídica para uma condição pessoal. É assim que um migrante indocumentado não é visto simplesmente como uma pessoa que não atendeu um requisito regulamentar específico, mas como “um ilegal”, ou seja, inaugura-se uma condição jurídica inédita na teoria do direito, já que apenas condutas, e não pessoas, podem ser consideradas ilegais. “Um imigrante ilegal” é um sujeito que tem a marca da ilegalidade em sua pessoa e não em suas condutas, um não-sujeito, um proscrito. O problema, porém, é que a condição de migrante indocumentado não é uma exceção em uma sociedade de capitalismo avançado como a dos EUA. É a própria regra, o *modus operandi* pelo qual passa qualquer estrangeiro para conseguir ir trabalhar naquele país, diante das regulamentações restritas para a concessão de vistos. Ser indocumentado é a regra do imigrante, assim como, em Sayad (1998) ser um trabalhador sem qualificação e ser imigrante pertencem a uma mesma condição social.

E onde aparece nessa explicação a relação com o mercado, para se aplicar ao nosso objeto a compreensão do que dizia Bourdieu, de que o Estado constrói o mercado?

A explicação começa a aparecer com Piore (1979), em sua teoria do mercado de trabalho dual ou segmentado. Para ele, a migração internacional é resultado principalmente dos fatores de atração de força de trabalho socialmente diferenciada para as sociedades industriais avançadas. A decisão de migrar é determinada por recrutamentos de acordo com a demanda da economia industrial.

Há uma segmentação no mercado de trabalho em decorrência das variações nas funções ocupadas pelos trabalhadores. Existem frações do capital que são mantidas na atividade essencial da empresa, e outras que são variantes e podem ser descartadas em tempos de crises e reacopladas posteriormente. Os trabalhadores envolvidos na primeira fração conformam o setor primário, ou intensivo de capital, e os demais conformam o setor secundário, ou intensivo de trabalho. O setor primário é relativamente estável e nele se desenvolve uma esfera autônoma de sindicalização, garantias previdenciárias, incentivos à qualificação e à ascensão profissional.

O setor secundário, pelo contrário, é reservado aos mercados de custos variáveis, como os trabalhos sazonais, e neles se desenvolve uma dinâmica de informalidade e descartabilidade.

Assim, o dualismo inerente entre trabalho e capital se estende para a força de trabalho na forma de uma estrutura de mercado de trabalho segmentado. Baixos salários, condições instáveis, e a falta de perspectivas razoáveis para a mobilidade no setor secundário tornam difícil atrair trabalhadores nativos, que em vez disso são levados ao setor primário, intensivo de capital, onde salários são mais altos, os trabalhos mais seguros, e existe uma possibilidade de aperfeiçoamento ocupacional. Para preencher as quedas na procura pelo setor secundário, os empregadores vão em busca de imigrantes. (Massey *et al.*, 2008).

Essa economia dual se complementa com outros impasses estruturais que levam as economias capitalistas centrais a gerar um setor laboral de segunda classe: a inflação estrutural, os problemas motivacionais e a demografia da oferta de trabalho. O setor secundário é gerado para subverter as leis econômicas de proteção e desenvolvimento da força de trabalho, e assim reduzir a pressão sobre o setor primário e a estrutura econômica como um todo.

A fixação dos salários se insere em hierarquias sociais de prestígio e status, comprometendo a lei de oferta e demanda. Assim, aumentar salários de trabalhadores nacionais para atrai-los para postos de trabalho com carência implica em mudar toda a cadeia de salários e profissões socialmente estabelecida. Um aumento de salários em postos de trabalho não qualificado implica em aumentos sucessivos nos outros postos de trabalho, o que corresponde à inflação estrutural. Isso faz as empresas buscarem saídas mais baratas e menos corrosivas, encontrando a contratação imigrantes que aceitarão salários relativamente mais baixos.

Por fim, o trabalho imigrante preenche postos transitórios, de ganhos suplementares, de nível mais baixo e que não ameaçam os status profissionais mais elevados. Postos estes ocupados, em épocas anteriores, pelas mulheres e jovens, na demografia do mercado de trabalho.

A teoria do mercado de trabalho dual encontra paralelo com as considerações de Bourdieu (2001) e Burawoy (2010) sobre a dupla verdade do trabalho assalariado e os processos de garantia do excedente. Como dizem esses autores, não basta que o trabalhador seja levado à esfera da produção capitalista, é preciso garantir um nível de exploração que assegure o lucro no lado oposto da cadeia de dominação, o que é dado pela amarração dos interesses do trabalho aos interesses do capital, pelo investimento do trabalhador no trabalho, enfim, por um espaço simbólico pelo qual o trabalhador, em sua verdade subjetiva, controla o seu próprio trabalho e acredita participar nos resultados da produção. Quanto mais próximo desse modelo de gestão laboral, mais distante está o trabalhador da verdade objetiva sobre sua exploração. No trabalho

desqualificado, estando esses esquemas de gestão ausentes, a verdade subjetiva converge para a verdade objetiva; “nesses casos, conforme as barreiras à mobilidade laboral e salarial são levantadas, os trabalhadores perdem sua adesão às tarefas e param de se empenhar para conquistar aquelas liberdades e concessões” (BURAWOY, 2010, p. 91). Ora, o trabalhador imigrante é exatamente aquele contra o qual são levantadas barreiras à mobilidade laboral e salarial, constituindo-se num setor diferenciado do mercado de trabalho que não compete com o setor dos trabalhadores qualificados, onde são aplicados os esquemas de liberdades e concessões. Não tendo o imigrante essas estratégias motivacionais, o problema é em parte resolvido, pois o foco de sua motivação e status social estão na sociedade de origem da qual ainda se sente membro. Ao trabalhar no estrangeiro, encontra salários relativamente mais altos, e não é um problema tão grande trabalhar nos postos de trabalho mais precários, porque vê esse trabalho como provisório, estando sua motivação em juntar uma certa quantidade para acumular capital econômico e social na sua terra, e ainda porque, ao não se sentir parte da sociedade de destino, não se sente na base daquela hierarquia social, pelo menos não da mesma maneira que os trabalhadores locais, e, portanto, não interferirá nessa hierarquia.

Por outro lado, pesa sobre o imigrante um outro “estímulo” para o trabalho, bem diferente da motivação. Ao ser constituído como um tipo de trabalhador com direitos restritos (seja enquanto indocumentado, seja enquanto portador de visto temporário de trabalho), é a coerção que pesa sobre o seu fazer produtivo, a ameaça latente de poder ser deportado a qualquer momento. Frise-se que aqui não há uma ausência ou desconhecimento por parte do Estado, há uma postura ativa do Estado em constituir o sujeito como indocumentado, ao fechar as portas para a sua regularização.

Existe um controle estatal inclusive na decisão política sobre quem, entre os indocumentados, deve ser deportado ou mantido, ou uma decisão sobre em quais regiões fiscalizar, quanto investir em estruturas de fiscalização (agentes, procedimentos, tecnologias), etc.

Os princípios sobre a gestão estatal da migração foram elaborados na chamada Iniciativa de Berna, a partir do governo da Suíça, em 2001, com uma Agenda Internacional para a Gestão da Migração. Seu mote é “Gerenciar as migrações internacionais mediante a cooperação internacional” (INICIATIVA DE BERNA, 2004). O termo gerenciar aparece nos documentos em inglês como *manage*, e em espanhol como *encauzar*, é mais que um conceito, introduzindo uma maneira de ver a relação entre Estado e migrações internacionais. Como afirma o presidente da Iniciativa de Berna (2004, p. 4):

Es preciso establecer un equilibrio entre la migración facilitada con fines legítimos, particularmente la migración laboral, y el control y reducción de la migración irregular, incluidas las actividades delictivas conexas que se traducen en el tráfico de migrantes y en la trata de personas.

Há casos em que o Estado gerencia diretamente os fluxos migratórios com vistas ao preenchimento de demandas laborais, celebrando acordos internacionais com outros Estados para o fornecimento de força de trabalho estrangeira. O mais emblemático foi o *Programa Bracero*, que vigorou por um acordo bilateral entre México e EUA entre 1942 e 1964, e tinha por objeto gerenciar o envio de camponeses mexicanos para o trabalho agrícola nos EUA, no contexto de aumento da demanda por alimentos e escassez de força de trabalho local durante a Segunda Guerra Mundial. O acordo continuou após a guerra, e depois os trabalhadores foram mandados de volta para o México. Hoje, os *Ex-Braceros* lutam pela restituição de um fundo de pensão que lhes era descontado dos salários e que foi repassado pelo governo do México aos governadores das unidades da federação, que nunca o repassaram aos seus devidos titulares.

O importante a observar nesses casos é que o Estado funciona como o próprio empregador, recrutando força de trabalho para oferecer às demandas de um outro país. Outro caso emblemático é o chamado modelo filipino, abordado por Rodríguez (2010). O Estado filipino tem historicamente gerenciado a emigração de sua força de trabalho como forma de atender aos vínculos de dependência às grandes potências e ao mesmo tempo se livrar dos encargos sociais devidos ao seu próprio povo.

Quando Sayad fala da dupla condição do sujeito enquanto imigrante e trabalhador desqualificado, também está dando a estrutura da explicação que leva à condição atual do indocumentado. Ele parte do mesmo fundamento de Piore sobre a segmentação do mercado de trabalho, para afirmar que a mão-de-obra imigrante “deixou há muito tempo de ser uma mão-de-obra complementar para tornar-se uma mão-de-obra estrutural” (SAYAD, 1998, p. 106), desempenhando uma atividade econômica que está incluída na estrutura produtiva do Estado.

Quando digo que o status de “ilegal” penetra a condição pessoal do indivíduo, equivale a dizer que a condição de “O.S.” se estende para todas as práticas sociais do imigrante. O status de indocumentado se identifica com o duplo carácter da permanência do imigrante enquanto provisório de direito e permanente de fato. Baseado em modelos de classificação e distinção, o Estado jamais reconhece a presença do imigrante como permanente, embora sua condição provisória de direito tenda a se prolongar como permanência de fato. Não reconhecê-lo como permanente é não reconhecê-lo como igual aos demais, mantendo-o numa esfera de distinção que é uma pré-condição para que seu trabalho seja explorado.

Já demonstrei que a condição de imigrante é gerada pelo Estado, que os migrantes preenchem um espaço do mercado de trabalho desenhado para eles nas economias capitalistas avançadas, e que a condição de imigrante se confunde com a condição de trabalhador sem qualificação. Resta agora situar tudo isso na época atual, apontando como o selo do migrante indocumentado funciona no contexto da globalização, da era contemporânea, da atual fase da acumulação capitalista, especialmente no nexo entre migração e segurança incrementado após os ataques do 11 de setembro de 2001.

As migrações contemporâneas acontecem num quadro de reestruturação produtiva do capitalismo em nível mundial (PATARRA, 2006), marcada pela flexibilização das relações de produção que colocam para o mundo do trabalho novas configurações que se entrelaçam os mercados formais e informais e as fronteiras entre o lícito e o ilícito, servindo todos a um mesmo sistema de acumulação (TELLES, 2010; RUGGIERO, 2008). As subcontratações e terceirizações, ao mesmo tempo em que abrem o espaço para o mercado informal, se tornam o procedimento padrão das grandes empresas transnacionais que atuam no mercado formal. Na verdade, a grande economia transnacional opera nas dobras entre o formal e o informal.

O “informal” tende a ser absorvido pelo “formal”, na medida em que práticas ocultas, procedimentos paralelos e formas de condutas ilícitas são cada vez mais exigidas para que se possa prosperar na economia oficial. Assim, as ameaças pretensamente causadas pela informalidade tendem a se transformar em oportunidades para a economia formal (RUGGIERO, 2008, p. 69)

A migração indocumentada faz parte dessa dinâmica de incorporação da economia informal no sistema geral de acumulação. Logo, não são de nenhuma maneira uma antítese ao capitalismo transnacional que os Estados gerenciam, mas sim, pelo contrário, são parte da estratégia.

Saskia Sassen (2010), trazendo de volta a teoria dos sistemas migratórios, mostra que as migrações contemporâneas são um processo constitutivo da globalização, e se reproduzem com base em redes sociais com raízes nos velhos processos de colonização ou em processos mais atuais de dependência econômica. Entre as dinâmicas econômicas geradoras de fluxos migratórios menciona o *offshoring*: “operações industriais em países com salários baixos por empresas de países desenvolvidos” (SASSEN, 2010, p. 123); como, por exemplo, a instalação de plantas industriais de montadoras de veículos e eletrodomésticos em países da América Latina, e as chamadas *maquiladoras* em regiões do México próximas à fronteira com os EUA, em qualquer caso, operando com pleno incentivo fiscal por parte dos Estados. Essas atividades industriais geram fluxos migratórios de duas formas: para trabalhadores em melhor situação,

podem surgir oportunidades e contatos no país de destino; para os trabalhadores em situação de desvantagem, a própria degradação econômica e social aparece como um incentivo à emigração. O campo de atividade dessas montadoras constitui “um mercado de trabalho local ampliado ou desterritorializado” (SASSEN, 2010, p. 123). A autora menciona ainda outras práticas de recrutamento de trabalhadores para a emigração.

Esse recrutamento pode atuar por meio dos governos, no arcabouço de uma iniciativa de empregadores com apoio governamental, pode atuar diretamente por meio dos empregadores, que trazem trabalhadores ilegalmente, ou pode atuar por meio de redes de parentesco (SASSEN, 2010, p. 125).

Os tratados internacionais em matéria comercial e econômica (como o Tratado de Livre Comércio da América do Norte) e os tratados de cooperação em matéria de estratégia e segurança (como a Aliança para a Segurança e a Prosperidade da América do Norte – ASPAN – e os acordos para combater o crime organizado) também conformam o arcabouço institucional propenso tanto à geração tanto de atividades industriais tipo *offshoring*, como de fluxos migratórios (SANDOVAL PALACIOS, 2011).

O nexo entre globalização e migração aparece pela reflexão sobre os deslocamentos forçados, em Bauman (2009) e em Bacon (2008, p. vi, traduzi): “um sistema globalizado política e economicamente cria ilegalidade deslocando pessoas e negando-lhes direitos e igualdade conforme elas façam o que fazem para sobreviver – mover-se para encontrar trabalho”. Ou seja, os mesmos fatores estruturais que expõem pessoas de suas terras (crises agrárias, grandes obras, expropriações, etc.) são postos em marcha para impedir que essas mesmas pessoas encontrem reconhecimento jurídico quando buscam trabalhar no estrangeiro.

Analisando como as dinâmicas do sistema econômico impulsionam transformações no direito que interferem no *status* pessoal dos indivíduos, Catherine Dauvergne (2008) constrói a tese segundo a qual a globalização torna as pessoas ilegais. A migração ilegal só existe porque há leis migratórias restritivas:

Cada extensão da lei que regula a migração faz aumentar a migração ilegal ao definir crescentemente categorias mais longas sobre o que é estar fora da lei. Em adição, os Estados têm aumentado a aplicação coercitiva sobre a migração. Isso também aumenta o número de migrantes ilegais através de tecnologias de monitoramento. (DAUVERGNE, 2008, p. 15, traduzi).

A existência de leis migratórias restritivas não se deve a um padrão imparcial, natural ou óbvio de controle estatal da ilegalidade. Antes, elas funcionam como uma maneira de precarizar os trabalhadores migrantes na ordem de aumentar sua exploração, como explica também a teoria do mercado dual de trabalho. Para Legomsky (*apud* DAUVERGNE, 2008, p.

17, traduzi), “restringir a enorme população ilegal dos EUA é contraprodutivo: como ilegais, eles fornecem trabalho que os Americanos não fornecerão, não recebem benefícios estatais e cumprem as regras para evitar a deportação”.

Aviva Chomsky (2007) trabalha o mesmo argumento, ao combater o mito de que os imigrantes sobrecarregam os serviços públicos e não pagam tributos. Mesmo pagando tributos, direta ou indiretamente, os imigrantes tendem a evitar o uso dos serviços públicos devido à sua própria condição de informalidade. Além disso, a dinâmica da seguridade social é extremamente desfavorável ao imigrante, pois, ao adoecer ou se acidentar, muitas vezes só lhe resta regressar à sua terra natal. A dinâmica é exatamente o contrário: a sociedade de destino, em vez de assumir um ônus, um encargo, com a presença do imigrante, está absorvendo um bônus, que é uma força de trabalho pura, sem que em contrapartida tenha contribuído para formar esse capital humano nem que tenha responsabilidade por ele quando já não esteja ativo.

5. O nexa entre migração e segurança

O nexa entre migração e segurança é um efeito das políticas hegemônicas dos EUA sobre as drogas, o crime organizado e as fronteiras, desde meados da década de 1970, e que por sua vez derivaram das estratégias de segurança baseadas na Guerra Fria. Uma marca dessas estratégias foi o traslado da indústria de defesa dos EUA (no contexto do complexo industrial-militar) para o sul do país, formando o chamado *Gunbelt* (Cinturão das Armas). Na década de 1970, Nixon e seus diplomatas lançam as políticas de guerra às drogas e passar a mobilizar as instituições internacionais para renovar todo o arcabouço jurídico-institucional para o combate ao chamado crime organizado transnacional. Na década de 1980, Reagan declara que o país havia perdido o controle de suas fronteiras, e aponta como responsáveis não só as redes de narcotráfico operando a partir de países latino-americanos, mas os enormes fluxos migratórios que cruzavam a fronteira naquela década, e que eram fruto, como já vimos, tanto do *boom* da contratação informal desses trabalhadores, como das crises econômicas e sociais em seus países de origem.

Para compreender como as políticas que se seguiram aos ataques do 11 de setembro de 2001 incrementaram o nexa entre migração e segurança, é importante compreender esses antecedentes. Afinal, a Estratégia de Segurança Nacional inaugurada por George W. Bush não se constituiu de uma nova estratégia para uma nova situação geopolítica; ela na verdade incrementou, deu forma burocrática e legitimidade no plano internacional às estratégias de vinham sendo gestadas nas décadas anteriores. O que a Guerra ao Terror logrou, de maneira

mais específica, foi limpar o campo da oposição política e institucional, em nível local e mundial, para o avanço das medidas de controle cada vez mais restritas (DAUVERGNE, 2008).

Dentro dessa estratégia, sob uma ideologia de legítima defesa preventiva, os migrantes indocumentados são lançados no rol dos segmentos sociais supostamente propensos a cometer atentados contra a segurança nacional.

Em 29 de outubro de 2001, Bush lançou a Segunda Diretiva Presidencial para a Segurança da Pátria para Combater o Terrorismo por meio de Políticas de Imigração, na mesma semana em que divulgou o chamado Ato Patriótico, que deu arcabouço jurídico a prisões administrativas e métodos de investigação. Segundo Sandoval Palacios (2011, p. 7),

La directiva proveyó la plataforma para que estas dependencias federales trabajaran juntas con el fin de “negarle la entrada a los Estados Unidos a los extranjeros asociados con, sospechosos de, estar involucrados en, o que apoyen actividad terrorista;...(y) localizar, detener, perseguir, o deportar a cualquier extranjero ya presente en los Estados Unidos”.

A aplicação burocrática da diretiva se deu em 2003, com a criação do Departamento de Segurança da Pátria (DHS), que unificou uma série de órgãos de controle em torno da mesma estratégia, assegurando que todos os aspectos de controle das fronteiras, incluindo a emissão de vistos, fossem informados a um escritório central com acesso unificado aos bancos de dados. Vinte e duas agências federais foram reorganizadas sob sua cobertura, incluindo o Serviço de Imigração e Naturalização (INS), a Patrulha Fronteiriça (*Border Patrol*), o serviço de Aduanas e a Guarda Costeira.

A política de Guerra ao Terror foi uma continuidade da política de Guerra às Drogas impulsionada por Nixon na década de 70. Por meio de ambas, os EUA têm procurado a regionalização das suas políticas de defesa. Tal regionalização é feita pela criação, por parte dos EUA, de leis com efeito extraterritorial, leis que impõem padrões e modelos de como lidar com problemas tais como crime organizado, narcotráfico, terrorismo e migração indocumentada, a serem aplicados por força de acordos bilaterais e convenções multilaterais no âmbito das Nações Unidas. O termo regionalização expressa nesse sentido uma universalização dessas políticas, exportadas para o âmbito interno de cada país, sem que haja uma ruptura formal da soberania dos Estados. Em matéria de controle dos fluxos migratórios, o México internalizou as políticas utilizadas na sua fronteira com os EUA, ou seja, passou a aplicar a contenção de fluxos em todo o território, e principalmente na sua fronteira sul, que divide com a Guatemala – convertendo não só a fronteira, mas todo o território do país, em suposto obstáculo à migração indocumentada. Nesse sentido, Sandoval Palacios (2011) define o México

como “país fronteira”. Isso explica em parte o porquê da violência contra migrantes em trânsito pelo México, a militarização de toda a rota de migração, as prisões e deportações de migrantes nesse país, e explicam, indiretamente, o nível de atuação do crime organizado no território mexicano. Essas problemáticas serão mais abordadas no Capítulo 5, quando serão analisadas as raízes do Massacre de Tamaulipas.

6. A construção de dados sobre a migração indocumentada

Existe um consenso entre os pesquisadores das migrações internacionais sobre as dificuldades em levantar fontes e dados para a quantificação de estrangeiros residentes ou em trânsito num determinado país. Com o fenômeno da entrada ou permanência irregular do estrangeiro, não há métodos capazes de dar números exatos, considerando especialmente que em muitas situações o próprio migrante, em situação irregular, prefere se ocultar mais do que expor.

Resta um desafio sobre a migração indocumentada, que compartilho nessa tese, e que é resolvido através das fontes indiretas e dos métodos de pesquisa qualitativa. O problema surge pelo fato de que o migrante indocumentado, por razões óbvias, tenta a todo momento evadir-se da percepção das instituições e órgãos estatais. E, como a migração indocumentada expressa uma porção fundamental dos trabalhadores migrantes na era contemporânea – especialmente nos Estados Unidos e na rota migratória – é impossível dimensionar com exatidão qual é a população de determinado país residente em outro.

Ao tratar das rotas de migração de trânsito pelo México, Casillas Ramirez (2008) aponta esse mesmo problema, fazendo a mesma reserva que fazem inclusive os estudiosos de estatística migratória do governo mexicano:

La razón principal es que casi en su totalidad los transmigrantes centroamericanos transitan por México sin la visa correspondiente, es decir lo hacen de manera indocumentada. De ahí que se cuente con apreciaciones y deducciones indirectas de algunos registros de organismos civiles y de instancias oficiales, como son los producidos por el Instituto Nacional de Migración (INM). (CASILLAS R., 2008, p. 158)

A mesma complexidade está na base da dificuldade em medir o tamanho da população brasileira residente nos EUA. O próprio MRE aponta os problemas metodológicos de quantificar a população brasileira residente no exterior a partir dos censos de amostragens por domicílio. E, ao estabelecer outros critérios para medir as comunidades brasileiras, segue apontando debilidades, conforme se verá no Capítulo 3.

El Santo de los Mojados

Los Tigres Del Norte

En el nombre del Padre y del Hijo
Señor San Pedro a ti me dirijo
y al nombre del Espíritu Santo
me des la protección de tu manto.

Concédenos Señor yo te pido
llegar a los Estados Unidos
no dejes que regrese al infierno
que a mi país convierte el gobierno.

Que tu sombra ciegue
a los que nos persiguen
que tratan de impedirnos llegar
pero no lo consiguen.

Manda tu refulgencia Señor
por mares y desiertos
para que ya ni el frío ni el calor
dejen más muertos.

Estamos en peligro
de perder la vida
y aquí no nos podemos quedar
no queda otra salida
San Pedro eres en santo Patrón
de todos los mojados
concede la legalización
al indocumentado.

Pero si en mi hora desastrada
tirado quedo yo en el camino
si ya no vuelvo besar a mi madre
y no regreso ya con mis niños.

Señor San Pedro a ti me encomiendo
dame tu bendición y consuelo
y que a los que como yo van muriendo
les abras tu las puertas del cielo.

La sombra de San Pedro Divino
nos ha de cuidar en el camino
te pido paz por que al invocarte
tu protección esté de mi parte.

Protégenos de los asaltantes
contrabandistas y otros maleantes
permítenos brincar el alambre
pues nuestros hijos se mueren de hambre.

CAPÍTULO 2

MIGRAÇÃO DE TRÂNSITO NO MÉXICO

1. Construção do cenário

1.1. Contexto geo-histórico da fronteira México-EUA

A fronteira México-EUA tem sido objeto de estudos em vários campos, em termos históricos, sociológicos, econômicos e geopolíticos. A análise de que trato aqui ajuda a explicar o porquê da migração indocumentada para os EUA e da violência contra migrantes.

O mundo globalizado, ao mesmo tempo em que propagandeia a liberdade de movimento, a supressão de modelos políticos baseados no Estado-nação e a ideia de que as fronteiras nacionais são coisas do passado, tem sido marcado pela securitização das fronteiras e pela contenção dos movimentos migratórios, com “erguimento de barreiras físicas nos pontos de passagem de migrantes e de criação de campos para triagem e confinamento de migrantes e refugiados” (PÓVOA NETO, 2010, p. 495). Essas barreiras, além de se fundamentarem na contenção dos fluxos migratórios, respaldada ideologicamente pela propagação de “imagens ameaçadoras sobre a imigração”, buscam também dissuadir futuros candidatos à migração indocumentada – o que resulta paradoxal, já que os deslocamentos humanos são respostas às próprias dinâmicas socioeconômicas do sistema globalizado. Tais contenções não são uma antítese a esse sistema, mas sim sua afirmação, pois não se trata de livre mobilidade humana, mas sim de uma valorização excludente do direito à mobilidade, que fica restrito a extratos sociais minoritários, e, de outro lado, favorecem a superexploração da maioria de trabalhadores forçada a migrar de forma irregular: “tais barreiras não só bloqueiam a passagem de muitos, como também atuam no sentido da maior exploração daqueles que logram atravessar” (PÓVOA NETO, 2010, p. 510)

Póvoa Neto (2010) fala em barreiras físicas e territorializações, que incluem não só os muros, cercas e regiões militarizadas, mas também estratégias de monitoramento e classificação das pessoas – das quais o modelo de controle da fronteira México-EUA é um paradigma, já que são usadas não só barreiras físicas e sensores de alta tecnologia, mas também estratégias complexas, como o incentivo à formação de “milícias de voluntários voltados ao ativismo anti-imigração” (PÓVOA NETO, 2010, p. 508), do lado estadunidense, e o efeito de contenção

causado pelo crime organizado do lado mexicano. Num sentido mais geral, elas se expressam também como barreiras político-institucionais e barreiras culturais e ideológicas.

A análise da fronteira México-EUA remonta a sua origem. Ela foi se definindo num processo de guerras e negociações diplomáticas que se sucederam aos processos de independência dos dois países, e com a pressão dos EUA por expandir seu território ao sul. A anexação de territórios foi se dando parte por parte. O ponto culminante da guerra pelo território foi o Tratado de Guadalupe Hidalgo, em 1848, que estabeleceu toda a linha fronteira depois que os EUA já haviam anexado o Texas e a Alta Califórnia nos anos anteriores. Em 1853, com o episódio chamado *Venta de la Mesilla* ou Compra Gadsden, os EUA compraram do México uma porção da parte oeste do lado mexicano que ficou anexada ao sul do Arizona, alcançando-se então a conformação atual da fronteira. No processo de anexação, o México perdeu mais da metade do seu território original, incluindo o que hoje corresponde aos estados estadunidenses de Califórnia, Nevada, Utah, Novo México e Texas, e partes do Arizona, Colorado, Wyoming, Kansas e Oklahoma (MORALES, 1989).

A fronteira vai do Oceano Pacífico até o Oceano Atlântico, com uma extensão de 3.141 Km². Curiosamente, ela possui características diferentes na sua porção oriental e na porção ocidental. Na porção oriental, ela é marcada por um rio que os mexicanos conhecem por Rio Bravo, e os estadunidenses por Rio Grande. Ele nasce nos EUA, no Vale do Colorado, e percorre 850 Km até chegar ao aglomerado urbano fronteiro de El Paso (EUA) e Ciudad Juárez (México). A partir dali, até desembocar no Golfo do México, percorre uma distância de 2.019 Km, o que corresponde a 63% da fronteira entre México e EUA. Do lado estadunidense, corresponde a toda a passagem fronteira do Texas, e, do lado mexicano, inclui os Estados de Chihuahua, Coahuila, Nuevo León e Tamaulipas.

O Rio Bravo é parte do imaginário da migração irregular para os Estados Unidos (seja para mexicanos, centro-americanos ou sul-americanos), sendo uma das imagens que surgem com mais frequência quando se fala na passagem pelo México. O fato de que os latino-americanos tenham de cruzar o rio a nado, e chegarem do outro lado com o corpo e as roupas molhadas fez surgir, no México e nos EUA, o apelido de *espaldas mojadas* (costas molhadas), ou simplesmente *mojados*, para os migrantes indocumentados. Ao mesmo tempo em que pode ser vista com um carácter depreciativo, a expressão é hoje mais usada como uma reafirmação da dignidade do migrante, do orgulho de uma pessoa que vem de baixo da hierarquia social e que lutou para conseguir seu objetivo.

² Disponível em <www.worldatlas.com>. Acesso em 24 jun. 2014.

A porção ocidental da fronteira, que cobre os restantes 1.122 Km, é formada em linhas retas, correspondendo a uma fronteira seca, atravessando regiões semidesérticas desde o extremo oeste, na passagem Tijuana-San Diego, até a passagem Ciudad Juárez-El Paso. É na porção ocidental que estão várias extensões do muro que começou a ser construído em 1994 dentro das políticas de segurança fronteiriça dos EUA, com a chamada *Operation Gatekeeper*.

É importante trazer à luz a história da conformação dessa fronteira, para reforçar o pressuposto de que as fronteiras entre Estados não são dados naturais, mais criados a partir de decisões políticas em determinados contextos históricos. E ainda assim, as dinâmicas populacionais resistem a essas decisões políticas, e as linhas fronteiriças quase nunca refletem uma clara divisão sociocultural, o que desencadeia conflitos sociais marcados pela discriminação e pela afirmação identitária. Mais que se falar em fronteira, é preciso falar em região fronteiriça como uma região geográfica particular onde se realizam as culturas híbridas (GARCÍA CANCLINI, 1989) e onde se confrontam culturas, visões de mundo e são lançados desafios à noção tradicional de Estado-nação, como acrescenta Martins (1997, p. 10): “é na fronteira que se pode observar melhor como as sociedades se formam, se desorganizam ou se reproduzem. É lá que melhor se veem quais são as concepções que asseguram esses processos e lhes dão sentido”. A fronteira EUA-México ajuda a explicar o nexo entre migração e violência nas rotas de migrantes que cortam o continente rumo aos EUA, pois é a partir do controle da fronteira que medidas gerais de controle são aplicadas, a ponto de atribuir a todo um país (o México) a qualidade de “país-fronteira” (SANDOVAL PALACIOS, 2011).

No pós Segunda Guerra Mundial, a fronteira ganhou importância econômica e estratégica para os EUA, porque se iniciou um processo de traslado do parque industrial das regiões tradicionais para o sul e oeste do país, formando o chamado Cinturão do Sol (*Sunbelt*). O principal carácter desse traslado foi dado pela indústria de defesa, ou seja, indústrias privadas que contratam com o Estado para fornecer artigos para uso militar e defensivo, atendendo à estratégia do Departamento de Defesa, pelo que se deu o nome de Cinturão das Armas (*Gunbelt*).

O *gunbelt* é um grande - o maior - fenômeno no mapa econômico contemporâneo da América. Trata-se de um novo conjunto de localidades industriais que contêm um conjunto de indústrias e empresas totalmente novo cuja principal preocupação tem sido produzir armamento de alta tecnologia para a guerra fria.

[...]

Um novo conjunto de indústrias, reunidas ao redor da produção aeroespacial e eletrônica, incluindo equipamentos de comunicações e informática, e povoada por um conjunto de empresas inovadoras, levou a uma mudança

extraordinária do centro de gravidade industrial do país para longe da região original [*heartland*] (MARKUSEN et al., 1991, p. 8 e 230, traduzi).

O termo renova o conceito de complexo industrial-militar, usado pelo então presidente Dwight Eisenhower em 1961. No contexto da Guerra Fria, essa indústria trabalhava com alta tecnologia, o que promoveu a instalação de parques industriais de alta tecnologia para fins mais gerais. Como explicam Markusen *et al.* (1991), ainda que os contratos militares sejam de muitas formas diferentes da produção para o mercado comercial, eles estão baseados na injeção de novas tecnologias que movem a indústria e a economia em geral.

Sandoval Palacios (2011), estudando a atualidade dos conflitos na fronteira, põe o conceito de *Gunbelt* de maneira mais ampla, relacionando a situação atual de securitização da fronteira com as questões do terrorismo, narcotráfico e migração. Seu objetivo é mostrar como a migração passou a ser matéria de segurança nacional, remontando a meados da década de 80, quando Reagan anunciou o país havia perdido o controle sobre suas fronteiras, supostamente devido aos fluxos de migrantes indocumentados e refugiados que estavam chegando em grande quantidade, assim como a ação do narcotráfico a partir de países latino-americanos. Com essas bases, os EUA passaram a aplicar uma estratégia de defesa chamada Conflito de Baixa Intensidade, o que, aliás, é uma estratégia marcante nos conflitos provocados pelos EUA desde a década de 1980 (MOREIRA, 2011).

Conforme abordado no capítulo anterior, o nexo entre migração e segurança foi reforçado após os atentados de 11 de setembro de 2001, com diretivas presidenciais voltadas para o controle migratório como instrumento de defesa da segurança nacional, implicando na reestruturação de toda a máquina burocrática com a criação do DHS, que unificou uma série de órgãos de controle e segurança nacional em torno da mesma estratégia.

A multiplicidade de órgãos e tecnologias no controle da fronteira se dava sob o conceito de “fronteira inteligente” aplicado a projetos de lei e acordos bilaterais, e sob um discurso de combater não apenas a migração indocumentada, mas o narcotráfico e o terrorismo. O Acordo de Parceria da Fronteira Bilateral (“Fronteira Inteligente”) foi anunciado em 2002, nos marcos da Conferência da ONU para o Financiamento do Desenvolvimento, e propunha o incremento da segurança usando tecnologia para fortalecer a infraestrutura e a regulação do trânsito de pessoas e bens ao longo da fronteira. Em 2004 foi anunciado o Plano de Ação México-EUA para a Cooperação e a Segurança Fronteiriça e o Memorando de Entendimento para a Repatriação Segura, Ordenada, Digna e Humana de Nacionais Mexicanos.

A cooperação do México com a política de segurança dos EUA sempre foi garantida em todo o período relatado. Sandoval Palacios (2011) mostra que ainda em 1989, as autoridades

mexicanas se apontavam para detectar, deter e deportar migrantes de outros países em trânsito pelo México, e para o reforço do controle da fronteira com a Guatemala, reproduzindo ali as medidas aplicadas pelos EUA na sua fronteira. Em outras palavras, o Estado mexicano, em matéria de defesa, funciona como uma extensão do comando militar dos EUA. É interessante notar que a concentração do controle migratório do Estado mexicano no anel fronteiriço com a Guatemala expressa um efeito extraterritorial da política migratória dos EUA, uma constituição do México como “país fronteira” (SANDOVAL PALACIOS, 2011), ou, de maneira simbólica, uma reterritorialização da fronteira sul dos EUA para o limite fronteiriço com a Guatemala.

Isso se dá nos marcos da integração regional da América do Norte. O Tratado de Livre Comércio da América do Norte (TLCAN), entre Canadá, EUA e México, que entrou em vigência em 1994, também se insere nessa lógica ampla. É a partir da liberalização comercial que os EUA encontraram vantagens e terreno para desenvolver sua indústria militar e de tecnologia, além de gerar impactos desestruturantes na economia mexicana, criando condições para que trabalhadores privados dos meios de subsistência tenham de abandonar suas terras e migrar para os EUA, provendo a reserva de que o mercado laboral desse país necessita. Nos marcos do TLCAN foi celebrada, em 2005, a Aliança para a Segurança e a Prosperidade da América do Norte (ASPAN). Ela propõe o fortalecimento econômico da região, em termos de competitividade no mercado, tendo a cooperação em matéria energética como central. Na prática, ela

[...] fue un paso importante para avanzar en la creación del Perímetro de Seguridad de América del Norte, ya que incorpora la securitización de las fronteras y de la migración, cuando se propone proteger las fronteras en contra de la delincuencia organizada, el terrorismo internacional y la migración “ilegal”. (SANDOVAL PALACIOS, 2011, p. 9)

O controle militar dos EUA sobre toda a América do Norte, nos marcos da Estratégia de Segurança Nacional e da ASPAN, pôs em funcionamento o Comando Norte, definindo um perímetro de segurança ou área de responsabilidade; “la inserción de México a este perímetro implicaría que las fuerzas armadas de este país entren a formar parte del ámbito geopolítico militar estadounidense como parte del Comando Norte” (Sandoval Palacios, 2011, p. 4).

A dinâmica desses acordos implica na regionalização das políticas de defesa dos EUA em matéria de drogas, crime organizado, terrorismo e migração indocumentada. Tal regionalização é feita pela criação, por parte dos EUA, de leis com efeito extraterritorial, leis que impõem padrões e modelos de como lidar com cada um desses fenômenos, a serem aplicados por força de acordos bilaterais e convenções multilaterais no âmbito das Nações

Unidas. O termo regionalização expressa nesse sentido uma universalização das políticas estadunidenses, exportadas para o âmbito interno de cada país, sem que haja uma ruptura formal da soberania dos Estados. Em matéria de controle dos fluxos migratórios, o México internalizou as políticas utilizadas na sua fronteira com os EUA, ou seja, passou a aplicar a contenção de fluxos em todo o território, e principalmente na sua fronteira sul, que divide com a Guatemala – convertendo não só a fronteira, mas todo o território do país, em suposto obstáculo à migração indocumentada. Nesse sentido, Sandoval Palacios (2011) define o México como “país fronteira”. Isso explica em parte o porquê da violência contra migrantes em trânsito pelo México, a militarização de toda a rota de migração, as prisões e deportações de migrantes nesse país, e explica, indiretamente, o nível de atuação do crime organizado no território mexicano. Desde a década de 80, com mais incidência, as autoridades mexicanas colaboram para detectar, deter e deportar migrantes de outros países, reforçando sua fronteira sul com medidas similares às que se aplicam na fronteira com os EUA.

1.2. México como país de trânsito

Diante das condições históricas e geopolíticas acima explicadas, o México tem funcionado em relação à migração para os EUA de duas maneiras: como país de origem e como país de trânsito. As dinâmicas da emigração de mexicanos se relacionam à própria definição da fronteira, já que, como diz o grupo musical *Los Tigres del Norte*, não foram os mexicanos que cruzaram a fronteira, a fronteira os cruzou. Caberia um trabalho à parte para analisar como regiões inteiras do México possuem sua estrutura socioeconômica marcada pela emigração, e como o Tratado de Livre Comércio após 1994 intensifica essas dinâmicas. Já quanto à função do México como país de trânsito, este será objeto dessa tese, especialmente no que toca à migração indocumentada de trânsito, ou seja, serão analisadas as rotas daqueles que adentram o território mexicano com a finalidade de cruzar irregularmente a fronteira com os EUA.

Pesquisadores do INM (RODRÍGUEZ CHÁVEZ *et al*, 2011) estimam que 3.758.000 centro-americanos empreenderam o trânsito irregular pelo México entre 1995 e 2010. A estimativa é feita a partir dos dados de estrangeiros retidos por autoridades migratórias mexicanas e estadunidenses, assim como dos que conseguiram entrar e residir nos Estados Unidos depois de ter passado irregularmente pelo México. Esse trânsito alcançou seu auge em 2005 e foi caindo até se estabilizar nos anos de 2009 e 2010. Apontam ainda como fatores da queda a crise econômica nos Estados Unidos, a intensificação das medidas de controle migratório e a situação de violência no México, implicando em extorsões, sequestros e

assassinatos de migrantes. Todavia, o fluxo prosseguiu, restando dificuldades em seu dimensionamento em razão do carácter indocumentado. A *Unidad de Política Migratoria* da *Secretaría de Gobernación* contabiliza todos os eventos de entrada, documentação, detenção e deportação de estrangeiros. Nos gráficos abaixo apresento a evolução dos dados de estrangeiros detidos e deportados, conforme os principais países de origem, entre os anos de 2010 e 2013.

Nesse período, foram registrados 312.120 ingressos de estrangeiros nas estações migratórias (detenções) e 286726 devoluções (deportações) aos países de origem. Entre os países com maior número, estão:

Estrangeiros alojados em estações migratórias

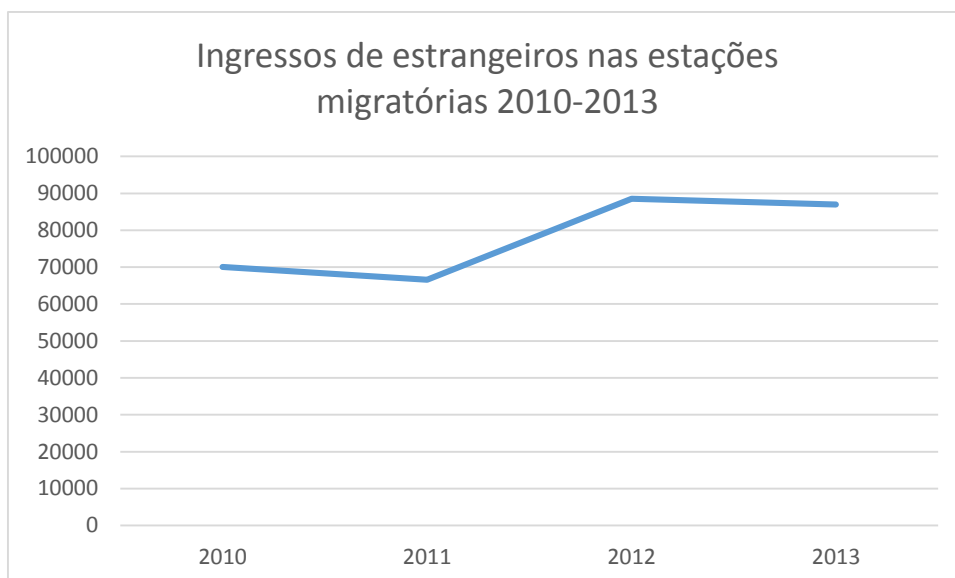
	2010	2011	2012	2013
<i>Guatemala</i>	29154	32896	40060	31664
<i>Honduras</i>	23788	19340	28892	34243
<i>El Salvador</i>	10573	9098	12397	14641

Porcentagem em relação ao total geral de estrangeiros alojados (em relação ao total de estrangeiros alojados)

	2010	2011	2012	2013
<i>Guatemala</i>	41,58%	49,40%	45,26%	36,42%
<i>Honduras</i>	33,93%	29,04%	32,64%	39,39%
<i>El Salvador</i>	15,08%	13,66%	14%	16,84%

Fonte: elaboração própria a partir de dados de CEM, 2013.

O gráfico abaixo mostra como o número de estrangeiros detidos tem aumentado nos últimos anos:



Fonte: elaboração própria a partir de dados de CEM, 2013.

Abaixo seguem os números de estrangeiros “devolvidos” (deportados) ao seu país, conforme a nacionalidade e ano.

Estrangeiros “devolvidos” aos seus países de origem

	2010	2011	2012	2013
<i>Guatemala</i>	28706	31150	35137	30005
<i>Honduras</i>	23580	18748	29166	32800
<i>El Salvador</i>	10502	8820	12725	14427

Fonte: elaboração própria a partir de dados de CEM, 2013.

Outros países da América Latina entram nas estatísticas, em números bem menores mas também expressivos. Entre eles estão Equador, Colômbia, Peru, Venezuela, Argentina e Brasil. Também há números expressivos de indianos e chineses, o que mostra que as rotas de entrada irregular nos Estados Unidos a partir do México não são utilizadas apenas por latino-americanos, e nos dá também uma estimativa da extensão das redes de *coyotes* operando nessas rotas.

Os dados demonstram, pelo menos, a continuidade e relevância da migração de trânsito pelo México nos últimos anos e os principais países implicados, embora não deem uma dimensão exata da quantidade de estrangeiros que passam pelo país, pois uma parte incontável deles, ao cumprir com êxito a travessia, não chega a ser detida nem deportada. Outra parte é sequestrada e levada para lugar incerto e/ou assassinada e ocultada sem identificação.

Embora a maioria dos migrantes que passam pelo México seja de centro-americanos, também há importantes contingentes de outros países. A forma pela qual apresentei os dados serve para mostrar que o fenômeno da migração de trânsito pelo México é perene e massivo. Porém, é preciso não invisibilizar os migrantes de outras nacionalidades. O estudo da passagem de brasileiros pelo México leva à desconstrução de um senso comum segundo o qual apenas os centro-americanos fariam essa travessia.

1.3. As rotas de migração

Desde um período inicial da minha pesquisa, me dediquei a compreender as rotas de migração de trânsito pelo México, como um dado essencial para traçar o quadro de violência contra migrantes. Essas rotas estão associadas às linhas ferroviárias de trens de carga que cruzam o país de sul a norte, e sobre os quais viajam os migrantes mais pobres. É nelas que se passam a maior parte dos eventos de violência, amplamente denunciados, como sequestros, violações sexuais, assaltos, extorsões e assassinatos. É também ao longo delas que estão espalhadas casas de migrantes, albergues mantidos por trabalhos assistenciais para apoiar os migrantes. E é por elas que passam as caravanas de familiares em busca de migrantes desaparecidos.

O trabalho de Rodolfo Casillas R. (2006, 2008), auxiliado por Leticia Gerónimo Mendoza foi o trabalho mais preciso e concentrado que encontrei sobre essas rotas. A pesquisa foi realizada entre 2005 e 2006 e concentra sua atenção sobre os fluxos de migrantes de países da América Central, já que, conforme demonstrado, a maior parte dos migrantes de trânsito no México são procedentes da Guatemala, Honduras e El Salvador. No Capítulo 4, abordarei as rotas utilizadas pelos migrantes brasileiros.

O controle migratório no México tem se construído historicamente sob os interesses estratégicos continentais centrados nos EUA – dentro dos quais Estado mexicano passou, nos anos 80, a controlar e reter os fluxos de migrantes indocumentados por suas terras. A criação do INM e dos cinturões de controle na fronteira sul, bem como dos pontos de controle e das estações migratórias por todo o território, têm relação com essa política. Os fluxos de migrantes indocumentados não têm diminuído, mas sim se desenvolvido por novas rotas, esquemas de agenciamentos e estratégias para escapar ao controle estatal – representando mais riscos e vulnerabilidade para os migrantes:

Frente al embate de los estados, la transmigración centroamericana por México reaccionó: fue estableciendo rutas y dinámicas de lo más diverso,

primero con cierta holgura, después con más y más apremios y últimamente con riesgos mayores y crecientes. Pero siguen pasando. Frente a la acumulación de obstáculos jurídicos y administrativos para la obtención de visas se abrieron diversas ventanas y resquicios espaciales y se generaron rápidamente procesos sociales, humanitarios y de traficantes, que apoyaran, encauzaran y lucrarán, según fuera el caso, con los flujos indocumentados internacionales. (CASILLAS R., 2008, p. 161)

Resta claro que tal política de contenção de fluxos não alcança seu fim declarado, mas apenas pressiona para que os fluxos oscilem: são obstáculos, e não impedimentos. A necessidade de alcançar sua meta, e a dimensão do que está em jogo para cada um dos atores envolvidos, faz com que os migrantes e suas redes se adaptem para responder à pressão feita tanto pela atividade estatal quanto pelas ações do crime organizado.

La creatividad de los migrantes y las redes sociales involucradas en los espacios de origen, tránsito y destino, no radicó, ni radica, de manera exclusiva en el señalamiento de un destino, [...] sino también en las formas específicas para migrar y en las adecuaciones que sobre la marcha hay que hacer a efecto de lograr la meta pretendida.

[...] ahora es posible ver las implicaciones inmediatas de ese proceder gubernamental sobre los flujos transmigrantes y las respuestas de éstos una vez que han aprendido de las innovaciones gubernamentales generando a su vez nuevas formas de evadirlas, de ahí que hable del fluctuar del movimiento migratorio. (CASILLAS R., 2008, p. 161-162)

O estudo das rotas permite classificá-las de diferentes maneiras funcionais. São principais ou secundárias, de maneira flutuante, conforme as informações que circulam entre os migrantes e suas redes de apoio ou de tráfico de pessoas.

São portanto, elementos para definir uma rota como principal ou secundária em cada momento: se é longa ou curta, segura, econômica, alternativa, e uma combinação destas. São ainda, autônomas, quando o seu único propósito é o trânsito de migrantes, ou compartilhadas, quando os migrantes acompanham uma rota já utilizada para outros fins (estradas, rodovias, ferrovias e rotas do narcotráfico).

As rotas se iniciam a partir de um ponto de internação no território mexicano. Existem três formas de internação: marítima, aérea e terrestre, a partir da fronteira sul. Os pontos de internação marítima e aérea estão espalhados por todo o território. Uma vez em território mexicano, os migrantes passam a seguir rotas combinadas, normalmente terrestres, que podem ser: a pé, em ônibus de linha, em carros particulares, em veículos de carga, ou sobre os vagões dos trens de carga. O mapa abaixo mostra as rotas e os pontos de internação.

Principais rotas dos transmigrantes centro-americanos e de outras nacionalidades no México, 2001-2005



Fonte: (CASILLAS, 2008, p. 167)

As rotas terrestres se caracterizam por serem estreitas na região sul-sudeste, afastando-se e diversificando-se nas regiões central e norte, seguindo as características da infraestrutura de estradas e ferrovias. Em verde estão os corredores principais e em vermelho os corredores secundários. As rotas variam por serem próximas à costa ou internas. Essas variações se dão, como já explicado, pelas estratégias de adequação das redes e grupos aos obstáculos (barreiras de agentes de migração, locais onde se realizam detenções, instalação de estações migratórias).

A opção pela rota mais curta (Rota do Golfo) ou pela mais longa (Rota do Pacífico) varia conforme o lugar de destino do migrante nos Estados Unidos. A Rota do Pacífico (onde estão cidades de fronteira como Tijuana, Tecate e Mexicali) é mais usada pelos que têm destino na Califórnia. A Rota do Golfo tem a vantagem de ser a mais curta, e é mais usada pelos que têm como destino o polo urbano e econômico do nordeste dos Estados Unidos (para comunidades de imigrantes próximas a megalópoles como Nova York, Connecticut, Boston, Chicago e Detroit).

Embora não se possa assimilar as redes de migração e as redes de crime organizado como se fossem uma só coisa, é possível afirmar que elas se interseccionam, o que ajuda na compreensão das razões da violência contra os migrantes em trânsito. Assim, a Rota do Golfo é também uma rota vantajosa para o tráfico de drogas, de armas e de pessoas (especialmente para servir ao suprimento de drogas para o mercado de consumo estadunidense). Ali operava, até meados de 2002, o histórico Cartel do Golfo, até que este perdesse parcialmente o controle da rota para o Cartel *Los Zetas*, formado quase integralmente por oficiais de um grupo de elite do Exército Mexicano especializado em contra-insurgência, deslocados para atuar como forças policiais no Estado de Tamaulipas, e cooptados para servir como braço armado do Cartel do Golfo, vindo posteriormente a romper com este e formar um cartel independente (HERNÁNDEZ, 2012). A Rota do Pacífico, por sua vez, se insere na zona de influência do Cartel de Sinaloa, cujo então apregoado principal líder, Chapo Guzmán, foi preso em fevereiro de 2014 (CARRASCO ARAIZAGA, 2014).

A travessia é facilitada pelos *coyotes* ou *polleros*, guias locais que orientam os grupos, e nem sempre estão ligados diretamente às redes criminosas. Os coiotes que caem, com maior frequência, nas mãos das autoridades, são justamente os que têm atuação individual e escassamente articulada, que concentram em si diversas tarefas. Por outro lado, muitas vezes, é o próprio coiote, mais ou menos ligado às redes, quem pratica o sequestro ou tráfico de pessoas.

Ao longo das rotas, além dos bloqueios e estações migratórias, existem vários pontos de apoio, de reunião e de passagem dos fluxos. Para iniciar ou interromper as rotas, existem: (1) plataformas: locais onde os migrantes chegam e formam os grupos para partir na travessia; (2) portos de enlace ou nós: locais situados em bifurcações e entroncamentos, onde os grupos podem tomar rotas alternativas; e (3) locais de passagem: lugares relativamente protegidos onde os grupos podem descansar e cumprir suas necessidades vitais, por um breve período, sem ser detidos.

Os locais de parada ou de agrupamento dos migrantes podem ser: casas de migrantes, casas de segurança e espaços públicos.

As casas de migrantes são albergues ou “refúgios” abertos em regiões com grande fluxo de migrantes, por pessoas ou grupos interessados em apoiar os migrantes em razão da vulnerabilidade que lhes expõe à violência e privações materiais. Há casas de diferentes portes e condições estruturais. São abertas a partir do trabalho pastoral de diferentes congregações da Igreja Católica, ou pelo trabalho solidário de indivíduos, famílias e organizações da sociedade civil que decidem por fazer algo prático em favor dos migrantes. Esses trabalhos oferecem

apoios de vários tipos: alimentação, asseio, hospedagem, descanso, tratamento médico, assim como funcionam como verdadeiros centros de denúncias de violações, sendo comum que os responsáveis por essas casas levem as denúncias ao conhecimento de órgãos oficiais como o Ministério Público e elaborem relatórios periódicos. Como há diferentes condições materiais de ajudar, há iniciativas dedicadas especialmente a oferecer alimentação aos migrantes. As mulheres da organização *Las Patronas*, no Estado de Veracruz, prestaram um papel muito importante desde as primeiras denúncias sobre a vulnerabilidade dos migrantes. A imagem delas lançando sacos de plástico com comidas preparadas e garrafas de água aos migrantes que passavam em alta velocidade em cima dos vagões de trem se tornou um ícone da violência contra migrantes e da solidariedade.

Nas visitas às casas de migrantes e entrevistas que realizei, constatei que os migrantes viajam em grupos pequenos ou médios (estimados entre 3 e 15 pessoas), formados por laços de confiança dados por afinidades e país de origem. Os grupos já saem formados de seus países de origem, ou então novos membros se juntam a um grupo ou formam um durante a própria viagem. Desenvolvem assim um apoio mútuo necessário, para proteger-se e até para auxiliarem na subida ao trem, a cuidar para que não durmam, etc. Percebi que, ao chegar ao albergue, os migrantes já tinham uma ideia sobre qual caminho seguiriam dali para frente. Aliás, é uma prática comum não falar sobre qual caminho iriam seguir, abertamente em grupos maiores, para evitar que possíveis sequestradores infiltrados tivessem conhecimento. Mas restava evidente que, em algum momento da rota, os migrantes se informam sobre qual caminho devem seguir. O que abre uma condição específica de vulnerabilidade: quando os pequenos grupos são enganados e levados a acompanhar pessoas que, sob o pretexto de estar orientando, lhes estão desviando da rota para cometerem crimes contra eles.

As casas de segurança, por sua vez, são hospedagens providas por redes de migração que usam outro tipo de rota. Podem ser hotéis ou casas para a qual os grupos de migrantes são levados enquanto esperam a troca/ajustes sobre quem vai lhes conduzir, ou, quando estão próximos à fronteira norte, esperam o momento certo de cruzar. Bem diferentes das casas de migrantes acima mencionadas, nessas casas de segurança se busca manter o máximo de discrição e que não seja constatada, pelos vizinhos e pela cidade, a presença de migrantes de trânsito naquele local.

Por fim, os espaços públicos são pontos de grande concentração de pessoas, como terminais rodoviários, estações ferroviárias, praças e mercados, usados tanto como ponto de

encontro e descanso, e também para que traficantes possam *enganchar*³ migrantes ou pessoas para servir às redes de crime organizado.

Muitos pesquisadores, assim como repórteres, fotojornalistas, documentaristas, organizações internacionais de direitos humanos e movimentos sociais têm se dedicado a conhecer e expor a violência contra migrantes, o que os leva a abordar o caminho por eles percorrido nas rotas de migração. Eles percorrem as rotas por onde passam os trens e as casas de migrantes. Essas produções são importantes para entender a diversificação e complexidade das rotas. No documentário *La Bestia*, Pedro Ultreras (2010) percorre toda a rota, a partir da cruzada do Rio Suchiate (fronteira com a Guatemala), em botes improvisados com enormes câmaras de ar, entrando na região mexicana do Soconusco. Acompanha longos trechos em que os migrantes percorrem a pé, até chegar ao começo da linha de trem, e vai mostrando as viagens no trem e paradas nas casas de migrantes. Ao chegar ao centro do país (na região de Lechería, próxima à Cidade do México), a ferrovia sofre entroncamentos, dividindo-se em várias, e é quando os grupos de migrantes se separam para seguir o caminho mais adequado, de acordo com seu destino final. Ao chegar ao norte do país, há várias rotas, incluindo travessia a pé pelo deserto e cruzada do Rio Bravo, que perfaz toda a metade oriental da fronteira, desde o Oceano Atlântico (fronteira entre Matamoros e Brownsville) até a fronteira entre Ciudad Juárez e El Paso. Dali para a parte ocidental, que vai até a fronteira entre Tijuana e San Diego, há também travessias, por terra, ou pelo mar.

O trabalho de Ultreras (2010) é importante, entre outras coisas, por mostrar que, mesmo os que tomam o trem *La Bestia*, têm de enfrentar parte do caminho em outras formas de transporte, especialmente a pé, e cruzando rios. Também mostra que, ao chegar nas cidades próximas à fronteira, a travessia é incerta, e muitos migrantes acabam se estabelecendo do lado mexicano, trabalhando para alcançar os custos da travessia indocumentada, ou esperando condições propícias para cruzar. O que faz com que muitos destes desistam de cruzar, por avaliar que ficar no México é uma opção melhor, seja porque evitam os riscos da travessia, seja porque constituem relações sócioafetivas e econômicas que lhes enraíza no México. Em outros casos, há migrantes que tentam cruzar e são frustrados, permanecendo nas proximidades até que consigam, resultando muitas vezes que acabem ficando também no México.

Acontece que quase toda a produção acadêmica, jornalística ou documentária sobre a migração de trânsito pelo México foca uma parte das viagens e rotas, atribuídas genericamente aos centro-americanos e migrantes que viajam com pouco ou nenhum dinheiro. Viajam por

³ Esta palavra, usada no vocabulário local, significa atrair, aliciar ou cooptar.

cima dos vagões de trem e pousam nas casas de migrantes. São, portanto, uma face visível da migração, por mais que também seja invisibilizada. O que não aparece nestas produções é outra parte, esta sim clandestina, longe da percepção das pessoas comuns (ou seja, perceptível apenas para os atores privados e públicos envolvidos). Estas outras rotas, mais usadas pelos brasileiros, de acordo com minha pesquisa, envolvem uma contratação integral dos serviços de travessia ainda no país de origem do migrante, envolvendo garantias e acordos para que a pessoa cubra a garantia de maneira parcelada depois que chega ao destino. A pessoa faz um plano para que possa pagar a partir dos salários que começa a receber nos EUA. Viaja em meios de transporte em regra “seguros”, chegando de avião em algum ponto (no México ou em outro país) e seguindo o restante do caminho por automóveis ou ônibus fretados ou de linha, e hospedando-se em casas de segurança, sempre sob o acompanhamento do contratado, que garante a chegada da pessoa ao destino final. No Capítulo 4 farei uma análise detalhada dessas rotas.

2. Trabalho de campo e violência simbólica

A experiência de trabalho de campo que tive durante um ano ininterrupto que passei no México serviu para que eu possa dar testemunho de uma parte do que se passa com os migrantes que, vindo do sul, entram na fronteira do México com a Guatemala e tentam seguir viagem até algum lugar nos Estados Unidos.

Num mundo em que as guerras e conflitos armados chegam até nós filtrados pelas imagens da televisão ou do computador, fruto de um fetichismo da violência causado por sua espetacularização (DEBORD, 1997), situações em que um grande número de pessoas são diretamente expostas a privações e agressões, e forçadas a levar uma vida no limite da sobrevivência pode parecer algo distante. Dizer que, todos os dias, milhares de estrangeiros fazem uma marcha colossal pelo território mexicano, viajando dia e noite por cima de vagões de trem, cruzando desertos e rios, sendo assaltados, violados sexualmente, mutilados, sequestrados ou mesmo assassinados, pode parecer mais uma dessas imagens da violência em algum lugar distante. Embora seja algo pouquíssimo conhecido pela opinião pública fora do México, está muito próximo da realidade brasileira, diante das consequências humanas de um mesmo processo de globalização (BAUMAN, 1999), e de problemáticas continentais relacionadas à América Latina.

Como no relato de Primo Levi, sobrevivente do Holocausto (*apud* AGAMBEN, 2008), dar o testemunho às vezes é a única maneira de resistir a uma opressão extrema que mina todas as possibilidades de resistência ao opressor. A testemunha integral, porém, é aquela que não

pode testemunhar, porque até sua voz foi arrancada – aquela que viveu as situações limite de violência. Os migrantes que passam pelo México também são, em certa medida, privados de dar testemunho do que vivem, até porquê as condições em que viajam os obrigam a uma invisibilidade consentida, já que seu objetivo maior é conseguir passar a fronteira e chegar ao lugar onde irá trabalhar nos EUA. A partir daí, a sociedade irá esquecer ou apagar o que já estava invisibilizado, pois o imigrante surge, para a sociedade de imigração, a partir do momento em que cruza a fronteira:

De fato, o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território; o imigrante “nasce” nesse dia para a sociedade que assim o designa. Dessa forma, ela se arvora o direito de desconhecer tudo o que antecede esse momento e esse nascimento. (SAYAD, 1998, p. 16)

Dada a situação de vulnerabilidade e invisibilidade dos migrantes de trânsito no México, o testemunho e a denúncia cabem muitas vezes àqueles que conhecem a situação e se solidarizam. “Falamos nós em lugar deles, por delegação” (LEVI, *apud* AGAMBEN, 2008, p. 43). São muitos os pesquisadores, professores, estudantes, jornalistas, advogados, trabalhadores da saúde, pessoal religioso e voluntários que se prestam aos mais variados serviços, como cuidar das casas de migrantes que oferecem assistência ao longo da rota migratória, preparar comida, conseguir doações, fazer curativos, dar palestras em universidades, acompanhar os migrantes em denúncias ao Ministério Público, apenas para dar alguns exemplos.

Isso faz com que a migração de trânsito esteja permanentemente na agenda pública e social do México. Existe um número incontável de casas de apoio nas cidades, pequenas ou grandes, por onde os migrantes passam. Muitas delas, as mais antigas e estabelecidas, são criadas a partir do trabalho pastoral da Igreja Católica, e mantidas com apoio da comunidade local, com doações e ajudas públicas. Muitas outras vão sendo constantemente abertas, muitas vezes por simples moradores que se comovem com a passagem dos migrantes e resolvem dar-lhes hospitalidade, como no citado exemplo das *Patronas* de Veracruz, e outros coletivos solidários em outras partes do país.

Além dos mencionados voluntários e ativistas, também participam dos serviços das casas migrantes que estavam de passagem e se comprometeram de tal maneira com o trabalho de solidariedade, que resolveram ficar e trabalhar em favor de seus pares.

As casas de migrantes mantidas por congregações religiosas atendem à Dimensão Pastoral da Mobilidade Humana da Igreja Católica, que unem o trabalho de evangelização com a assistência e intervenção social em favor dos migrantes:

En su misión de promoción de la persona humana, la DPMH articula acciones que, surgiendo del Evangelio y de la Doctrina, promueven la caridad sin fronteras y la solidaridad. Así, la Dimensión participa y acompaña – muchas veces de manera radical – a nuestros hermanos y hermanas migrantes, a sus familias y comunidades, a través de: la asistencia humanitaria, la atención a víctimas (de delitos varios como secuestro, tortura y violación, etc.) la asistencia legal, la promoción de su persona, la defensa de sus derechos y la incidencia para una legislación y políticas públicas respetuosas de los seres humanos. (DPMH, 2012, p. 65-66).

Assim, muitos padres e irmãs se destacam no cenário nacional por sua atuação nas casas de migrantes e fortalecem a formação de um compromisso da sociedade com a causa dos migrantes, mostrando que eles não cometem um delito ao cruzar o país e estão apenas exercendo um direito que é mover-se para buscar uma melhor condição de vida.

Outra grande expressão concreta da mobilização política e social em favor dos migrantes de trânsito no México são as caravanas de mães centro-americanas que buscam seus filhos desaparecidos. As primeiras caravanas foram organizadas por volta de 2005, concentrando os esforços de mães da Guatemala, Honduras, El Salvador e Nicarágua que já buscavam seus filhos no México, individualmente ou em pequenos grupos. Começaram de maneira precária, recorrendo apenas o sudeste mexicano, e, a partir da união de várias organizações nacionais dos países de origem com organizações mexicanas, como o *Movimiento Migrante Mesoamericano*, ampliaram sua geografia, seu impacto, seu itinerário e sua repercussão, acontecendo pelo menos uma vez a cada ano e tendo inclusive logrado êxito em promover o reencontro de filhos desaparecidos com seus pais e familiares.

Quando estava na Cidade do México em novembro de 2010, acompanhei a chegada da caravana da caravana à cidade, para se juntar à Assembleia Internacional de Migrantes e Refugiados e ao TICPM. Dezenas de mães hondurenhas levavam uma lista de 800 jovens desaparecidos que estavam buscando. Como participante dos referidos eventos, acompanhei a caravana até a cidade de Guadalajara, onde houve uma audiência especial do TICPM para tratar da situação dos *Ex-Braceros*, e depois até a cidade de Puerto Vallarta, onde estava acontecendo o Fórum Mundial de Migração e Desenvolvimento, evento internacional que se realiza periodicamente com apoio da ONU e do Banco Mundial.

Em 2012, quando já estava no período do Doutorado Sanduíche, acompanhei mais uma vez a caravana, desta vez em convivência mais direta com os familiares, pois me encontrei com a caravana em suas atividades na Cidade do México e me incorporei ao seu itinerário, até Ciudad Hidalgo, cidade próxima a Tapachula na fronteira com a Guatemala. A caravana ia em dois ônibus lotados e fazia paradas longas em cidades onde havia fluxo de migrantes. As paradas eram em casas de migrantes ou em lugares públicos, como viadutos e praças.

As paradas, embora incontáveis, são sempre muito comoventes. As mães, cansadas de viajar, porém sempre vigorosas e brincalhonas, descem dos ônibus com uma foto grande dos seus filhos pendurada no pescoço. Abrem faixas e banners grandes, que falam dos seus países de origem, fotos de caravanas anteriores, palavras de ordem escritas. Também levam bandeiras dos seus países, que, ostentadas ao vento, dão um ar de combatividade à sua passagem. E gritam palavras de ordem, como “¡Vivos vinieron, vivos los queremos!”; “¿Dónde están, donde están, nuestros hijos dónde están?” Em seguida, dispõem no chão as centenas de fotos enfileiradas. O mais impactante é que os migrantes que estão na cidade se aproximam para ver as fotos, apontam e discutem entre eles se conhecem aquelas pessoas.

É impossível descrever nesta tese todos os momentos marcantes que vivi durante a caravana e a passagem pelos albergues. Para dar uma impressão mais completa dessas experiências, encontra-se ao final dessa tese um Anexo com uma coleção de 42 fotos, todas elas relacionadas a situações analisadas no texto. Andei com as mães nas linhas de trem, enquanto elas abordavam as casas nas margens e perguntavam se haviam visto seu filho passar por ali. Vi migrantes denunciarem que lhes tentaram sequestrar na noite anterior. Vi um migrante, aos prantos, abraçar uma mãe que buscava seu filho, e ambos se desejarem êxito em suas respectivas jornadas, para logo em seguida o migrante virar as costas e seguir viagem pela linha do trem. Vi migrantes subirem ao trem. Vi policiais mascarados e armados de fuzis, escoltando a caravana e tirando fotos ostensivamente. Dormi nos grandes dormitórios com beliches, e participei das atividades coletivas das casas. Conversei com migrantes, escutei suas piadas e falei do meu país.

No dia 2 de novembro, que os mexicanos e centro-americanos chamam de *Día de Muertos*, eu acompanhava as mães quando entravam no cemitério de Arriaga, estado de Chiapas, e a banda de instrumentos de sopro e uma *Marimba*, tocava em alto e bom som ao lado dos túmulos, emocionando as mães, que se lembraram de seus familiares e de suas terras. Caminhamos pelo cemitério e chegamos à área da vala comum, um grande gramado onde não havia túmulos, apenas cruzeiros rústicos irregularmente dispostos. Todos deram as mãos em roda em volta do gramado: certamente seus filhos estariam, senão naquele exato lugar, em alguma outra vala comum em qualquer cemitério do país.

São muitas experiências e, apesar de serem todas importantes e merecerem uma reflexão maior, as menciono aqui apenas como contexto. De todas as situações vividas, escolhi três para analisar em consonância com os problemas e o suporte teórico abordado nesta tese: o encontro das mães com migrantes em um dos albergues; o relato de uma família que migrava unida, e a análise da história de 5 adolescentes que viajavam de Honduras para os EUA e desistiram da

viagem – passagem que chamarei de *elghorba* hondurenha. Em cada uma dessas situações, mostrarei a dinâmica da violência simbólica, acrescentando elementos empíricos ao suporte teórico abordado no primeiro capítulo, combinando o fato coletivo com o itinerário individual dos informantes. Como método de exposição, utilizarei de transcrições longas, para que se permita uma análise integral do relato do informante, expressando, como faz Sayad (1998), o duplo discurso do sujeito e do sociólogo na construção dos mecanismos que presidem a produção da informação – até por isso a opção por entrevistas em profundidade. Nesse mesmo sentido, mantereí a fala dos informantes no idioma original (espanhol), que traduz com mais verossimilhança a sua expressão nas entrelinhas. Dada a fidelidade entre a mensagem oral e a transcrição, se podem transmitir nesta os elementos auditivos e emocionais do relato.

2.1. Mães de filhos ausentes; filhos de mães ausentes

O *Refúgio Hermano Migrante San José* se situava numa região de entroncamento de rotas, e muito próximo da cidade do México, no município de Huehuetoca, Estado do México. Tinha uma história particular em relação às outras casas de migrantes, pois era mantido pelo ativismo totalmente voluntário de professores universitários e acadêmicos que assumiram, a partir de coletivos que formaram, a coordenação e gestão do albergue. Integravam os coletivos, além desses coordenadores, migrantes ou trabalhadores mexicanos, que também eram organizadores, cuidando para que as regras do albergue fossem cumpridas. A eles eram comunicados possíveis problemas, como, por exemplo, quando uma pessoa precisava de assistência de saúde, para zelar pela segurança do local, para receber as doações, administrar a limpeza e para que fossem preparadas as comidas, etc. Os migrantes que chegavam, ficavam em média 2 ou 3 dias, apenas enquanto descansavam e comiam, para seguir viagem. Enquanto eu estava lá, era comum ver grupos de migrantes (em geral homens e jovens), entre 5 e 15 pessoas, passando pelo vão de entrada, com suas mochilas. Não passavam despercebidos, iam diretamente ao encontro de algum voluntário, que lhes dava as boas vindas, e lhes oferecia algum canto para que pudessem descansar. Em muitas ocasiões, o número de pessoas na casa era superior à quantidade de mantimentos, e os voluntários tinham que sair ao mercado comprar frutas, porque a única comida que tinha era o almoço que ainda estava sendo preparado.

O dia 27 de outubro de 2012 era um dia especial no albergue, pois a Caravana de Mães passaria por ali, como parte do seu recorrido por todo o país. Como de costume, o albergue estava cheio, com migrantes que chegavam a todo momento para descansar, tomar banho e comer. Os voluntários, como eu, passaram o dia conversando com os migrantes, em pequenas

rodas, ajudando em tarefas, como buscar as doações que chegavam e preparar e servir a comida. A cada migrante foi entregue uma folha de papel e lápis para expressar, com desenhos ou palavras, uma mensagem para as mães que chegariam na caravana. A ampla área aberta do albergue estava enfeitada com bandeirolas feitas de guardanapos, arcos, balões de muitas cores, flores desenhadas e recortadas, e uma faixa de boas-vindas. Os voluntários e migrantes haviam estado ocupados nessa decoração desde o dia anterior.

A expectativa pela chegada das mães era muito grande e a caravana, que vinha de Puebla, atrasou muito a chegar. Às 17h, quando tiveram sinal de que a caravana estava próxima, os migrantes foram organizados em duas filas, formando um corredor humano por dentro do qual as mães entrariam. Nas mãos de cada migrante um dos desenhos, que seriam ofertados a cada uma das mães. Os ônibus da caravana estacionaram do lado de fora do albergue. Aos poucos, as mães foram descendo, com suas fotos, faixas e bandeiras. Ao entrar no albergue, foram aplaudidas, e foram recebendo os desenhos dos migrantes.

Comecei a observar os rostos dos migrantes e indagar o que aquela chegada das mães representava para eles. Observei que a maior parte deles eram jovens, e suas roupas eram simples e muitas vezes manchadas, quase sempre levam às costas uma mochila ou bolsa simples e empoeirada. Observei a seriedade nos rostos com a chegada da caravana, e os olhares fixados, tensionados e anunciando lágrimas. O que estariam pensando? A presença emocionada das mães seguramente fazia os migrantes se lembrarem de suas próprias mães, estivessem elas vivas ou não, sãs ou doentes. Muitos não avisam para suas mães que vão empreender a viagem. Por isso, acabam ficando como desaparecidos. Essa impressão – e reação envergonhada dos migrantes – foi registrada por um jornalista de La Jornada (PETRICH, 2012) poucos dias antes, em outro albergue por onde a caravana havia passado:

Las madres se vuelcan en bendiciones y recomendaciones ante los hijos ajenos, envalentonadas toman el micrófono: Muchachos, cuidense. Nunca olviden que tienen una madre que no espera un silencio sino una carta, una llamada.

Los jóvenes migrantes que las veían al principio con un poco de lástima, tal vez desafiantes, ya no las miran de frente. Cabizbajos ocultan sus miedos, su nostalgia y sus lágrimas. Muchos de ellos tal vez ya no estén ahí mañana.

O que passava na cabeça daqueles jovens ao ver as mães procurando seus filhos? Será que, para os pais e mães daqueles jovens do albergue, eles também eram “desaparecidos”, por terem partido sem avisar ou por estar há muito tempo sem dar notícias? Era um encontro especial, daquelas que testemunharam uma parte da história, com aqueles que testemunharam a outra parte da história. A recuperação dura e impossível de um elo perdido: de um lado, mães

e pais que perderam seus filhos; de outro lado, filhos que “se perderam” de suas mães e seus pais.

E foi isso que consegui captar numa entrevista paradigmática. Passado o momento da chegada, me aproximei de um dos jovens que tinha observado. Mário tem 23 anos de idade e sempre trabalhou na agricultura. Minha primeira pergunta foi sobre o que pensava daquele momento.

Pues, en la forma que se expresan y el modo como ellos se sienten, va, haber perdido un familiar, pues, es doliente, va, porque las madres o los padres no quieren que uno salga, pue, pero ustedes saben que cuando uno sale de su casa es para ver el bien, y dejar algo la pobreza, porque, a ricos no hay uno, va, porque si uno nació pobre pues, pobre tiene que ser, pero, más o menos, darles algo, en el futuro...

Naturalmente a resposta se volta para falar de sua própria situação. Havia deixado sua casa, na zona rural da Guatemala, há 12 dias, deixando para trás sua mãe, de 40 anos de idade, doente, diabética e sofrendo do coração. Ele deixou a casa sem que ela soubesse, pois era contra a ideia:

Voy aquí, va, siempre pensando en mi hogar, que, sería tristeza, porque, ella nunca quiso que yo viniera, va, pero, cuando yo salí, sin decirle nada a ella salí. Porque ella nunca ha querido, e yo nunca me hizo apartado de ella. Y me imaginé yo que, al ver que yo salía, ella se iba a sentir duro. Porque yo soy el único hijo que no le ha dado muchos problemas, ella me aprecia bastante. Sólo dejé dicho a mi papá que le dijera, va, con paciencia, y con pocas palabras, porque, así como padecía ella del corazón, que también va, de una alegría, o alguna cosa, pues, solo llegué a mi casa, porque me dieron mi bendición mi papa, pue, y ahí vamos, con la gracia del bonito Dios.

E descreveu o momento em que se despediu de seu pai:

Pues, él, cuando yo salí, pues, lo que me dijo él es que me iba a dar una bendición, va, y, yo me sentí mal. Me sentí mal porque, dándome la bendición él, que... iba a un camino e ya no iba a regresar, me sentí mal. Como si ya no voy a regresar o como si él estuviera me despreciando, pues. Por eso, tal vez para él, como fue ya gente grande, son buenos los consejos, pero, yo de ese modo, sí me sentí mal. Mejor le dice yo que me deseara el bien, que en el camino, si Dios quiere, llego bien. Y si, Dios no quiere, pues, regresaré. Pero si mi destino es allá, que puedo hacer. Y, platiqué con menos palabras con él, va, porque algún día, va, si me vuelve a ver, pues, bendito sea Dios, pero si mi destino es... no ser, va, pues, bendito sea Dios, va. Él me trajo y el me quita.

Voltei a lhe perguntar sobre sua impressão com a chegada das mães.

En la verdad que yo vía, según yo que era un celebramiento hacia ellas, va, pero por lo que se dio, unas fotografías que dejaron pues, me sentí mal, pues, se me subió hasta la cabeza todo esto de pensar que... uno lleva un camino, no

sabe adónde va quedar. E ya después, una llamada, o una mala noticia para mi mama, yo sé que va ser duro, va. Por esto yo le pido ahora, primeramente a Dios que... aunque no llegue, mi objeto es llegar y trabajar, va, para brindar lo mejor a ellos, va. Pero... si me agarrean y me retornaran otra vez a mi país, pues magnífico yo luché, y viviría feliz, va. Pero, le vuelvo a repetir, uno no sabe, va. Uno sabe dónde nació, pero donde va quedar, no.

Passei então a lhe perguntar sobre como tinha sido sua jornada até então, se já havia subido ao trem.

Pues, de Arriaga para acá, vengo en tren. Ahora de aquí para allá, no. No sé cómo será. Por gracia del bendito Dios los choferes se han portado bien. Hasta con nosotros... paran en lugares que tal vez unos nos brindan ayuda, así como comida, agua, ellos paran, porque saben, no... A las veces viene virado pue, pero cuando ellos miran a gente que están brindando ayuda a uno, él para. Cuando él no para, es porque está en una parte sola, uno no sabe en qué manera a ellos andan también peligrando.

E passa a falar das voluntárias que, durante a passagem do trem, lançam sacos com comida e garrafas de água aos migrantes.

Aunque sea tirado, lo recibimos con gusto y con amor, pue, y aprecio a la persona. Como hay un dicho que, aunque sea poco, pero con amor. A mi ahorita no me ha dado faltar nadie. Me han ayudado, en las casas de migrantes, nos han recibido bien, y... no puedo decir nada hacia ellos pue. Para acá de Arriaga, unas personas que, aunque sea poco, nos dieron, un bocado que llena, que sustenta. Aunque pobremente, y aunque sea en bolsa, nos daba una cuchara de frijoles, aunque sea arroz blanco, a uno que está sin comer durante varias horas... Es una gran bendición, porque hoy, supongas como está el tiempo, cualquier comida es grande, pue. Cuando le brinda ayuda algunas personas, cuando uno esté con hambre va, y le da su plato, aunque sea poco, solo con el amor que unos se le dan, para qué más, uno ahí se llena, por la voluntad, se llena.

Perguntei quando seria a primeira vez que voltaria a fazer contato com sua família.

Pues tal vez cuando esté cerca de la frontera. Antes de pasar, para darle tempo, para pensar en que tempo, estando ahí, me voy a brincar. Yo voy a dar un tempo a ellos, que día voy a brincar y a que los puedo mandar una llamada, para que ellos no estén... que no se sientan mal, y... todo eso, por si quieren tanto a mi persona. Ahí están los peligros más grandes. Como dijeron los polleros, los peligros más están, a mal decir, de llegar de Piedras Negras, para adelante.

Perguntei se estava por dentro da situação de violência na rota, na travessia do deserto.

Sí se oyen bastantes rumores, por eso a veces a unos les dan ganas de dar un paso hacia atrás, pero sería mejor a que va, desengañarse uno. Porque uno no sabe si... supóngase que yo, vuelvo a repetir, mi mamá nunca le vio la idea que yo saliera lejos, dejarla lejos, toda la vida, aunque sea por un momento ahí estaba yo cerca de ella. Hasta, esta vez, que me dio algo, en el corazón y se

me metió en la cabeza, va, de venirme p'acá, que tal vez nunca lo iba pensando, y el día que lo pensé, allá, salí a las 2 de la mañana. La verdad, me sentí... con coraje, con una gana de salir, para ver, conocer. No sé, va, si Dios me está dando la oportunidad, porque no tengo... a nadie, no tengo envidia a nadie, y mi pensar es ayudar.

Perguntei qual teria sido o momento mais marcante da sua viagem até então, e ele contou que, ao cruzar o rio entre a Guatemala e o México, viu seu *güero*, seu filho mais velho, de 8 anos, e viu que ele lhe gritou, quando terminou de cruzar. Assim que pôde, fez uma ligação e soube que seu filho estava bem.

Era el único que me seguía adonde yo iba. Él sabía que cuando llegaba de sus clases, en la escuela, estudiando, él llegaba allá a mi trabajo, y ahí estaba toda la tarde conmigo. Y no es tan fácil que un padre lo deje a un hijo.

Perguntei como ele imaginava que seu filho iria se sentir, no futuro, ao crescer distante de seu pai.

Como ellos, como son chiquitos, tal vez les vaya a quitar un poco de amor de uno que no los ve crecer, uno les quita el amor que ellos necesitan, como he dicho, que un hijo necesita un amor, cuando está chiquito, y ya grande ya no, porque ya ellos ya pensarán diferente del que ellos necesitaban. Uno tiene 8 años y el más chiquito tiene 6. Tengo también una hembra con 6 años.

Perguntei, então, pela sua esposa, mãe dos seus três filhos.

Sí, está con ellos. Por eso es la fuerza mía y ellos me van dando fuerza. Dice al más grande que yo me tenía que salir, y se lo juré, y Dios quiere me da, es ayudar, lo primero va, que haga un mes, el brindarse luego a una iglesia, porque por él voy, y será el único que andará conmigo.

Perguntei se amava sua mulher.

Sí,... hay un dicho va, que pleitos y diferencias siempre hay en una pareja, pero, sí, ahí vamos. Es la madre de mis hijos, y si los quiero a ellos, la tengo que querer también, aunque siempre hay cruce de palabras, pero, yo lo que hacía, me iba, y cuando me regresaba, ya estaba contenta, se vía bien. Usted sabe que en una pareja palabra es palabrón, y conversarse uno, porque cuando amamos, y empieza en que uno se meta a pelear con una mujer, se le rebaja uno, va, si suponga que uno es machista, yo no dependo de eso, por la gracia de mi bonito Dios.

Passei então a lhe perguntar sobre como era sua vida na Guatemala, se em sua casa havia chegado a faltar comida, e como estavam as condições econômicas do país, que, são na percepção de todos os centro-americanos entrevistados, um determinante na sua decisão de emigrar.

Pues está dura la vida, le vuelvo a repetir. Porque los pueblos buscan trabajo, y si uno no sale, no hay, porque suponga que hoy en las empresas cuanto no se hay recibido al año, las empresas no han crecido. Por eso, hay quienes están en el campo de trabajo. Y siquiera hay, falta trabajo. Cuesta. Hay quienes que, un vecino va, que comía una tortilla hasta con banano, pues, que tal vez jamás hayan visto aquí. Por la pobreza, o un tomate. Sí, que da tristeza.

Porque, realmente, uno hace la lucha por un motivo que, supongo que si ustedes está en Guatemala, ahí su trabajo no vale nada, porque usted que si va recibir por día, y son 8 horas, 50 Quetzales, supone que ya el maíz, el frijol, no se mira, pues. Todo esto no alcanzaría 50 Quetzales. Y suponga que si yo voy a Honduras, el Lempira le vale más que en El Salvador. Y si me vengo para El Salvador, aquí me vale más, pero se voy para otro país no compro nada, no mando nada hacia mi familia. En Honduras está dando menos que en Guatemala. Aquí gano, pero si mando para allá, no gaño nada. Vale más el peso de la capital aquí, en México, pero si salgo p'allá, no. Estoy ganando casi la tercera parte del que gaño en la capital. El modo más grande, es, no es un gran tempo, pero, en Estados Unidos está la cosa que uno se puede encontrar, y le vuelvo a repetir, no a la riqueza, pero más o menos a un bien, para mejorar, la familia.

Pergunto então sobre suas expectativas nos Estados Unidos, tentando entender como ele visualiza a vida ali.

Pues, la verdad, como decimos, cuando uno está en los Estados Unidos, cuando somos buenas personas, pues, nos apoyamos unos a otros, va, pero supongo que de mi país hay muchos, e yo les he brindado a ver si me dan un apoyo, y lo dejan de menos a uno. Y, digo que talvez no va ser el modo, porque uno, de su trabajo, a su casa, porque ya no va ser igual como el país de él. Yo tengo muchos amigos que se han venido y hoy están así, no están muy levantados, ni muy bajo. Porque debemos de apreciar también el tiempo que Dios nos da, al llegar, y poder apreciar al dinero, porque hay quienes que, tal vez, lo mal gastan, así como en licores, o vicios. Porque uno mira cosas mejores, y ustedes sabes que en Estados Unidos, así como se gaña, también así lo vale. Hay que saber en qué se van a poner el dinero.

O relato de Mario traz o que se pode chamar de “pecado da ausência”, aplicado a uma condição humana ainda mais precária que aquela estudada por Sayad (1998), em que os efeitos da emigração são agravados pelo risco e pela violência, antes mesmo de o migrante ter chegado ao destino final. Aqui, a ausência tem um conteúdo especial, pois está marcada pelo risco da morte ou pela morte de fato. Em vez da culpabilização pelo fracasso no trabalho, aqui está o risco do fracasso ainda na viagem, que é compensado pelo risco oposto, de que seja vitorioso.

Sayad descreve como as expectativas do migrante no caminho para chegar à França são uma parte constitutiva do sofrimento psicológico suportado pelo migrante. O migrante já sai de sua terra com um signo de derrota, por não ter conseguido prosperar em seu próprio lugar, o que aumenta o medo da desonra caso seja frustrado em sua viagem:

De onde me virá a cara com a qual eu ousarei enfrentar as pessoas quando, mal tendo partido, terei de estar de volta? Dirão: “Ele trouxe consigo a comida que levou para a estrada”; e eu ouvirei apenas esse rumor: “parece que... parece que...”. O pior dos exílios é melhor do que esse espetáculo vergonhoso. Deus me protegeu de tal escândalo. (SAYAD, 1998, p. 33).

Ao sujeito não se permite nem ficar, nem chegar ao outro lugar, o que torna os efeitos psicológicos da emigração um estado constante de deslocamento, e do receio de fracassar por ter tomado uma decisão arriscada. Melancolia, como “reação nostálgica de quem está ligado à ordem [...] e a uma ordem que foi definitiva e irremediavelmente rompida” (SAYAD, 1998, p. 114); solidão e angústia como minúcia e concepção hipertrofiada do dever e da culpa antecipada pelo risco. A sua decisão “tende a se constituir como eixo central de uma existência dilacerada, minada por dentro (confrontada a uma contradição interna) a ponto de perder o sentido da vida” (SAYAD, 1998, p. 115).

Ao mesmo tempo, a emigração é o que dá sentido à vida, já que, se ficasse, já estaria fracassado por não ter tentado. O que dá sentido à vida é a ousadia de buscar o êxito em outro lugar, a ideia do exílio e da epopeia da terra prometida, como diz Mario: “aunque no llegue, mi objeto es llegar y trabajar, va, para brindar lo mejor a ellos, va. Pero... si me agarrean y me retornaran otra vez a mi país, pues magnífico yo luché, y viviría feliz, va”. O discurso parece diferenciar-se do migrante argelino retratado por Sayad, já que, agora, o retorno frustrado é representado como honra e não como desonra – ainda que seja para justificar a própria condição do emigrante. De fato, Mario carrega sua reflexão com um sentido de luta coletiva, de responsabilidade para com sua família, e não de decisão individual e hostilizada por seu meio social.

É importante notar a constante referência – inclusive carinhosa – que os migrantes fazem a Deus para conversar sobre os riscos que lhe esperam no futuro próximo. Há aqui uma concepção teológica do destino, que não pode não ser controlado pelos próprios sujeitos. Especialmente, não se trata de qualquer destino numa situação ordinária, mas do destino imprevisível e inevitável de quem está numa situação limite.

Há um “pecado da ausência”, manifestado nas dores com que se despediu de seus pais, de sua mulher e seus filhos. O fato de ter ocultado a emigração de sua mãe, o mal-estar em ter recebido a benção de seu pai com tom de eterna despedida, e os efeitos de ter se afastado de seus filhos, que cresceriam como filhos de um pai ausente, mostram isso, e se manifestam no inconsciente do migrante quando ele tem uma premonição, ao atravessar uma situação de alto risco (cruzar o rio fronteiro entre Guatemala e México), de que seu filho mais novo lhe chamava.

Na ideia da presença-ausência ou dupla ausência, o migrante se afasta da sua terra natal e continua ali presente, e se faz presente na sociedade receptora sem que passe a integrá-la. Aqui, há uma diferença, pois, se, do lado da sua terra natal, há uma presença-ausente, do lado do trânsito há uma ausência-ainda-não-presente, que reflete, do lado da terra natal, não como presença-ausente, mas como desaparecimento. O migrante desaparece e só volta a aparecer quando e se, depois de cruzar exitosamente a fronteira com os EUA, faz a ligação dizendo que conseguiu passar. No caso de Mario, ele ligaria imediatamente antes de passar a fronteira, pois acreditava que aquele seria o momento mais perigoso da travessia.

O relato de Mario dá mais significado ao encontro simbólico, impossível e reflexivo das mães que buscam seus filhos com os filhos que deixaram suas mães. É reflexivo, porque as mães veem nos migrantes seus filhos, e os migrantes veem nelas suas mães. Ambos estão numa viagem percorrendo o país, sendo que as mães andam nos rastros de seus filhos, e os migrantes não sabem se alguém andará nos seus rastros. No trabalho de campo, isso foi expresso também em outro momento, quando, em Tierra Blanca, estado de Veracruz, em uma das regiões mais perigosas da rota, testemunhei a despedida emocionada entre um migrante qualquer e uma mãe qualquer, que naquele momento deixaram de ser quaisquer e encontraram uma identidade recíproca. Ele desejava que ela encontrasse seu filho, sabendo que provavelmente isso não aconteceria; ela desejava que ele concluísse sua viagem, sabendo que isso provavelmente não aconteceria.

2.2. José e Maria na rota migratória: o significado da solidariedade

Conta a narrativa bíblica que José e Maria era um casal pobre, que viajava para Belém, para um recenseamento, quando Maria deu à luz Jesus, em um estábulo às margens da cidade, e, após a visita dos magos, tiveram de fugir para o Egito, quando o rei Herodes ordenou a morte de todos os bebês recém nascidos. A Sagrada Família empreende então uma travessia, nas piores condições e pedindo ajuda e hospitalidade por onde passavam. Esse episódio deu a Maria as representações e Virgem do Egito, Nossa Senhora do Desterro, dos Exilados e Mãe dos Migrantes.

No livro de Mateus, Capítulo 25, aparece a dimensão da solidariedade e da hospitalidade simbolizadas com a encarnação de Jesus nos mais pobres e desamparados. Quando, no Último Julgamento, “todos os povos da terra” forem reunidos diante de Jesus, ele separará aqueles que terão o Reino dos Céus, aqueles que o acolheram (BÍBLIA SAGRADA, 1990, p. 77):

Pois eu estava com fome, e vocês me deram de comer; eu estava com sede, e me deram de beber; eu era estrangeiro, e me receberam em sua casa; eu estava sem roupa, e me vestiram; eu estava doente, e cuidaram de mim; eu estava na prisão, e foram me visitar.

E, quando lhe perguntam como saberão se fizeram isso, Jesus responde: “Eu garanto a vocês: todas as vezes que vocês fizeram isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizeram”.

O significado expresso por essa passagem vai além da crença religiosa, expressando uma dimensão da solidariedade que aparece especialmente em situações limite. Ela se coloca como elemento fundamental para compreender meu objeto de pesquisa, pois aparece como contraponto aos sofrimentos e privações enfrentados pelos migrantes.

No dia em que a Caravana de Mães chegou ao *Refúgio Hermano Migrante San José*, ali estavam José, de 36 anos, e Maria, de 27, levando seu bebê de apenas 6 meses de idade, aguardando o momento de seguir viagem para os Estados Unidos. Como a área aberta do albergue estava muito movimentada, a entrevista ocorreu num dos dois pequenos cômodos da casa, onde colchonetes dividiam o espaço com grandes sacos de doações, e os migrantes com mais necessidade de descanso procuravam um lugar mais escuro e calmo para descansar.

Eles já tinham vivido antes nos EUA. José fora primeiro, em 2008, pelo trem. E 11 meses depois Maria foi para viver junto com ele. Demorou, porque estava muito difícil para passar e ela foi se tardando na fronteira até ter condições. Ela passou por Sonora. O seu relato se aproxima mais dos relatos dos brasileiros que entrevistei, correspondendo à rota mais cara, feita por ônibus de viagem e repousos em casas de segurança. Pergunto a ela se foi difícil:

No mucho, porque vine en bus. Pero en la frontera está muy feo. Y me dio miedo. Porque ahí todos son diferentes. La gente anda viendo si viaja, y hablan muy diferente, como que ya no les importa nada, ya no tienen sensibilidad de lo que pasa.

Pergunto se sofreu assaltos, roubos, etc., e ela responde que o grupo de *coyotes* tentou vendê-la para outro grupo:

Sí, me tocó que me querían vender. Unos polleros me llevaron y me querían vender a otros, y yo no sabía. Me estaban mandándome con otra persona, y ellos iban a cobrar por mí. Y pues cuando yo me di cuenta, yo me fui de ahí, y me amenazaron. Yo no sabía que me estaban haciendo esto, después yo vi, me volteé a hacer mis cosas y buscar que otra persona me mandara, y después ya no querían que yo me fuera. Decían que no, que ya habían gastado mucho, y que tenían que reclamar ese dinero, me estaban amenazando.

Para escapar, ela foi guiada por um senhor que haviam conhecido anteriormente nos Estados Unidos, que a levou com segurança até o outro lado. Só então José soube do que havia acontecido.

Justamente quando estávamos comentando que, em regiões de fronteira, onde ninguém se conhece, as pessoas são mais indiferentes, a entrevista é interrompida por um migrante que vai ao cômodo perguntar se pode se deitar ali, porque vem doente.

[Migrante] Permiso a ustedes, disculpa ¿donde puede quedarse así como uno que he venido enfermo?

[María] ¡Sí! Ahí te puedes acostar en una cama, sí.

[José] Sí, mi camarada, les voy a decir que para que te den alguna vitamina o algo.

[Migrante] Pues ya tomé vitamina, lo que pasa es que vengo en la calle, durmiendo en la calle, mi cerebro no me cae bien.

[María] ¡Sí, ahí en la cama acuéstese! Ahí en esta cama que está en la siguiente.

[Migrante] Ok. ¿En ésta?

[María] Sí.

[Migrante] Ahí para cooperar los compas sí me dieron pastillas.

[José] Porque tiene que reforzar.

[Migrante] Aquí me acuesto y me despierto para comer. Gracias.

Depois de alguns segundos em silêncio, continuo a entrevista, pedindo para continuarem o relato. Nos EUA, estiveram trabalhando numa companhia de limpeza. Sempre eram mandados juntos. Foram deportados por estar dirigindo sem a licença de motorista. Depois de três anos vivendo em El Salvador, estavam desempregados decidiram fazer a travessia novamente, desta vez com a família unida.

No vale, ya. Pusieron dólares, el país está dolarizado, ya le pagan así cinco dólares, el día. Y cinco dólares no funciona, para que des a una familia. Una comida así bien simple vale unos 2 dólares, 3 dólares.

Começamos a falar das refeições diárias, das diferenças culturais e das semelhanças entre El Salvador e Brasil. Aproveitei para desejar-lhes uma viagem exitosa, que era muito bonito ver o casal viajando junto, e que tinham uma responsabilidade muito grande por estarem levando o bebê.

[José] Como dicen que hay unos que dejan su familia, esposa, hijos, y gracia a Dios no tuvimos que hacer eso...

[María] Porque como ya no tenía donde dejarlo. Y a la vez está bonito porque...

A entrevista é novamente interrompida por um jovem que leva um presente para o bebê, uma cinta para leva-lo nos ombros. O casal dá uma alegre risada e agradece. Seguimos

conversando sobre como se usava a cinta, se serviria para ele... E perguntei se não poderiam ter deixado o bebê com os avós (opção usada comumente quando os migrantes viajam em casal).

No, mi abuelita falleció hace poco y con ella me creé. Mi abuelito también ya. ¿Mis papás? No, mi mamá no me llevo bien con ella, y... ¿mi papá? Ni sé dónde... Mi mamá me dejó hace tiempo. Desde que tuve el niño no le quería cuidar. Me lo tuve que traer. Le decía que es difícil y a la vez es bonito porque anda conmigo y sé que no le falta nada. ¡Yo sé que es duro! Me decían ahí afuera que si pudiera pedir un deseo, ¿que pediría? Yo pediría que tuviera el dinero, para andarlo en el bus, y hasta allá por la frontera. Era lo único que pediría. Para que él no sufriera. Pero este... sí lo llevo así no le falta nada, yo ando con mi niño y soy feliz con mi esposo, que él es el que nos cuida.

Perguntei se iam atravessar o rio juntos. Maria explicou que José iria primeiro, e ela ficaria esperando, em alguma cidade próxima à fronteira, alugaria um quarto para ficar tranquila com seu bebê e começar a trabalhar. José mandaria uma pessoa de confiança que tem papéis de outra criança, para buscar o bebê e passá-lo como se seu filho fosse. E depois iria ela. Ela explica que essa pessoa é uma vizinha que tinha dois filhos, que saíram e se perderam. A menina foi levada e o menino foi morto. Ela foi quem aconselhou que viajassem com o bebê, que mesmo estando pobres, deveriam estar com ele. E que estivessem sempre com cuidado com o bebê, observando sua saúde, controlando comida para que não faltasse para ele, e por fim ter uma casa, ainda que fosse pobrezinha mas que fosse sua casa. E novamente nos “distraímos” observando o presente, e tentando entender como se usava. E novamente lanço minhas perguntas, naquela “intrusão sempre arbitraria” de que fala Bourdieu (2011b, p. 695), que está no princípio da troca desigual entre pesquisador e pesquisado. Tento conversar mais sobre como era viajar levando o bebê.

Ahorita el niño necesita mucha atención, y yo que me enfermado también ahorita... Bien así cuando se juntan las enfermedades, se enferma el niño, me enfermo yo, se enferma él [esposo]... Andar sin pinto para comprarle el pañal... comprarle la leche... y acá siempre andamos rebuscados por los pañales, y la leche. Es eso. Y sí... aquí nos dejan donde dormir, nos dan de comer.

Uma jovem que entra no quarto e pede para acender a luz. Maria continua falando. Ainda que estivessem recebendo o apoio do albergue, estavam preocupados porque ali não estavam fazendo nada e precisavam sair a trabalhar. E ali no México se saíam para trabalhar só queriam se aproveitar deles, não pagavam bem. E pergunto: mas nos EUA também não é assim?

En Estados Unidos, pues no. Nosotros fuimos trabajando y nos pagaban bien. El trabajo que nosotros hacíamos era pesado pero sí se veía el dinero. Nos pagaban bien. No nos explotaban, porque él trabajaba con su hermana y su hermana con uno que tenía una compañía de limpieza. ¡Era muy diferente la vida, muy diferente! Como decía una señora, allá hay unas tiendas que son de

1 dólar, y encuentras ropa, encuentras las cosas para el niño, encuentras cositas para la cocina, todas las cosas, y son nuevos, no son usados, y a 1 dólar todo lo que está allí, entonces pudimos llevar bastantes cosas. Y hay de todo. Y ya si uno compra caro es porque uno no quiere, porque puedes comprar barato y nuevo. Y haces la marqueta y puedes comprar lo que va ocupar la despensa.

Concordando, eu comento que o único problema era viver todo o tempo com medo de ser descoberto e deportado, pelo que ambos concordam: “Sí. Más que nada luego es como por la policía porque la policía no deporta a uno, pero cuando le agarran a uno, lo preocupa que vaya a llamar la Inmigración, que lo vaya a llevar a uno...” [risos]. José concorda, acrescentando que o problema é quando param uma pessoa na rua e fazem a investigação: “les toman datos y unos los dejan ir. Otros no, les toman datos y los tienen allí, investigando, y quedan detenidos allí, bastante tiempo”. Agradeço e encerro a entrevista.

As interrupções durante a entrevista demonstram algum incômodo dos informantes em falar de sua própria condição, além do que a entrevista introduzia alguma artificialidade naquele momento – ainda que eu tenha tomado todos os cuidados para minimizar tal artificialidade. Pesava sobre eles um julgamento social e moral sobre o fato de estarem levando um bebê para um processo migratório extremamente arriscado. Mesmo sem eu tocar diretamente nesse assunto, ele aparecia pela própria consciência dos informantes. O relato de Maria é contraditório ao expressar a ternura trazida pela presença do bebê e a responsabilidade decorrente da decisão de levá-lo. Aparece, portanto, uma nova forma do “pecado da ausência” de que fala Sayad (1998): a necessidade da mãe de justificar por que está levando o bebê. O migrante de qualquer forma precisa justificar socialmente sua conduta, seja quando deixa para trás o seu filho, seja quando o leva consigo.

Por outro lado, o relato de José e Maria revela a dimensão reflexiva da solidariedade, pois, ao mesmo tempo em que são apoiados de várias maneiras com a existência do albergue, eles acolhem aqueles que estão em situação semelhante, como o jovem adoecido que pediu um lugar para descansar. Essa dimensão é revelada em outros exemplos, nos grupos informais de ajuda mútua que os migrantes formam para seguir viagem, e especialmente para conseguir subir ao trem: quando os que conseguem subir com mais destreza dão a mão aos que têm mais dificuldades. Outra dimensão da solidariedade no caso de José e Maria, reconstruindo a narrativa bíblica, é o presente que recebem e que toma sua atenção durante boa parte da entrevista.

Outro aspecto da solidariedade que retoma a narrativa bíblica está no trabalho de *Las Patronas*, um coletivo de mulheres no estado de Veracruz que diariamente preparam porções de refeição e garrafas de água para arremessar aos migrantes que passam no trem a toda

velocidade, como demonstrou o filme de Pietro Tassier e López Castillo (2010). No filme *Uma dessas mulheres*, Norma Romero, dá um depoimento ilustrativo da transcendência entre a ação concreta e a mística religiosa:

Se pararon sus compañeros en medio, y los otros comenzaron a bajarlo. Pero lo más bonito de todo es que cuando uno lo agarró de esta mano, el otro lo agarró de esta mano, y lo fueron bajando como Cristo, crucificado. Los otros le cayeron a los pies y se los juntaron y los fueron bajando, poco a poco, y era, un negro, era un negro, y ver esa esa expresión, esa pintura, esa imagen nunca se la voy a borrar, porque para mí fue la imagen que yo necesitaba ver para saber qué era lo que yo podría hacer por los migrantes. Ver esta expresión dice yo: "Ay Señor, ahí estás tú. Ahí estás tú, eres tú el que estoy defendiendo, en esa fe, y eres tú el que necesita de mi ayuda e yo estoy para servirte".

Comprender como a crença religiosa, a partir da dimensão da solidariedade e da hospitalidade como elementos necessários de uma missão de vida destinada a servir ao ser absoluto, revelou-se como aspecto fundamental da pesquisa de campo, que não pode ser esgotado nos objetivos desta tese. A narrativa bíblica que identifica o símbolo de Jesus com os mais pobres e oprimidos se aplica de maneira integral ao fenômeno da migração de trânsito pelo México, ao mesmo tempo em que fundamenta a crença de boa parte dos que se solidarizam com os migrantes.

2.3. A *elghorba* hondurenha

No segundo dia em que eu estava acompanhando a caravana, após passar por Tierra Blanca, paramos na cidade de Coatzacoalcos, também no estado de Veracruz. Diferentemente de outras cidades, ali a assistência aos migrantes pelo trabalho pastoral da Igreja era feito debaixo de um viaduto na região central da cidade, já que a Igreja local, por algum motivo, não hospedava os migrantes. Esse viaduto era o local onde, ao longo dos anos, os migrantes iam espontaneamente buscar repouso. Depois foi que voluntários passaram a servir ali o café da manhã para apoiar os migrantes.

Ficamos muito tempo no local. As mães dispuseram suas centenas de fotos no chão, os padres e os ativistas fizeram várias falas no megafone denunciando a problemática, mostrando às mães que era possível encontrar seus familiares, e expondo as autoridades locais, responsabilizadas pela situação particular de violência naquela região, onde os agentes oficiais eram apontados por estar mancomunados com o crime organizado e havia um número elevado de jornalistas assassinados. Havia no local também muitos migrantes, e, como o lugar era

aberto, suas idas e vindas eram constantes. As mães também tomaram a palavra, uma após a outra, para pedir que seus filhos se apresentassem à caravana.

- Que se comunique aquí a la caravana, porque aquí andamos las madres, principalmente yo que soy su madre. ¡Hijo yo te quisiera ver! Pues venga acá, que aquí andamos buscándote. Yo quisiera que vinieras hijo, yo te quiero ver y si estás aquí en Veracruz, pues ven acá. Solamente eso.

- Soy Dorca Espinoza Vásquez, vengo de Honduras busco a mi hijo Alberto Espinoza Vásquez, quien desapareció hace diez años en la ciudad de Tuxtla Gutiérrez. ¡Espero, por medio de esto, que por favor si me esté escuchando, que se comunique con la caravana, porque lo quiero ver! Estoy desesperada y sólo una madre le puede comprender como estoy.

Uma mãe salvadorenha que tinha fortes indícios de que sua filha fora sequestrada para servir à exploração sexual, e inspirada pelo fato de que outras mães, na mesma caravana, haviam encontrado seus filhos (um dos encontros havia sido poucas horas atrás em Tierra Blanca), assegurou ter visto sua filha por ali, de costas, e saiu insistentemente a procurar por ela nos arredores. Ela assegurava que em volta daquele mesmo viaduto havia várias casas de prostituição, e que seguramente sua filha estava em alguma delas. Mas a busca restou infrutífera.

Um pouco afastado do aglomerado de pessoas, cuidadosos, estava um grupo de cinco jovens, entre 19 e 23 anos. Eles vinham na rota migratória desde Honduras e estavam buscando apoio para voltar ao seu país. Buscaram agentes do Grupo Beta, uma divisão da autoridade migratória mexicana destinada a resgatar migrantes em situação de vulnerabilidade. Levavam 16 dias de viagem e ainda não tinham se comunicado com seus familiares. Alguns eram casados e tinham filhos. Chegaram até a quarta série dos estudos, quase não tiveram ajuda de seus pais, porque sempre tiveram que trabalhar no campo. Saíram de Honduras com um total de 3500 Lempiras (182 dólares). Na Guatemala, às duas da madrugada, próximo à fronteira com o México, foram roubados por ladrões e pela polícia, e também em Tenosique, já em território mexicano. Sem o dinheiro para pegar ônibus, tiveram de caminhar desde a fronteira até Palenque, um trecho de aproximadamente 130 Km. Por quê decidiram vir? O que encontraram?

- Por la necesidad, por la economía... para que en el futuro pueda tener algo... de uno. Hacer nuestro futuro acá. No quisiera, pero se hubo un revés.

- No esperábamos esto, pero... ya pensamos en regresar. Porque... está muy feo aquí. Pues el peligro que hay aquí... no recomendamos que nadie venga. Vamos decirle a nuestros compañeros que no vengan para acá, porque está muy peligroso... Y porque trabajamos allá! En nuestras tierras.

Perguntei a este último se tinham familiares nos EUA, e sim tinham alguns. Perguntei o que diziam esses familiares: “Allá nomás lo dejan que nos vengamos, que hay trabajo, pero... uno no sabe pues. Uno se anima porque allá la vida no se queda”.

Perguntei aos outros, que estavam calados, o que poderiam dizer.

Esto. No, porque no está fácil de caminar para adelante, porque hay mucho peligro y arriesgarse no es bueno. Mejor es regresarnos p’atrás, porque estamos más seguros que seguir más para adelante no está muy seguro. Vamos decididos a trabajar y... y sí no está fácil allá por la economía, pero... vamos a buscar maneras cómo, porque no creo que este fácil seguir p’adelante.

Perguntei ao outro o que ia fazer ao regressar, se teria condições de estudar.

- Bueno, casi no tuve ayuda de mi padre, y llegué hasta el cuarto grado. Y éste... prácticamente el campo es que trabajo. Y no es lo suficiente para dar a uno... porque también como joven que soy llevo con mi esposa y... como la tengo llevamos solos...
- Seguir p’adelante, no sabe lo que les puede pasar y...
- Y es responsabilidad de uno pues...
- Por esto vamos a regresar y trabajar en el campo pues.

A entrevista foi acompanhada por Karen, uma ativista da Pastoral de Mobilidade Humana de Honduras, onde coordena uma comissão encarregada de assistir pessoas com deficiência. Em uma longa conversa, ela relatou como via o problema dos jovens que insistem em deixar o país. Seu relato traz elementos tão relevantes que eu resolvi chamar esse fenômeno de *elghorba* hondurenha, fazendo referência às semelhanças com o trabalho de Sayad (1998) sobre a obsessão pela migração como uma construção social e a questão da terra de exílio.

Son jóvenes y están asustados porque realmente les habían pintado el camino de manera diferente. Les habían dicho que les daban comida, que había lugar para hospedarse, donde quedarse durmiendo, que había albergues, que no se preocuparan. Que de una u otra manera ellos iban a llegar a Estados Unidos. Lamentablemente ellos han visto muchas cosas que les ha atacado. Que los tienen llenos de miedo. Me dijeron que hace cinco días les mataron a tres hondureños, los torturaron, y los habían matado. Y otro muchacho hacen unos días cayó del tren y su cuerpo fue partido en dos. Entonces son cosas que ellos nunca imaginaron que iban a conocer e iban a mirar. Entonces los llenan de miedo, porque ellos dicen “soy joven, tengo mi familia”, tal vez no tienen hijos, pero tienen sus papás, sus mamás sus hermanos. Y vinieron arriesgar su vida por un sueño que en la verdad es una pesadilla. Ya con esto que han visto mejor se quieren retornar al país. Porque realmente esto está bien difícil, bien difícil. Yo les decía a ellos que sí que tuvieran cuidado, que no se confiaran, porque también esa es otra de las consecuencias de que ellos son violentados en sus derechos porque se confían demasiado, son jóvenes, sin experiencia, se dejan guiar por cualquier persona, que los engaña, entonces de una u otra son violentados sus derechos humanos, ellos se están exponiendo a las consecuencias de la ruta migratoria. Entonces aún en ese tema en ese sentido hay que trabajar mucho con la sociedad hondureña, mayoría con los jóvenes

porque allá sacan el sexto [série escolar] y su siguiente paso es estar en México para llegar a los Estados Unidos. No se dedican a estudiar, porque no hay oportunidades, no hay educación tampoco, no pueden ir a estudiar porque dependen de algún tipo de ayuda para poder terminar sus estudios entonces lo más fácil es venirse para acá porque también trabajan sus tierras, viven en zonas rurales, pero cuando producen, no pueden vender, porque se los quieren pagar a un precio muy bajo. Entonces tampoco hay trabajo de campo para ellos, porque no les lo que ellos realmente han invertido, el tiempo, el dinero, entonces, no ven otra opción ellos que poder migrarse para Estados Unidos y poder ofrecer una mejor calidad de vida a sus papás, y a sus hermanos y sus familias.

Perguntei então o que dizem os que já estão nos EUA para os jovens de Honduras.

¡Te digo que ellos también hacen mal porque no cuentan la realidad! La mayoría de los hondureños que están en Estados Unidos se van a esclavizar allá. Van a trabajar, a trabajar, a trabajar, no tienen tampoco la accesibilidad de poder ir a salir, como en su país, de poder compartir con sus familias, porque también son personas que no están legales pues, también son migrantes pues si los agarran los deportan, y los deportan así sin nada! Allí en el aeropuerto en Honduras, hay unos que llegan con chancletas, otros con calzonetas, ¡porque todo lo dejan! Todo lo que hayan invertido, lo han dejado allá. Se han afanado mucho en la vanidad, en el alcohol, porque es súper barato, unos han contado a nosotros, que “aquí la vida es loca”. Entonces ellos dicen “no, que bonito, quien bien es conseguir dinero”, que eso, que el otro, pero cuando vienen a Honduras ven la realidad, que sus casas están todavía pobres, que no han cuidado de sus familias, y se vuelven a arriesgan y aun así es más complicado, porque los tiempos ya no son iguales. Entonces de una u otra manera ellos venden una imagen, que es falsa. Y que la mayoría de los jóvenes se atraen, porque “buenos zapatos, buenas camisas, buenas chumpas” por mejorar a otro estilo de vida pues, pero realmente no es. No les cuentan la verdad. Los riesgos, las consecuencias tienen que asumir. Porque la decisión la tomaron ellos. ¿Entiendes? Entonces te digo que es bien complicado, porque ellos se exponen, cuando vienen en el camino ya ven la realidad. Entonces están entre dos puntos: “me regreso, o sigo, va, lo intento”. Entonces, ahí es una lucha para ellos porque, para voltear a su pueblo, decirles que “no pude”, “es burlan de mí”, “no conseguí nada”, “vine a perder mi tiempo”. O entonces se quedan aquí en México, a trabajar solamente para poder comer, para poder tener un espacio, pero no pueden ver a sus familias. Y poco a poco va perdiendo el amor, se van haciendo más fríos, entonces también no se comunican con sus familias porque les da pena, les da vergüenza, de que tenían un sueño y no pudieron cumplir. Pero realmente digo que eso no puede, que se regresen, que tengan la valentía y el coraje de decir, “lo voy a intentar en el país sí no pude en esta ruta”, hacer un esfuerzo para poder, por lo menos compartir con su familia, que no estén solos, que no anden pidiendo en la calle, que no se pierdan en las drogas, porque también hemos encontrado muchos casos de hondureños que se han metido en la droga, en el alcohol, por lo mismo, pues, porque han visto sus sueños frustrados, y prefieren tener una vida así, que volver a su país.

Perguntei o que ela sente quando percebe a expressão de um jovem que está sem vontade de viver e frustrado. Ela respondeu que é triste, e se sente impotente, porque, ao mesmo tempo que gostaria de ajudar, chamar-lhe para voltar para Honduras, eles dizem que não há condições

de viver. Eles também se sentem mal emocionalmente, ao ver tantas coisas, e que voltem sem nada, que nem o governo do México nem o de Honduras façam algo diante de tanta morte e tanto sequestro. Nossa conversa continua. Ela comenta que há inclusive estudantes universitários que se arriscam a fazer a rota, porque também não há emprego para eles e é uma luta trabalhar e estudar. E termina seu relato com um caso particular:

Hay un caso en Honduras el año pasado, de un muchacho que estaba estudiando el cuarto año de Medicina, y era urbanista, y era constructor. Y él también ya había visto la situación de la universidad, que le pedían tantas cosas que no podía cubrir. E iba haciendo su casa, que humildemente, pobrementemente, iba sacando adelante. Empezaron a construir la casa pero no la terminaron porque él no podía conseguir un préstamo. Él se arriesgó en venirse para acá. Le dijo a la mamá que le había salido un trabajo en México. Y que iba a trabajar, y que iba a ayudar, “mira mamá, me van a pagar todo, me van dar el hotel, me van dar la casa, me van dar alimentación, voy a ganar bien”. Con eso engaño a la mamá y se vino. Él venía a hacer la ruta, pues. Él se había casado con una muchacha y tenía la muchacha embarazada, entonces, al tener la muchacha era otro gasto, que no tenía, no sabía cómo cubrir, porque no había trabajo. Y así vino hacer la ruta y lamentablemente a los seis días se perdió la vida, porque el tren lo rebató.

Por que o relato de Karla é tão importante? Porque revela o universal através do particular. Falando do caso de Honduras, descreve os mecanismos pelos quais o sonho da migração é construído socialmente nos jovens, como único projeto de vida depois que terminam uma fase de seus estudos. Também está presente no relato o papel das redes, quando os hondurenhos que já estão nos EUA dizem para os jovens que vão para lá, que há trabalho, e que encontrarão apoios na rota do México. Toda a boa imagem que passam da vida nos EUA cai por terra quando são deportados e chegam ao aeroporto de Honduras com chinelos e bermudas, deixando tudo para trás, mas alimentando o sonho de retornar aos EUA porque em Honduras encontram o mesmo estado de carências que havia deixado antes. Estranham sua terra natal. Também fica claro no relato que o fetichismo do consumo (poder comprar roupas de marca) encobre o aspecto dos riscos que compreendem a travessia, e o fato de que ali nos EUA estão privados do contato com suas famílias. Sem ter clareza dos riscos que vão enfrentar na travessia, os jovens se deparam com dois caminhos: voltar ou seguir, sendo que, se voltam, terão de suportar a pressão social, os comentários sobre a desonra da frustração e do fracasso.

Diante da frustração, de não ter podido realizar um sonho, ou mesmo diante da mecanização da vida do imigrante, que deixa de justificar seu projeto de vida nas raízes da sua terra natal e na família e se torna frio e voltado apenas para o trabalho, percebe-se a neutralização do ser social.

O mito da *elghorba*, relatado por Sayad para a migração da Argélia para a França, se repete em Honduras, com certas particularidades. A fala de que “não há trabalho” se repete em todos os relatos que justificam a emigração ao pintar uma terra sem oportunidades. É difícil, porém, para o imigrante nos EUA, perceber sua condição como um “exílio”, porque, ainda que estejam ali para “se escravizar”, as possibilidades de consumo e diversões fazem os imigrantes desejar aquela vida, principalmente os mais jovens. Isso faz com que passem a estranhar a sua terra natal, para a qual, em geral, não querem voltar. Mesmo estando “presos na escuridão”, eles continuam representando os EUA como um projeto de vida viável, e os jovens que querem emigrar continuam acreditando. A melancolia e a obsessão pela volta ao passado não aparecem, salvo quando estão diante do fracasso (como quando a rota migratória é frustrada), e então os jovens chegam a dizer que a única coisa que lhes resta é voltar para suas terras e trabalhar no campo. De qualquer forma, os sujeitos ficam enredados numa contradição em que tampouco veem a vida no campo como um projeto de vida definitivo, de maneira que a emigração volta a surgir como realidade, seja porque o sujeito tenta novamente ir aos EUA, seja porque, estando em Honduras, carrega consigo o fracasso de não haver realizado um sonho sempre latente.

Essa percepção de como funcionam os mecanismos que conformam a emigração como um fato social coletivo está no centro da resposta a um dos problemas desta tese, que é a indagação sobre o porquê de as pessoas continuarem emigrando, mesmo diante do quadro de violência no trânsito pelo México.

Diferentemente da situação apresentada por Sayad, aqui é a migração de trânsito que está no centro da questão. Afinal, a frustração dos cinco jovens não se referia diretamente à vida nos EUA, mas ainda em relação a não saber o que iriam passar na travessia. A frustração do seu projeto e a desonra do regresso involuntário não é devido a uma deportação, mas de uma busca, por parte deles mesmos, de virem à tona e pedir apoio para voltar ao seu país.

Os cinco jovens que entrevistei falaram pouco, precisamente pelo estado emocional em que se encontravam e pela frustração da qual estavam tomados. Mas suas falas deixam clara essa opção pela volta ao que tinham antes (o trabalho no campo e o cuidado de suas famílias). Ao materializar que toda a imagem que tinham sobre a viagem era falsa, os jovens se mostram decididos a voltar e dizer a verdade para os demais: “a experiência da realidade da emigração vem desmentir a ilusão e restabelecer a *elghorba* em sua verdade original” (SAYAD, 1998, p. 44).

Será que esses mesmos fenômenos se passam também no caso da emigração brasileira para os EUA? É o que analisarei no próximo capítulo.

La Jaula de Oro

Los Tigres del Norte

Aquí estoy establecido
en los Estados Unidos
muchos años tengo ya
que me vine de mojado
papeles no he arreglado
sigo siendo un ilegal
tengo a mi esposa y mis hijos
que me los traje muy chicos
y se han olvidado ya
de mi México querido
del que yo nunca me olvido
y no puedo regresar.

De que me sirve el dinero
si estoy como prisionero
dentro de esta gran prisión
cuando me acuerdo hasta lloro
y aunque la jaula sea de oro
no deja de ser prisión.

Mis hijos no hablan conmigo
otro idioma han aprendido
y olvidaron el español
piensan como americanos
niegan que son mexicanos
aunque tengan mi color.

De mi trabajo a mi casa
yo no se lo que me pasa
aunque soy hombre de hogar
casi no salgo a la calle
pues tengo miedo que me hallen
y me puedan deportar.

De que me sirve el dinero
si estoy como prisionero
dentro de esta gran prisión
cuando me acuerdo hasta lloro
y aunque la jaula sea de oro
no deja de ser prisión.

CAPÍTULO 3

A EMIGRAÇÃO BRASILEIRA PARA OS EUA

1. Construção do cenário

Assim como outros países do continente americano, o Brasil é visto mais como um país de imigrantes que de emigrantes (MARGOLIS, 2013). São lembrados os imigrantes europeus, que vieram trabalhar nas frentes agrícolas e estabelecer comunidades na segunda metade do século XIX, e, mais recentemente os fluxos de imigrantes vindos de outros países da América do Sul e também os haitianos. Isso responde pela incipiência dos estudos sobre a emigração brasileira, refletindo num déficit na agenda nacional, já que, como ressalta Vainer (1995, p. 43), “pensar nossa imigração supõe a capacidade de pensar nossa própria condição nacional como condição de estrangeiro – o emigrado daqui é o imigrado de lá”. A imigração e a emigração compreendem um só sistema de percepção do estrangeiro.

A partir da década de 1980, o quadro da migração líquida no Brasil começou a se inverter. Se é verdade que, devido à perseguição política das décadas de 1960 e 1970, muitos ativistas, artistas e intelectuais que deixaram o país para se exilar no estrangeiro, o cenário de crise econômica da década seguinte fez surgir os “exilados da crise” (ASSIS, 2002), uma massa crescente de emigrantes brasileiros.

Os fatores que desencadearam essa onda de emigração podem ser assim resumidos (SALES, 2008): fatores econômicos externos (crise iniciada nos anos 70); fatores econômico-sociais internos (a “década perdida”, planos econômicos fracassados, etc.); fatores políticos internos (a desilusão com a chamada redemocratização); fatores culturais externos (a visão dos EUA como país de oportunidades).

Na economia brasileira, a crise dos anos 80, empurrada pela crise mundial, foi a cobrança do saldo deixado pelas aventuras financeiras do chamado milagre econômico. Na situação mundial, o efeito dominó sobre várias economias refletiu sobre o Brasil com o fracasso do Plano Cruzado. O período de 1987 a 1989, que Sales (2008) chama de triênio da desilusão, compreendeu um pico de emigração. Os anos 90 seguiram em descenso, com a passagem de Collor e o confisco das poupanças. Ao fator político (desencantamento com as promessas da chamada redemocratização) se associou à projeção ideológica dos EUA como terra de oportunidades. As insatisfações com a “década perdida” se manifestaram de maneira individual nas pessoas, provocando razões e convicções para emigrar: hiperinflação, perda do poder

aquisitivo dos salários, desemprego e subemprego, alto custo de vida: “emigrar tornava-se cada vez mais uma saída do tipo ‘não tenho nada a perder’” (MARGOLIS, 2013, p. 23).

Tudo isso está inserido no contexto da globalização. Ou seja, ao mesmo tempo em que existiram vários fatores específicos que desencadearam a onda migratória dos anos 1980, o Brasil deu entrada na era da globalização, onde os fluxos migrantes internacionais (imigração e emigração) têm lugar central. Para Patarra (2008, p. 300), esse fator vai mais além das consequências específicas da chamada década perdida no Brasil:

Ao contrário de algumas análises conjunturais que associavam a saída de brasileiros à década perdida (anos 1980) ou à conjuntura do Governo Collor, foi se configurando uma nova questão social como inerente à nova etapa da globalização e que, portanto, a emigração de brasileiros tinha “vindo para ficar”.

O fluxo teve prosseguimento nos anos seguintes, em razão das mesmas condições – que vão tendo aspectos particulares em cada período – e também de razão da reprodução das redes sociais que foram se formando gradativamente entre os imigrantes que já estavam no exterior e seus laços sociais entre os que haviam ficado no Brasil.

Nos anos 2000, a emigração de brasileiros para os EUA continuou aumentando, e a rota de migração de trânsito pelo México se consolidou. Em 2005, o Congresso Nacional brasileiro instalou a CPMI da Emigração, e o México suspendeu unilateralmente o acordo de isenção de vistos com o Brasil. As notícias dos brasileiros presos pela patrulha fronteiriça dos EUA trouxeram à agenda política, por um curto espaço de tempo, o problema da emigração de brasileiros para aquele país.

Em 2008 os imigrantes brasileiros foram afetados com a depressão econômica nos Estados Unidos. Ela colocou em relevância dois processos complementares: o retorno para o Brasil e a aparente diminuição dos fluxos de emigração, que todavia não pode ser comprovada, já que a emigração se dá principalmente de forma indocumentada.

A crise que começou no setor imobiliário dos EUA afetou diretamente os imigrantes, tanto por não conseguirem pagar os juros colossais dos financiamentos, quando pelo desemprego (redução drástica nas oportunidades de trabalho na construção civil e na limpeza de casas, por exemplo) – comprovando a regra segundo a qual “se uma crise na origem é um dos componentes do crescimento do fluxo, uma crise no destino também provoca um retorno mais intenso” (SIQUEIRA, 2009, p. 147).

A crise foi se tornando uma bola de neve, porque, se, por um lado, as prestações das casas foram subindo exasperadamente, por outro lado, a perda de oportunidades de trabalho foi

tornando ainda mais minguadas as possibilidades de pagamento. Seguindo-se a isso, os imigrantes tiveram de assumir condições de vida ainda mais precárias, até decidir por fim retornar ao Brasil. “Todos viram seus sonhos serem frustrados, alguns conseguiram regressar e ter uma renda nas cidades de origem, mas a grande maioria afirma que o retorno não desejado torna ainda mais difícil a readaptação” (SIQUEIRA, 2009, p. 157).

1.1. Dados da emigração brasileira para os Estados Unidos

O Brasil está inserido nos mapas da emigração indocumentada, embora essa questão não esteja colocada na agenda político-social do país da mesma maneira que está colocada em países como o México e países da América Central. A população brasileira residindo nos Estados Unidos é um dado pouco solidificado. Conforme o IBGE (2011, p. 55),

O volume de brasileiros no exterior é uma das questões mais controversas quando o tema migrações internacionais é abordado. As cifras sobre a presença de nacionais vivendo no estrangeiro variam de forma significativa, dependendo da fonte de onde se originam as estimativas.

Para o Censo Demográfico de 2010, apenas 116.915 brasileiros estariam vivendo nos Estados Unidos. Esta informação, porém, é bastante limitada, pois é feita a partir das declarações dos familiares que ficaram no Brasil, na pesquisa por amostragem de domicílios. Essas limitações já eram previstas pelo IBGE (2011, p. 56) antes da divulgação dos resultados:

Algumas limitações que surgem de imediato é o da possibilidade de todas as pessoas que residiam em determinado domicílio terem emigrado ou que aquelas que ficaram em território brasileiro tenham vindo a falecer. Além disso, pessoas que fizeram o movimento rumo ao exterior há muito tempo podem ser desconsideradas. A ocorrência desses fatores implica necessariamente na omissão de emigrantes internacionais.

A Organização Internacional para as Migrações admite as dificuldades na quantificação das migrações internacionais, por fatores como a migração irregular o carácter fragmentado e obsoleto das fontes. Utiliza informações dos censos demográficos como parâmetro para seus dados, mas, quando trata da emigração de brasileiros, reconhece os limites dos dados censitários:

Levantamentos utilizando dados censitários nem sempre fornecem estimativas confiáveis sobre o volume de migrantes no país de destino (Goza, 2004). No caso do Brasil, a situação não é diferente. Ademais, como o fenômeno da emigração internacional é fato recente na história do país, não havia, até então, a preocupação especial de mensurar e controlar os fluxos de saída do território nacional. (OIM, 2009, p. 15)

Ainda assim, persistem as dificuldades pelo fato de que os dados são estimados a partir de registros administrativos, excluindo, portanto, a enorme massa dos imigrantes que nunca figuraram numa instância administrativa.

A CPMI da Emigração do Congresso Nacional (2006) também reconhece os problemas da variação nos dados sobre brasileiros residindo no exterior, assim como as falhas nos métodos e a diversidade das fontes, pelo que, como parte de suas recomendações, chama atenção para a necessidade de os institutos oficiais qualificarem empiricamente suas informações.

Sobre a dificuldade em contabilizar os brasileiros residindo nos EUA, para além dos problemas nos métodos de contagem, Margolis (2013) acrescenta o elemento de uma construção identitária vaga e ambígua. A pouca visibilidade das comunidades brasileiras se daria ao fato de estar sua identidade diluída entre as dos “hispanos”, que são os outros latino-americanos, o que é rejeitado pelos próprios brasileiros. Além disso, há elementos relativos que dificultam os laços entre a comunidade, como o preconceito de classe e região de origem, a desunião e a desconfiança, bem como a relativa pouca participação em organizações comunitárias de base devido a uma percepção da sua permanência no país como provisória - aspecto que Sayad (1998) relata com clarividência.

Diante dessas questões, a estimativa mais completa – e mais utilizada pelos pesquisadores e autoridades que trabalham o tema – é feita pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), que, a partir de 2008, passou a divulgar a publicação “Brasileiros no mundo – Estimativas”. Os dados são feitos a partir de estimativas fornecidas pela repartição consular brasileira de cada país, não contando apenas com registros administrativos, mas com levantamentos de organizações não-governamentais e pesquisas conduzidas pela mídia. Em razão da variabilidade desses dados, a publicação de 2008 fornecia a maior e a menor estimativa, bem como as estimativas dos postos (embaixadas e consulados) a partir dos registros administrativos. Com esse método, a maior estimativa de brasileiros residindo nos Estados Unidos ficou em 1.528.307, e a menor estimativa em 872.715. A estimativa dos postos ficou em 1.278.650. Os Estados Unidos são o principal país de destino dos emigrantes brasileiros, respondendo por uma fração entre 40,90% e 42,37% do total de brasileiros residindo no exterior.

Na segunda edição da publicação, o MRE (2009), embora contando com o mesmo método, passou a trazer apenas uma estimativa para cada país. O número de brasileiros nos Estados Unidos era de 1.280.000, representando 42% do total de brasileiros no exterior. Embora o número seja sensivelmente menor que a maior estimativa de 2008, não há elementos

suficientes para fazer uma evolução comparativa dos dados. A própria publicação ressalta que os dados não são diretamente comparáveis com os dados da edição anterior.

A terceira edição (MRE, 2011) apresenta 1.388.000 brasileiros residindo nos Estados Unidos, 44,44% do total de brasileiros no exterior. No ano seguinte o número foi estimado 1.066.559, ou 41,87% do total de brasileiros no exterior (MRE, 2012).

Há muitas limitações à análise estatística dos dados apresentados, por se basearem métodos diversos de constatação, estimativas variáveis e por não haver um critério de comparação entre os dados de cada ano. Além disso, o próprio MRE (2012) faz a ressalva de que grande parte dos brasileiros se encontram em situação migratória irregular e evitam submeter-se a sondagens e censos, ou mesmo matricular-se nas repartições consulares. Em 2006, 55% dos brasileiros no exterior se encontravam em situação migratória irregular (MARINUCCI, 2008); Os brasileiros indocumentados nos EUA representavam 57,4% do total de imigrantes brasileiros em 2004 (SIQUEIRA, 2009) e 63% em 2007 (MARGOLIS, 2013).

Ainda assim, os dados são significativos, pois expõem que os Estados Unidos são o principal destino dos emigrantes brasileiros, e indicam que a população brasileira residindo nos EUA permaneceu volumosa após a crise de 2008, não houve uma redução drástica dessa população, como se poderia artificialmente deduzir.

Em relação ao total da população brasileira, pode ser considerado um número ínfimo (aproximadamente 0,53% da população), o que contrasta com dados de países mais marcados historicamente pela migração para os Estados Unidos. Por exemplo, os 12.951.000 mexicanos residentes no EUA perfazem 10,8% da população do país de origem, e os 930.000 guatemaltecos e 551.000 hondurenhos perfazem 6% da população dos respectivos países de origem. Porém, tomando-se o número absoluto de brasileiros residentes nos Estados Unidos, pode-se considerar uma população significativa, superior ao número de hondurenhos ou guatemaltecos, por exemplo. O Brasil pode ser considerado sim um país de emigração, como mostra Margolis (2013, p. 29):

Deixar o Brasil – para tentar uma vida melhor em outro país – não é mais uma decisão isolada, tomada por alguns indivíduos ou um pequeno grupo de pessoas. Ao contrário, é uma tendência social. Embora a emigração atinja apenas entre 1% e 2% dos cerca de 200 milhões que compõem a população do Brasil, isso significa um deslocamento de um grande número de pessoas.

Outro indicador relevante é o saldo migratório (também chamado de migração líquida), tomado pela subtração do número dos que saíram pelo número de pessoas que entraram num país – com carácter migratório – em um determinado período. Se o saldo migratório de um país

é negativo, significa que saíram mais pessoas que entraram. Esse indicador é importante para caracterizar o perfil de um país, o papel que desempenha nos fluxos migratórios mundiais (se é um país de recepção ou de envio de migrantes). Dependendo do montante negativo, o dado pode revelar uma diáspora populacional. Há países que tanto recebem quanto enviam migrantes na mesma intensidade. Nesses casos, o saldo fica próximo de zero.

O saldo migratório do Brasil tem se mostrado negativo desde a década de 80, o que mostra que o país passou definitivamente, de um país de imigrantes, para um país de emigrantes. Abaixo seguem os saldos migratórios do Brasil a cada 5 anos, de 1982 a 2012:

1982	1987	1992	1997	2002	2007	2012
- 16000	- 92000	- 99.999	- 100002	- 499999	- 499999	- 190000

Fonte: The World Bank Group, 2014. Disponível em:
<<http://data.worldbank.org/indicator/SM.POP.NETM/>>

Verifica-se que o saldo migratório atingiu seus pontos mais altos em 2002 e 2007. No ano mais recente (2012), ainda que tenha havido uma queda substancial, segue superior ao saldo de 1997. O fato é que um número relevante de brasileiros continua optando por viver em outro país, apesar do mito de que o Brasil seria um país de imigrantes.

1.2. Perfis do emigrante brasileiro

A emigração brasileira para os EUA é predominantemente indocumentada, e faz parte de uma onda migratória com contexto histórico próprio, seja pelos fatores mundiais – a migração internacional como fenômeno essencial da globalização, no determinado contexto da crise do capitalismo e da reestruturação produtiva (PATARRA, 2005) – seja pelos fatores internos – surgimento das redes de migração laboral a partir da década de 80.

Os brasileiros decidem morar fora do país por várias razões. Entre elas estão o estudo ou atividade acadêmica, o exercício de ministério religioso, a atividade artística, o desempenho de trabalho altamente qualificado, a realização de negócios de alto valor. Todas essas razões, porém, são minoritárias em relação à razão predominante e que desencadeou a onda migratória a partir dos anos 80, que é o progresso econômico ao preencher uma fração do mercado de trabalho estadunidense formada para os trabalhadores sem qualificação e estrangeiros. Faz parte dessa mesma lógica a pessoa que viaja para se juntar a um membro da família que já está trabalhando nos EUA. Este é, portanto, o perfil de emigrante que mais se enquadra no objeto

desta tese, e que confirma a percepção de Sayad (1998) de que a condição de imigrante e trabalhador sem qualificação coexistem na mesma pessoa.

Embora não haja dados oficiais, há várias construções de perfis dos emigrantes brasileiros, a partir de pesquisas acadêmicas (SIQUEIRA, 2009; MARGOLIS, 2013; BRAGA MARTES, 1999) e da análise de registros administrativos de pessoas deportadas ou inadmitidas (MARINUCCI, FARIAS e SANTIN, 2009). Em 2009, o CEAM/UnB e o CSEM analisaram 37.079 questionários de brasileiros deportados e inadmitidos, tomados pela Polícia Federal entre 2003 e 2008. O pico de repatriações (71,3%) foi nos anos de 2004 (13.276 questionários) e 2005 (13.156 questionários).

Em relação à condição socioeconômica no seu local de origem, Margolis (2013) aponta uma variação entre as primeiras levas de emigrantes nos anos 80 e as que foram chegando depois, devido ao comportamento das redes sociais: elas amadurecem e se expandem, de modo que cada migrante que vai provoca uma redução dos custos (econômicos e sociais) para um emigrante futuro. Isso produz um fenômeno interessante, que é a diversificação dos perfis socioeconômicos: as redes “ajudam a criar um perfil demográfico do migrante que passa a refletir, cada vez mais, a população do lugar de origem” (MARGOLIS, 2013, p. 66). Essa diversificação foi constatada pelos autores que analisam o histórico da emigração em Governador Valadares (ASSIS, 2002), já que primeiro foram os “pioneiros”, e depois o fluxo se massificou.

A comunidade imigrante, enquanto se diversificava, reproduzia as contradições sociais e preconceitos, inclusive regionais, que existem dentro do Brasil. Assim, Margolis (2013) relata o preconceito de paulistas e cariocas, auto-representados como sofisticados, em relação aos mineiros e goianos, representados por eles como caipiras. As diferenças de classe social “têm como referência divisões que já existem no Brasil: práticas do passado são recontextualizadas e papéis sociais são criados para seguir hierarquias sociais preexistentes que determinam as posições ‘inferiores’ e ‘superiores’” (BRAGA MARTES *apud* MARGOLIS, 2013, p. 208).

Dentro de um certo grupo de migrantes que desempenham uma mesma atividade, normalmente marcada pelo status migratório irregular, nota-se um relativo nivelamento devido a todos suportarem em comum as vicissitudes da condição de imigrante.

Os níveis de solidariedade dentro da comunidade brasileira alternam entre um individualismo que forma um discurso de desunião e desconfiança e uma união reforçada por frequentarem as mesmas igrejas, por associações informais com base em interesses econômicos comuns e também por organizações de base comunitária. Em que pese a “ladainha de

reclamações, a maioria esmagadora conta com o apoio mútuo para suplantar os múltiplos obstáculos da vida de imigrante” (MARGOLIS, 2013, p. 26).

Quanto às regiões de origem, há uma variação histórica. Nos primeiros fluxos, a maioria dos migrantes eram mineiros, seguidos de paulistas e cariocas. Outros estados do sudeste e sul, como Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Paraná, também apareciam, e destacando-se, de maneira especial, a cidade de Criciúma, em Santa Catarina. Ao final da década de 90 e durante os anos 2000, o fluxo se diversificou. Os mineiros, que eram 40%, passaram a ser não mais que um quarto, e ganharam espaço as pessoas vindas do centro e norte do país: Goiás, Bahia, Roraima e Rondônia.

Nos questionários da Polícia Federal (CAMPOS; VASCONCELOS, 2009), 36,5% eram nascidos em Minas Gerais, 12,6% em Goiás, 8,2% em São Paulo, 7,6% no Paraná, 5,6% no Pará e 4,1% do Espírito Santo. Quanto ao estado de residência antes da emigração, a tendência se repete: 38,9% de Minas Gerais, 14,9% de Goiás, 11,1% de São Paulo, 7% do Paraná, 5,1% do Espírito Santo e 2,5% do Pará.

Com os dados por cidades, é possível identificar cidades que se tornaram polos de envio de migrantes – o que acaba ficando obscurecido na tomada de dados por unidade da federação. Assim, 3,8% eram nascidos em Governador Valadares, 3,5% em Goiânia, 2,7% em São Paulo, 2,4% em Belo Horizonte. Interessante a participação da cidade de Anápolis, em 1,2% dos questionários. Quanto à cidade de residência antes de emigrar, a informação é reveladora: Goiânia, com 6%, supera Governador Valadares, com 4,5% dos questionários. A cidade de São Paulo aparece com 3,8%, e Belo Horizonte com 3,2%.

Volto a destacar, aqui, que os dados se referem a uma série histórica de 37.079 questionários de deportados e inadmitidos tomados entre 2003 e 2008, sem distinção dentro desse período. A constatação de que Goiânia supera Governador Valadares quanto à última residência do migrante deve ser tomada como uma tendência relativa a uma das fontes de dados consultadas. Além disso, não se trata de uma proporção relativa à população total do município, mas sim relativa aos demais municípios que constam dos relatórios. Nesse método, municípios de pequeno porte voltados quase integralmente à emigração tendem a ficar obscurecidos, pois podem ter um baixo número absoluto ainda que tenha uma elevada proporção de emigrantes sobre a população total. Até mesmo a cidade de Criciúma-SC, um dos mais importantes pólos de envio de migrantes aos EUA, fica obscurecida nesse dado.

Baseados nos dados do Censo Demográfico de 2010, Siqueira e Santos (2012) mostram que os municípios de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Goiânia, Curitiba e Salvador, nessa ordem, superam Governador Valadares, em número absoluto de emigrantes

internacionais. Porém, em números relativos à população total do município, o Censo evidencia que “todos os dez municípios com maior proporção de emigrantes internacionais – considerando o número de imigrantes por grupo de mil habitantes – se localizam nas proximidades de Governador Valadares” (SIQUEIRA; SANTOS, 2012, p. 29). Sobrália é o município que possui o maior número de emigrantes por mil habitantes (88,85), sendo seguido por São Geraldo da Piedade (67,67) e Fernandes Tourinho (64,69). Sardoá, Gonzaga, Nova Belém, Santa Efigênia de Minas, Goiabeira, Conselheiro Pena e Engenheiro Caldas completam a lista de municípios.

Outro marcador de região é a separação cidade-campo – que também sofre alteração ao longo da consolidação dos fluxos. Se os primeiros migrantes vinham de centros urbanos, os anos seguintes tiveram uma presença maior de pessoas de regiões rurais, o que põe em cheque a visão de que as pessoas primeiro fariam o circuito da migração interna (do campo para a cidade) para depois sair do país.

Em relação ao gênero, também há uma mudança com o processo de consolidação das redes. Os primeiros migrantes eram homens, jovens e solteiros (ASSIS, 2002; MARGOLIS, 2013). Com o tempo, pais de família também iam, quando a migração já era tratada como uma estratégia familiar de ampliação da renda. As primeiras mulheres emigrantes iam com seus maridos ou iam depois para juntarem-se a eles, na perspectiva da reunificação familiar. Nos anos 90 as mulheres começam a ir de maneira autônoma, sendo a maior parte solteiras, divorciadas ou viúvas. Por fim, observaram-se mudanças nos papéis sociais de gênero e conflitos interfamiliares decorrentes dessas mudanças. As mulheres assumem o protagonismo do projeto migratório, se servindo melhor das redes de parentesco (SIQUEIRA, 2009). As mulheres têm seu capital social aumentado após a migração, conquistam independência financeira e assumem papéis diferentes na relação com o homem, inclusive na distribuição das tarefas domésticas (MARGOLIS, 2013).

Em 2004, 48,9% eram homens, e 51,1% eram mulheres. 61% eram casados e 58% estavam na faixa etária entre 20 e 40 anos (SIQUEIRA, 2009). Nos questionários da Polícia Federal (CAMPOS; VASCONCELOS, 2009), 68,2% eram mulheres. Em relação às faixas etárias, 52,1% tinham entre 18 e 29 anos e 30% tinham entre 30 e 39 anos, ou seja, 82,1% eram jovens e adultos em idade economicamente ativa.

Em relação às atividades laborais exercidas pelos imigrantes brasileiros, incide também marcadores de gênero. A atividade por excelência das mulheres é o chamado *house cleaning* (limpeza de casas), juntamente com outras atividades domésticas, como cuidadoras e babás. O *house cleaning* tem características distintas das faxinas no Brasil. Primeiro, porque há toda uma hierarquia e estratégia de ascensão profissional através da negociação de casas entre as

trabalhadoras, com a formação dos *schedules* (listas de clientes), que indicam qual o seu nível de sucesso profissional e dá a algumas a oportunidade de passar de trabalhadoras a administradoras (as que alcançam um grande *schedule* têm condição de delegar casas a outras). Segundo, porque a relação entre dona (ou dono) da casa e limpadora, nos EUA, assume, em geral, um carácter distinto da relação no Brasil – mais impessoal e assegurando à trabalhadora que pudesse fazer o seu trabalho rapidamente, sem ficar à disposição do patrão, permitindo limpar várias casas num só dia.

Quanto aos serviços exercidos pelos homens, há uma diversificação, embora a maior parte esteja relacionada à construção civil: montagem e manutenção de casas e jardinagem. Em outras regiões, predomina o trabalho em restaurantes. A atividade predominante varia conforme a região:

São lavadores de pratos, atendentes de saúde domiciliares, faxineiros de escritórios e pintores de parede em Boston; paisagistas em Danbury, Connecticut; vendedores ambulantes, garçons de restaurantes e motoristas de carros de aluguel em Nova York; e lavadores de automóveis e manobristas no sul da Flórida. (MARGOLIS, 2013, p. 43)

Na amostragem de Siqueira (2009), sem distinguir o gênero, 27% dos imigrantes trabalhavam na construção civil, 16,3% como *house cleaner*, 12,1% como *baby-sitter* (babás), 9,5% em *delivery* (entregadores). A maioria (58,9%) trabalhava de 6 a 10 horas por dia e 33% tinha dois empregos.

2. Estudo de caso: a região de Governador Valadares

Ainda que a emigração brasileira tenha se espalhado por todo o país, a região de Governador Valadares, no leste de Minas Gerais, é paradigmática quanto à emigração, especialmente para os EUA (SIQUEIRA, 2009; MARGOLIS, 2013; SALES, 2008; PATARRA, 2005; ASSIS, 2002).

No planejamento de minha pesquisa, resolvi concentrar minha atividade de campo no Brasil nessa região, tomada como um ambiente integral de investigação. Compreendendo a sua caracterização socioeconômica, eu poderia formular uma explicação sistemática sobre as causas da emigração. Além disso, ao contrário do restante do país, a migração internacional está presente, de maneira central, nos ambientes acadêmico e político.

Em certas localidades, pelo comportamento próprio das redes sociais, forma-se uma “cultura de migrar para o exterior” (MARGOLIS, 2013), que integra a representação dessa localidade. Isso aconteceu em Governador Valadares:

Devido ao grande fluxo de valadarenses para o exterior, principalmente para os Estados Unidos, a emigração extrapolou as vidas dos emigrantes, passando a fazer parte da vida cotidiana da cidade [...] Além disso, não é raro encontrar duas senhoras conversando num supermercado sobre os filhos que estão nos Estados Unidos - se casaram ou não, como vai o trabalho, os dólares - como se emigrar fosse uma experiência “natural”, como se os Estados Unidos não fossem a 8.000 milhas de distância. (ASSIS, 2002, p. 11)

O município de Governador Valadares, situado no leste de Minas Gerais, é parte da Microrregião de Governador Valadares e da mesorregião do Vale do Rio Doce. Possui uma população de 263.689 habitantes e uma densidade demográfica de 112,58 habitantes por km². É o polo urbano da microrregião e também de outras microrregiões colindadas, como a microrregião de Guanhães, onde estão os municípios de Gonzaga, Sardoá e Santa Efigênia de Minas, três municípios marcados pela emigração e por episódios de violência contra migrantes e que possuem carácter predominantemente rural, com densidade demográfica de 28,28, 39,42 e 34,86 habitantes por km², respectivamente. Independentemente das definições cartográficas oficiais, utilizarei a expressão “região de Governador Valadares” para designar o polo urbano do município de Governador Valadares e os municípios de carácter predominantemente rural que satelizam esse polo.

Em relação ao estado de Minas Gerais e ao país, a região sempre foi periférica e voltada para a economia agroextrativista. A Estrada de Ferro Vitória Minas (EFVM), da companhia Vale S.A., que liga Belo Horizonte a Vitória, ainda em funcionamento, evidencia o papel da região no extrativismo mineral. Esse papel remonta ao começo do século XX, quando investidores internacionais adquiriram extensas propriedades no leste de Minas Gerais, especialmente em Itabira, destinadas à extração de minério de ferro (hematita), fundando o *Brazilian Hematite Syndicate*, que depois foi integralmente adquirido pelo empresário estadunidense Percival Farquhar, fundando a *Itabira Iron Ore Company*, em 1911.

Em 1942, Getúlio Vargas celebrou o Acordo de Washington, visando o fornecimento de minério de ferro e mica (um tipo especial de mineral utilizado inclusive na indústria bélica) para os países aliados na Segunda Guerra Mundial. Do arranjo foi criada a Companhia Vale do Rio Doce, que “tinha o objetivo de extrair, transportar e embarcar o minério de Itabira [...] para os Estados Unidos e para a Inglaterra, durante o período de três anos, a um preço bastante inferior ao de mercado” (MELLO; DE PAULA, 2000, p. 624).

Outras atividades extrativas estiveram presentes na região desde o começo do século XX, como a madeira e o carvão vegetal. Na década de 30, o distrito de Figueira do Rio Doce, hoje Governador Valadares, foi transformado em entreposto comercial e ponto de partida das

matérias primas levadas até o Porto de Vitória/ES, através da estrada de ferro, além de se tornar o centro operacional da produção da mica brasileira. A característica de “entroncamento rodoferroviário, transformando-se em centro regional de prestação de serviços, comercialização e distribuição de produtos” (ASSIS, 2002, p. 37) provocou a chegada de ondas migratórias internas e de estrangeiros, dando à cidade intenso crescimento econômico e populacional.

A chegada de técnicos e empresários estadunidenses para trabalhar nos centros operacionais da produção extrativista, juntamente com a ampliação da Estrada de Ferro Vitória Minas, são a “explicação mais provável para o fluxo posterior de valadarenses para os Estados Unidos” (ASSIS, 2002, p. 42).

Como parte dos acordos internacionais estavam investimentos em infraestrutura, com a criação de serviço de saúde, rede de esgoto e tratamento de água. Devido à presença dos funcionários estadunidenses, tais investimentos, como o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), eram a eles creditados, pelo imaginário popular.

A pesquisa das fontes revelou que esta influência se deu especialmente no aspecto subjetivo, não resultando, naquele momento, num fluxo migratório de brasileiros para os EUA. A influência causada pela presença dos funcionários estadunidenses foi no sentido de possibilitar a “criação no imaginário popular da ideia sobre os Estados Unidos como um lugar de grandes oportunidades e riquezas” (SIQUEIRA; ASSIS; CAMPOS, 2010a, p. 3). Moradores dessa época relataram o impacto cultural do contato com os estadunidenses:

Naquela época, um dólar eram 19,00 cruzeiros. Eu engraxava um sapato a 1,50 cruzeiros. Eles, os americanos, davam um dólar e não pediam o troco, pediam para comprar cigarro ou jornal e não pegavam o troco, a gente pensava que o dólar era fácil de ganhar. (ASSIS, 2002, p. 44)

Esse depoimento, dado por um jovem morador da época, mostra o impacto cultural e a inserção do dólar no mercado interno, em sua disparidade com a moeda local, gerando uma visão fetichizada de que possuir dólares era uma saída para alcançar poder econômico, e de que o dólar era um símbolo do ganho de dinheiro fácil. “Na memória destes valadarenses, a lembrança dos americanos está relacionada ao progresso, a melhoria das condições de vida, a ganhar dólar” (ASSIS, 2002, p. 44). Essas memórias estavam preenchidas por imagens do status socioeconômico que os estadunidenses da região possuíam, o formato em estilo “americano” das suas casas de madeira, construídas no “Acampamento da Vale”, a língua diferente que falavam. Uma imaginação sobre a “América” estava em formação, e lançava a ideia de emigrar.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a decadência do mercado da mica, a presença dos estadunidenses foi interrompida, e a região experimentou um declínio da atividade

extrativista. A atividade mineradora se transferiu para o Vale do Aço, cujo polo está em Ipatinga. A atividade econômica se concentrou, na zona urbana, no setor terciário, e, na zona rural, na pecuária e na agricultura de subsistência.

Pesquisa realizada por Siqueira, Assis e Campos (2010b) constatou que, terminadas as obras da ampliação da estrada de ferro e com o declínio da mica, os técnicos e engenheiros estadunidenses partiram, mas um permaneceu, e, com sua esposa (uma portuguesa que conhecera no norte do país) fundaram uma escola de inglês e iniciaram atividades do *Rotary Club*. Na década de 1960, alunos da escola iniciaram intercâmbios. Um participante do programa de intercâmbios percebeu a possibilidade de ganhar dinheiro e trouxe a notícia: em 1964, os primeiros 17 jovens emigraram para os EUA. Os autores da pesquisa mostram que cada um deles foram pontos iniciais da rede migratória.

Eram jovens do sexo masculino com um perfil socioeconômico acima da média da população, que, embora com formação escolar elevada e condições razoáveis de sobrevivência, encontraram facilidades para viajar em grupos de amigos aos Estados Unidos e ali descobriram a possibilidade de, dedicando-se a trabalhar em serviços precários, como funcionários de restaurante, auxiliares de escritório, etc., juntar, no prazo de um ano ou dois, dinheiro suficiente para abrir um investimento seguro e rentável na sua terra natal. Ainda não havia a crise que abalou os EUA a partir da década de 70, marcada pela crise do petróleo em 1973. Alguns desses “pioneiros” tornaram personagens conhecidos da cultura valadarense, por terem se tornado empresários exitosos e, em alguns casos, políticos notórios.

Ao retornarem, não só davam o exemplo concreto do progresso (os seus investimentos exitosos), como também disseminavam o imaginário da “América” como um fator que lhes agregava capital social. Um informante de Assis (2002, p. 50) mostra que, na mesma época em que chegavam retornados dos Estados Unidos, chegavam também os que retornavam de outras regiões do Brasil, como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Essas cidades, porém, não ofereciam o mesmo atrativo e curiosidade dos demais moradores. Algo a mais despertava o interesse sobre aqueles que contavam de suas peripécias no “primeiro mundo”:

[Os que chegavam de outras cidades brasileiras] não contaram vantagem alguma, em comparação com aqueles que chegavam com carro novo, chegavam falando diferente, tinham andado de metrô, eles não traziam um tênis novo e nem falavam o nome dos artistas de cinema com a pronúncia correta para impressionar os outros, nem compravam um carrão. Então o que, esse cara de Belo Horizonte e que teve em BH estudando ou trabalhando em Rio e São Paulo, tem para acrescentar? Nada, absolutamente nada, é comum. A realidade é essa, eu, cheguei do Rio em 56, nunca ninguém perguntou: ‘Ah é? E como é que é a sua vida?’ Ninguém queria saber de onde eu era. Mas, o cara chegava dos Estados Unidos sentava no bar, ali na Broadway (barzinho

da cidade que já chamava Broadway), e contava assim: - “Ah, eu peguei o *subway*”, o cara perguntava: - “*Subway?*” Ele dizia: - “É, metrô”. - “Como é que é? Eu posso pega ele?” Aí, o sujeito pedia: “traz o uísque aí”...[e os causos rolavam]. Aí a simbologia foi criada. (*apud* ASSIS, 2002, p. 509)

Essa subjetividade da migração nos coloca de frente com e suas reflexões de Sayad (1998), que mostra como os relatos dos que retornam do exterior geram uma subjetividade autônoma, um mito sobre a terra de exílio, que faz o jovem desejar emigrar a qualquer custo; autônoma, porque não expressa desinteressadamente uma realidade, mas sim, relata os fatos enviesados pelo seu interesse em sustentar um capital social desde o princípio buscado.

Para os que foram na década de 1960, estavam operando mais fatores de atração que de expulsão. Já na década de 1980, o que motivou a emigração, juntamente com a cultura de emigrar para o exterior formada tempos antes, foi a crise brasileira como fator de expulsão. Na região de Governador Valadares, a crise atingiu as perspectivas profissionais e econômicas dos jovens, já que a economia, baseada nos setores primário (pecuária e agricultura de pequeno porte) e terciário, não oferecia plenas condições de subsistência. Emigrar seria uma saída bastante viável, e, no caso dessa região, as redes com cidades dos Estados Unidos já existiam de maneira preliminar.

Quando a crise econômica se aprofundou na década de 80, a partida de valadarenses para os Estados Unidos tornou-se significativa, por que já fazia parte de nossa subjetividade esta possibilidade: a utopia americana. Já conhecíamos as oportunidades de emprego, onde ficar e possuímos pessoas para nos ajudar, por isso a escolha dos Estados Unidos. (ASSIS, 2002, p. 45)

Essas redes de migração que colocaram Valadares no ponto de partida contaram também com a utilização de mecanismos, estratégias e empreendimentos para viabilizar a chegada e permanência do emigrante no seu destino. “Criou-se uma ampla rede de relações em Governador Valadares, que envolve companhias de turismo, despachantes, doleiros e redes de parentesco que se articulam nos Estados Unidos numa verdadeira corrente migratória” (ASSIS, 2002, p. 51) – mecanismos que aponto como a origem das redes de agenciamento de migrantes que foram se formando (os cônsules e intermediários que facilitavam a viagem, inicialmente como despachantes, agências de turismo, etc.). Essa corrente reconfigurou as relações socioeconômicas na cidade, que passaram a se basear, quase totalmente, naquilo que se recebia dos migrantes nos Estados Unidos. Agências de turismo e até mesmo casas de materiais de construção e lanchonetes passaram a prestar serviços de intermediários para que o dinheiro enviado pelos migrantes chegasse até os seus familiares. Nos cartórios da cidade, aumentaram os casos de casamentos e divórcios por procuração, e os advogados também se adaptaram a

essas novas condições. Comércio como lanchonetes, salões de beleza e academias de ginástica passaram a oferecer seus serviços (comidas, cortes e treinamentos físicos) baseados em padrões estadunidenses. O setor de construção civil sofreu uma implosão, devido às construções feitas com dinheiro dos migrantes:

Em meados da década 80, a indústria da construção civil foi intensificada em função da expansão da migração de valadarenses para os Estados Unidos, pois os emigrantes passaram a enviar dólares às suas famílias para a construção de casas e apartamentos. As remessas de dólares deram à construção civil um dinamismo que durante a década de 80, um período de crise no Brasil, permitiram que este setor gerasse empregos e movimentasse, junto com as agências de Turismo, a vida econômica da cidade.” (ASSIS, 2002, p. 39).

Ao mesmo tempo, é nesse período, mais precisamente em decorrência do ciclo de acumulação capitalista iniciado em resposta à crise do petróleo de 1973, que os Estados Unidos começam a regular os fluxos migratórios, criar restrições à regularização da força de trabalho estrangeira, e controlar as fronteiras. Esse fator contribui para constituir Governador Valadares como linha de frente da emigração brasileira indocumentada para os Estados Unidos, já que as mencionadas redes que viabilizam a migração (agências de turismo, despachantes, doleiros, etc.), se conformaram criando mecanismos para responder às barreiras colocadas à migração.

Num primeiro momento, bastava o emigrante tirar o visto de turista e, uma vez nos EUA, exceder o prazo de permanência autorizada. Num segundo momento, são criadas restrições maiores para a concessão do visto, quando surge a questão dos passaportes montados e da passagem pelo México como alternativas. Esses mecanismos, ao serem conhecidos pelas autoridades consulares e policiais, iniciaram um círculo vicioso de estigma sobre os habitantes de Governador Valadares: os valadarenses supostamente falsificam os documentos para ir aos Estados Unidos porque seus pedidos de vistos são negados; os seus pedidos de vistos são negados porque eles supostamente falsificam documentos.

A pesquisa demográfica de Weber Soares (1995) mostra os fluxos de emigração de valadarenses de 1960 até 1994. Do total de 27.210 valadarenses que emigraram no mencionado período, 22.312 tinham os EUA como destino, isto é, 82% do total. Há um número razoável de emigrantes entre 1960 e 1979 (o período dos “pioneiros”), mas a partir de 1980 há um salto. O maior fluxo é entre 1985 e 1989, o que coincide com os dados de Teresa Sales (2008) sobre a emigração em nível nacional.

Número de emigrantes valadarenses (1960-1994)

Período	Número de emigrantes
1960 a 1969	462
1970 a 1974	1.007
1975 a 1979	816
1980 a 1984	4.082
1985 a 1989	11.864
1990 a 1994	5.360
Período ignorado	1.714
Não forneceu informações	1.905
Total	27.210

(SOARES, 1995)

Após 1995, o fluxo prosseguiu intensamente, mesmo depois de setembro de 2001, com o aumento do controle das fronteiras e da violência nos marcos da Política de Segurança Nacional de George W. Bush. Um novo pico foi atingido 2004/2005, quando estava vigente o acordo de isenção de vistos com o México. Depois de 2006 e até o presente, mesmo tendo diminuído o volume, a emigração não cessa (SIQUEIRA, 2009).

O agravamento da crise econômica nos EUA, gestada em 2006 e 2007 pelos créditos de alto risco no mercado imobiliário e implodida em 2008, pôs em evidência o problema do retorno, que atingiu a região de maneira particular. Isso porque, diferentemente do resto do país, parte significativa do dinheiro circulante em Valadares era proveniente das remessas. Com a crise, os migrantes retornavam ou, mesmo permanecendo, deixam de ter condições de enviar dinheiro para o Brasil. A retirada desse dinheiro agravou a crise dentro da própria cidade. Além disso, outro desajuste econômico e social foi causado com a chegada dos retornados, que tinham dificuldade em adaptar-se à terra natal, seja no sentido individual sócio-afetivo, seja no sentido profissional. Muitos, inclusive, perderam toda sua poupança fazendo investimentos em comércios e empresas que se tornaram inexitosos (SIQUEIRA, 2009).

Ao lado das influências socioculturais lançadas com a presença de empresários estadunidenses na década de 40, a situação paradigmática da região de Governador Valadares na emigração para os Estados Unidos deve ser explicada pelos fatores estruturais. Para Sousa e Dias (2010), a região sempre foi marcada por atividades econômicas predatórias, ciclos exploratórios não sustentáveis, que não geram bases produtivas sólidas: o extrativismo de madeira, o extrativismo mineral, a pecuária, os dólares da emigração.

Tudo isso contribuiu para formar uma identidade desterritorializada, e um consenso de que se trata de uma terra sem oportunidades. Isso foi confirmado nas entrevistas, já que os sujeitos atribuem sua decisão de migrar ao fato de não haver oportunidades profissionais, não

só pela ausência de atividades econômicas sustentáveis além do comércio, como também pela oferta deficiente de ensino superior.

3. O significado do rural na emigração. A Cabília brasileira

O cenário da terra natal do livro de Sayad (1998) é uma região agrária da Argélia, na Cabília, que o migrante relata como uma terra sem oportunidades onde, mesmo tendo se tornado um “felá”, uma relação servil ligada ao trabalho no campo, não prosperou e viu a emigração como a única saída. Ele “pertence à geração de jovens camponeses que não possuem outra perspectiva de futuro, e, inicialmente, outra ambição além de partir” (SAYAD, 1998, p. 38). As formas tradicionais da agricultura levavam a região para um estado de permanente crise econômica e social, resultando na desagregação da comunidade rural.

A maior parte dos migrantes que entrevistei nas casas de migrantes no México, originários da Guatemala, de Honduras e de El Salvador, disseram que trabalhavam no campo, e o que recebiam era muito pouco para poderem prosperar, além da desvalorização da moeda. De um deles ouvi um relato extenso sobre a produção de bananas em Honduras. Me explicou a intensidade do trabalho e a diferença entre o que recebia e o preço final do produto, e que o valor que recebia mal dava para pagar uma refeição por dia. Os migrantes cujas entrevistas aparecem no capítulo anterior também trabalhavam originariamente no campo.

No Brasil, os migrantes que entrevistei e que foram no contexto da onda migratória posterior à década de 1980, eram originários tanto do campo como de bairros de periferia da cidade. Os jovens Juliard e Hermínio, vítimas do massacre dos 72 migrantes no México em 2010, viviam em áreas rurais. Suas famílias apontaram como razões para a emigração a falta de perspectivas na agricultura.

A pesquisa de campo na cidade de Governador Valadares me ofereceu alguma dificuldade na busca das pessoas que haviam retornado dos EUA – pelo menos não era da maneira que se idealiza a cidade estando fora (o senso comum pode levar à imagem de que todos na cidade já moraram nos EUA). Convivi com vários jovens, estudantes e empregados do comércio local, e entre eles não constatei uma “cultura de migrar para o exterior”. A maior percepção da influência da migração no ambiente social se deu no bairro Santa Rita, onde encontrei vários migrantes retornados, além das casas construídas em estilo estadunidense e a presença de signos em referência aos EUA nos comércios, como Sueli Siqueira (2009) mostra em seus trabalhos.

Ao conversar com informantes-chave (por exemplo, os servidores da prefeitura do município) em busca de contatos para novas entrevistas, muito sugeriram que eu fosse para as cidades próximas, pois lá é que as pessoas continuavam emigrando. Peguei o ônibus e viajei por duas horas até chegar à cidade de Santa Efigênia de Minas, que colinda com as cidades de Sardoá e Gonzaga. Ali que encontrei uma realidade bem diferente da cidade de Governador Valadares.

O que estou a demonstrar é que a percepção da emigração como fato social coletivo tem particularidades quando se trata de regiões urbanas ou rurais, primeiro porque a estrutura social e econômica é distinta, e segundo pela forma como a rede social exerce um peso maior sobre as regiões rurais. Há razões tangíveis para a constatação de que uma cultura de migrar para o exterior encontra mais fertilidade em regiões rurais (incluindo pequenos municípios) que em centros urbanos.

Para dar conta dessa percepção, é preciso relacionar as bases teóricas das migrações internacionais com as bases teóricas das migrações internas. Afinal, o conhecimento das condições estruturais e socioculturais que implicam na migração campo-cidade pode ser aplicado nas migrações internacionais, gerando uma migração campo-cidade estrangeira, dependendo de como se desenvolvem as redes sociais. Em outras palavras, as mesmas razões histórico-estruturais que levam à migração interna campo-cidade pode levar à migração para o exterior, quando o sujeito encontra facilidades preexistentes no país de destino e quando se forma, na região de origem, uma cultura de emigrar para o exterior, ou, em outras palavras, a construção social da emigração como projeto de vida.

A problemática da migração campo-cidade, em perspectiva histórico-estrutural, se dá num contexto de decomposição da estrutura agrária, com os efeitos apresentados por Oliveira e Stern (1972, p. 36):

La descomposición de la estructura agraria, originada por la persistencia del sistema tradicional de tenencia de la tierra y agravada por la presión demográfica, aunada a los límites de la industrialización impuestos fundamentalmente por la propia situación periférica y dependiente de las economías latinoamericanas respecto a los países “centrales”, acentúan los desequilibrios regionales y rural-urbanos, provocando la concentración acelerada de la población en las aglomeraciones existentes, sin que se logre su completa inserción en la estructura productiva urbana.

Em outras palavras, a permanência das relações tradicionais de propriedade da terra e as particularidades da industrialização periférica geram um quadro de deslocamento social da

população camponesa, em que não lhe é dada a possibilidade nem de progredir na agricultura nem de ser absorvida pelo mercado de trabalho urbano. Essa relação contraditória amarra mais ainda os indivíduos nas cadeias de exploração e atraso social, pois a única opção que lhe é dada é se submeter a condições de trabalho abaixo do nível de sobrevivência.

Em minha pesquisa, tanto no México quanto no Brasil, conheci muitas histórias de vida de jovens que decidiram emigrar porque era a única maneira de se livrar dessas cadeias. Suas opções eram: trabalhar muito na roça ou trabalhar muito nos EUA. A primeira opção representava uma vida de trabalhar intensamente para um fazendeiro, recebendo apenas o mínimo para sobrevivência e envelhecendo com o mesmo destino de seus pais, como no trabalho empírico de Alves (2013, p. 182): “o trabalho na roça (capinar, roçar, tombar lenha, cuidar de gado...) é recusado, sobretudo pelas condições desfavoráveis, por ser um trabalho pesado, por não ser valorizado e por ter que acordar muito cedo e trabalhar no sol durante todo o dia”. A segunda opção representava, além de conhecer um mundo novo, ver o fruto do seu trabalho materializado no dinheiro excedente que poderia ser enviado ao Brasil para fazer algo que jamais poderiam fazer se tivessem ficado (construir uma casa ou um comércio, comprar bens de consumo duráveis, etc.).

A emigração é aqui apresentada como um projeto de mudança social no âmbito da família - o que dá ao relato do migrante um conteúdo heroico e altruísta. Acontece, porém, que o mecanismo próprio da exploração do trabalho do imigrante fará com que, na maior parte das vezes, esse “dinheiro que se vê” também desapareça, retornando o migrante à sua condição inicial, ou a uma condição pior, em certos aspectos já relatados nesse trabalho (a perda dos laços familiares, o sentimento de fracasso, o esfriamento da vida, o esvaziamento do ser social).

Outro caminho para analisar os fatores estruturais geradores da emigração, reforçando a categoria de mudança social, é a sociologia da modernização (GERMANI, 1971), mostrando como uma região tradicional é impactada pelo contato com uma região modernizada e gerando um processo de mobilização psicológica no indivíduo. Na sociedade tradicional, a realização social do indivíduo é limitada pelas seguintes contingências: (a) no âmbito geográfico, circunscrição a pequenas comunidades; (b) nas esferas de atividade, relativo isolamento econômico e alijamento das decisões políticas; (c) no âmbito do conhecimento, privação dos bens materiais e imateriais da cultura da sociedade global.

O processo de transição se dá em quatro etapas: (1) a integração de uma sociedade tradicional a uma sociedade moderna, lançando um canal de influência; (2) o desencadeamento de fatores desagregadores na sociedade tradicional; (3) o surgimento de sociedades duais, em

que coexistem os dois tipos; e (4) a mobilização social para regiões em processo de modernização.

A constituição de uma onda migratória é antecedida por fatores de desagregação das formas de coesão social na sociedade de origem (por exemplo, o grau de concentração da propriedade fundiária), e, ao mesmo tempo, da penetração, nessa sociedade, de traços (culturais e econômicos), da sociedade de destino. A desagregação social frustra objetivos e expectativas, sobretudo aquelas voltadas para a sobrevivência e a ascensão social; essas expectativas, por outro lado, são projetadas para fora da sociedade de origem, para aquelas sociedades que, ali mesmo, são mostradas como superiores e avançadas.

As determinações da decisão de migrar se passam em três níveis, reciprocamente condicionados: nível ambiental, que equivale propriamente à estrutura socioeconômica; nível normativo, que diz respeito a regras, valores e papéis pelos quais o sujeito mede as possibilidades e consequências de sua ação – onde poderíamos incluir o papel do Estado como gerador de práticas sociais; e o nível psicossocial, que distingue a ação dos indivíduos frente ao nível normativo.

Quando acontece a desintegração da estrutura tradicional e a penetração de elementos da estrutura moderna, surgem desequilíbrios entre os níveis ambiental, psicossocial e normativo dessa sociedade. Parte dos indivíduos entra em um nível psicossocial descompassado dos níveis ambiental e normativo, rompendo a normalidade. Em outras palavras, o nível psicossocial, em regra, é afetado mais rapidamente pela modernização que os outros dois níveis. Isso desencadeia o processo de mobilização, em seus aspectos psicológico e objetivo. Embora os dois aspectos sejam simultâneos, a mobilização psicológica em regra se manifesta antes da ação objetiva, e se caracteriza como propensão dos sujeitos em restabelecer o equilíbrio do nível psicossocial com os níveis ambiental e normativo, o que só pode ocorrer de duas formas: internamente, com mudança da estrutura, ou pela emigração para a sociedade tida como moderna.

As observações acima se harmonizam com os motores sociais da emigração na sociedade de origem apontados por Sayad (1998), que aprofunda mais no mecanismo psicossocial de reprodução da ilusão constitutiva do processo migratório. O cenário da “aldeia”

[...] é uma “comunidade rural em plena desagregação e na qual, sob influência de diversos fatores (e principalmente a emigração com todas as suas consequências, que não são apenas econômicas), não são somente as tarefas agrícolas tradicionais, cuja obsolescência e inanidade são descobertas, que vão sendo cada vez mais abandonadas: é toda a mentalidade camponesa que vai

sendo seriamente modificada e todos os antigos valores que vão sendo vencidos. (SAYAD, 1998, p. 38-39).

Seja sob o olhar histórico-estrutural, seja sob o olhar da sociologia da modernização, seja sob o olhar da sociologia reflexiva, as estruturas sociais que constatei no município de Santa Efigênia, em Minas Gerais traduzem na prática os problemas teóricos observados. Através da observação participante e de entrevistas em profundidade, afirmo, figurativamente, que encontrei ali uma Cabília brasileira, que não teria encontrado se tivesse ficado apenas no município de Governador Valadares.

Um estudo importante que se concentra sobre a zona rural da região de Governador Valadares é o de Maria Zenaide Alves (2013), que trata dos projetos de vida dos jovens estudantes do ensino médio de São Geraldo da Piedade, a 60 Km de Governador Valadares. Os elementos de transnacionalidade na consciência social e nas práticas sociais desses jovens são marcantes nesse trabalho e se aproximam muito das minhas constatações no campo. São Geraldo da Piedade, em vários aspectos, é muito parecida com as cidades que visitei. A começar pelo estilo das casas construídas com dinheiro da imigração, inspiradas nas casas estadunidenses:

As casas coloniais, de dois pavimentos, são o grande sonho de consumo. Essa é uma característica muito forte nos municípios da região, ou seja, os casarões luxuosos, construídos e decorados com o que há de mais moderno na indústria moveleira e na construção civil. (ALVES, 2013, p. 124)

Tal aspecto também é observado por Siqueira (2009), mostrando como a migração se tornou um signo de êxito pessoal e familiar, que precisa ser socialmente reproduzido, ainda que seja apenas pela aparência, para que os sujeitos possam manter suas posições na sociedade (ou manter a posição social que eles representam reflexivamente).

A circulação de produtos de consumo enviados pelos imigrantes aos seus familiares também é uma marca desses municípios. Como observa Alves (2013), os jovens não precisavam ir aos *shoppings* dos grandes centros urbanos, para comprar produtos de marca originais.

Os exemplos de migração para o exterior introduzem no ideário de muitos jovens algo positivo que eles não teriam de outra forma, que é o contato com outras culturas e o desejo de romper, em certa medida, com as relações restritas e rígidas próprias das cidades pequenas. Me refiro à transnacionalidade de que fala Alves (2013) e à bifocalidade de que fala Vertovec (2006). Há, porém, um choque com o retorno à realidade do lugar de onde vieram.

Em minhas duas viagens a Santa Efigênia, fui recebido por Cecília, 52 anos, que residiu nos EUA por sete anos e meio, e chegou lá passando pelo México. Em 2012, onze membros de

sua família, incluindo suas filhas, residiam no exterior. Por 10 dias, convivi com vizinhos, amigos e familiares dela, em visitas, na cidade e na “roça”, almoços e confraternizações. E conversei com figuras públicas da cidade, como o padre e o prefeito. Observei em profundidade dilemas familiares causados pela emigração, como os efeitos da presença-ausência de um pai migrante na vida de uma criança. Testemunhei conflitos entre jovens, também relacionados com a emigração.

Mesmo com muito bons resultados, minha inserção no local não foi fácil. Como em qualquer cidade pequena, a chegada de um desconhecido gerava desconfiança e estranhamento, que acabavam bloqueando o canal necessário para obter informações. Eu tinha um dilema sobre qual seria a melhor estratégia para conhecer o lugar: se deveria tornar minha presença discreta ou pública e ostensiva. Optei por uma posição intermediária: minha presença era ostensiva entre as pessoas do círculo de relações de Cecília, e discreta para aqueles aos quais eu ainda não havia sido apresentado. De todas as maneiras, minha apresentação como pesquisador pouco expressava o significado devido. Na reação dos interlocutores, parecia que pouco importava que fosse um olhar sociológico, que fosse uma pesquisa de doutorado, e em qual universidade. Parecia que dizer que estava ali para “fazer uma pesquisa” não era suficiente para justificar minha presença. Mesmo não tendo nunca ocultado minhas intenções, eu acabava sendo apresentado como “advogado” ou “amigo da família”.

Há um outro aspecto que complicava minha presença, que é o fato de que a cidade não estava impactada apenas pelos aspectos socioculturais gerais da emigração, mas também pelo aspecto da violência contra migrantes. A maior parte das pessoas que tinham ido para os EUA foram pelo México, e experimentaram direta ou indiretamente situações de violência, até mesmo casos de sequestros e de morte de familiares. Ao entrevistar essas pessoas, percebi uma tendência, desde a própria construção do ambiente da entrevista, em falar de outros assuntos e evitar que eu chegasse ao âmago da questão. E por isso elas resistiam em representar e justificar minha presença como pesquisador. Enfim, não sendo uma pessoa da sua intimidade, eu não estaria autorizado, num primeiro momento, a me intrometer em dramas familiares dessa natureza. Por outro lado, havia em outros momentos um clima de medo, já que eu poderia ser alguém com intenções policiais. Vale lembrar que as pessoas que intermediam a viagem indocumentada para os EUA são pessoas próximas, as quais nunca conheci nem era meu objetivo, porém é possível que haja surgido alguma desconfiança em relação a isso. Aos poucos, a construção de relações de confiança foi permitindo a realização do trabalho sociológico.

Então, retomando a questão, por quê eu afirmei que Santa Efigênia seria uma Cabília brasileira, fazendo referência ao trabalho de Sayad (1998)? Porque há muitas semelhanças com

as perspectivas de vida dos jovens de determinada classe social da região diante das condições estruturais e da subjetividade socialmente construída. A emigração aparece como o sinal máximo de êxito, a permanência como sinal de fracasso, e o retorno como sinal de fracasso ainda maior.

Em uma longa conversa com o Padre Geraldo, pároco da cidade, esses aspectos ficaram detalhados. Os jovens vão porque “têm um desejo muito grande da riqueza”, e apostam mais no dinheiro da migração que numa formação escolar e profissional sólida. Por outro lado a cidade não lhes oferece nenhuma oportunidade:

Você estuda, tira seu ensino fundamental, ou você vai para o exterior ou então você vai pras cidades grandes. Tirou o ensino fundamental você não tem mais nenhum sonho mais pra você realizar dentro da sua cidade. Ou você vai pra Belo Horizonte, vai pra São Paulo, vai para o Rio. Ou então você fica aqui, então, trabalhando pela prefeitura. Que não é pra todo mundo pois depende muito de questões de troca de prefeito. E não existem muitas universidades nessa região. As que existem aqui são a maioria absoluta, tudo é particular. Tem uns cursos técnicos do Senai, do Senac... Mais em Valadares, né, cidade pequena não tem. E não tem as facilidades dos jovens poderem ir pras cidades. Ou conseguem por meio próprio, ou então tem de se humilhar pedindo a vereador... alguma condução.

O padre aponta também que não há indústria na região, que é um fator que poderia absorver a mão de obra dos jovens, retomando as bases teóricas acima sobre a industrialização contraditória.

Parece que o governo tem a tendência de esvaziar o interior e de encher as cidades. A parte de universidade, a parte intelectual de cultura: grandes cidades. Quem mantém as cidades grandes são as cidades pequenas, acabou as cidades pequenas, acabou tudo. E principalmente dentro das cidades pequenas aqueles que estão trabalhando na zona rural. Não tem incentivo. [...] Não tem indústria. A mineração fica no Vale do Aço em direção a Itabira. No Vale do Rio Doce, é mais na parte da agropecuária, a parte de grandes fazendas. A parte do leite. Valadares praticamente é servida pelo dólar que vem de fora, e pelos grandes fazendeiros. Grandes terras de Valadares, na parte da agropecuária, em direção a leite e a carne. Ou trabalha pra prefeitura ou... não tem incentivo do governo pros pequenos proprietários ficarem na sua terra. Não tem incentivo nenhum. Hoje, aqui mesmo na região nossa, região rural, eu fico triste demais, quando fico sabendo que pessoas aqui da cidade vão em Valadares pra comprar chuchu! Pra comprar abóbora. Não planta, não tem incentivo de plantar. Essa nossa região tem fartura da água e da terra. Agora precisa ter uma parte da técnica do plantio.

Trata-se de uma região “abandonada”:

Principalmente subindo aqui, no Leste de Minas, no Vale do Jequitinhonha, é região abandonada. Até no Vale do Aço tem uma presença do Estado. O Vale

do Rio Doce em direção ao Espírito Santo, você descendo o Vale do Rio Doce, tudo é abandono. Tem plantação nenhuma, tudo é gado. Grandes fazendas.

E em relação à formação sociocultural dos jovens, o padre também não vê perspectiva, apenas um vazio existencial:

E também a cidade não facilita um jornal, uma televisão, um rádio, um livro... não facilita. Se não me engano nós não temos uma biblioteca pública. Já estou com mais de anos que estou aqui. Tem jornal esses assim pequenininhos, que a prefeitura manda fazer de propaganda. Falando só sobre eles. Só isso. Precisa de coisa concretas. De lazer, de estudo, de família, não tem. Nós não temos uma parte de lazer em momento nenhum. O lazer dos nossos jovens é sentar numa pracinha e jogar conversa fiada. E vai droga entrando, usar droga.

As falas do Padre Geraldo esclarecem muitas coisas sobre a região, refletindo dados que encontrei por outras fontes de pesquisa. Ao inserir vários assuntos em torno do mesmo tema – os impactos da migração na região – dá uma ideia de como o fenômeno é complexo e incidente na totalidade da vida social. Sua narrativa começa com a desilusão ou abismo entre as expectativas dos jovens com a emigração e o que encontram na realidade até o processo de retorno. Revelam-se também as carências da região, ao não oferecer condições materiais e uma educação voltada para a realidade, fazendo com que os jovens tenham a emigração como alternativa. A região não oferece oportunidades de formação educacional, nem alternativas de lazer, nem indústria, não há apoio técnico para a produção de subsistência, só resta na perspectiva dos jovens um emprego na prefeitura, que depende da relação do prefeito com sua família, ou trabalhar com pagamentos mínimos para grandes fazendeiros. Ao lado disso, a cidade, mesmo sendo pequena, tem problemas graves de violência e uso de drogas, com formação de gangues, territorialização da distribuição da droga, assassinatos bárbaros e violência policial.

A fala mostra que a emigração não é uma decisão meramente individual, ela é construída e justificada pela precariedade estrutural da região, ao mesmo tempo em que é apresentada como uma ilusão. Há um sonho, e ao mesmo tempo uma frustração.

Eles vão com uma perspectiva muito grande de sonho e voltam frustrados, por não conseguirem nada. E quando, aqueles que conseguem qualquer coisa na América, e vêm trazendo algum dinheirinho, com pouco tempo eles gastam tudo aquilo! Com carros, casas... com as casas luxuosas, e depois, como é que vai manter esses carros? Como é que vai manter essas casas? Esse dinheiro acaba. A maioria acaba sem emprego, e conforme fica até devendo.

É importante notar também que esse sentido da emigração tem um marcador de classe, já que o jovem de “classe média alta” possuem uma perspectiva de futuro a partir de suas próprias condições materiais:

A maioria é de classe média baixa. Porque aqueles que têm condição financeira um pouquinho melhor, não vão não. Eles preferem ficar nas suas cidades... ou então ir para outros lugares maiores, no Brasil mesmo. Agora aqueles que acha que um pouquinho que têm, que eles vão conseguir mais, que têm esse sonho da América. Ao ponto de vender tudo!

O ideal da emigração é construído coletivamente, de maneira que as famílias dos jovens, em geral, apoiam a sua decisão por não ver outra saída a oferecer:

Os pais praticamente concordam porque eles veem que seus filhos aqui não têm nada. Não têm futuro seus filhos aqui. A maioria, para poder realizar o sonho de um filho, qual pai que não quer que o sonho do seu filho seja realizado, vende as terras, e, na volta do filho, não tendo mais o trabalho na zona rural, vem pras cidades. E na cidade não tem emprego, não tem mais nada pra eles fazer, eles vão pras periferias das pequenas cidades.

Conversei em Sardoá com os pais de Hermínio, um dos jovens assassinados no massacre dos 72 migrantes no México. Suas condições de vida são extremamente simples. Quando lhes perguntei por que seu filho havia decidido ir, eles responderam que era para ter condições de ganhar mais um pouco e ajudar os próprios pais, o que se aproxima muito dos relatos dos migrantes centro-americanos. Sua mãe assim expressou:

O que ele falou foi que tinha muita vontade de ir né, e que tinha conseguido ir, aí disse ele que se Deus quiser que ia chegar lá e ia trabalhar, com fé em Deus, e que depois ia voltar alegre e deixar nós todos alegres. Aí eu falei, vai em frente, que Deus vai te abençoar e você vai ser muito feliz. Aí ele falou, a minha vontade é eu lutar, chegar lá. E eu falei, tá bom, Deus ajudando você chega lá. E, depois deu esse azar que não chegou né...

No mesmo sentido respondeu o pai:

Pra ver se melhorava a situação um pouco. Falava, se Deus quiser vou ganhar dinheiro pra comprar um carro, comprar um terreno. Mas ele tentou ir da primeira vez, ele quis ir mas não deu certo, ele não chegou de sair não. Aí da segunda que nós controlou um dinheiro pra ele poder ir, aconteceu com eles, na estrada né. Mas seja o que Deus quiser né. [...] É porque aqui a pessoa ganhar pra comer e beber faz uma coisinha, né, mas saindo pra fora acontece, às vezes a pessoa tem uma melhora. Mas, saiu não deu certo né...

Mais uma vez, a emigração aparece como construção social em seu duplo aspecto de única saída diante da estrutura social e de ilusão consciente de um sonho irrealizável: “uma vida impossível e inevitável por via da evocação das mentiras inocentes com que se reproduzem as

ilusões sobre a terra de exílio” (BOURDIEU, 1998, p. 11). Aqui aparece o duplo sentido da terra de exílio (*elghorba*): entre as luzes e as trevas, entre a visão idealizada da emigração como fonte de riqueza e ato de emancipação, e a escuridão da distância e do isolamento (SAYAD, 1998). Na Cabília brasileira, a *elghorba* tem uma dimensão especial: a que vai da violência simbólica à violência do massacre, que interrompe a trajetória sem permitir sequer a frustração do retorno. É nesse ponto que surgem perguntas fundamentais desta tese, que são o significado da migração indocumentada e a relação entre violência, crime organizado e Estado. Nos próximos capítulos seguirei discutindo essas relações.

El Muro

Los Tigres del Norte

Oiga señor presidente
Mejor construya un puente
que somos aquí mucha gente
Y gente inteligente

Así como nos ve en el campo
También nos ve en las oficinas
Y usted sabe que nos necesita
En su equipo y hasta en la cocina

O hágale como en España
que han puesto una telaraña
Haciendo entrar en melilla
Lo deciden en la orilla
Pero a veces en camilla
que horror que pesadilla

El muro (el muro, el muro, que duro)
que duro (lo brinca solo el canguro)
Lo brinca solo el canguro

Pay attention
El muro (el muro, el muro que duro)
que duro (lo brinca solo el canguro)
Lo brinca solo el canguro

que quite a sus soldados
que acabo que estos eran nuestros estados
que quite a sus soldados
Por el mundo dispersado

Ya vimos quee en Irak
muchos se están muriendo
Y los que regresan,
regresan destrozados

Al norte de Corea en Israel y en Palestina
Los niños ya no juegan ya no salen ni a la esquina

Y que me dicen del continente africano
Los ríos se están secando
ya no queda ni un pantano
Los pueblos se mueren de hambre
en papera se van al mar
Pero muchos se están ahogando
naufrogan en alta mar

A todos los jefes de estados
Les enviamos este urgente recado
que eduquen a sus pueblos
Para que mejoren sus sueldos

que quiten todos los muros
que se abran las fronteras
que podamos conocernos
Y cambiar nuestras ideas

que cada quien le resé a su diosito
Pa que pelearse si hay tantas religiones
que cada quien elija sus devociones

Respetemos y abramos los corazones
que los muros de la mente
son el peligro inminente

El muro (el muro, el muro que duro)
que duro (lo brinca solo el canguro)
Lo brinca solo el canguro

Yo no quiero muro

CAPÍTULO 4

BRASILEIROS INDOCUMENTADOS

Depois de abordar as origens e as particularidades da emigração brasileira para os EUA, sob a clareza de que ela é, em sua maioria, indocumentada, este capítulo se dedicará mais detidamente à construção social dessa migração indocumentada, ou seja, a construção social da migração como um desvio. Dentro disso, será mostrada como a passagem pelo México foi construída pelas redes sociais e pelas redes de agenciamento como um caminho possível, assim como outras rotas e estratégias de migração e a forma como a CPMI da Emigração do Congresso Nacional (2006) abordou o fenômeno.

1. A construção da migração como desvio

A sociologia do desvio mostra como os delitos, assim como o processo pelo qual certas pessoas são incriminadas por determinadas condutas definidas como crimes, são fruto de uma construção social: “grupos sociais criam desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio, e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como *outsiders*” (BECKER, 2008, p. 22) Há, portanto, razões contextuais para que determinadas pessoas sejam consideradas criminosas, o que não depende exclusivamente de uma determinação legal. Isso é constatado quando as estratégias para a entrada irregular nos EUA vão se tornando mais graves e ilegais quanto mais a autoridade migratória impõe restrições à migração.

A vida social é marcada por um conjunto interminável de condutas que podem passar todo o tempo como algo normal, até que alguém com um interesse particular tome a iniciativa de denunciar uma conduta e, tornando-a pública, move estruturas que levam à imposição de uma regra. Assim: “atos de imposição não decorrem automaticamente da infração de uma regra. A imposição é seletiva, e diferencialmente seletiva entre tipos de pessoa, em diferentes momentos e em diferentes situações” (BECKER, 2008, p. 140). Esse modelo teórico se aplica a um número indeterminado de situações. Resta ver como se aplica ao nosso objeto.

As migrações contemporâneas estão no centro de uma disputa de valores na sociedade. Como as pessoas migram para procurar trabalho, numa marcha natural pela sobrevivência, isso não pode ser considerado um desvio de maneira imanente. Ela é constituída como desvio a partir do momento em que os fluxos migratórios são controlados sob uma dinâmica de seletividade e dentro de mecanismos destinados a precarizar a condição social dos trabalhadores

migrantes facilitando sua exploração e garantindo os lucros necessários à manutenção do sistema capitalista.

Como diz Dauvergne (2008), o sistema globalizado torna as pessoas ilegais ao definir critérios cada vez mais restritivos para lhes reconhecer um status migratório regular. O migrante não é indocumentado devido à prática de um ato que o constitua como tal, mas sim porque é excluído dos filtros da regularidade migratória. O sistema cria ilegalidade ao deslocar as pessoas e impedir que elas se movam para encontrar trabalho (BACON, 2008).

A construção social do sujeito desviante acompanha *pari passu* a construção social do desvio, sendo aquela um reflexo desta. Assim, as políticas restritivas ao trânsito migratório aplicadas pelos EUA constituem uma construção social da migração como desvio e dos migrantes como sujeitos desviantes. As estratégias de migração irregular, incluindo as rotas de trânsito, devem então ser interpretadas como reflexos contidos na construção do migrante como sujeito desviante.

No histórico da emigração partindo de Governador Valadares, as atividades destinadas a driblar o rigor do controle migratório estadunidense não começaram como uma ampla articulação criminal destinada à falsificação de documentos. Elas foram evoluindo conforme evoluíam as restrições da política migratória daquele país. Os migrantes que foram nas primeiras ondas (os “pioneiros” dos anos 60 e 70 e mesmo do começo dos anos 80) em geral não tinham problemas com o *status* migratório. Como esses migrantes possuíam uma posição social relativamente elevada, era fácil obter vistos legais de turistas, através dos Consulados dos EUA no Brasil, assim podiam entrar de maneira regular, embora permanecessem de maneira irregular ao exceder o prazo fixado pela autoridade migratória. Os mecanismos de restrição à imigração, controle de entradas, militarização da fronteira, entre outros, ainda não eram tão estreitos.

As primeiras agências de turismo, assessoria e assistência de viagem e despachantes começaram a atuar na emigração auxiliando os pretensos migrantes a obter o visto de turista e a passagem. Para obter o visto, os candidatos precisam entrar numa lista de agendamento, e preencher um enorme formulário com centenas de perguntas. Não é raro que esses procedimentos sejam delegados a pessoas especializadas – o que já se constitui numa espécie de agenciamento sem que se possa classificá-la como ilegal. Depois, no dia da entrevista, o candidato precisa levar uma série de documentos que o acreditem no perfil desejado pela autoridade migratória. Documentos para demonstrar que os candidatos possuem raízes patrimoniais e sócio-afetivas suficientes no Brasil, a ponto de não querer deixar tudo para se mudar para os EUA. As pessoas que auxiliavam no processo passaram também a orientar a

obtenção desses documentos, podendo ocultar ou falsificar a real condição dos candidatos para convencer a autoridade. Não há, nessas condutas, uma linha clara que separe o legal e o ilegal, porque há, sobretudo, um processo de negociação – ainda que tácito e absolutamente desigual – para obter o visto.

Como o número de solicitações de vistos de turista procedentes da região do leste de Minas Gerais aumentou muito no começo da década de 90, o Consulado passou a restringir ainda mais os critérios de concessão e criar métodos de identificação de migrantes que tentavam se passar por turistas.

Ao mesmo tempo, houve uma diversificação do perfil dos emigrantes, pois, como analisa Margolis (2013), as redes sociais, ao criar bases para que novas pessoas emigrem e ao generalizar uma visão favorável à emigração, tendem a criar um perfil de migrante que reflete cada vez mais a população do lugar de origem. Se, por um lado, os primeiros emigrantes eram pessoas com relativa estabilidade econômica e social, que não tinham problemas para tirar o visto, as ondas seguintes foram marcadas em grande parte por pessoas pobres, que fugiam de condições econômicas adversas no Brasil. Essas pessoas passaram a ser alvo da autoridade migratória, que criou mecanismos de discriminação para classificar os solicitantes.

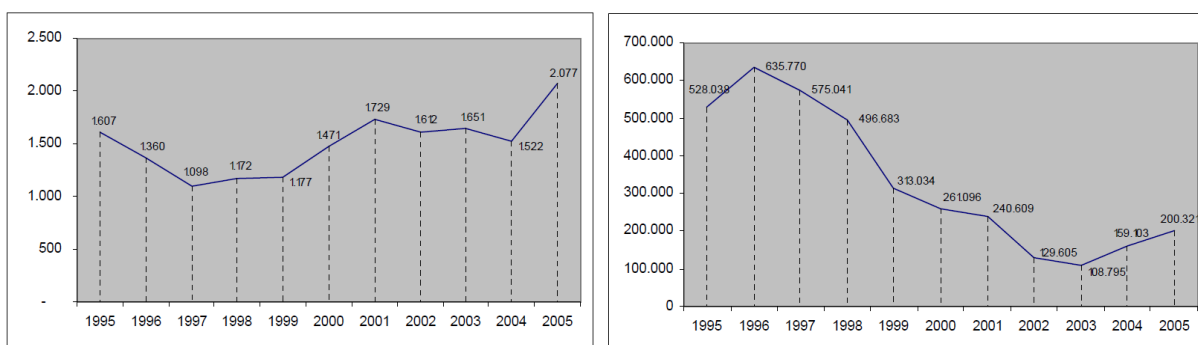
O serviço consular adotava cada vez mais exigências de documentos para demonstrar solvência econômica e raízes sócio-afetivas suficientes para afastar indícios de emigração. Por exemplo, jovens, solteiros e sem emprego fixo se encaixavam no “perfil de imigrante”, que teria o visto negado. Aspectos de aparência, como as roupas, os traços físicos e a forma de falar passaram a ser levados em conta. Margolis (2013) cita o caso de um adolescente campeão de jiu-jitsu, que iria para o Havá disputar os Jogos Pan-Americanos e teve seu visto negado em função da cor da pele. Menciona, ainda, a denúncia feita por um ex-funcionário do Consulado em São Paulo, de que o Departamento de Estado usava um sistema de códigos para praticar a discriminação racial e étnica na concessão seletiva dos vistos. Pessoas não brancas, de determinadas nacionalidades, e jovens entre 18 e 35 anos que não fossem de famílias ricas estariam de plano recusadas. Além disso,

O Departamento de Estado norte-americano, disse ele, tinha um sistema interno de codificação que classificava os brasileiros em cinco grupos: “LP” “looks poor” (“parece pobre”); “LR” “looks rough” (parece rude), para os que davam aparência de baixa escolaridade; “TP” “talks poor” (fala mal), se a pessoa se expressava com dificuldade; “TC” “take care” (tome cuidado), se o indivíduo era considerado suspeito; e “RK” “rich kid” (garoto rico/garota rica). (MARGOLIS, 2013, p. 84)

Segundo o relatório da CPMI da Emigração do Congresso Nacional (2006), as negativas dos vistos de trabalho empurram um enorme número de pessoas para a via irregular, mesmo havendo uma demanda de trabalho a ser preenchida, e expressa em suas recomendações conclusivas:

Manifestar ao governo norte-americano as preocupações desta CPMI no que concerne ao baixo número de vistos da categoria “imigrante” concedidos a brasileiros pelas unidades consulares daquele país, fator que interfere significativamente na escolha da emigração pela via irregular, de modo a estabelecer maior equilíbrio entre oferta e demanda. (CONGRESSO NACIONAL, 2006, p. 534-535).

Os dados da autoridade migratória dos EUA sobre a concessão de vistos aos brasileiros, de “imigrante” e “não-imigrante”, entre 1995 e 2005, mostram um número muito reduzido nos dois casos. No caso do visto de “não-imigrante” (segundo gráfico), onde se incluem os vistos mais comumente solicitados, que são os de turismo, observa-se uma redução progressiva a partir de 1996:



(CONGRESSO NACIONAL, 2006, p. 96)

A origem geográfica do candidato também tem sido utilizada como fator de discriminação. O serviço consular pôs em marcha um círculo vicioso de estigmatização das pessoas procedentes de determinadas regiões, como a cidade de Governador Valadares e outras do estado de Minas Gerais. Ou seja, o visto não era concedido porque pessoas dessas regiões usavam formas ilegais de se mudar para os EUA; por outro lado, essas pessoas usavam essas formas ilegais por não conseguirem o visto.

O fluxo de emigrantes de Valadares que entravam nos EUA como turistas foi crescendo, até que, em 93, já existia uma desconfiança com solicitantes de visto da região de Valadares. Isso significa que começou a ser gerada uma “má-fama” ou preconceito em relação a qualquer pessoa dessa região que solicitasse o visto, e, em reflexo, começou a se gerar uma crença, nos valadarenses, de que seria muito difícil obter o visto e desde logo poderiam buscar formas

alternativas de emigrar. É nesse contexto que surge a rota do México. Entre os entrevistados que fizeram a rota, uma parte declarou que tentou o visto e não conseguiu, e os outros explicaram que nem chegaram a solicitar o visto, pois sabiam que não conseguiriam, porque seus marcadores pessoais denotavam que não eram turistas, e sim trabalhadores buscando oportunidades.

Muitos candidatos ao visto optaram por falsificar documentos pessoais a serem apresentados ao Consulado (declaração de renda, vínculo empregatício, escritura pública de imóvel, registro de empresa, etc.). Joana, uma advogada de Governador Valadares que contribuiu com a pesquisa, explicou que as próprias agências de viagem auxiliavam no processo de obtenção dos documentos falsos, o que tinha um custo de aproximadamente 2 mil reais, além da passagem.

Ao lado dessa alternativa, surgiu outra, que dispensava a ida ao Consulado, que era o chamado visto montado, como explica um declarante ao Congresso Nacional (2006):

Tudo começou em 1992. Começou com serviços de despachante. Nós cassávamos [*sic*] documentos para pegar visto americano. Isso foi mais ou menos até por volta de 1997. Em 97 a Embaixada Americana descobriu a falsificação de documentos e não concedeu mais visto. Em 98 a gente entrou no esquema... De muita gente falava de clonagem de visto, mas na realidade não era uma clonagem, era uma montagem de visto. Foi exatamente nessa época onde saiu muitos traficantes do país, pessoas com problema de justiça, com prisão preventiva decretada, homicidas... Funcionava assim. Em 98 começou todo esse esquema de... Não seria uma clonagem, como todo mundo falava que clonava visto. A gente não clonava o visto. Nós adulterávamos o visto. Vou dar um exemplo das pessoas que estão aqui presente. Pegava o passaporte do... Seu nome? Fabiano, não é? Pegava o passaporte do Fabiano, com o visto, comprava por três mil dólares e vendia para uma outra pessoa que tinha mais ou menos a idade do Fabiano. Diferença de cinco anos para mais ou cinco anos para menos. E levava em Minas Gerais, em Minas Gerais ela trocava a foto e trocava a foto do visto, também. E era vendido para o Arthur por nove mil dólares. O Arthur comprava uma passagem, embarcava em São Paulo e chegava nos Estados Unidos. Isso funcionou de 98 até mais ou menos 2001. No final de 2000, começo de 2001. Aí em 2001 já começamos quando teve problema, também, com emigração americana que já pegaram, descobriram a falsificação, adulteração de visto, aí não teve mais como passar por lá na via direto. Nós falávamos “via direto”. Aí nós começamos a levar pelo México. Nós ficamos um ano, praticamente o ano de 2001 completo, falsificando totalmente o visto, a pessoa viajava pelo México, e atravessava nas fronteiras, nas pontes. Porque nas pontes, nas emigrações que eram feitas via terrestre não é a mesma emigração que ela é feita via é... Então as pessoas passavam com tranquilidade, colocavam dentro da van, eles iam, chegava numa ponte, tipo Brasil/Paraguai, (?) deve ter visto essas pontes nos Estados Unidos, tipo Tijuana, parava na ponte, pedia documentação, apresentava o visto, ele olhava, perguntava quantos dias íamos ficar no país, batia, deixava entrar. Até que o esquema falhou, também. Aí quando falhou, aí nós começamos a trabalhar “via coioite”, onde eu atravessei mais de 50 vezes os Estados Unidos com grupo de 10, de 15, de 20, de 30, 42 pessoas.

Portanto, o visto montado era feito com a compra de passaportes com vistos válidos, em que se trocavam as fotos do passaporte e do visto, para que o migrante entrasse com identidade de outra pessoa. Se a autoridade migratória fosse conferir os dados do visto com dados de sistema, não haveria contradição. Chegou o momento, enfim, que a autoridade descobriu as técnicas de visto montado e desenvolveu suas técnicas de identificação, e essa estratégia foi descartada na modalidade de entrada direta nos EUA, pelos aeroportos. Mas ela foi mantida, ainda, por um ano, como uma forma acessória da passagem pelo México, já que, nos postos terrestres de fronteira, segundo o declarante, não havia a mesma tecnologia de identificação que se formou nos aeroportos.

Segundo Joana, o visto montado custava em torno de 5 mil reais, já incluída a passagem, mas não havia garantia por parte dos agenciadores. O risco era muito grande e corria unicamente por conta do viajante. Muitas pessoas perderam casa e terra porque sua tentativa foi frustrada e elas ficaram devendo.

Na segunda metade da década de 90, surgiram as modalidades garantidas das alternativas acima, representando uma complexificação da atividade de agenciamento. Era feito um verdadeiro contrato informal envolvendo várias partes. Paralelamente a essa modalidade, que era usada para pessoas de nível social médio, era usada uma modalidade semelhante, para pessoas de nível social mais baixo, porém com o custo de 20 mil dólares, especialmente para meninas que iam trabalhar em boates, casas de massagem, etc. Nesse caso, o custo era bancado pelos agenciadores no destino final.

Ainda na década de 90 começou a ser usada a triangulação com a Europa, com visto verdadeiro. A pessoa, antes de ir para os Estados Unidos, ia para a Europa, e de lá tomava o avião para os EUA, pois os voos procedentes da Europa eram menos fiscalizados, o que facilitava a entrada.

Outro informante, um jornalista de Governador Valadares, me explicou outra forma de triangulação com a Europa, que era a falsificação de documentos para obtenção do Passaporte Europeu – que assegura entrada livre aos Estados Unidos. Por exemplo, falsificação de certidões de nascimento para provar que a pessoa possui ascendência portuguesa para que tenha direito à nacionalidade portuguesa, e assim obter o Passaporte Europeu.

Nesse período também começou a ser feita a falsificação do *Green Card* (o documento de residência permanente nos EUA) para assegurar que migrantes irregulares pudessem voltar ao Brasil e regressar aos EUA periodicamente.

Paralelamente às falsificações (de documentos, de passaportes, de vistos), começou a aparecer, ainda na década de 90, a viagem pelo México para passar na fronteira terrestre com os EUA, também na modalidade garantida. Durante o acordo de isenção de vistos entre Brasil e México, essa rota foi a principal, embora outras continuassem sendo usadas. Com a imposição do visto, em 2006, essas rotas alternativas ganharam peso. Na maior parte das soluções encontradas, o caminho continuou sendo o México, mas passando pela Guatemala.

Devido a prescrições legais de proteção a crianças e adolescentes, que impediam a deportação de crianças irregulares nos Estados Unidos, era comum que as mulheres fossem acompanhadas de crianças. Nesse caso, se a família com criança fosse abordada por autoridades policiais já nos Estados Unidos, as próprias autoridades eram obrigadas a encaminhar os migrantes ao seu destino final.

Outra possibilidade que passou a ser utilizada, mas com menos frequência, foi a entrada pela fronteira norte dos Estados Unidos, através do Canadá, quando era relativamente fácil conseguir o visto de turista para entrar neste país. Muitas pessoas ficavam trabalhando no Canadá mesmo, ou tomava viagem em barcos de turismo rumo aos EUA.

Com o nível da violência (assassinatos e sequestros de migrantes) no México, de um lado, e as dificuldades ainda maiores para obter visto ou entrar irregularmente no Canadá, passei a ouvir falar, em 2012, da ida de brasileiros para os Estados Unidos através das “Bahamas”. Em outras palavras, essa nova rota significa viajar para as ilhas do Caribe e entrar na península da Flórida pela madrugada em embarcações precárias. Em 1º de julho de 2013 ocorreu o naufrágio de uma embarcação que havia saído de Porto Rico com pelo menos 20 pessoas, com vários brasileiros, entre eles Eurico Barbosa Martins, de Goiânia, e Silvinha da Silva Braga, do Espírito Santo (FERREIRA, 2013).

Essa diversificação das estratégias ajuda a compreender em que contexto surge a passagem de brasileiros pelo México, que será abordada a seguir. Tais estratégias demonstram também uma persistente emigração de brasileiros para os EUA, que não ficou contida pela suspensão do acordo de isenção de vistos entre Brasil e México, nem pela crise da economia estadunidense em 2007 e 2008.

2. A rota do México

Na evolução das estratégias para entrada irregular nos Estados Unidos, a passagem pelo México nem sempre foi o principal recurso usado pelos brasileiros. Ela foi ganhando importância conforme o Consulado dos EUA aumentava as exigências e reduzia drasticamente

a concessão dos vistos de turista, ao mesmo tempo em que a entrada direta, por via aérea, com visto ou passaporte falso, deixava de ser possível. Embora não se possa dizer exatamente quando foi que os brasileiros começaram a passar pelo México, essas rotas só começaram a ser percebidas quando um número crescente de brasileiros era detido pela Patrulha Fronteiriça dos EUA, no fim dos anos 90: aproximadamente 400 em 1997; 3.500 em 2001; 31 mil no ano fiscal de 2005 (MARGOLIS, 2013), quando alcançou seu ápice. Naquele momento, a rota estava no imaginário sociocultural brasileiro. Entre 14 de março e 4 de novembro de 2005, a TV Globo exibiu, no seu horário de maior audiência, a novela *América*, cuja história central é a de uma jovem brasileira que vai morar nos Estados Unidos após passar pelo México.

O fenômeno também moveu as instituições estatais combinadas dos três países envolvidos. As autoridades policiais e migratórias dos Estados Unidos foram várias vezes denunciadas por maus-tratos em seus centros de detenção de migrantes; efetuaram deportações massivas e atuaram diplomaticamente sobre o México e o Brasil para que fossem tomadas medidas para cessar o fluxo. O México, de um lado, facilitava a passagem, através de esquemas de corrupção de suas forças policiais, e, de outro, suspendeu por prazo indeterminado o acordo de isenção de vistos que tinha com o Brasil. No Brasil, a Polícia Federal desatou várias megaoperações (entre elas a Operação *Bye bye Brazil* e Operação Cegonha); e o Congresso Nacional instalou a CPMI da Emigração.

Na CPMI, Os parlamentares entrevistaram pessoas que faziam parte das redes responsáveis por agenciar os emigrantes e fazer com que eles chegassem ao seu destino. Parte desses depoentes falaram sob o benefício da delação premiada (ao fim, a CPMI solicitou para que os órgãos judiciais responsáveis os isentassem de pena). Foram ouvidos também brasileiros deportados e familiares de pessoas que sofreram alguma violência na travessia. Foram analisadas superficialmente as referidas operações da Polícia Federal e apontados alguns dos indiciados.

O relatório desenha o funcionamento do que chama de “indústria da migração”, descrevendo como se dá o agenciamento e as variações nas rotas, com tal profundidade de detalhes que parte do relatório é chamada de “Atlas da Emigração Irregular para os EUA”. As delegações parlamentares visitaram centros de detenção de migrantes nos EUA, um cemitério onde se apontou que poderiam estar enterrados em torno de 180 brasileiros que teriam morrido na travessia, e um grupo de 314 brasileiros deportados no dia 3 de agosto de 2005, que chegaram em avião fretado ao Aeroporto de Confins, em Minas Gerais.

As informações do relatório coincidem com as entrevistas que realizei com retornados dos EUA na região de Governador Valadares e com matérias jornalísticas da época. A partir

dessas fontes, é possível reconstituir, a título de construção de cenário, os detalhes da travessia de brasileiros pelo México.

2.1. O surgimento da rota

A utilização da migração de trânsito pelo México por brasileiros deve ser compreendida por três caminhos ou movimentos, que andam juntos: a necessidade ou vontade do próprio emigrante de usar a rota diante do fechamento de outras vias de acesso aos EUA, a consolidação de uma rede de agenciamento complexa, internacionalizada e envolvendo agentes públicos e privados, e a auto-reprodução das redes sociais formadas a partir dos primeiros casos.

A passagem de brasileiros pelo México surgiu de maneira concomitante com a onda de emigração na década de 1980. Um de meus entrevistados, Moacir, 41 anos, relatou sua passagem pelo México em 1989. Viajou em um grupo de 6 pessoas, sendo 5 homens e 1 mulher – e retornou em 2006. O grupo embarcou em São Paulo, fazendo paradas no Peru e no Panamá antes de chegar ao Belize e se deslocar para a Guatemala e o México por via terrestre. No México, o grupo enfrentou vários revezes, sendo que, já quase sem dinheiro, chegaram a ficar por 60 dias na casa de uma mulher enquanto construíam um barracão para ela. Depois, o grupo foi preso em Puebla e todos foram obrigados a tirar suas roupas e foram extorquidos pelos policiais, sendo depois liberados e com o dinheiro devolvido. A viagem até a chegada a Los Angeles, para depois partir para Boston, durou 4 meses.

Embora se trate já de uma migração indocumentada, e com relatos de sofrimentos e obstáculos vivenciados que denotam um tipo de violência, a viagem de Moacir também possui elementos que a identificam com a primeira fase da emigração em Valadares, aquela dos pioneiros que representavam a viagem como uma aventura. Mostra também que não havia uma rede de agenciadores tão organizada como se tornou depois. Em certo momento ele faz referência ao “guia”, que foi atrás do contato com as famílias em Valadares para enviar dinheiro que estava faltando. Em outro momento, quando fala de um hotel onde ficou em Los Angeles, onde havia muitos imigrantes hospedados, fala que era um hotel do mesmo “complô de mexicanos que são os coiotes, que é um passando pra cima do outro”. O relato deixa clara a existência de guias e coiotes, mas também fica uma impressão de que a travessia teria sido uma sucessão de sortes e acasos, além da colaboração decisiva de autoridades mexicanas e até um milagre da Virgem de Guadalupe.

O relato de Moacir é importante por mostrar a existência da rota mexicana já em 1989, ainda que possa ter se consolidado, com uma massificação e padronização dos procedimentos, depois.

2.2. A consolidação da rota

Conforme crescia a onda de emigração, nos anos 90, “excursões” inteiras saíam em ônibus de Valadares para o Rio de Janeiro, onde está o Consulado dos EUA mais próximo. No tópico anterior, demonstrei como a autoridade migratória estadunidense foi criando critérios cada vez mais restritivos para a concessão do visto, até o ponto de criar critérios discriminatórios e preconceitos geográficos. Com tamanha discriminação, muitos decidiam ir pela rota alternativa após ter o visto negado, em alguns casos até mais de uma vez; outros, com a certeza de que teriam o visto negado, nem chegaram a tentar. Com o desenvolvimento dos mecanismos para identificar a falsificação de vistos e passaportes, o único caminho para dar continuidade à sua decisão de trabalhar nos EUA era ir pelo México.

Em 1997, houve um caso notório de brasileiros tentando cruzar irregularmente a fronteira México-EUA, que foi noticiado na imprensa brasileira (TREVISAN, 1997) e provocou a manifestação do MRE. Josias Raul de Castro, 25 anos, e Marcelo Cavalcante Mendonça, 26 anos, sofreram um incidente ao tentar cruzar o Rio Bravo. Marcelo foi dado como desaparecido ao tentar cruzar o rio, e Josias, que foi à polícia estadunidense buscar ajuda para localizar seu amigo, foi preso e deportado após cinco dias para o Brasil. Marcelo era de São José dos Campos/SP, onde era locutor de rádio, e Josias era de Hortolândia/SP. Ambos foram aprovados num processo de seleção para trabalhar na empresa de reflorestamento *Progressive Forestry*, no Texas. Mesmo tendo uma oferta de trabalho formalizada, tiveram o visto negado duas vezes, e só então decidiram ir pelo México.

Familiares de Marcelo desconfiaram da versão de que ele teria sido afogado, e levantaram suposições de que ele teria sido assassinado pela patrulha fronteira ao tentar fugir. Porém, o depoimento de Josias e a própria autópsia do corpo, após ser encontrado, atestaram que ele teria se afogado. Ao depor perante a Polícia Federal ao retornar ao Brasil, Josias relatou que eles viajaram para Roraima, em dezembro de 1996, e passaram pela Venezuela, Colômbia, El Salvador e chegaram ao México, onde tinham um amigo de nacionalidade estadunidense.

O Acordo bilateral entre Brasil e México para isenção de vistos para fins de turismo, trânsito e negócios, autorizando aos brasileiros a permanência contínua no México por até 90 dias, foi celebrado em 2000, nos marcos das negociações entre os dois países em matérias

econômicas e de segurança continental, no âmbito da ALADI. O acordo foi posto em prática, porém, somente no início de 2004, quando foi promulgado pelo Decreto n. 4.952. Em 9 setembro de 2005, o México anunciou suspensão unilateral o acordo a partir de 23 de outubro daquele ano.

Um de meus entrevistados é Fernando, 51 anos, foi pelo México em 2004 e retornou a Valadares em 2011. Descreve como foi sua experiência no Consulado. Ele conta que estava tão nervoso, que supôs que a atendente lhe tivesse negado o visto, e nem sequer chegou a confirmar a informação.

Eu fui no Consulado, porque eu já tinha pegado visto em 1980. Aí eu levei meu passaporte e uma carta da Avon, porque eu era consultor da Avon na época. Não vendia muito produto, mas mesmo assim ela me enviou uma carta muito bonita de São Paulo. Aí eu cheguei lá no Consulado, e conversando com a menina, passando pelas entrevistas dela, chegou no ponto de quanto que eu ganhava. Aí eu falei com ela que ganhava entre 1200 e 1500 reais. Aí ela me perguntou “cadê o seu imposto de renda?” Aí eu falei “não... eu não trouxe meu imposto de renda não, eu declaro como isento”. Aí na verdade e ela não gostou e falou, “você deve conhecer sobre as leis do seu país”. Pegou meu passaporte e carimbou. E eu pensei que ela tinha me negado, porque a gente fica nervoso, não olhei direito, não olhei detalhadamente que carimbo era aquele... como já tinha gasto um dinheiro também, foi uns 700 reais quase, por aí, com as despesas de ônibus e essas coisas. Aí eu voltei triste, como muita gente no ônibus voltou. Poucos pegaram visto... Eu teria dado mais um tempo, trabalhado mais um pouco, juntado mais um dinheiro e ido mais preparado pra falar com ela. Eu nem mostrei a carta da Avon pra ela, nem nada... o nervosismo atrapalha a gente. Eu acho que eu teria conseguido o visto. E ela chegou a ver meu passaporte antigo. Aí eu fiquei naquela barreira, não sei porque que eu não olhei o passaporte, e orando, pedindo a Deus para que tirasse aquilo da minha mente, e eu não conseguia, sempre pensando aquilo, sempre falando pra todo mundo, até enjoando as pessoas do tanto que eu falava, tinha que ir embora, tinha que ir embora.

Fernando seguia com a frustração da negativa do visto, e desejando se mudar para os EUA, até que um dia, quando teve contato com um agenciador, surgiu para ele a possibilidade de ir pelo México:

Aí num certo dia, a amiga da minha esposa tinha enviado os dois filhos pelo México, com esse rapaz. Aí eu tava lá entregando compras, ali na porta da casa dela, e ela falou assim: “ô Fulano, leva esse rapaz pra gente”. E eu nem conhecia ele direito. Aí eu falei “caramba, o negócio é sério ou é brincadeira?” Aí ele olhou pra mim... “você quer que eu leve ele?”, e ela “é leva ele pra mim. Tô falando sério com você, eu dou minha palavra”. Nem me conhecer ela me conhecia, era amiga da minha esposa.

Com Mariana e seu marido aconteceu algo semelhante. Ambos tiveram o visto negado no Consulado:

Tanto eu como meu marido, pelas agências, a gente teria direito de ir no Consulado pegar o visto pra gente viajar. Porque ele tinha trabalhado numa companhia muito boa, que era internacional. E nós fomos até no Consulado e eles carimbaram nosso passaporte, não deram nosso direito pra gente entrar no país. Negou o visto.

Para o casal, abriram-se duas possibilidades: entrar nos EUA com o “visto montado”, ou passar pelo México. Ela explica porquê recusaram a primeira opção:

Aí eu não tive coragem nem ele teve coragem. De forma nenhuma. Uma que a gente tava usando o nome de uma pessoa, que não tinha nada a ver com a gente, que a gente nem sabia quem era. E segundo que achamos muito mais fácil enfrentar o caminho via México do que passar por uma montagem desta. Porque a gente tava errando demais em usar o visto no nome de uma outra pessoa. O risco de ser descoberto era muito grande, e outra coisa. Se eu fosse deportada pelo México, eu ia ser deportada com o meu passaporte, com o meu nome, com tudo. E se eu fosse passar pela porta da frente com o visto montado, se eu fosse presa, eu ia voltar como uma pessoa que era de grande trambique, porque eu tava usando nome falso, e o visto e passaporte de outra pessoa.

Outro entrevistado, João, também foi em 2004 pelo México, mas nem chegou a tentar tirar o visto. João é um jovem que vive na região rural de Governador Valadares. Muitos membros de sua família também viveram ou vivem nos EUA, e sua experiência é marcada por situações extremas de violência. Quando o entrevistei, se limitava a dar respostas curtas, exigindo que eu lançasse novas perguntas para obter o relato:

- Você foi ao consulado?
- Não, fui pelo México, atravessando a fronteira mesmo.
- Você nem chegou a tentar ir ao Consulado, pedir um visto?
- Não, porque eu não conseguia tirar o visto, essas coisas.
- Você já sabia que se tentasse não ia conseguir?
- Não conseguia. Aí eu fui pelo México mesmo, pela fronteira.

Douglas, de 29 anos, foi em 2005. Na sua explicação, já não aparece a ida ao Consulado. Douglas é de um período em que a rota mexicana já estava consolidada, e o que moveu a sua decisão pela viagem foi retroalimentação da rede:

Eu fui porque na época o pessoal tava ganhando muito dinheiro, aqui tava muito difícil, o salário tava baixo, eu trabalhava como auxiliar de operações, no shopping, e aí eu tinha parentes lá tanto da parte do meu pai quanto da parte da minha mãe. Eu tinha parentes em Framingham e outros em Queens, a 10-15 minutos de Boston. Aí eu decidi, liguei pros meus primos, eles falaram que ajudariam eu a ir. Paguei na época o valor total de 10 mil dólares, sem juros.

Com o elevado número de pessoas indo pelo México, especialmente naquela região, onde a notícia se difundiu e formou parte da realidade cotidiana, além do fato de que as pessoas

que tinham ficado já possuíam vários parentes nos EUA, especialmente em Boston, e os parentes poderiam ser um ponto de apoio. Como explica Margolis (2013, p. 66-67):

Com o passar do tempo, os custos da migração caem porque cada migrante adicional que se junta a um fluxo migratório torna mais provável que outros venham em seguida. Em outras palavras, à medida que as redes sociais de migração amadurecem e se expandem, elas reduzem os custos pessoais e financeiros da migração, permitindo, assim, o surgimento de uma população migrante mais diversificada.

Assim ficam demonstradas as razões pelas quais rota do México se consolidou. Primeiro, existem as razões que movem a pessoa que decide ir trabalhar nos Estados Unidos, sejam elas de ordem material (necessidade econômica, demanda de força de trabalho nos Estados Unidos, valorização da moeda e possibilidade de altos ganhos e de ascensão social) ou de ordem subjetiva associada à primeira (influência cultural, padrões de consumo). A negativa de outras vias para concretizar a migração levou à busca da passagem pelo México, que já era usada historicamente por mexicanos e centro-americanos. Em segundo lugar, a consolidação de uma complexa rede de “cônsules”, agenciadores com diferentes níveis de participação e com contatos ou mesmo vínculos com as redes de “coiotes” no México e EUA, levou a uma padronização da travessia. Todas as viagens a partir daí seguiam as mesmas práticas. Por exemplo, a corrupção dos agentes de migração no aeroporto da Cidade do México aparece em todos os relatos. Acontece que a massificação e padronização da rota não se deve apenas à especialização das redes de agenciamento, mas às redes sociais formadas entre os migrantes que já estavam nos EUA e seus laços sociais na região de Governador Valadares.

2.3. Os tipos de contrato

Em nenhum caso, seja em relação aos centro-americanos, seja em relação aos brasileiros, a definição das rotas de migração de trânsito ou estratégias para entrada irregular nos EUA é traçada de maneira autônoma e espontânea pelos próprios migrantes. A reprodução das viagens, o acúmulo de vínculos e experiências, as redes sociais com o local de destino e a troca de informações sobre o trânsito pelo México faz com que a viagem seja plenamente planejada, e que o migrante conte com o apoio de redes especializadas em viabilizar a sua chegada ao destino. Quando me refiro às redes especializadas, falo tanto de pessoas que têm proveito econômico direto ou indireto com a migração de trânsito, como pessoas que desempenham seus papéis por vínculos e interesses não-econômicos e até mesmo humanitários.

Em relação à rede que se profissionalizou visando a obtenção de lucro, o migrante pagaria uma só quantia para que a rede entrasse em movimento para proceder à passagem do migrante em cada uma das etapas, como exemplificativamente descrito:

O agenciador vale-se de inúmeras pessoas para aliciamento de emigrante. Paga-lhes, no caso de indicação, um determinado valor como recompensa (custo 1). O emigrante desloca-se até a cidade de São Paulo, de ônibus (custo 2). Hospeda-se em São Paulo por dois dias (custo 3). Embarca para a Cidade do México do Aeroporto Internacional de Guarulhos (custo 4). Hospeda-se na Cidade do México por um dia (custo 5). Segue até uma cidade de transição (custo 6), onde permanece num hotel (custo 7). É guiado por um coioote na internação nos EUA (custo 8). No lado americano, outro coioote leva-o a uma outra cidade de transição, onde o emigrante aguarda algum tempo (custo 9), para depois seguir até o destino final (custo 10). De se considerar, ainda, as despesas com alimentação (custo 11). (CONGRESSO NACIONAL, 2006, p. 124-125)

A estimativa acima, porém, é incompleta, pois não inclui os gastos de propinas para autoridades mexicanas, guias para acompanhar os grupos no transcurso do caminho, despesas oscilantes para obtenção de passaporte e para falsificação do visto mexicano, nos períodos em que este era exigido.

O contrato é verbal e pode ser feito de duas maneiras: com o agenciador brasileiro (contrato tipo “pagamento contra entrega), ou diretamente com o coioote mexicano (contrato tipo “viagem por conta própria”).

2.3.1 Contrato de pagamento contra entrega

Essa modalidade foi a utilizada por todas as pessoas que entrevistei, e os detalhes foram confirmados no relatório do Congresso Nacional (2006). É um contrato garantido para as duas partes. Para o migrante, que só paga se conseguir atravessar a fronteira e chegar ao seu destino final nos EUA, e para o agenciador, que recebe bens dados em hipoteca ou avalistas que garantem o pagamento caso o migrante falhe no seu pagamento. O nome pagamento contra entrega é tomado das práticas comerciais, quando o comprador só se obriga a fazer o pagamento após a entrega da mercadoria.

O pagamento é feito de maneira parcelada: um valor maior (na maior parte das vezes a metade) é devido assim que o migrante chega ao seu destino – por exemplo, 5 mil dólares. Na hora da contratação o migrante consegue um “aval”, uma pessoa que – estando no Brasil ou nos EUA – assume a responsabilidade por esse pagamento caso o contratante falhe, ou então, em vez do “aval”, o contratante dá uma garantia real (uma hipoteca, por exemplo) em nome do

agenciador. O restante é pago em prestações periódicas depois que o migrante chega ao seu destino e começa a trabalhar ou recorre ao empréstimo de terceira pessoa – por exemplo, mil dólares por mês. O agenciador que fica no Brasil tem, em tese, o controle de tudo o que está acontecendo até a conclusão da viagem, e é o único que tem o contato com a família do migrante na origem e no destino. Há casos em que o agenciador que levou um membro da família em determinada época é o mesmo que vai levar outro membro da família anos depois. O fato de esta pessoa ser o contato também acaba por colocá-la diante da família como principal responsável quando algo imprevisto acontece na viagem.

O emigrante cai nas mãos do agenciador brasileiro, que lhe oferece um pacote de serviços *all inclusive*. Se a internação nos EUA for bem-sucedida, cabe ao emigrante honrar a promessa de pagamento. Esta modalidade, compreensivelmente, tende a ser mais onerosa para o emigrante, porquanto o agenciador assume todos os riscos do empreendimento. Além do mais, transmite ao emigrante a sensação de segurança, pois é razoável esperar que o agenciador se esforce ao máximo para que a viagem tenha êxito. (CONGRESSO NACIONAL, 2006, p. 132)

O valor desse contrato variava entre 7.500 dólares e 13 mil dólares (CONGRESSO NACIONAL, 2006). Além de não exigir pagamento imediato, o agenciador ainda fornecia uma quantia (entre 500 e mil dólares) para o contratante usar durante a travessia, já prevendo como certos os gastos com pagamentos de propina, bem como despesas básicas como alimentação.

A formação de grupos para viajarem juntos é uma estratégia para redução de custos em favor dos agenciadores. Assim, são reduzidos custos com colocação de muitas pessoas num veículo ou num mesmo quarto de hotel, por exemplo, ou contratando um só guia para acompanhar todo o grupo.

2.3.2. *O contrato de viagem por conta própria*

Nessa outra forma de contrato, o migrante dispensa a intermediação do agenciador e negocia diretamente (ou através de algum familiar nos EUA) com um coioote mexicano. É o próprio migrante quem compra a passagem para chegar à Cidade do México e assume os meios para viajar até lá, sendo que a rede começa a atuar apenas na chegada ao aeroporto daquela cidade. “O mais comum, neste caso, é que o emigrante tenha a informação privilegiada de um amigo que já passou por essa experiência ou que reside nos EUA. Assim, esta pessoa funciona como elo entre o coioote mexicano e o emigrante” (CONGRESSO NACIONAL, 2006, p. 144). Assim, há uma redução considerável nos custos da viagem.

Segundo o Congresso Nacional (2006), muitas as pessoas disseram que viajaram por conta própria para o México e lá procuraram algum contato previamente indicado para lhe auxiliar na travessia. Não se pode descartar a possibilidade de que parte desses depoentes tenham afirmado isso para omitir o dado do agenciador no Brasil. Por exemplo, um de meus entrevistados, que possuía um histórico de violência e trauma, não parecia muito confortável com a entrevista e evitava dar detalhes, e repetia seguidamente: “foi, passei atravessando a fronteira”, para encurtar o relato como se isso dispensasse mais detalhes.

Por outro lado, é razoável considerar que, “depois de anos de fluxo emigratório, as informações sobre os coiotes mexicanos circulem nas regiões com tradição emigrantista, ou que amigos já residentes nos EUA indiquem pessoas para auxílio na travessia” (CONGRESSO NACIONAL, 2006, p. 147-148).

Passarei agora a descrever a viagem, desde a partida do migrante de sua cidade de origem até a chegada à sua cidade de destino – observando alguns pontos fundamentais para a análise desenvolvida nesta tese.

3. Análise sistemática do percurso

3.1. Da partida ao embarque em São Paulo

A primeira movimentação da rota era o transporte do grupo até a cidade de São Paulo. Os migrantes ficavam num hotel nesta cidade, até o dia em que partiriam do aeroporto de Guarulhos para a Cidade do México. Um membro da rede era responsável por buscar os migrantes na rodoviária e levar a um hotel, para em seguida levar ao aeroporto. Uma rede de facilitação da emigração indocumentada foi formada por policiais federais, funcionários da Receita Federal e de companhias aéreas no aeroporto de Guarulhos (CONGRESSO NACIONAL, 2006). Essa rede foi objeto da Operação Canaã, da Polícia Federal, que, em setembro de 2005, partiu para o cumprimento de 60 mandados de busca e 50 mandados de prisão, tendo como centro o aeroporto de Guarulhos. A divisão de trabalhos na rede seguia a informação abaixo:

A investigação teve mais de 60 alvos e concluiu que o esquema montado pelo grupo, para enviar pessoas ilegalmente à Europa, México e Estados Unidos, tinha características de organização criminosa. Cada membro da quadrilha possuía uma função definida:

1) agenciadores: responsáveis por encontrar interessados em imigrar com documentos falsos, sejam estrangeiros ou brasileiros, para a Europa ou os EUA; 2) falsificadores: responsáveis por falsificar ou adulterar documentos

de viagem para os pretensos imigrantes; 3) intermediadores: geralmente despachantes ou agentes de viagem que pagam a funcionários de companhias aéreas para que os mesmos facilitem e promovam o check-in dos clientes da organização, além de corromperem policiais federais que trabalham no aeroporto de Guarulhos; 4) funcionários de Companhias Aéreas: recebem vantagem ilícita para permitir o embarque de pessoas aliciadas pelo bando; 5) policiais federais: são pagos para facilitar o embarque de pessoas indicadas pela quadrilha⁴.

Tanto através da Polícia Federal como das companhias aéreas, a rede promovia a apresentação de vistos falsos ou outras facilidades para a viagem para a Cidade do México, permitindo inclusive o embarque de pessoas com problemas com a justiça; “para que o esquema desse certo, a viagem deveria ocorrer em dias determinados da semana” (CONGRESSO NACIONAL, 2006, p. 198), para coincidir com a escala de trabalho dos agentes federais envolvidos na rede.

O fato de haverem dias específicos para o embarque explica porque as pessoas que chegavam a São Paulo eram levadas para um hotel e aguardavam de um a quatro dias para o embarque, enquanto lá mesmo os grupos eram formados com migrantes que chegavam de várias partes do país em diferentes dias. Além disso, o embarque também tinha que coincidir com o dia e horário de chegada no aeroporto da Cidade do México, onde também havia escalas de funcionários públicos que permitiriam a passagem dos migrantes (ou que cobriam sua parte, mesmo quando era permitido entrar no país sem visto)

3.2. O aeroporto da Cidade do México

No período de auge do trânsito de brasileiros pelo México para entrar irregularmente nos EUA (entre 2002 e 2005), a autoridade migratória mexicana impediu a entrada no seu território de milhares de brasileiros, que não cumpriam com o “perfil migratório requerido”, conforme fala do Secretário de Relações Exteriores do México, Luis Ernesto Derbez Bautista. O secretário relatou que em 2002 foram impedidos de entrar 2.192 brasileiros; em 2003, quando o México começou a aplicar o acordo de isenção de visto, 4.822 impedimentos; em 2004, 32 mil, e, em 2005, 49 mil brasileiros teriam sido impedidos de entrar no México. Os dados contrastam com a estatística do INM, que apontava que, em 2003, 3.976 brasileiros tiveram entrada negada pela autoridade migratória mexicana; em 2004, 4.822; e em 2005, 9.611 (CONGRESSO NACIONAL, 2006, p. 103).

⁴ Notícia disponível no sítio de informações jurídicas JusBrasil, com o título “PF faz operação contra esquema de emigração ilegal de brasileiros”. Disponível em: <<http://expresso-noticia.jusbrasil.com.br/noticias/140513/pf-faz-operacao-contra-esquema-de-emigracao-ilegal-de-brasileiros>>. Acesso em: 24 mai. 2014.

De qualquer maneira, são números elevados que demonstram uma deliberação da autoridade migratória mexicana em dificultar, controlar ou impedir a entrada de brasileiros, o justificando a existência de uma rede destinada a fazer o contrário (permitir a entrada sob certas condições).

A corrupção por parte de agentes públicos no aeroporto da Cidade do México foi fato recorrente nas minhas entrevistas e no relatório do Congresso Nacional (2006, p. 171): “já no aeroporto da capital mexicana os emigrantes são divididos entre os operadores de cada rota, obedecida a preferência do ‘acompanhante’ brasileiro responsável pela condução do grupo”.

Mesmo no período em que não se exigiu o visto, esses agentes identificavam os migrantes quando desciam do avião, e levavam para uma sala, onde lhes tratavam de maneira dura e negociavam o pagamento de uma propina para que estes pudessem ser liberados. Como me relatou Romeu, migrante retornado residente em Valadares:

Porque todo mundo voava pra Cidade do México. E a corrupção era muito grande no aeroporto. Nossa Senhora, era um balcão mesmo. Você chegava lá, o camarada escolhia: “você, você e você”, fazia a fila, e levava pra lá e cada um tinha que dar 200, 300, 500 dólares... Os próprios policiais!

Um declarante da CPMI que confessou ter atuado como agenciador informou como fazia, mostrando uma lista de pelo menos três funcionários do governo mexicano que recebiam os nomes dos migrantes que deveriam ser separados.

Aí já onde é a minha parte. Eu sou o responsável. Eu já tiro fax com a foto de todo mundo dos passaportes e eu envio para um amigo meu que trabalha no aeroporto na Cidade do México. Então, eu falo para ele, confirmo com ele que dia e que hora vamos chegar, o voo, e ele já fica nos aguardando (CONGRESSO NACIONAL, 2006, p. 127).

. Quando perguntado qual é o valor que cada migrante precisaria pagar a esses funcionários, respondeu: “quando não tinha, quando não era necessário visto mexicano, nós pagávamos 500 dólares. Mas como agora nós estamos saindo com visto, nós pagamos 1.500 dólares, por pessoa.”

Outro declarante, proprietário de uma agência de turismo, confirmou:

- Porque os caras cobram um dinheiro para subir até a... ir até a descida, porque na Cidade do México você não desce sem pagar a descida.
- [Senador] No aeroporto.
- No aeroporto. Vocês pagam lá...
- [Senador] Exige...
- Não é que exige. O cara fala “você não vai descer”. Eu vi isso pessoalmente agora quando eu fui.
- [Senador] Você fala da Imigração mexicana.

- Na Imigração mexicana...
 - [Senador] ...É delito.
 - É a imigração mexicana que cobra.
 - [Senador] Não deixa passar no aeroporto.
 - No aeroporto. Eu vi pessoalmente. Quando eu cheguei lá...
- (CONGRESSO NACIONAL, 2006, p. 128)

Fernando, em sua entrevista, me explicou como sucedeu sua descida no aeroporto da Cidade do México em 2004, dando mais detalhes sobre como procediam os agentes mexicanos:

Aí eu desci lá no aeroporto do México, eles colocaram a gente numa fila separada assim, e aquele grupo passou lá naquele lugar, com mais um punhado de gente. Aí eles me separaram e mais umas pessoas, pra uma salinha lá e ficou conversando umas palavras lá que eu não entendia muito, sabe. Mas aí no fundo eu vi que ele tava querendo é dinheiro. É uma corrupção lascada, os federais de lá... Então eles estavam também um pouco nervosos. Não sabiam quem era eu, e tal. Aí pegou assim o dinheiro [fazendo gesto de bater o dinheiro na mão]:

- La plata, la plata, quiero la plata.

Aí que eu saquei. E eu falei assim, até fui áspero com um deles:

- Que situação é essa, tá querendo dinheiro para entrar no seu país sem visto?

Aí ele ficou nervoso, disse assim:

- Vou te prender, te deporto...

Aí eu tirei 100 dólares do bolso, dei pra ele, aí ele começou a rir. Mandou a gente passar, nem carimbo no meu passaporte ele deu. Não tive carimbo de entrada no México, depois que eu fui ver.

[Eles separaram vocês, será que já sabiam que vocês estavam querendo ir pros EUA?] Não sei como, mas eles sabem, eles sabem.

Esse relato mostra que não havia um valor fixo a ser pago aos funcionários do aeroporto. Outros entrevistados também mencionaram essa faixa de negociação. Douglas relatou:

Cada um leva mil dólares. Se a polícia do México no aeroporto não te pegar, você vai todo com ele, mas pegaram uns dois colegas meus. Eles não ficaram com nada, no caso, eu que fiquei com os mil dólares, eu não fui pego pela Imigração do México. [...]

O negócio deles é dizer que você é imigrante. Eles já te levam pra uma salinha, e já começam a perguntar quem é que tá te levando, cadê o dinheiro, onde tá, e você fala que não tem, eles falam “onde tá, onde tá” senão vão te prender. Aí você vai e mostra o dinheiro e eles deixam você passar, te liberam.

E Mariana, por sua vez, relatou:

Quando a gente chega no México que a gente desce do avião, ali vem aquele desespero, aquela vontade de voltar pra trás, no primeiro *check-in* que você faz, porque no primeiro *check-in* as pessoas já perguntam, os policiais já sabem o seu nome, sabem que você está chegando, eles perguntam quantos mil que você está com ele no bolso, eles não acreditam só na palavra da gente, a gente tem que tirar o dinheiro e mostrar pra eles. Ali você já tem que deixar com eles um pouco de dinheiro. Aí você vai pra Polícia Federal, é a mesma forma. Eles já sabem também o seu nome, ali você tem que deixar mais um pouco de dinheiro com eles.

Quando o grupo saía da área internacional do aeroporto, o prosseguimento de sua viagem poderia se dar de duas maneiras: ou o grupo já estava viajando com a companhia de um membro da rede, que já tomava todas as providências para tomar o transporte na saída do aeroporto, ou o grupo, estando ou não acompanhado, era recebido por alguém no aeroporto, que portava uma placa ou sinal visual que já tinha sido informado com antecedência pelo agenciador no Brasil.

Douglas conta que seu grupo viajou acompanhado:

Aí de lá já tem um brasileiro te esperando... que no meu caso ele já foi daqui com nós. Ele é cidadão mexicano, mas ele é brasileiro. Aí eu passei, ele passou normal também, e ficou esperando lá. Nós ficamos esperando os meninos saírem.

Já Fernando conta que viajou com seu grupo sem o acompanhamento de um guia. Era o único que falava um pouco de inglês, e acabou liderando o grupo.

Eu me lembro que tinha uma pessoa esperando na saída do aeroporto, mais perto do lado de fora, na recepção onde já não tem mais nada de nada, o cara falou que era para eu ver uma plaquinha escrito "Real". Então aquela plaquinha seria o nosso guia. Aí assim aconteceu, depois que eu dei 100 dólares lá, aí chegou lá fora assim eu vi a placa, um senhor mexicano fazendo assim com a placa, mostrando pro ar. Aí eu peguei e falei "ô galera, é lá". Aí a gente foi lá e ele saiu com a gente de lá num táxi [...].

Esse tipo de relato se repete nos depoimentos da CPMI da Emigração. Uma pessoa no desembarque portava uma placa com algum dizer relativo a palavras em português, como "chapéu", "cobra", "Real", ou outros códigos já acertados desde a partida do Brasil, bem como sinais visuais (por exemplo: "usando boné azul"). Essa pessoa encaminhava o grupo para tomar um táxi, que então fazia a viagem rumo ao norte do país, até chegar a uma casa de segurança próxima à fronteira. A forma de transporte para o norte variou nos relatos. Alguns mencionaram que foram por via terrestre, no próprio táxi tomado no aeroporto; outros disseram que foram para uma casa de segurança na Cidade do México e regressaram ao aeroporto para tomar um voo até a região fronteira. A parada na Cidade do México atendia a critérios de formação de grupos para seguir viagem (já que nem todos os migrantes chegavam ao aeroporto no mesmo dia e horário).

3.3. Rumo ao norte

Ao sair da Cidade do México, a rota seguida pelos migrantes já obedecia a uma lógica de acordo com o ponto da fronteira com os EUA que seria cruzado, e isso por sua vez variava conforme a cidade de destino nos EUA, assim como explica Casillas R. (2008) no caso das rotas dos migrantes centro-americanos.

O relatório do Congresso Nacional (2006) fala das “rotas texanas” e das “rotas arizonenses”, para se referir, no primeiro caso, às rotas que entram no Estado do Texas, e que implicam cruzar o Rio Bravo, ou, no segundo caso, às rotas que cruzam a porção ocidental da fronteira, onde definida por linhas retas cortando regiões desérticas. Há extensões da fronteira divididas com muros, outras divididas por cadeias de montanhas, e há também os pontos de passagem a pé ou rodoviários. Curiosamente, o relatório é omissivo em relação aos pontos de travessia correspondentes à Califórnia, onde há toda uma particularidade na passagem fronteiriça entre Tijuana e San Diego.

As rotas texanas foram as mais usadas entre os deportados entrevistados pelas delegações parlamentares e também pelos meus entrevistados.

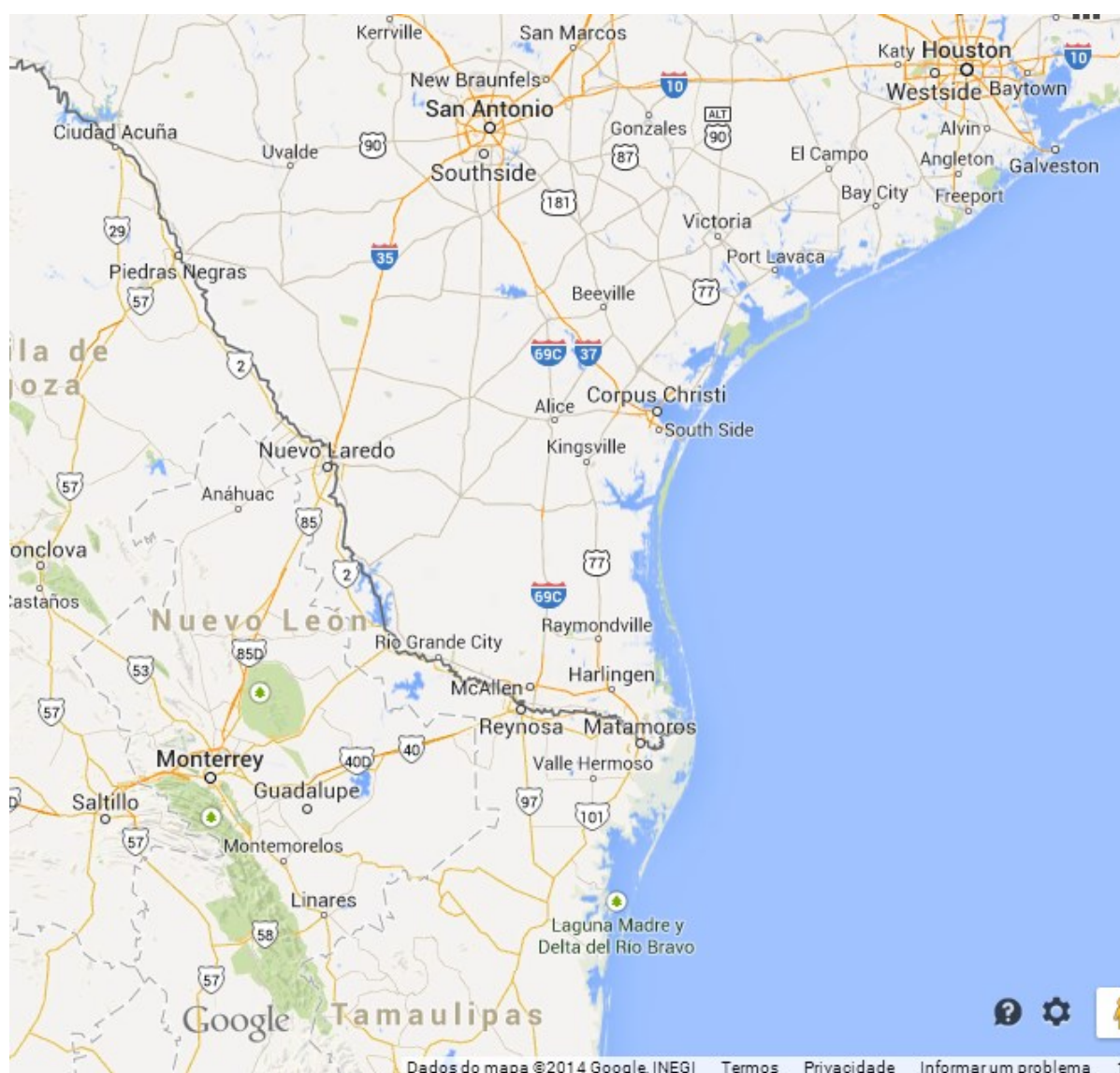
Fica claro que o Texas é, de fato, a região preferida pelos emigrantes brasileiros. E por razões óbvias. Primeiro, pelo fato de que a fronteira texana está mais próxima da Cidade do México do que a faixa sudoeste (Califórnia, Arizona e Novo México). Os emigrantes teriam, assim, de percorrer um trecho consideravelmente menor. Segundo, porque a costa leste dos Estados Unidos, como veremos adiante, constitui o principal destino dos brasileiros, razão pela qual o Texas se apresenta como porta geográfica privilegiada. (CONGRESSO NACIONAL, 2006, p. 170).

As razões apontadas são as mesmas constatadas por vários pesquisadores que estudam a migração indocumentada de centro-americanos. A entrada pelo Texas corresponde à chamada “Rota do Golfo”, pois passam margeando a costa leste, pelo chamado Golfo do México. De fato, é o caminho mais curto para cruzar o país de sul a norte, além de ser o caminho mais conveniente para os que se dirigem ao nordeste dos EUA, onde reside o maior número de brasileiros.

Uma vez desembarcados na Cidade do México, os migrantes tomavam um ônibus ou van até a cidade de Monterrey, que funcionava como entreposto. Vale destacar que Monterrey é a principal metrópole do norte, considerada o centro financeiro do país, onde se concentram grandes grupos privados de indústria e finanças, e é também uma das bases principais do crime organizado. Dali, os grupos poderiam partir por quatro diferentes caminhos, dependendo de qual era o ponto de travessia escolhido pela rede. Nessa definição também se levava em conta

a superlotação dos centros de detenção do lado dos EUA, pois este era um fator que facilitava a passagem dos migrantes, conforme o chamado “procedimento cai-cai”. As informações seguintes podem conter impropriedades geográficas, pois as transcrevo tais como foram dadas por declarantes ao Congresso Nacional (2006). Dois desses pontos (Piedras Negras e Nuevo Laredo) cruzavam com a cidade de Laredo, nos EUA, para seguir a San Antonio e Houston, onde os migrantes eram repartidos para seu destino final. Os outros dois pontos (Reynosa e Matamoros) levavam à cidade de McAllen, de onde seguiam para Corpus Christi e Houston.

O mapa abaixo dá uma dimensão desses trechos.



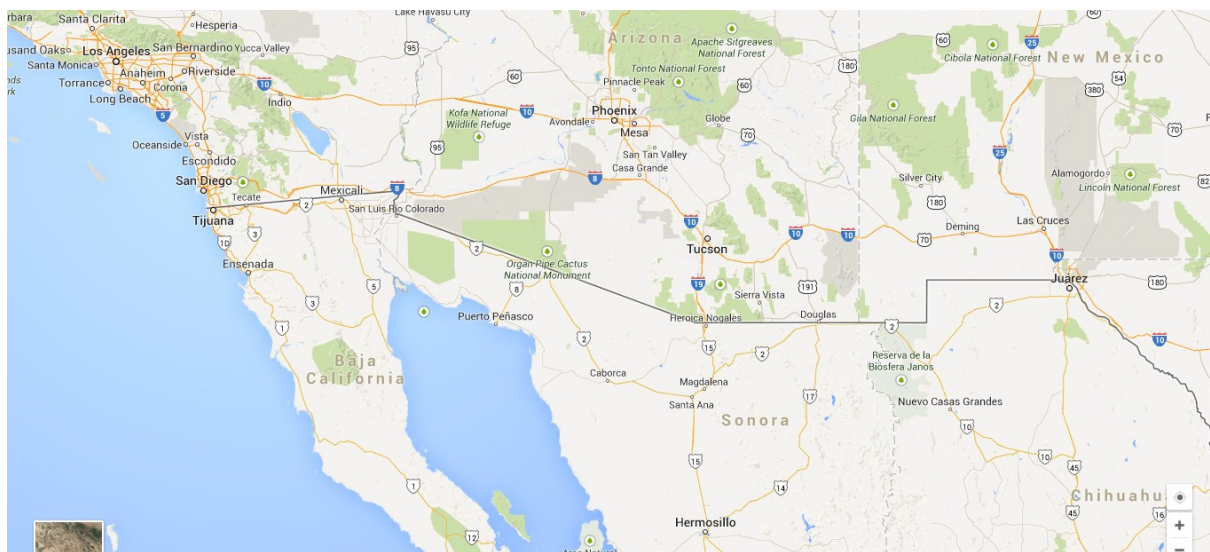
Mapa mostrando a cidade de Monterrey, os quatro pontos de travessia (Piedras Negras, Nuevo Laredo, Reynosa e Matamoros), bem como as primeiras paradas nos EUA (Corpus Christi, San Antonio e Houston). Fonte: Google Maps.

Se as rotas texanas possuem a cidade de Monterrey como entreposto, nas rotas arizonenses é a cidade de Hermosillo, no Estado de Sonora, que cumpre essa função, após passar pela cidade turística de Mazatlán.

Portanto, para os que exploram as rotas arizonenses, Hermosillo é uma parada quase obrigatória, ainda que os emigrantes passem por outra cidade mexicana antes de atravessar a fronteira. O deslocamento da Cidade do México para Hermosillos ocorre normalmente de ônibus ou van, passando pela cidade de Mazatlán, onde param para manutenção, limpeza e abastecimento dos veículos. Todo o trecho consome aproximadamente trinta e duas horas. (CONGRESSO NACIONAL, 2006, p. 174)

Sete rotas partiam de Hermosillo até um ponto de fronteira para seguir com destino a Phoenix, nos EUA, de onde os migrantes eram distribuídos para seus destinos finais. Esses pontos de fronteira eram: Mexicali/El Centro; Nogales/Nogales; Naco/Bisbee; Caborra/Bisbee; Sonoyta/Bisbee; Agua Prieta/Douglas; Ciudad Juárez/El Paso.

O mapa abaixo ilustra essa parte da fronteira e aponta algumas das localidades citadas.



Mapa mostrando a cidade-entroncamento de partida, Hermosillo, no México, e a cidade-entroncamento de destino, Phoenix. O mapa também mostra algumas cidades fronteiriças mencionadas nas rotas, como Mexicali, Nogales, Douglas e Ciudad Juárez. Fonte: Google Maps

Resta claro que essa definição das rotas é importante para dar uma dimensão aproximada do caminho percorrido pelos brasileiros, mas não é, de fato, um “atlas” da migração irregular, como o relatório aponta, pois não está isento de erros e incongruências. Por exemplo, nas rotas texanas, não me pareceu razoável, ou compreensível, porquê seguir de Piedras Negras até Laredo, se Laredo é a cidade que faz fronteira com Nuevo Laredo e está aproximadamente a 200 Km de distância de Piedras Negras. Coisas igualmente incompreensíveis acontecem

também nas rotas arizonenses: a cidade mexicana de Sonoyta está a 389 Km de Bisbee, não fazendo nenhum sentido a rota indicada; a passagem Ciudad Juarez/El Paso leva ao estado do Texas e poderia estar incluída nas rotas texanas; a cidade Caborra está erroneamente escrita, podendo referir-se à cidade de Caborca, no estado mexicano de Sonora. Há que se considerar que as rotas foram informadas oralmente em depoimentos à CPMI, com a possibilidade inclusive que os declarantes tenham levado a comissão a erro.

Além disso, esses detalhes da rota devem ser tomados de maneira exemplificativa, ou seja, para ajudar na construção do cenário, e não de maneira fixa, exata e definitiva, pois a flutuação e oscilação é uma característica própria das rotas de migração indocumentada, já que as redes adaptam constantemente a travessia para escapar aos mecanismos estatais de controle (CASILLAS R., 2008).

Ao focar os sofrimentos e privações que teriam sofrido durante a viagem, meus entrevistados se referiram muito às condições das casas de segurança ou hospedagens próximas à fronteira. Alguns entrevistados manifestaram terem sido enganados pelos agenciadores, que prometiam uma viagem relativamente tranquila.

Chegando no hotel, eles já sabiam nosso nome, já sabiam que todas as quatro pessoas iam para ali. E a gente não sabia. A gente nem sabia que ia pra hotel, se era pra casa, ou se a gente ia ficar no mato mesmo, e tudo... aí a gente dormiu no quarto do hotel. A gente era doze pessoas nesse quarto, era um quarto bem grande. Tinha pessoas no chão, tinha pessoas deitadas na cama mesmo, normal, e não deu pra gente café, a gente não teve alimentação nesse hotel. Aí quando na faixa de meio-dia, a gente teve fome, a gente veio na portaria do hotel, passando por dentro, pra perguntar se não tinha direito de pelo menos um café. Aí quando a gente chegou lá os guardas do hotel foram correndo no quarto, mandou a gente entrar no quarto, fechar a porta, porque naquele momento a gente tinha que retirar dali rápido, porque nós não podíamos ter saído lá fora, que a gente saiu lá fora, e ele é da Imigração. (Relato de Mariana)

O grupo então foi transferido para outra casa, em condições piores. O relato de Mariana sobre o ambiente desse local foi bem detalhado.

Aí eles tiraram a gente depressa dali do hotel, a gente saiu com menos de 5 minutos, e fomos para uma casa que era bem pequena, não tinha banheiro, não tinha água, não tinha nada. Era coberta com lona. Era um lugar que não existia quase adorno nenhum perto, lugar assim, humilde. Aí era uma criança, que levava comida pra gente e levava água pra gente. Banho não existia. Nós ficamos 18 pessoas dentro dessa casa quatro dias.

[Vocês foram transportados do hotel para essa casa como?]

Em uma caminhonete, na carroceria, com capô. Não sabia aonde estava indo. Aí a gente ficou naquela casa, no maior desespero. Tinha muita roupa naquela casa, sabia que alguém tinha passado lá e tinha deixado, bolsa... muita coisa naquela casa. Eu lembro que nessa casa existia um colchão, no chão, a gente

deitava atravessado no colchão, aquelas pessoas dava pra por pelo menos a cabeça no colchão, o corpo ficava no chão, só a cabeça que a gente apoiava no colchão.

[E o chão era de cimento?]

Não, de barro mesmo. É uma coisa de louco, a gente não sabe se a gente vai amanhecer com picada de cobra, com bicho perigoso. Aí, se for contar as pessoas que escreveram seu nome na casa, lá deve ter mais ou menos quinze mil assinaturas. As paredes não têm mais aonde escrever. É nessa casinha que a bolsa, e tudo da gente fica nela. Aí a gente conseguiu achar um cano de água, a gente conseguiu quebrar ele, e com um isqueiro a gente conseguiu fazer uma boca no cano, alarguecer ele e encaixar um ao outro. Aí cortamos o galão que vinha com leite, fizemos uma vasilha, e a gente pegava a água e jogava um ao outro pra tomar banho. Pra se molhar, porque não tinha mais nada. Até naquele momento ainda a gente tinha roupa, tinha sabonete, o pente de pentear o cabelo.

[E esse banho, era todo mundo junto, ou tinha um jeito de ficar reservado?]

Não, a gente fazia assim, tinha a toalha, eu ficava segurando pras mulheres tomar banho, depois elas seguravam pra mim tomar meu banho, porque uma tinha que ficar jogando a água na outra também. Os homens que estavam ali deitavam de barriga pra baixo, tampava o rosto pra lá, você podia até trocar de roupa junto com eles também que não tinha problema. Eles tinham o maior respeito pela gente. Ali eles queriam mais é que um ajudasse ao outro. Muito choro. Muito choro mesmo. As pessoas choram desesperadas. E não só mulher, homem chora mais do que as mulheres, porque, no caso, meu marido me via passando por aquela situação, ele me via chorando, ele chorava gritado. Porque ele tinha medo que algo fosse acontecer com a gente. E não tinha mais condições de voltar.

O grupo, que então já contava com 18 pessoas, permaneceu numa situação extrema, não só pelas condições materiais, mas especialmente pela tensão de não saber o que iria se passar no minuto seguinte, e o fato de não poder voltar atrás e desistir da viagem. As condições da casa eram atemorizantes. O risco de sofrer uma picada de cobra, ou mesmo uma ação humana violenta, os mantinha em constante tensão, que fica mais evidente quando ela relata os choros desesperados, tanto dos homens quanto das mulheres. E, ainda assim, o relato ressalta o sentimento de cooperação e solidariedade entre o grupo.

A mesma casa era usada constantemente para o mesmo objetivo, por isso ali havia roupas e bolsas de outras pessoas que haviam passado por ali, assim como marcações de nomes na parede.

Depois dos 4 dias, Mariana e seu grupo de 18 pessoas foi retirado daquela casa e levada para outra, distante apenas 30 minutos a pé do Rio Bravo. O que é marcante, agora, é o relato sobre o uso generalizado de drogas pelos habitantes da casa, e, outra vez, a vontade de desistir da viagem.

Aí depois de 4 dias eles tiraram nós de lá, a gente saiu todo mundo deitado dentro do carro, um amontoado em cima do outro, e foi pra fronteira. Nessa caminhonete a gente já não era mais pouca gente, a gente já era 18 pessoas.

Chegamos na fronteira, e ficou numa casa de mexicanos, era muita droga, droga demais, lá tinha muito brasileiro, tinha de vários países, eram pessoas também que iam passar para o outro país. Eu cheguei a falar que nós brasileiros não aguentava aquele cheiro, de muita droga, que no Brasil muito poucas pessoas, que nós mulher, não aguentava aquilo, pedindo que ajudasse nós, por favor, aí a pessoa deixou as crianças e entrou pro quarto, foi se drogar, e a gente, dormimos 18 pessoas num quarto só, e um vigiando o outro. Aí naquele momento bate na gente aquele desespero. Às vezes muitas pessoas pensam que o fanatismo do brasileiro, do imigrante, de outros países, atravessar pros Estados Unidos, é até chegar lá, não é não. A gente tem vontade de ir sim, mas quando você chega no México, aquela vontade acaba. E não adianta mais. Porque mesmo que você queira voltar para o Brasil, você quer se entregar para a Imigração, eles não deixam mais. Aí é um caminho sem saída. Ali é só Deus mesmo e mais nada.

Douglas, ao partir da Cidade do México, viajou 16 horas em carreta, até chegar a uma casa onde ficou por 31 dias, mantida por uma senhora, que inicialmente não queria recebê-los, até que concordou. Ali viviam ela, o esposo (que era o coioote brasileiro que os havia buscado no aeroporto), dois filhos e a sogra dela. O grupo de migrantes era formado por 8 homens e 2 mulheres. Durante 12 dias, tiveram refeições regulares, e a partir daí ficaram sem água e comendo apenas queijo *cheddar* e biscoitos que algumas pessoas tinham levado. Até que Douglas fez amizade com o dono da casa, e ele passou a dar-lhes cachorro quente e permitir-lhes que usassem o celular. Certo dia, o grupo decidiu desistir da travessia, mas, ao saber que as condições estavam favoráveis para cruzar, já que as cadeias do lado estadunidense da fronteira estavam lotadas), decidiu seguir em frente.

Fernando relatou que não enfrentou condições difíceis na casa particular onde seu grupo ficou. Não aconteceu nenhum fato violento, apenas o medo que era constante e decorrente do próprio carácter clandestino da viagem: “dava para ver que eles mesmo estavam apreensivos, que tinha o perigo da polícia federal de lá poderia suspeitar desse negócio”. Ele ficou numa casa de dois andares por 18 dias, com outros 20 migrantes, todos brasileiros. Eles tiveram boa alimentação e foi permitido fazer ligações para o Brasil: “por isso que eu falo que foi tranquilo o meu esquema”. Mas, depois de 15 dias na casa, Fernando relata que houve um incidente do lado de fora. Um dos grupos de migrantes que tinha acabado de sair no meio da noite para cruzar a fronteira teria sido atacado, possivelmente por traficantes de pessoas. E teve de voltar para casa ao desespero. Em choque, eles contaram o que tinha acontecido, e a partir desse dia a situação de tensão aumentou.

Aí lá pro dia 15 que eu estava lá, eu acordei com um alvoroço, o sol nem tinha saído ainda eu fiquei sabendo que um grupo voltou, era um punhado de mulher chorando, falando que deram tiro, “ainda bem que não matou”, “atiraram perto da gente”. Eu fiquei sabendo que eram traficantes. Eu acho que a intenção

desse traficante era pegar os imigrantes pra cobrar, mas foi a única coisa que eu vi lá, e foi muito feia, as senhoras lá chorando, nos prantos, e um cara falando, que saíram ali no meio do mato, escuro, e senti um cara colocar a arma assim na cabeça dele assim ó, ele pulou dentro da água e o cara atirou lá, ele mergulhou lá e conseguiu sair. Aí eu pensei, tô perdido agora... agora eu tô ferrado... Aí eles ficaram com mais cautela.

Além de relatarem com frequência que a viagem não é da mesma maneira como prometem os agenciadores no Brasil (em relação à precariedade das hospedagens, da alimentação, da maneira de atravessar o deserto e o rio, bem como o risco de prisão), há relatos de grupos de migrantes que foram abandonados pelos coites e ficaram à deriva (CONGRESSO NACIONAL, 2006). Diante disso, vários dos meus entrevistados falaram em desistir da viagem, ou em se entregar às autoridades policiais para serem deportados. Isso era dito em tom de advertência aos coites para que eles cuidassem devidamente das pessoas, pois, o fato de uma pessoa se entregar à autoridade para ser deportada pesava contra a rede de agenciamento.

3.4. Cruzar o Rio Bravo

Para os brasileiros, cruzar o rio é também um dos momentos mais sofridos. A começar pelo fato de que, somente quando partem de madrugada para a sua margem, é que são informados que não podem levar suas bagagens, apenas um número reduzido de roupas, que vão no próprio corpo ou numa pequena sacola de plástico. E os guias que acompanham o grupo na travessia são crianças e jovens, que recebem pagamentos mínimos. Ou seja, os “coites” adultos apenas levam até a margem, e, do outro lado, outros buscam os migrantes. Como relata Mariana:

Então a gente foi pra fronteira no outro dia de madrugada, saiu 3 horas da manhã, andamos 30 minutos a pé, chegamos na beira de um rio, eles não falaram que a gente tinha que atravessar sem roupa, aí o rio batia assim, quase no pescoço da gente. A gente atravessou o rio só de calcinha e sutiã, e com a roupa e o passaporte dentro de uma sacola na cabeça, porque a gente não estava mais com bolsa, já tinha largado a bolsa na casa, a mala com todas as coisas de viagem tem que deixar pra trás. Roupa de frio, roupa íntima, calça, blusa, ali você não pode levar mais nada, você só pode sair com a roupa do seu corpo. Aí a gente atravessou esse rio, andamos mais um pouco, atravessamos outro rio. Passamos numa fazenda que tinha muito algodão, a gente passou nela, atravessamos uma lagoa, depois a gente caiu numa fazenda que tinha vários cachorros muito bravos. Aí as crianças que atravessou nós, eram crianças de 10 até 14 anos, mais ou menos, mexicanos.

Fernando relata algo parecido, porém, ao chegar ao rio, não conseguiram atravessar e voltaram para trás, alojando-se numa casa precária nas proximidades.

Lá para o dia 18, na faixa das 10 horas da manhã, eles falaram “agora vai o grupo do Fulano”, que era o nosso grupo. “Então vamos”. Colocou a gente numa picape. Saiu dirigindo pelas ruas lá até chegar na zona periférica, e a gente ficou andando em torno de uns lugares lá perto deste rio. Foi mais ou menos 40 minutos de carro. Nós saímos da caminhonete dele, aí já veio uma outra pessoa. Engraçado que já funcionava o telefone de rádio, né. Eu nem sabia o que era aquilo. Prrrr Prrr conversando com quem tava do outro lado, dos EUA. Aí, naquele dia não deu certo. A gente andou, circulamos nuns lugar assim pra ver, olhar, lá dentro do México mesmo. Eu acho que não deu certo de chegar até no rio. Porque devia estar bem patrulado naquele dia. Aí a gente voltou e ficou por ali mesmo num lugar ali mais perto, porque eles já tinham um esquema por ali, perto do rio. Mas era um casebre muito ruim. Fedendo. Tipo, pior do que aquelas favelas da Rocinha lá. Bem ruim. Toldo, assim, sabe, não tinha teto nem nada, negócio de toldo... Aí a gente passou a noite lá e quando foi de madrugada, o cara já chegou igual um louco... “Não sei o que lá, não sei o que lá”. O dia tava amanhecendo quase. “Vamo, vamo, vamo”, aquela bagunça. Eu falei assim eu acho que vai ser hoje. Aí o dia amanheceu, ele colocou a gente na caminhonete deles de novo. Foi aí que eu vi o rio. Ele chegou com a gente até na margem do rio. Pediu a gente para arrumar 10 dólares para comprar uma boia, porque a boia tava um pouco murcha. Aí a gente com medo de tirar dinheiro do bolso, alguma coisa assim né, acontecer alguma coisa ali mesmo, aí a gente falou assim, “não, o dinheiro da gente tá pouco, a gente não tem, não tem condição de você conversar com seu chefe, se virar com o que você tem aí não? Atravessar a gente... Porque eu sei nadar, esse rapaz sabe nadar, aquele outro sabe. Só quem não sabe é essa menina aqui e aquela outra ali, que tá grávida”. Tinha uma menina grávida de três meses lá. Aí ele falou assim “então tá bom”. Aí ele sumiu lá e voltou com a boia remendada, e comunicando sempre com o outro cara da fronteira. Aí na faixa de 11 e pouco da manhã, a gente entrou dentro d'água, todo mundo. Aí eu fui nadando, segurando uma boia, mais ou menos uns 20 a 30 metros de largura. Pra mim que era acostumado com água eu não estranhei não. Vi que não tinha correnteza nem nada. As meninas que não sabiam nadar eles arrumaram uma boia que ela poderia deitar na boia. Tadinha, ela falou assim, “eu vou deitar aqui, eu vou endurecer como se eu fosse morto, porque eu nunca pisei na água mais do que a cintura e não sei nada de nadar”. Aí ela fez isso, endureceu os pés assim, endureceu as mãos, fechou o olho, deitada lá na boia, toda molhada. E falou assim, “seja o que Deus quiser”. Foi até chegar lá. Eu tive que bater nela, falar assim, “ei, a gente já chegou” e ela “aahn, já chegou? Já chegou?”... Espantada assim... meu Deus! Essa menina tava com medo mesmo. Aí eu falei com ela que já tinha chegado, que ela poderia colocar o pé pra sair, a água tava na cintura, aí a gente saiu lá tinha uns capins altos na beira do rio, a gente entrou pro meio de uns capins assim, pra ninguém ver, o cara sempre comunicando com o outro. Dali eu e meu grupo já começamos a andar.

Aqui Fernando, que disse haver ficado antes por 18 dias numa casa relativamente confortável, agora fala de uma nova casa, extremamente precária, onde passaram uma noite antes de cruzar o rio. Esta casa sim, se aproxima mais do tipo de casa onde Mariana ficou por quatro dias. Por isso há que relativizar o relato de Fernando quando ele diz que não teve problemas em sua viagem.

Douglas, por sua vez, relata que não teve grandes problemas, nem na casa onde se hospedou nas proximidades da fronteira, nem na travessia do rio.

Aí quando nós fomos pro rio, os coiotes já tavam lá também, pra fazer a travessia. Já tinha um voltando, porque ele atravessou pra ver se tinha polícia, e voltou, aí pôs nós na boia [...] Nesse ponto a travessia foi tranquila. Nós passamos pelo rio, o rio era bem fundo, eu não sei nadar, o outro rapaz também não sabia nadar, aí eles atravessaram nós, depois que atravessou ele mandou nós correr até uma determinada área [...]

O relato de Douglas é importante para desfazer estereótipos sobre a travessia da fronteira – que podem levar a uma percepção unívoca sobre os que são os coiotes e as respectivas redes de agenciamento e condução da viagem.

Os três entrevistados, Douglas, Fernando e Mariana, demonstraram que tinham grande capacidade de se auto-orientar durante os sucessivos fatos da viagem; ainda que apontem ter sofrido privações, deram a entender que permaneceram firmes todo o tempo e todos os três pareceram exercer alguma liderança sobre o grupo. As condições de viagem variam, porém, de acordo com a conformação do grupo. Douglas, que é o que relata menos dificuldades, viajava num grupo menor (8 homens e 2 mulheres). Além disso, Douglas foi em idade mais jovem que Fernando e Mariana. Estes foram em grupos maiores e havia um peso maior na tensão diante da responsabilidade com o restante do grupo, principalmente no caso de Mariana, que viajou com o esposo e com pessoas que dependiam dela inclusive no aspecto físico – ela relata que havia uma jovem que estava muito fisicamente debilitada e precisava de apoio para caminhar. Além disso, o relato de Mariana tem mais sensibilidade, mais riqueza de aspectos subjetivos, o que tem relação com as diferentes maneiras com que homens e mulheres percebem sua própria condição na rota migratória. Em uma das conversas que tive com a pesquisadora Devani Tomaz Domingues, em Governador Valadares, ele me chamou a atenção para as diferentes maneiras com que homens e mulheres enfrentam a rota migratória; sofrem a violência de maneiras particulares, e representam suas experiências também de maneira diferente: de maneira geral e simbólica, “os homens falam do que viram; as mulheres falam do que viveram”.

3.5. Chegada aos Estados Unidos: emoção e desilusão

Depois de cruzar o rio, os migrantes adentram o território estadunidense. Os relatos são de grande emoção: chegar ao “outro lado” representa a vitória da travessia. Os migrantes sabem que já estão em solo estadunidense quando vêem uma “luz”. Eles se referem, na realidade, às luzes do aglomerado urbano mais próximo. Significa que eles saíram da região de controle

fronteiriço militarizado e alcançaram um ponto em que podem se considerar definitivamente dentro de território estadunidense. Mas o conteúdo desse relato também tem forte carga simbólica: na narrativa mística, a luz na escuridão representa o triunfo, a recompensa, a dádiva.

Reforçando o carácter contraditório que Sayad (1998) atribui à experiência migratória como *elghorba* (luzes e escuridão, felicidade e frustração, fuga e ilusão), Mariana mostra que é uma ilusão a sensação de êxito após cruzar a fronteira:

Quando a gente sai da fronteira do México, e atravessa o rio, eles dão um grito “já estamos dentro dos Estados Unidos”. Aquilo vem aquela alegria na gente, porque a gente pensa assim, atravessou, chegamos nos Estados Unidos, então pronto acabaram os problemas. Mas não. Mas ali tá faltando mais umas 100 horas pra você chegar no local que você precisa chegar. Então isso aconteceu quando ele mostrou as luzes pra gente, e falou assim, “tá vendo aquelas luzes lá, aquilo ali já é os Estados Unidos”. Todo mundo sorriu e falou “Graças a Deus”. Mas nada daquilo. Era sim, era Estados Unidos mesmo, né, já era o outro lado, mas aonde nós tinha que chegar ainda faltava muito chão.

Ao chegar à outra margem do rio, os migrantes têm de andar, correr ou rastejar por trechos de mato alto e plantações, até chegar a uma estrada onde são recolhidos por algum veículo, que os leva para um hotel ou vai diretamente para longa viagem para a cidade de destino.

Ao relatar como era o cotidiano dos imigrantes brasileiros em Danbury, Connecticut, Romeu conta a situação em que seu irmão chegou à cidade, depois de cruzar a fronteira:

Em Danbury, tinha dois pontos lá que eram restaurantes brasileiros, em que uns coiotes chegavam nas vãs e descarregavam essas pessoas lá. Quando a pessoa atravessava, já dava o endereço: “me deixa lá no Mourão”, “me deixa lá no Banana Brasil”. Então todos os dias passavam duas ou três vãs, em cada um desses lugares e desembarcavam os imigrantes. Então assim, todo dia tinha gente nova. E chegavam de todo jeito que você pensasse. Tinha gente que chegava todo urinado, era uma cena assim, dramática. Meu irmão por exemplo chegou assim. Ele chegou lá com uma calça transformada em bermuda, uma bota de mulher, cada uma desse tamanho assim...

Em território estadunidense, também há violência, corrupção de autoridades e sofrimento. É quando os migrantes têm, muitas vezes, de lidar com a Patrulha Fronteiriça, os agentes de Imigração daquele país, os centros de detenção de migrantes. Mariana faz questão de dizer e mostrar que a corrupção das autoridades e os bandos criminosos não se restringem ao México.

Isso fica sempre assim, entre as fronteiras, porque sempre as pessoas acham que a fronteira do México é a pior. Não. Tanto é perigoso na fronteira do México quanto na fronteira dos Estados Unidos pro outro lado. Perigo que

corre de um lado corre do outro também. Parece que é até assim, coligado um ao outro. Parece que já é tudo combinado, nada sem o outro saber.

Em outro momento da entrevista, reafirma:

Aí quando você pensa que terminou, que saiu da violência, porque eles falam que o México é que é violento, e você cai na violência na fronteira, do lado dos Estados Unidos. Aí a violência e o perigo é muito mais ainda do que você pensa. Porque aí vem aquela coisa de medo, porque você está lidando com pessoas desconhecidas, pessoas que estão ali se drogando, fazendo as coisas erradas na sua frente, e você não pode fazer nada, e assim vai.

Fernando foi preso já do outro lado, após passar ileso por todos os riscos da travessia. Depois de cruzar o rio, o grupo foi recolhido por carros na estrada e levado para um hotel, ainda muito próximo à fronteira, onde tiveram suas roupas lavadas, e o grupo de coiotes foi trocado. Ali, Fernando recebeu “uma carta desse negócio de fronteira, uma carta lá, em inglês”, e foi encaminhado para um ônibus para seguir viagem, sabendo que passaria numa nova barreira de controle fronteiriço, onde deveria apresentar a tal carta.

Aí, o ônibus estacionou lá num canto, um cara da Imigração entrou dentro do ônibus, veio pedindo papel, papel, papel, chegou na minha vez eu peguei e dei a carta pra ele. Aí ele pegou a minha carta, ficou olhando, com ela na mão, foi até lá na traseira do ônibus, olhar os papéis das pessoas, aí quando voltou em mim de novo ele falou, fez assim: “vem cá”. Mas eu fui instruído a não falar nenhuma palavra em inglês. Não falar que eu falava, ou entendia. Aí ele fez assim com o dedo [gesto de chamar uma pessoa]: “come on”, “me siga, me siga”. Aí desceu do ônibus, ele ficou na frente na lateral do ônibus assim com a mão na PT assim. Aí eu desci, ele foi me acompanhando, de lado assim, deixando uns 2, 3 metros de distância, com a mão na PT sempre, e a gente atravessou o asfalto e do outro lado era o setor de Imigração, uma casa lá. Aí ele entrou com a gente lá dentro da casa e eu fiquei lá 11 horas, num frio! Eles deixam o ar muito frio. Tremendo o dia inteiro, Nosso Pai!

Aí eles checaram, minha vida inteira, lógico né, olhando no computador, sempre me pedindo passaporte, e o meu passaporte tava debaixo da palmilha do tênis que eu levei, falaram que não desse passaporte para ninguém. Não mostra pra ninguém, não fala que você tá, e assim nem não fizeram revista nem nada né... Foi a sorte também, se tivessem mandado eu tirar o sapato, e abrisse a palmilha, ver que tinha o passaporte lá. Eu acho que eles queriam passaporte só pra identificar se é aquela pessoa mesmo que tá falando que era. Aí eu fiquei lá 11 horas, eles investigando minha vida... mudava de cela, colocava com umas pessoas ali, depois que ficava ali duas horas, me colocava em outra cela... cheio de mexicano lá. Aí tirando foto né, digital, essas coisas todas. Os dez dedos da digital. Aí eu acho que pela foto, pela digital, por eu ser brasileiro, falando que sou brasileiro, eles não acreditavam muito, mas nessas 11 horas devem ter checado nesse negócio de criminalidade né, e devem ter entrado em site aqui do Brasil e viram que eu realmente era cidadão brasileiro.

Foi então que ele foi chamado para uma entrevista particular com um agente de Imigração, com quem teve um longo diálogo, marcado pela surpresa e por uma nova situação contraditória, em que a frustração anda junto com o êxito e aparece o elemento da dádiva.

Aí no final das 11 horas, isso já era mais ou menos 22h40 da noite, ou mais, aí veio um oficial hispano, falando quase português, comigo, me tirou da cela, mandou eu seguir ele, me levou para uma salinha, ficou em pé na salinha, pediu que eu sentasse, e ficou com o papel na mão e falou assim:

- O papel que eles te deram é falso, eu gostaria de saber quem é que te deu esse papel, queria que você me desse nomes, blá blá blá...

- Como que eu vou te dar nome, se eu nem vi a pessoa? Eles não agem assim desse jeito não, dando nome, dando cara, eu só lidei com terceira, quarta pessoa, o cara mesmo eu nunca vi na minha vida.

- É, eu sei como que é. E você sofreu alguma coisa?

- Não... sofri nada não, graças a Deus tudo bem, cheguei aqui bem.

- Onde é que você ficou lá no México?

- Como é que eu vou falar pra você? Nunca fui no México. Fiquei numa casa num lugar que eu não sei onde que é, nem saía da casa direito.

- É, eu sei, você não conhece como que você vai falar. Tá certo. Quais são as suas intenções?

- Vim aqui pra trabalhar, ver se eu consigo alguma coisa na minha vida, e pagar as dívidas que eu deixei pra trás.

- Você deixou muita dívida?

- Deixei, muita dívida.

- Mas, que tipo de dívida que é?

- Dívida de cheque, de banco.

Aí ele me perguntou - outra bobeira que eu dei na minha vida, quando ele me perguntou isso.

- Essa dívida, se você voltar, eles vão te matar?

- Não, porque é dívida de banco essas coisas assim, não é... – e eu deveria ter falado: “se eu voltar eles vão me matar”. Eles teriam começado um asilo político naquele momento. Porque o cara tava comigo assim numa boa, muito educado. E eu dei essa segunda bobeira na minha vida, não ter exposto pra ele a real situação do negócio. Se eu voltasse, teriam me matado, com certeza.

[E era isso mesmo? Se você voltasse...]

Com certeza! É muito difícil eles perdoarem. Se bem que seriam só os mil e quatrocentos dólares, no caso. Talvez tentariam até me mandar de volta, mas no caso eu poderia ter falado com ele né. Além dessas tinha outras dívidas também, pessoal. Aí eu falei com ele desse jeito “não, não é questão de morte não”. Ele já perguntou sabendo que é coitado que me mandou, então se eu voltasse ele iria querer o dinheiro dele volta. Mas aí ele falou que

- Tudo bem então, vou deixar você entrar nos Estados Unidos, você vai pagar sua dívida... – Aí eu comecei a chorar de emoção.

- Porque você tá chorando, você tá passando mal?

- Não eu tô muito emocionado, porque realmente eu vou atravessar, você vai poder me deixar.

- Nessa carta que eu tô te dando eu vou te dar 3 meses pra você ficar na América. Aí ao final desses 3 meses você comparece numa corte, munido com esses advogados que estão aqui ó, tem 3 advogados carimbados aqui, aí você procura um deles e comparece na corte, pra dar início ao seu processo de legalização.

Aí eu falei assim, ali eu fui sincero com ele mesmo, sabe, ali eu já não tava ligando pra mais nada. Eu falei assim:

- É o seguinte, eu não vou na corte – falei com ele, dentro da delegacia. Ele olhou pra mim assim espantado falou assim:
- Como assim você não vai na corte? Você tem que obedecer, eu tô te dando um papel, você tem que obedecer, como é que você não vai na corte?
- Eu não vou na corte, como é que você pode me garantir que se eu for na corte, eles vão me prender e vão me deportar? Você me garante que isso não vai acontecer? Que se eu for lá nesse prazo de três meses, certinho?
- Não isso eu não posso te garantir não
- Então, então eu não vou.
- Mas você tem que ir!
- Eu não vou, eu tô falando com o senhor, porque eu não vou! Não vou mesmo, você pode colocar aí, que eu não vou. E esse endereço que tá aqui ó, eu não vou ficar lá não, esse é um endereço aleatório.
- É, você não vai pra esse endereço não?
- Eu não, vou pra esse endereço não. Pra vocês me acharem lá? Eu vou é ficar nos Estados Unidos pra lá e pra cá ó, até eu pagar minha dívida de verdade. E ele ficou assim, sem saber, não sabia o que fazia comigo, porque eu tava desobedecendo ele, aí por fim ele viu que não tinha jeito e falou “Vai embora, toma seu papel, vai embora” colocou dentro de um envelope. “Vai para aquela porta lá”. Aí fui lá pra porta, e já tinha um carro deles lá, com grade, me colocou dentro dessa viatura, e eu fiquei lá esperando aí veio as outras duas pessoas, o rapaz e a menina, entrou lá dentro também, já tinham acabado de liberar eles. E o cara dirigiu pra dentro dos Estados Unidos lá, e deixou a gente lá num ponto de ônibus. E na verdade o ônibus que ia passar, porque são vários ônibus que passam né... era o que tava no esquema pra gente, um ônibus da Greyhound. Quando esse ônibus chegou a gente sabia que era o que a gente tinha de pegar.

Não cabe ao pesquisador julgar as informações dadas pelo sujeito ou desconfiar de sua veracidade. O que cabe é interpretar sua narrativa, levando em conta o contexto do momento e local em que ela foi apresentada, e o carácter que o narrador dá para ela, de maneira inconsciente. Na narrativa acima, Fernando precisa reproduzir os diálogos que teve com o agente da Imigração, e, ao fazê-lo, carrega o relato com elementos que servem para dar dignidade à integralidade da sua experiência migratória. E, com tudo isso, a narrativa não deixa de ser verdadeira.

Em uma primeira vista, pode parecer pouco crível que um agente de Imigração, em vez de deportar Fernando, o tenha liberado graciosamente e ainda lhe dado uma garantia para ficar três meses no país. Mas era exatamente isso que acontecia, ainda que não fosse graciosamente.

Aquilo que Fernando representa como uma dádiva – o que é real desde a sua perspectiva – era o procedimento normal da autoridade migratória. Isso está explicado em Margolis (2013), no relatório do Congresso Nacional (2006) e no livro de relatos informais de Almeida (2010). Diferentemente dos mexicanos, os brasileiros detidos na fronteira não podiam ser deportados de volta para o México, deviam ser enviados de volta para o Brasil. Como o fretamento de um voo para o Brasil não era rápido, e dependia inclusive de conversações diplomáticas com a

autoridade brasileira, os brasileiros detidos teriam que ficar presos aguardando a deportação ou uma audiência com a Justiça especializada em migração (chamada na linguagem coloquial de “corte”). Com a intensidade diária dos fluxos irregulares na fronteira, os centros de detenção de migrantes logo ficavam lotados, restando à autoridade migratória liberar os brasileiros sob condição de comparecer à corte numa data determinada, que era aproximadamente 3 meses depois. Nesse período, os migrantes ficavam em situação “regular”, ou seja, não podiam ser molestados pelos agentes de migração nem ser deportados. Algo aparentemente negativo (ser detido pela Imigração) se converte em positivo (ter uma garantia de permanência por um prazo razoável e relativamente suficiente para chegar ao seu lugar de destino, se estabelecer num emprego e/ou ocultar-se da autoridade migratória). Por isso, a carta intimando para a audiência na corte é chamada, pelos migrantes e agenciadores, de “diploma” ou “salvo-conduto”. Como diz Margolis (2013, p. 88): “mesmo antes de deixarem suas casas, os brasileiros sabem que se forem parados na fronteira EUA-México não irão para a cadeia, mas receberão liberdade provisória”.

Jonathan, entrevistado por Almeida (2010, loc. 960), relata a conversa que teve com o seu agenciador, no momento em que acabava de contratar e colocar a casa em hipoteca em favor deste.

Durante a viagem ele disse que quando eu chegasse à fronteira receberia o diploma. O diploma é o documento dado pela Imigração para que eu comparecesse perante o juiz no fórum, após ser preso e liberado pelos agentes da patrulha de fronteira. Disse também que eu seria preso e liberado porque isso tudo era uma tática dos “Coiotes” porque os presídios na América estavam lotados, e não podiam receber mais ninguém.

Assim como Fernando, que já declarou que não compareceria à corte no prazo determinado, os demais migrantes tampouco o faziam. Como explica Margolis (2013, p. 88): “dos 2.500 brasileiros detidos no Texas em abril de 2005, 2.400 foram soltos com a promessa de comparecerem a uma audiência judicial mais tarde; quase 90% deixaram de aparecer e permaneceram nos EUA de maneira ilegal”.

Com o intenso fluxo de brasileiros, sobretudo entre os anos de 2003 e 2005, a rede de agenciamento utilizou o procedimento que chamava de “cai-cai”. Romeu explica esse procedimento:

De 2000 até 2005, criaram um sistema lá chamado “cai-cai”. É o seguinte: formavam-se grandes grupos de pessoas para fazer a travessia, sendo que o pelotão da frente os coiotes já preparavam para entregar aos policiais americanos do outro lado da fronteira. Com isso, eles preenchiam as vagas nas penitenciárias, e atrás um pelotão muito maior que passava. Então o quê que eles faziam... eles identificavam essas pessoas, cadastravam, e davam tipo um

salvo-conduto pra eles. Marcavam uma corte pra daí a 3, 4, 5 meses. E daí eles liberavam. Então, até o período deles comparecerem à corte, eles tavam ilegais, não eram incomodados pela Imigração. Só que essas pessoas, claro, ninguém foi à corte. Ninguém compareceu lá, porque sabia que se fosse à corte ia ser deportado. [...] Como o volume de gente era muito grande, levava 100, 200 toda semana, se ficasse 2, 3, 5 preso lá e retornasse, eles entravam em outro grupo novamente e iam de novo até entrar.

Esse procedimento foi vastamente constatado pelo Congresso Nacional (2006). Vários deportados declararam ter se entregado, após cruzar a fronteira, porque estavam recebendo a informação de que os que se entregassem voluntariamente seriam beneficiados; não só receberiam a autorização de entrada nos EUA, como também a permissão para trabalho. Não existia nada disso, o que existia era a intimação para comparecimento à corte, cujos efeitos práticos, isso sim, seriam equivalentes a ter autorização para ficar e procurar trabalho. Mas o procedimento “cai-cai” era um jogo de sorte que dependia de as prisões estarem lotadas, como explica um membro da rede de agenciamento (CONGRESSO NACIONAL, 2006, p. 158):

Então acontece o seguinte. O primeiro presídio, o que é que estava acontecendo? O presídio estava lotado. Lotado, lotado, lotado. Lotadíssimo, entendeu? Então, o que acontece? Os próprios “coiotes” estavam pegando as pessoas e entregando para a imigração. Entregando. Por quê? Porque a imigração ia pegar eles, ia levar para um centro de imigração, fazer uma ficha deles, ia pegar o telefone e ligar lá no presídio para saber: “Tem vaga? Não. Não tem vaga? Não.” Aí ele fazia: “Você, você, você e você vai pra onde? Ah, vou pra Massachusetts”. Ele segurava o passaporte, preenchia uma ficha e dava seis meses pra ele ficar legal nos Estados Unidos. Depois de seis meses ele teria que se apresentar a uma corte em Nova York. Então, fizeram muito tempo isso. Mas acontece que isso era uma loteria, porque ao mesmo tempo em que estava chegando gente, a imigração lá estava deportando pro Brasil. Então ele ligava pro presídio e falava: “Tem vaga? Ah, surgiu cinco vagas”. Ele falava: “Você, você, você, você e você vai pro presídio”. Uma loteria.

Era uma “loteria” já prevista pelos coiotes. Pela dimensão dos recursos que estavam sendo movimentados em razão do número enorme de brasileiros fazendo a viagem, os agenciadores no Brasil reuniam um capital de giro suficiente para garantir aos que fossem deportados por essa via que viajassem novamente, por conta do próprio agenciador.

Esse procedimento coloca os agentes de Imigração dos EUA como participantes da rede que viabiliza a migração. Sem esse procedimento, a travessia não se daria da mesma forma e dimensão. Essa participação fica explícita na consciência de Mariana, que afirma seguidamente: “eu passei só com policiais”, e que a violência do lado estadunidense é pior que do lado mexicano, ou quando, ao falar da interligação das redes no México e nos EUA: “parece que é até assim, coligado um ao outro. Parece que já é tudo combinado, nada sem o outro saber”.

Confirmando a percepção de Mariana, o Congresso Nacional (2006) tomou vários relatos de maus-tratos dentro dos centros de detenção de migrantes dos EUA, tais como sofrer fome, sede, frio com falta de cobertor e de colchão, dormindo no chão frio, em sala com vários aparelhos de ar condicionado premeditadamente ligados para abaixar a temperatura, falta de condições mínimas de higiene, falta de atendimento médico, humilhações morais, ter de ficar por longo período sem roupa, junto com outros presos, com os braços para cima. Os depoimentos relatam tortura física e psicológica, além de corrupção (CONGRESSO NACIONAL, 2006).

4. A CPMI da Emigração e a construção da migração como desvio

Conforme já expliquei, há pouquíssimas fontes que permitam dar um retrato consistente da migração de trânsito de brasileiros pelo México, especialmente em face do carácter clandestino desses processos. As muitas matérias jornalísticas, em geral, dão notícia de fatos isolados que não permitem uma análise integral e relacional do fenômeno. Nessas condições, o relatório da CPMI da Emigração constitui uma fonte substancial, especialmente se confrontado com as minhas percepções nas atividades de campo, tanto no México como no Brasil, e as entrevistas que realizei. Porém, o relatório e a própria atividade dessa CPMI é passível de crítica, se observados parâmetros básicos dos estudos das migrações internacionais.

Conforme reforça Edilma Desidério (2008, p. 18):

Aún que sea un documento bastante extenso, que trata de contextualizar la migración en Brasil, articula de forma no muy lógica el problema con otros temas como la victimización del migrante, ciudadanía, derechos humanos, legislación penal, además con otras complejidades generales y particulares de Brasil [...]

Os trabalhos da comissão, assim, tinham um matiz de vitimização, por um lado, e politização, por outro, apresentando o funcionamento das redes de condução de migrantes sem uma análise mais profunda:

En el análisis del documento se verifica a menudo la idea de mostrar el migrante brasileño como víctima en potencial; un discurso ausente de un análisis más profundo, más vigilante en materia de mostrar una realidad que está más allá de la facticidad que enfrentan los “hermanos” que entran de forma migratoria irregular, articulados a redes de conducción y contrabando a servicio del comercio migratorio internacional (2008, p. 19).

Quando fala numa tendência de politização dos trabalhos da comissão, a autora se refere à sujeição da análise e do conteúdo aos interesses imediatos dos atores políticos envolvidos, de

maneira a querer formular um discurso de salvamento desses brasileiros que seriam vítimas das redes de condução, excluindo a visão do próprio migrante como sujeito tomando decisões dentro de uma estrutura social.

As comissões parlamentares de inquérito estão previstas no art. 58, §3º, da Constituição Federal, são criadas para apuração de fatos determinados em que se confere aos parlamentares nela integrantes poderes de investigação próprios das autoridades judiciais, sendo suas conclusões, se for o caso, encaminhadas ao Ministério Público para que este promova a responsabilização civil e criminal dos infratores.

Acontece que a própria criação dessas comissões, que necessitam o requerimento de pelo menos um terço dos membros casa respectiva (Câmara dos Deputados, Senado ou ambos, quando se tratar de comissão mista), está circunscrita a acordos políticos entre os partidos que exercitam seu jogo de forças no parlamento. Por conseguinte, durante o desenvolvimento dos seus trabalhos e sua conclusão, seus resultados normalmente não vão além das estratégias de disputa política entre referidos grupos. Uma CPI, portanto, tende a ser muito mais um instrumento de mobilização político-social em torno de um determinado tema, dificilmente atingindo a finalidade de um órgão judicial, que é, através dos instrumentos e princípios do processo penal, chegar à produção de provas para atestar a materialidade de autoria de um delito, responsabilizando assim o seu agente. Ainda que, por outro lado, a CPI não substitua o trabalho dos órgãos judiciais, permitindo que essa persecução penal seja feita pela via ordinária, antes, durante e depois dos trabalhos parlamentares, é fato que os resultados anunciados por uma CPI são, em geral, superestimados, maculados que estão pela pressão em apresentar uma resposta rápida e que possa ser sintetizada num discurso político positivo.

No caso desta CPMI, o contexto que determinou sua criação foi o clamor levantado em 2005, com o número exorbitante de brasileiros sendo presos pela autoridade de migração dos EUA, o que provocou uma série de diálogos diplomáticos entre os três países (Brasil, México e EUA), e uma certa mobilização social através dos fatos que chegavam ao conhecimento da sociedade.

De maneira mais específica, a CPMI está em pleno funcionamento quando o México decide suspender o acordo de isenção de vistos, que, como o próprio relatório informa, já estava sendo negociada com a diplomacia brasileira desde antes. Então, a CPMI pode ser vista, sob um aspecto específico, como um elemento para legitimar essa decisão, bem como outras decisões diplomáticas e operações policiais em curso na época.

O objetivo central declarado pela comissão: “apurar os crimes e outros delitos penais e civis praticados com a emigração ilegal de brasileiros para os Estados Unidos e outros países,

e assegurar os direitos de cidadania aos brasileiros que vivem no exterior” (2006, p. 1), demonstra isso, assim como o primeiro parágrafo da justificativa do requerimento para convocação da CPMI (2006, p. 6):

A emigração ilegal para o exterior vem sendo feita com suporte em crimes como aliciamento, divulgação enganosa, tráfico de pessoas e de menores, falsificação e adulteração de documentos, falsificação e adulteração de passaportes.

Essa Comissão Parlamentar Mista de Inquérito deverá apurar todos esses crimes e outros delitos penais e civis conexos com essas aventuras lamentáveis, prometidas a brasileiros, em sua maioria, mal informados e, por isso, presas fáceis daqueles que exploram o tráfico de pessoas.

Fica evidenciado o tom predominantemente criminalístico dado aos trabalhos da CPMI, deixando em segundo plano a abordagem das migrações internacionais em suas amplas dimensões e considerações de carácter sociológico, jurídico e econômico. Isso explica a sede da CPMI em encontrar os “*enganchadores*” (DESIDERIO, 2008), os aliciadores de emigrantes e atribuir-lhes a responsabilidade pelo fenômeno, neutralizando outros aspectos, como os fatores da realidade socioeconômica brasileira que condicionam a necessidade de emigrar e os fatores individuais que levam a pessoa a decidir emigrar.

A própria filtragem das migrações internacionais indocumentadas sob o signo do chamado tráfico de pessoas reafirma esse tom criminalístico. Esta é, aliás, uma tendência perceptível em muitas discussões e eventos que tratam do tema, de maneira a envolver instituições estatais e acadêmicas colocando todos os fluxos internacionais de pessoas feitos (supostamente) à margem da regulação estatal como se fossem tráfico de pessoas. Goiânia sediou, em maio de 2012, um Simpósio Internacional para o Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, em que, em que pese a diversidade e a qualidade dos palestrantes, claramente incorporava esse discurso; muitos outros eventos têm abordado o tráfico de pessoas, o que também está expresso como tema da Campanha da Fraternidade 2014 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil: Fraternidade e Tráfico Humano. Muitos políticos em vários também assumem campanhas contra o tráfico de pessoas, que não deixa de ser um fenômeno disseminado e repugnante à consciência humana. Porém, muito pouco, relativamente, tem se falado sobre as condições objetivas e subjetivas que levam as pessoas a mudar de país para trabalhar, e enfrentar uma situação migratória irregular. Essas migrações, embora irregulares, não podem ser vistas sob o signo do delito, mas sim como um ato digno de quem procura mudar de uma situação aparentemente desfavorável para outra aparentemente favorável, no sentido de assegurar os meios de sobrevivência.

Os movimentos de apoio aos migrantes e os próprios atores estatais têm respondido e defendido que o migrante que sai de sua terra para trabalhar no estrangeiro não está cometendo um crime, e sim um ato de dignidade.

Fernando, um de meus entrevistados, chegou a ser surpreendido pela polícia enquanto dirigia sem carteira de motorista. Quando lhe perguntei se ele achava que migrar é um crime, ele respondeu que migrar não é um crime, crime seria algo específico que pode ocorrer na vida do migrante, como no caso dele, em relação a dirigir sem carteira:

É, na lei dos homens, sim. Eu tava burlando a lei. Crime é o que eu fiz, dirigir no Estado da Flórida sem carteira. Agora, falar assim, que eu era criminoso, não. Até lá eles falam, que não é criminoso, que as pessoas vêm pra tentar a vida, trabalhar, não tem nada a ver. Inclusive eles não prendem no setor dos criminosos, onde levam os ilegais. Ilegal não é criminoso. Mas em questão de lei eu tava extrapolando a lei do país, com certeza.

Mariana, por sua vez, expõe de maneira bastante profunda e consciente, explicando, com suas palavras simples, toda a profundidade que tem a dimensão da mobilidade humana e o direito que todas as pessoas deveriam ter de transitar em um país sem impedimentos.

Sem que tenha uma elaboração formal e acadêmica, sua explicação é altamente reflexiva e baseada nos princípios do transnacionalismo, da cidadania universal e da reciprocidade. Baseada em sua experiência pessoal e familiar direta com a migração, ela expõe o que significa, ou deveria significar, a livre mobilidade, perfazendo assim um repúdio às situações de violência na passagem pelo México:

Porque eu acho assim, quando nós tinha que passar pelo México, igual as pessoas falam, “entraram clandestino”, “passaram ilegal pelo México”, não. Eu nunca coloquei isso na minha cabeça. Eu nunca... tive vergonha de passar pelo México, porque no México nós brasileiros não entramos clandestinos. Porque até que prove, eu acho que nós podemos entrar no México a hora que for, que nós precisar, tanto eles também podem entrar no nosso país. Nós precisamos também. Nós precisamos que eles dá mais, vigia mais as fronteiras, tira essas coisas que está acontecendo, esses fatos tristes né, das fronteiras, que tá uma coisa horrorosa, e acaba com essa bobeira de falar que nós estamos entrando no México ilegal. Não, não e não, porque nós não precisamos de visto pra entrar no México. Agora, o que tá acontecendo entre o México e Estados Unidos, é que é o caminho que tem o pessoal passar para os Estados Unidos é pelo México. Então eles têm de resolver isto, da melhor forma possível, é com os presidentes dos nossos países, dando direito das pessoas entrar nos países, com visto. Igual, se nós precisa do nosso visto pra entrar nos Estados Unidos, nós não ganha. Mas enquanto os americanos só vai lá e compra a passagem, e pega ali o passaporte deles e coloca na caixinha de correio, com a passagem e manda pro consulado brasileiro, e o visto deles vai na casa deles. E nós brasileiros não temos esse direito.

A migração indocumentada não pode ser vista nos limites estreitos da criminalística, daí a crítica ao enfoque que a CPMI da Emigração dá aos crimes supostamente cometidos em processos de emigração clandestina e indocumentada, fazendo um jogo de criminalização dos agentes das redes de agenciadores e coiores e vitimização dos migrantes.

Nos capítulos iniciais desta tese, demonstrei os fatores sociológicos que incidem na decisão de migrar, dentro do espectro amplo da mobilidade humana como um fator inerente ao desenvolvimento do indivíduo e da sociedade. Expliquei, também, como é que, a partir de certo período histórico, especialmente depois do 11 de setembro de 2001, a migração indocumentada passa a ser considerada, pelos Estados receptores, como um fator elevado potencial ofensivo, dentro de uma leitura de atentado à segurança nacional. No próximo capítulo, abordarei mais detidamente essas questões, estabelecendo a relação entre política migratória e violência.

Jefe De Jefes
Los Tigres Del Norte

Soy el Jefe de Jefes señores,
Me respetan a todos niveles,
Y mi nombre y mi fotografía,
Nunca van a mirar en papeles,
Porque a mi el periodista me quiere,
Y si no mi amistad se la pierde.

Muchos pollos que apenas nacieron,
Ya se quieren pelear con el gallo,
Si pudieran estar a mi altura,
Pues tendrían que pasar muchos años,
Y no pienso dejarles el puesto,
Donde yo me la paso ordenando.

Mi trabajo y valor me ha costado,
Manejarlos con tantos que tengo,
Muchos quieren escalar mi altura,
No más miro que se van cayendo,
Han querido arañar mi corona,
Los que intentan se han ido muriendo.

Yo navego debajo del agua,
Y también se volar a la altura,
Muchos creen que me busca el gobierno,
Otros dicen que es pura mentira,
Desde arriba no más me divierto,
Pues me gusta que así se confunda.

En las cuentas se lleva una regla,
Desde el uno llegar hasta el cien,
El que quiera ser hombre derecho,
Que se enseñe a mirar su nivel,
Sin talento no busques grandeza,
Porque nunca la vas a tener.

Soy el Jefe de Jefes señores,
Y decirlo no es por presunción,
Muchos grandes me piden favores,
Porque saben que soy el mejor,
Han buscado la sombra del árbol,
Para que no les dé duro el sol.

CAPÍTULO 5

MASSACRE E POLÍTICA MIGRATÓRIA

Nos últimos capítulos, abordei as rotas de migração de centro-americanos e brasileiros pelo México e o cruzamento da fronteira com os EUA. Tais abordagens, ainda bastante descritivas, deixam perguntas no ar, especialmente sobre o entendimento do que é a violência que os migrantes sofrem, como ela é exercida e por quê. Caminhando para a conclusão da tese, o presente capítulo expressa o seu ponto culminante, ao tratar do massacre de migrantes no México e suas implicações nas análises desenvolvidas até aqui. Após abordar a questão da violência simbólica associada à decisão de emigrar num quadro estrutural em que fatores se complementam na sociedade de origem e na sociedade de destino, apresentado o significado da migração indocumentada no contexto das migrações internacionais contemporâneas, e observando de maneira empírica e transcendente o trânsito de migrantes pelo México e a migração indocumentada de brasileiros para os EUA, o massacre dos 72 migrantes fecha esse corpo de análise apresentando a relação de determinação recíproca entre a política migratória e a violência contra migrantes, entre autoridade estatal e crime organizado.

O fato coloca em destaque dois temas que já se achavam interligados na realidade mexicana: de uma parte, o problema da violência, do crime organizado e do funcionamento do Estado; de outra, o problema dos migrantes “indocumentados”, essa quantidade enorme de trabalhadores que deixam seus países numa lógica transnacional de exploração da força de trabalho.

Assim, este capítulo responderá de maneira mais completa a duas das perguntas lançadas no início deste trabalho: sobre o vínculo existente entre a política migratória e a violência e sobre o paradoxo na política migratória em que a migração indocumentada é repelida e ao mesmo tempo desejada.

O massacre de San Fernando coloca em cena as questões fundamentais desta tese, que aqui transmito pelas palavras de Vitória, tia de Juliard, uma das vítimas do massacre.

Eles não tinha esse direito, e nós não temos esse direito, de tirar a vida de um ser humano, porque ele está no nosso país. Se nós não pudermos ajudar, matá-lo não! Eles podiam ter deportado o meu sobrinho, mas matar o meu sobrinho, e mais 71 pessoas, isso não traz direito a país nenhum. Nem no México, nem nos Estados Unidos, nem em outros países, não traz. Porque pra isto existe a deportação, e não matar. Foi um erro muito... foi um massacre muito forte mesmo, que balanceou muitas pessoas, e está ainda, porque todo mundo está muito machucado com isto. Porque, depois disso aí, no mesmo setor, eles mataram mais cento e tantas pessoas. Como que tá essas famílias? Passando o

mesmo que nós estamos passando. É um país desorganizado? Não sei. Isso tem que acabar. Porque eu acho assim, começar. Começar das autoridades, quando a gente chega no México. Começar deles. Deixar de ser lesado pelos próprios... comandantes. Que é o que acontece com uma pessoa quando acaba de chegar no México.

Por quê esses migrantes foram assassinados? Considerando que a política migratória dos Estados é de conter os fluxos de migrantes indocumentados, e que os migrantes foram assassinados, no entender da vítima, devido à sua condição de indocumentados, por quê então eles não foram detidos e deportados? Um migrante que decide viajar de maneira irregular para os EUA deve considerar que enfrenta um risco maior que a frustração de ser detido e deportado? E como isso acontece? De que maneira o Estado está implicado em um massacre supostamente levado a cabo pelo crime organizado? Estas questões ainda são levadas pelos familiares das vítimas. É a partir delas que discutirei a relação entre violência e política migratória.

1. O massacre de San Fernando

No dia 23 de agosto de 2010 foram encontrados 72 corpos de pessoas executadas na municipalidade de San Fernando, Estado de Tamaulipas, no nordeste do México, a 140 Km de Matamoros (cidade mexicana que faz fronteira com Brownsville, Texas, EUA) e a 629 Km de Monterrey, o centro financeiro e industrial do México, e cuja região metropolitana possui 4.150.000 habitantes.

O massacre teve repercussão internacional e causou comoção nacional, devido ao número de vítimas, a brutalidade e o fato de serem todos estrangeiros e migrantes que passavam pelo México para chegar aos Estados Unidos e ali trabalhar. O secretário técnico do Gabinete de Segurança Nacional, Alejandro Poiré Romero, se pronunciou no dia 25 de agosto, afirmando que *“este es un suceso sumamente grave, absolutamente indignante y que exige la condena unánime de toda la sociedad y de todas las autoridades”* (PGR, 2010).

O equatoriano Luis Fredy Lala Pomavilla estava no grupo de migrantes sequestrados no dia 21 agosto de 2010. No dia 23, quando os sequestradores tentaram matar todos, ele, tendo recebido uma bala no pescoço, se fingiu de morto e conseguiu fugir do local, um galpão descoberto às margens de uma rodovia, no Ejido Huizachal, 24 Km a leste-nordeste de San Fernando. Conseguiu andar por volta de 10 Km até chegar a um posto da Marinha e noticiar os fatos. Quando os militares chegaram ao local, houve confrontos com os supostos sequestradores, em que foram mortos três destes e um oficial. Um menor de idade, de nacionalidade mexicana, foi detido e posteriormente identificado pelos sobreviventes como

partícipe no sequestro. Uma semana depois, no dia 30 de agosto, a Marinha encontrou 5 corpos numa rodovia do mesmo Estado de Tamaulipas, 3 homens e 2 mulheres, após receber uma ligação que apontava tais pessoas como supostos responsáveis pelo massacre. No galpão abandonado encontrado pelos militares estavam os corpos dos 72 migrantes, 58 homens e 14 mulheres.

Freddy Lala informou que, além dele, outras quatro pessoas também teriam sobrevivido ao escapar do cativeiro: uma mulher grávida e sua filha, das quais não menciona a nacionalidade, e um hondurenho. Quanto às primeiras, afirma: “havia uma mulher grávida de uns nove meses, com uma menina, mas não a mataram. Não sei pra onde ela foi levada” (*apud* JARDIM, 2010). Já o hondurenho fugiu junto com Freddy, escondendo-se na mata: “ele se escondeu e não conseguiram vê-lo. A casa estava cheia de mato, ele se meteu no mato e se salvou”. Num primeiro momento, os dois teriam saído juntos: “o amigo se separou de mim pensando que eu ia morrer e foi me deixando para trás” (*apud* JARDIM, 2010). As autoridades mexicanas, equatorianas e hondurenhas continuaram falando do sobrevivente hondurenho, do qual a identidade foi mantida em sigilo, mas não se pronunciaram sobre a existência e o paradeiro da mulher grávida e sua filha.

Os 77 migrantes viajavam na carroceria de caminhões, quando foram abordados pelos sequestradores, que rodearam os caminhões com três carros e os levaram ao galpão, onde foram amarrados de quatro em quatro, e assim passaram uma noite antes de serem executados.

Después nos botaron boca abajo, y después como... escuché un ruido que disparaban... yo pensé que disparaban por ahí al lado, pero no. Escuché que dispararon a mis amigos, y luego llegó disparando a mí... disparó a mí y mató a todos otros. Acabaron de disparar y se fueron, mataron a todos (LALA POMAVILLA, 2010).

Todas as vítimas fatais foram executadas com o mesmo padrão: com os braços amarrados por baixo de uma das pernas e os olhos vendados. Os autores dispararam rajadas com armas de grosso calibre e depois seguiram com um tiro de misericórdia em cada uma das vítimas.

Quem promoveu o massacre, e por quais razões? Estas são perguntas fundamentais no conhecimento dos fatos, porém são perguntas que permanecem inconclusas e sua inconclusão é exatamente o ponto em que o massacre continua a provocar violações aos direitos fundamentais das vítimas e de toda a sociedade. Uma resposta preliminar foi dada a partir do testemunho de Freddy: quem promoveu o massacre teriam sido membros do grupo criminoso

Los Zetas, e as razões seriam porque os migrantes se recusaram a trabalhar para eles. Como disse o jovem a uma jornalista, quando ainda estava hospitalizado e em estado de choque:

- No nos pidieron nada. Nada solo dijeron “¿quieres trabajar con nosotros?” Y nadie no nos quiso trabajar con ellos.
- [Ah, ¿les pedían que ustedes trabajen con ellos?]
- Sí, solo eso, no nos dijo nada más.

Ao silêncio dos sequestradores se seguiu o silêncio das autoridades mexicanas ao não dar respostas conclusivas sobre a autoria e as razões do massacre. O processo que se sucedeu foi complexo e polêmico, pois, conforme declararam o Relator Especial da ONU sobre execuções extrajudiciais (FJEDD, 2013) e a CNDH do México, o Estado mexicano falhou nas investigações do caso e nos procedimentos criminalísticos, incluindo a identificação e repatriação dos corpos, como explicarei adiante.

A notícia correu o mundo, eram muito fortes as imagens das dezenas de corpos amarrados e enfileirados. Pouco a pouco, e conforme os familiares foram se mobilizando para ter informações, muitas vítimas foram identificadas. A 4000 Km do local do crime, nas pequenas cidades de Santa Efigênia e Sardoá, os familiares de Juliard Aires Fernandes, 19 anos, e Hermínio Cardoso dos Santos, 24 anos, esperavam apreensivos pelas ligações deles, dizendo que a viagem tinha dado tudo certo e que já haviam cruzado a fronteira; aliás, já haviam passado 21 dias de sua partida, tempo além do previsto para a duração da viagem. Vitória, tia de Juliard, se encontrava em Belo Horizonte, quando soube da notícia do massacre pela televisão e reconheceu suas roupas em um dos corpos:

A gente viu passando no Jornal Nacional que teve esse massacre de 72 pessoas. Eu abri a internet no dia 25, e reconheci o Juliard ... morto. Amarrado. Tentando passar os braços pelas pernas. Eu achei porque eu conhecia muito a roupa que ele estava com ela. Ele estava com uma camisa preta e uma calça jeans. E a camisa era de malha, sabe. E também pelo cabelo dele, cortado baixinho, e... família não se nega né... então, no meio daquele tanto de gente ali, eu consegui achar o meu sobrinho. E já também entrei em contato. Eles falaram que existia uma pessoa que era brasileiro mas não tinha assinatura brasileira. Eu vi passar umas duas ou três vezes na televisão. Aí foi onde a gente acabou caindo mesmo, que era ele. E eu ligando pra ele [o pai], ele preocupado, eu lá em Belo Horizonte. Aí foi onde eles entraram em contato comigo imediatamente que era o próprio filho dele. Porque o passaporte dele tinha ficado no bolso dele.

O pai de Juliard, senhor Francisco, que mora na zona rural, foi chamado à Prefeitura de Sardoá, para receber uma ligação comunicando que seu filho estava morto:

- É foi pesado né... Eles me chamaram lá em Sardoá, aí o agente falou assim, o seu filho.... eee... então ele... tá morto [voz embargada e silêncio]. Então ele falou assim:
- O senhor precisa de alguma ajuda?
- Preciso. Eu quero que o jornal, a mídia entre dentro. Porque nós queremos trazer ele.
- Vai dar muita amolação pro senhor.
- Não tem problema. O problema que nós quer que você ajuda nós.

Então começou toda a mobilização das famílias para reconhecer os corpos e promover sua repatriação. Vitória foi para o sítio do seu irmão, e de lá fizeram contatos com a Polícia Federal, com a diplomacia brasileira e com as autoridades mexicanas. Os pais de Hermínio também foram informados e passaram a buscar as informações. E, no meio de tudo isso, a imprensa que não parava de chegar. As famílias acreditavam que só com a presença incisiva da imprensa é que conseguiriam a repatriação. Como disse Vitória:

Porque se não tivesse jornal não trazia ele nunca. E foi aonde os primeiros jornais que entraram nessa porta aqui... [recordando e chorando] eu pedi a eles que deixassem eu entrar no México, pra mim reconhecer meu sobrinho, trazer meu sobrinho pra gente fazer um enterro digno deles, falei com o secretário de governo, liguei para Belo Horizonte não sei quantas vezes, pedindo, e eles não aceitaram, falaram que pra trazer eles, ia ficar uns 30 mil reais. Eu coloquei a pagar os 30 mil reais, que eles me dessem o papel, o direito de entrar lá dentro. Não me deram. A revolta da gente, toda, vem aí [continua chorando]. Porque a gente, com sacrifício, mas nós tinha condições de pagar os 30 mil. Sacrificava. Tinha problema não. Não era mandar... a minha revolta maior foi que a gente ficou 60 dias esperando corpos, lutando, não tinha telefone aqui. A gente teve que instalar um telefone com menos de 24h. Eles... fazendo a hora com a cara da gente, vai chegar tal dia assim assim, tal dia assim assim, foi indo a gente cansou. Às vezes eu paro e penso... o Juliard está – se for ele mesmo que está enterrado aqui – ele veio devido aos jornais, não foi por mais ninguém!

A transcrição das falas de Francisco e Vitória mostram a permanência da dor ao relatar a perda de Juliard, e mostram também sua mobilização e obstáculos para conseguir a repatriação, o jogo de empurra entre governos federal e estadual e a negativa em facultar à família a participação no processo de identificação. Com tudo isso, a fala de Vitória revela um detalhe essencial: a dúvida sobre a identificação que foi realizada. Estavam todos no sítio de Francisco quando chegaram algumas pessoas para tiraram uma amostra da saliva dele, que seria levada para o México para que fosse feito o exame de DNA. No dia seguinte, em tempo recorde, a família foi comunicada de que a identificação do corpo de Juliard estava concluída. A velocidade com que supostamente foi feito o processo de análise do material coletado gerou na família uma dúvida, ainda não sanada, sobre a idoneidade da identificação. A dúvida se confirmou com a entrega dos corpos às famílias, 35 dias depois, pois os caixões foram entregues

lacrados e expressa proibição de que fossem abertos. Ao desobedecer a ordem e abrir o caixão de Juliard, seus familiares encontraram apenas uma massa disforme.

O repórter Thobias Almeida (2010) descreveu a comoção coletiva e o júbilo com que as três cidades marcadamente influenciadas pela emigração – Gonzaga, Sardoá e Santa Efigênia, receberam os corpos:

O furgão que trouxe de Belo Horizonte os corpos de Juliard Aires Fernandes, 19 anos, e Hermínio Cardoso Soares, 24, apontou na entrada do município vizinho de Gonzaga por volta das 15h. A chegada dos meninos fez transbordar lágrimas de parentes e amigos, que aguardavam o momento da despedida definitiva.

Um cortejo formado por 40 veículos, 50 motos e quatro ônibus lotados — segundo números da Polícia Militar —, seguiu em silêncio e parou as três cidades. Moradores lançavam tristes olhares de sacadas, comércios e calçadas em direção ao veículo que transportava mais que dois corpos, rastros da tragédia que marcou profundamente toda uma comunidade. Em Santa Efigênia de Minas e Sardoá, bandeiras e balões brancos levitavam no ar, como a sinalizar a paz que Juliard e Hermínio forçosamente alcançaram. Faixas e cartazes com mensagens de conforto e fê eram avistados em vários locais. Em uma delas, lia-se: “Juliard e Hermínio morreram cedo para viverem melhor”. Várias pessoas usavam camisetas com fotos dos mineiros assassinados no México.

O cortejo percorreu cerca de 20km, 15km deles em estrada de terra, até a casa dos pais de Juliard, que fica em Córrego Tronqueirinha, zona rural de Santa Efigênia de Minas. Ao chegar, a casa simples, com o amarelo das paredes já gasto, exibia um cartaz escrito a dezenas de mãos, que representa o sentimento dos familiares: “Juliard, você deixou eternas lembranças”. Assim que a porta traseira do furgão foi aberta e deixou à mostra os dois caixões de metal, que vieram lacrados desde o México, a comoção se espalhou.

Francisco, 66 anos, foi o primeiro dos pais a se reencontrar com o filho. “A chegada encerra uma angústia. O sentimento de tristeza não passa, mas a gente começa a se aliviar um pouco mais. Mesmo assim, não era dessa forma que eu queria revê-lo”, lamenta Alírio, que mal escondia o choro trancado na garganta. A mãe faleceu há oito meses.

Sofrimento

Os familiares de Juliard não aceitaram manter o caixão lacrado e o abriram, contrariando as orientações seguidas desde o México. Um forte cheiro dos produtos químicos usados no embalsamamento invadiu o pequeno espaço em que dezenas e dezenas de pessoas se amontoavam em busca da última imagem que não veio, pois Juliard estava envolto por uma espécie de atadura. Segundo os agentes funerários, a abertura não traz risco de contaminação, mas o lacre respeitava uma norma sanitária internacional.

Dali, o cortejo seguiu para a Igreja Matriz de Santo Antônio, em Sardoá, percorrendo um circuito de mais aproximadamente 5km. Centenas de moradores aguardavam na praça principal da cidade — também batizada Santo Antônio — a chegada de Hermínio. Novamente, a abertura do furgão fez desatar as lágrimas da comunidade. O caixão entrou no templo ao som da melodia de Ave Maria, embalada por um compassado badalar de sinos.

A repórter Ana Lúcia Gonçalves (2010) também relatou a emoção da chegada dos corpos, destacando que “bandeiras e rosas brancas espalhadas pelo caminho contrastavam com

o preto nas fachadas das casas e estabelecimentos comerciais”. Ela relata que o caixão não possuía uma lâmina de vidro que permitisse ver os rostos dos jovens assassinados, e que a tia de Juliard, ao abrir o caixão, questionou: “Que certeza temos que é mesmo ele? Não acreditamos nisso”. Em seguida, encontrou “um saco preto e, dentro dele, um corpo que não puderam identificar”.

A construção do cenário da recepção póstuma dos corpos de Juliard e Hermínio é importante para mostrar a dimensão e o impacto coletivo do massacre na própria localidade de origem dos jovens, o que reforça a problemática da falta de diligência, tanto do por parte do Estado mexicano, como do Estado brasileiro, em tratar dos procedimentos posteriores ao massacre. Essas questões serão abordadas a seguir, examinando a complexa problemática sobre as razões do massacre e a sua relação com a política de Estado.

2. As razões mais profundas do massacre

O massacre de San Fernando possui uma dimensão paradigmática para se discutir as consequências humanas da globalização, pois se tratou de um crime de sangue massivo e transcontinental, envolvendo vítimas e Estados de vários países do continente americano, e estando enredado no problema do controle da migração indocumentada e também no contexto das políticas de guerra às drogas. As circunstâncias em que aconteceu, envolvendo migrantes e crime organizado, na região fronteiriça, forma evidência para pensar vários fenômenos da contemporaneidade, estabelecendo os nexos causais entre a política e a prática dos Estados e do crime organizado, repercutindo num padrão de violência.

A fala de Vitória, no começo deste capítulo, expõe uma indistinção entre o controle migratório, aplicado pelos Estados, e o massacre de migrantes. Também o jornalista mexicano Epigmenio Ibarra, em texto publicado logo após o massacre, expõe que, mesmo tendo feito cobertura internacional de guerras, genocídios e massacres por todo o mundo ao longo de várias décadas, nunca tinha visto algo parecido. Em todos os outros casos que acompanhara, havia um claro motivo político, étnico ou religioso, uma razão para intimidar um grupo rival, um alvo estratégico, não encontrando lugar para compreender um massacre de pessoas que se deslocavam para procurar trabalho e sem estarem envolvidas em nenhum conflito armado.

Los Z aquí mataron por matar y no digo que los otros, los que lo hacen con uniforme y ateniéndose a un plan político-militar, no sean tan criminales como éstos.

Digo que, en este caso, esa masacre fue producto tanto de un arrebató sádico del jefe del comando, como de un entorno en el que se desprecia

profundamente la vida y donde la única ley que vale ya es la de “plata o plomo”.

Digo que este crimen es – a contrapelo de lo que, empeñado en eludir el golpe, Felipe Calderón declara - más que resultado de la acción del estado en contra del crimen organizado expresión de la derrota de la estrategia de guerra contra el narco del actual gobierno y expresión, también, de la profunda descomposición social en que vivimos.

Ibarra resalta em sua fala duas dimensões causais para o massacre: uma, mais aparente e conforme a versão oficial, de que foi causado por um grupo do crime organizado, e outra, mais profunda, que se refere a uma estratégia político-militar do Estado mexicano. Essa percepção, que, à primeira vista, pode parecer aleatória e pouco verossímil, tem fundamentos nas particularidades da política de guerra às drogas do Estado mexicano e do desenvolvimento correspondente dos grupos de crime organizado naquele país. A seguir aprofundarei nesses elementos, para demonstrar a relação do massacre com a política de Estado.

Nos Boletim n. 1019a/10, Alejandro Poiré (PGR, 2010) afirma:

Estos hechos recientes se dan en el entorno de una lucha encarnizada y sumamente violenta entre el Cártel del Golfo y Los Zetas, que anteriormente operaban de manera coordinada y cuya lucha interna, desde finales del año pasado, ha traído consigo un incremento sustancial de la violencia en el noreste del país.

[...]

No obstante sabemos, derivado del rescate realizado por fuerzas federales en meses pasados, que algunas organizaciones criminales han participado en el secuestro y extorsión de migrantes indocumentados de origen centro y sudamericano y en algunas ocasiones, incluso, en el intento de su reclutamiento para formar parte de las propias bandas criminales.

[...]

El hecho de que la delincuencia organizada esté recurriendo a la extorsión y al secuestro de migrantes como mecanismo de financiamiento, y en ocasiones de reclutamiento, sugiere, como lo han señalado algunos expertos, que algunas organizaciones están enfrentando una situación muy adversa para abastecerse de recursos y para reclutar personas que voluntariamente quieran participar en estas bandas criminales.

Lo anterior, es el resultado de su competencia por el control de plazas en el territorio nacional y también es muestra de que la actividad del Estado en su contra merma significativamente su capacidad de operación y los recursos con los que cuentan.

As afirmações foram feitas em coletiva de imprensa em 25 de agosto de 2010, dando notícia do massacre. Elas são esclarecedoras sobre o contexto da violência no país. O secretário se refere ao fato de que a região onde se passaram os fatos tem sido palco de uma encarnizada luta entre dois cartéis do crime organizado, baseada na disputa pelo controle das *plazas* (as praças, zonas de domínio político, econômico e territorial dos grupos).

O secretário dá ainda indicações sobre as razões do massacre, sugerindo que a extorsão e o sequestro de migrantes passara a ser um recurso utilizado para o financiamento e recrutamento de pessoas para as frentes do crime organizado, já que estas organizações estariam sofrendo dificuldades em suas capacidades de operação e seus recursos financeiros e humanos, dificuldades supostamente causadas pela atuação estatal contra os cartéis, tradicionalmente ocupados com o envio de mercadorias ilegais aos Estados Unidos, como drogas e armas. No caso do massacre de San Fernando, porém, conforme atestado pelo sobrevivente, não havia intenção de cobrar resgate, descaracterizando que esta fosse a finalidade daquela ação e a colocando num patamar mais profundo de análise. Isso leva a um questionamento substancial sobre as razões, os objetivos que tinham aqueles que decidiram pelo massacre.

As explicações do secretário, embora sejam um bom começo de análise, podem ser questionadas numa análise mais profunda, levando-se em conta um contexto mais amplo da violência no México e a análise das relações entre Estado e crime organizado.

2.1. O significado da guerra às drogas no México

Como analisa Bauman (2011), a mercantilização das relações sociais e a transformação de seres humanos em mercadorias, a partir de sua força de trabalho, são efeitos elementares do capitalismo, e, logo, a referida obsolescência, descartabilidade e substitutividade dos produtos também se aplicam às vidas humanas.

A inserção do México na economia globalizada (e sobretudo a imbricação da economia mexicana às demandas estadunidenses) coincide com a sua inserção nas rotas de tráfico de drogas e sua administração. Isso faz retomar a análise geral de Telles (2010) e de Ruggiero (2008): o desenvolvimento do crime organizado está diretamente relacionado com a liberalização dos mercados, a transnacionalização da economia, a formação de regras paraestatais para regular o comércio, a flexibilização das relações de trabalho e a generalização da terceirização e subcontratação como estratégias de acumulação de capital. No México, essa (des)estruturação econômica tem se dado nos marcos dos acordos comerciais e estratégicos de integração continental, aos quais faz referência Sandoval Palacios (2011). A concentração de atividade econômica em certas regiões não está associada apenas na acumulação de pobreza na escala inversa, mas também coincide com as regiões de maior violência, desregulamentação estatal e atividade do crime organizado.

Mais adiante, Telles (2010, p. 186) amarra nossa argumentação:

[...] o tráfico de drogas está presente e também compõe este amplo circuito transnacional de circulação de bens, mercadorias e pessoas. [...] São outras modulações dos mesmos processos que ativaram as migrações transnacionais das últimas décadas, ganhando configurações particulares conforme as circunstâncias geopolíticas (mutantes e turbulentas) das regiões produtoras e de passagem. Estruturam-se como verdadeiras economias que se beneficiam das mutações recentes do capitalismo contemporâneo (produção flexível, financeirização da economia, tecnologias digitais) nas condições de ultraliberalismo e enfraquecimento das regulações estatais.

As organizações delitivas no México se conformaram num complexo de relações com agentes estatais, ou seja, sob sua proteção em troca daquilo que Misse (2003) chama de “compra de mercadorias políticas”, mercadorias simbólicas vendidas por agentes estatais, como proteção a criminosos, favorecimento de fugas, venda de armas reservadas às forças armadas, forja de documentos públicos, informações sobre operações policiais, decisões políticas privilegiadas. Como afirma Benítez Rivera (2011), não existe crime organizado sem apoio institucional.

Ao traçar a genealogia dessas organizações no México, Flores Pérez (2010, p. 1) introduz:

El nivel de desarrollo de las organizaciones delictivas mexicanas no puede ser entendido sin tener en consideración el factor esencial que ha implicado la protección estatal, en función del contubernio entre determinados actores públicos y delictivos para obtener ganancias económicas ilegales.

Uma das principais e mais antigas organizações delitivas analisadas pelo cientista político é o Cartel do Golfo, fundado no Estado de Tamaulipas por grandes contrabandistas como Juan Nepomuceno Guerra Cárdenas, que desde a década de 1960 (ainda no chamado período autoritário que durou até 2000) possuíam relações políticas e familiares com governadores e partidários do Partido Revolucionário Institucionalista (PRI), inclusive aqueles investidos de funções de combate ao crime organizado. O complexo de relações entre contrabandistas e líderes políticos revelado pelo autor demonstra que a relação do Estado com o tráfico de drogas não é meramente simbólica ou indireta, mas, pelo contrário, o Estado tem patrocinado, ao longo das décadas as atividades de passagem das drogas ilícitas pelo México rumo aos EUA.

Flores Pérez atribui esse nível de corrupção às características do regime autoritário, e que as redes poderiam ser desarticuladas em um sistema democrático de transparência e prestação de contas. Afirma, porém, que as redes delitivas foram capazes de se adaptar às mudanças de regime, pois as antigas relações de favorecimento não foram desarticuladas, mas sim atomizadas. E continua:

Este tipo de estructuras de complicidad no colapsan por sí mismas. Si el Estado no ejerce deliberadamente una estrategia de desarticulación de los nexos entre actores delictivos y de poder, estos pueden sobrevivir a los cambios de régimen. Establecen nuevos equilibrios en función de la calidad de los recursos de coacción y condicionamiento mutuo que los involucrados puedan poseer, sea de manera institucional o personal, condicionados ambos por las características y fortalezas/debilidades de la estructura política en la que se desarrollan. (FLORES PÉREZ, 2010, p. 4)

Em 2001, as redes do narcotráfico operando no México atingiram uma nova etapa da organização na forma de um monopólio conhecido como *La Federación*, que funcionava como um conselho com representações dos principais líderes das organizações do tráfico de drogas, e que

[...] dirigió una red de transporte de drogas a gran escala traficando su mercancía ilegal en transporte terrestre, aéreo y marítimo, embarcando numerosas toneladas de cocaína de Sudamérica, transportándolas por Centroamérica y México, hasta finalmente desembarcarlas en Estados Unidos” (EQUIPO BOURBAKI, 2011, p. 14)

Essa federação, responsável por toda a distribuição de drogas ilícitas ao território estadunidense, desde sua entrada até o varejo. Não obstante essa unidade, o mercado das drogas ilícitas no México, como qualquer monopólio, se baseia também na competição, o que fica mostrado pelas disputas de praças (*plazas*), em que a disputa entre frações do crime organizado é um indicador decisivo do aumento da violência em dadas regiões. A expressão *calentar la plaza*, se refere à conflagração de uma situação de violência (com sequestros, assassinatos, etc. e com técnicas de guerra convencional como o uso de explosivos) usada por uns cartéis para retirar poder de outros cartéis, ou seja, quando um cartel pretende entrar na região já consolidada de outro grupo. A atividade dos cartéis é marcada tanto pela penetração nas instituições como na disputa por território com outros cartéis.

No caso de Tamaulipas, a disputa pelo controle da *plaza* se agravou quando o Cartel do Golfo sofreu uma cisão em que se formou o cartel *Los Zetas*, ao fim dos anos 90. A história começou quando o Cartel do Golfo cooptou os membros de um grupo de elite das Forças Armadas mexicanas, chamado *Grupo Aeromóvil de Fuerzas Especiales* (GAFE), para ser seu braço armado. O grupo ganhou autonomia e se tornou um cartel próprio, passando a disputar a *plaza* de Tamaulipas, região estratégica fundamental, não só pela fronteira com o Texas, mas pelo fato de ser a extremidade final da chamada Rota do Golfo, a maneira mais curta de cortar o México do sul ao norte, entrando numa região estratégica também dos EUA.

O massacre dos 72 migrantes em 2010 pode estar relacionado à disputa da *plaza* de Tamaulipas entre o Cartel do Golfo e *Los Zetas*. Correa-Cabrera (2011) apresenta uma

periodização das relações de pugnas e conluios entre os dois grupos. Uma ruptura definitiva entre eles teria se dado em 25 de janeiro de 2010, após cessar um acordo de divisão de territórios e colaboração que durou entre 2007 e 2009. Enquanto o número de mortes relativas ao tráfico de drogas no estado em 2009 ficou em 90, em 2010 subiu para 1209.

Em 2006, o então presidente do México, Felipe Calderón, lançou sua Guerra às Drogas, monitorada diretamente pela DEA e baseada no modelo estadunidense de “detenção e condenação de pessoas capazes de causar prejuízos, e não de uma visão mais estratégica que reduza as oportunidades de atividade danosa”, métodos estes que “não afetaram, significativamente e de forma mensurável, a amplitude da atividade do crime organizado, enquanto outros fatores, na verdade, exacerbaram os problemas ligados a esse tipo de crime nos Estados Unidos” (WOODIWISS, 2007, p. 208).

Uma das estratégias da guerra às drogas que demonstra o fortalecimento dos cartéis e o aumento da violência entre eles é a colaboração estatal aproveitando a rivalidade entre os grupos, como ficou evidente no episódio da prisão, em 2012, de dois dos principais líderes do Cartel do Golfo, Jorge Eduardo Costilla Sánchez (El Coss), e Mario Cárdenas Guillén (El Gordo). Os dois representavam frações rivais dentro do mesmo cartel, do qual lutavam pelo domínio absoluto. Cárdenas Guillén foi preso por delação de Costilla Sánchez, que estava colaborando com as Forças Armadas. Quando exorbitavam os rumores de este estava sendo protegido pelas Forças Armadas, estas o prenderam, e sua confiança na proteção que recebia era tal, que não ofereceu resistência ao ser preso. Diz a revista que o “capo” traiu e foi traído. “Los marinos lo traicionaron y lo capturaron porque a la Armada le pesaba cada vez más la acusación de que lo protegían” (CARRASCO ARAIZAGA, 2012, p. 6).

Correa-Cabrera (2012, p. 24, traduzi) aprofunda a análise sobre a relação entre crime organizado e Estado com ferramentas e conceitos de Weber, mostrando que, no estado de Tamaulipas,

A relação entre possuidores dos meios “legítimos” de força política e a população têm se transformado ao ponto de que o crime organizado parece ter efetivamente suplantado as estruturas governamentais e tem imposto sua racionalidade idiossincrática e operativa sobre a população, transformando efetivamente elementos outrora criminais em mecanismos de controle social.

O que a autora está mostrando é mais profundo que a mera corrupção de agentes estatais. Trata-se de um enraizamento das estruturas do crime organizado em que as lógicas da governabilidade, da sociabilidade e da estabilização social passam a só funcionar se essas estruturas estiverem presentes. Em outras palavras, o crime organizado assume o monopólio do

uso legítimo da força, exercendo esse poder sobre a população de forma impositiva – inclusive através de crimes de sangue – com atuação intra e extraoficial. E, acrescento, não se pode dizer que o poder do crime organizado atua apenas fora da legalidade, porque, atuando inclusive dentro de posições estatais, tem o poder de gerar legalidade a seu favor, ou de impor códigos de conduta não oficiais. Em outras palavras, tais grupos “não só se envolvem no controle severo e violento e práticas de limpeza, mas também ultrapassam funções do Estado no sentido de segurança e de projeção de poder” (CORREA-CABRERA, NAVA, 2013, p. 105, traduzi).

Em muitas regiões do país, as elites de poder local parecem coincidir com máfias do poder econômico local, e mantêm práticas de dominação tradicional baseadas no patriarcalismo, na informalidade, na hierarquia, na oligarquia agrária ou mercantil e no moralismo conservador, que, de alguma forma, ainda que indireta, estão amalgamadas à vigência da Narco-nação a que se refere Sayak Valencia (2010).

Um grande problema na análise do assumimento de poder político por parte do crime organizado é o raciocínio de que seria devido a uma ausência do Estado, a ideia do vazio de poder ou omissão em governar, que seria preenchido por outras forças. Esse raciocínio não coaduna com a maneira como os grupos do crime organizado têm exercido o poder, pois eles precisam do próprio Estado, para alcançar seus objetivos. Em vez de um Estado ausente, o que há é um Estado presente cuja estrutura interna é ocupada pelo crime organizado. Na expressão de Casillas Ramírez (2012, p. 147), “la asistematicidad es parte de su sistema”.

A referida situação de violência no estado de Tamaulipas não se deu devido a uma suposta ausência de forças públicas de todas as esferas da federação mexicana, mas, sim, por uma maneira especial com que sua presença é estabelecida. Seguindo a política binacional de militarização da região fronteiriça México-EUA, Tamaulipas se tornou uma das regiões mais militarizadas do país, inclusive com presença ostensiva das Forças Armadas, o que significa um estado pleno de controle estatal. As redes delitivas, em vez de serem hostilizadas pelo controle estatal, se servem dele, através do jogo da compra das mercadorias políticas (MISSE, 2003) e dos recursos tecnológicos existentes de monitoramento e das redes de transferência financeira (CASILLAS, 2012). O negócio do tráfico de drogas – e também de pessoas – inclui uma diversidade de atores que repartem seus superlucros (WOODIWISS, 2007). Além disso, a atuação dos cartéis e os sequestros de migrantes já eram fatos conhecidos bem antes do massacre de 2010, como será mostrado a seguir.

2.2. O negócio de sequestrar migrantes

No Capítulo 2, ao tratar das rotas de migração de centro-americanos pelo México, mostrei que elas estão inseridas num contexto de violência, dadas as condições de vulnerabilidade da migração indocumentada, incluindo os incidentes durante a viagem sobre os vagões de trem e nos trechos percorridos a pé. Casillas R. (2012) enumera as situações de agressão ou violência que os migrantes indocumentados sofrem ao longo das rotas:

1. Assalto e roubo;
2. Violência física;
3. Violência sexual;
4. Sequestro;
5. Torturas e amputações;
6. Chantagens;
7. Exploração laboral (tráfico de pessoas⁵);
8. Exploração sexual (tráfico de pessoas);
9. Reclusão;
10. Morte.

É importante notar que Casillas não faz distinção entre atos violentos praticados por agentes do crime organizado, por indivíduos isolados ou por funcionários públicos. Pelo contrário, mostra que as práticas de violência estão contidas num tecido social em que contribuem, direta ou indiretamente, uma multiplicidade de atores.

O documento *Victimas Invisibles. Migrantes en movimiento en México*, da *Amnistía Internacional* (2010a), separa as violências nos seguintes tipos: (a) sequestros, ameaças e agressões; (b) violência contra as mulheres migrantes; (c) desaparecimentos e mortes. Sobre os abusos praticados durante os controles estatais de migração, aponta: (a) uso excessivo da força; (b) extorsões.

A própria atividade estatal de contenção dos fluxos migratórios constitui práticas geradoras de vulnerabilidade e violência, como demonstra um relatório da Casa de Migrantes de Saltillo, ao descrever as consequências de um bloqueio de agentes do INM na linha férrea:

Generalmente, el INM dispone a sus agentes sobre las vías del tren, en cierto punto cercano a la estación, y hace que el ferrocarril se detenga para salir al encuentro de las personas migrantes, utilizando como ventaja la sorpresa. Las personas migrantes que desde el tren alcanzan a ver el operativo, se avientan

⁵ Ao referir-se tanto à exploração laboral como à sexual, Casillas R. usa a expressão *trata de personas*. Na língua espanhola (assim como na língua inglesa), há uma distinção entre termos que a língua portuguesa traduz apenas como tráfico de pessoas. O *tráfico* de migrantes corresponde à facilitação e promoção do trânsito e entrada irregular dos migrantes em um país, enquanto a *trata* de pessoas se refere à utilização das qualidades de uma pessoa em proveito próprio e abusivo, como no sequestro para fins de trabalhos forçados ou de exploração sexual.

—cuando éste aún va en movimiento- y corren con el objetivo de esconderse y evitar ser atrapados (lo cual implicaría su detención y posterior expulsión o repatriación). En ese momento, se inicia una persecución por parte de los agentes federales, que corren tras las personas migrantes hasta lograr sujetarlas de alguna parte de su ropa, llevarlas al vehículo que tengan destinado y, posteriormente, trasladarlas a la estación migratoria. Estos operativos son con frecuencia acompañados por elementos del Ejército Mexicano, de la Policía Federal e, incluso, por oficiales de distintas policías municipales”. (BELÉN, POSADA DEL MIGRANTE, 2010, p. 13)

É importante observar que o ato de bloquear a passagem do trem para capturar os migrantes é uma prática usada tanto pelos agentes do INM quanto pelas redes delitivas, o que justifica a desconfiança dos migrantes e explica sua reação em evadir-se de qualquer bloqueio.

Em minha imersão na pesquisa de campo pelas rotas migratórias no México, quando passava pela cidade de Tierra Blanca, em Veracruz, testemunhei, às margens da linha do trem, um grupo de migrantes que denunciava uma tentativa de sequestro contra eles na madrugada anterior. Os homens e mulheres do grupo estavam bastante estressados e falavam de maneira exasperada com os membros da caravana que ali chegavam, relatando que o trem tinha sido bloqueado por homens mascarados que desciam de caminhonetes caracterizadas como oficiais.

- ¿Cuándo fue?

- Anoche!

- ¿Aquí?

- Aquí nomás!

- Nosotros lo que hicimos correr todo pa'tras, todo el grupo, todos para atrás. Ó sí bien complicado. En este camino nosotros lo que estamos haciendo es tratar de unirnos todos. Unirnos todos y siempre venimos pidiendo la fe y orando a Nuestro Señor. Para que no nos vaya pasar nada. Porque... ahora que hace el maleante, se hace pasar como Migración, somos presas fáciles de ellos. La cual una vez ya ellos nos retienen, no nos llevan a Migración, no son Judiciales, ¿quienes son? Sólo Dios sabe! Son... contrabandistas de humanos, lo cual a uno nos jodean, porque, se lo digo porque a mi hasta trabajo me ofrecieron! En ese tren. ¿De qué? De andar derrumbando personas, en el tren! ¿Cuanto me ofrecieron? Me ofrecieron mil pesos en Manales. Pero no pude hacer eso, porque - porque todos venimos unidos...

- No hay necesidad de ir al Norte. Se está complicando toda la vía.

- Mira de noche lo que sucedió? Anoche quisieron hacer una redada haciendose pasar por Migración. Cuando yo enfoqué la cara de ellos, andaban con pasamontañas. Dije un alerta a todos los compañeros para que corrieramos para atrás. Miramos las primeras dos camionetas. Eran camionetas de Migración. Cuando volteamos a ver todos, habian seis camionetas escondidas, en el otro costado. No pudieron hacer nada por la razón de que todos recorrimos hacia atrás. ¿Que sucedió? No era Migración. Eran los que a nosotros nos secuestran. Esto fue en Medias Aguas, a las dos de la mañana. En la mera estación de Medias Aguas. Y por eso les digo que hasta el maquinista está confabulado con ellos. ¿Por que razón? Porque el maquinista tiene derecho para ir en la noche. Se paró precisamente en la mera camioneta!

- ¿Ustedes cuantos eran?

- Nosotros venimos en 200 personas. Ellos eran ocho personas y las otras seis camionetas estaban escondidas, estaba todo rodeado.

Um detalhe semelhante foi revelado pelos informes da PGR (2010) logo depois do massacre de San Fernando, em 2010. Quando os militares chegaram ao local do massacre, encontraram

21 armas largas, seis carabinas M-4 calibre 5.56 milímetros, tres fusiles AK-47 calibre 7.62 milímetros, siete escopetas calibre 12, cinco rifles calibre 22, 101 cargadores para armas de fuego de diferentes calibres, dos cintas eslabonadas de munición calibre 50, seis mil 649 cartuchos de diferentes calibres, cuatro chalecos antibalas, uniformes camuflaje, fornituras y un casco; además, cuatro camionetas, entre la que destaca una clonada con matrícula apócrifa de la Secretaría de la Defensa Nacional.

O porte das armas de fogo, os uniformes e capacetes e, especialmente, uma caminhonete caracterizada como sendo da Secretaria de Defesa Nacional, demonstram que os criminosos, no mínimo, se passavam por agentes estatais. Mais que isso, o detalhe acentua a dúvida, nunca esclarecida pelas instâncias de investigação e processo penal, sobre qual foi a participação do Estado mexicano no massacre.

Ao contrário do que declarou o secretário técnico do Gabinete de Segurança Nacional, Alejandro Poiré Romero, as autoridades de Tamaulipas e do país não foram surpreendidas pela brutalidade do massacre de San Fernando, pois estavam cientes da onda de sequestros e assassinatos de migrantes e da atuação dos cartéis do crime organizado no estado. Isso foi o que demonstrou uma série de comunicações diplomáticas dos EUA reveladas pela organização National Security Archive em novembro de 2013.

Um ofício da agência central da DEA para suas sucursais nos EUA e no México, emitido em julho de 2009, trazia uma análise sobre a evolução e expansão do Cartel do Golfo e *Los Zetas* entre 2001 e 2009. O ofício diz que

A força dos Zetas é sua habilidade para corromper, matar e intimidar, e esses fatores lhes têm dado o poder para conduzir atividades por todo o México, e eles têm estabelecido uma metodologia de mover-se para novos territórios e assegurar o controle sobre aquela geografia. As atividades Zetas têm envolvido desde tráfico de drogas até atividades do crime organizado tradicional. (DEA, 2009, p. 2, traduzi)

No final, o ofício diz que “os Zetas continuarão a ser um desafio às agências de aplicação da lei e forças militares antidrogas” (DEA, 2009, p. 10, traduzi).

Um ofício da Embaixada dos EUA na Cidade do México, informou, em abril de 2010, que as previsões do governo mexicano sobre a queda na violência não haviam levado em conta

o aumento da violência no nordeste do país em função dos movimentos do crime organizado para controlar as *plazas* dali. Dizia que

As organizações de tráfico de drogas “têm operado de forma bem aberta e com liberdade de movimento e de operação, com táticas que incluem bloqueio de rodovias, tomadas de cidades, e tragando unidades militares locais e forças de segurança. Em muitos casos eles operaram com impunidade quase total em face de forças de segurança locais comprometidas com eles. (AMEMBASSY, 2010, p. 2-3, traduzi).

Que tal comunicação tenha sido feita mais de quatro meses antes do massacre mostra que o nível de organização e atuação dos cartéis em Tamaulipas e a participação de agentes públicos nas redes criminosas eram plenamente conhecidos pelas autoridades mexicanas. Em maio de 2010, outro telegrama diplomático informava uma série de confrontos entre as Forças Armadas mexicanas e os criminosos no mesmo estado, entre eles um confronto no dia 19 daquele mês, em que, entre quatro criminosos mortos e outros quatro detidos, estavam membros dos *Zetas* e *kaibiles*, membros de forças armadas especiais da Guatemala conhecidos pela brutalidade de suas ações – incluindo decapitações – desde a época do conflito armado naquele país.

As falhas e lacunas que se seguiram ao massacre reafirmam a tese sobre a participação do Estado na violência contra migrantes, dando seu carácter estrutural. As informações oficiais, tanto do governo mexicano, quanto da diplomacia estadunidense, tratam dos processos de investigação e punição de maneira incompleta, sem chegar a uma conclusão sobre os autores e as razões do massacre, o que inclusive tem motivado a busca de medidas administrativas e judiciais, por parte de organizações da sociedade civil, solicitando a transparência e o dever de informar do Estado.

As fontes oficiais mostraram que, logo após o massacre, houve confronto entre os oficiais da Marinha e os supostos sequestradores; que uma pessoa havia sido presa; que 5 pessoas supostamente responsáveis pelo massacre foram encontradas mortas numa rodovia uma semana depois. Nunca houve uma decisão judicial ou declaração oficial dizendo quem seriam essas pessoas, e o que teriam supostas investigações concluído sobre a relação delas com o massacre. Conforme transcrevi acima, foi encontrado no local do massacre um arsenal de armas longas, uniformes militares, coletes, capacetes, quatro caminhonetes incluindo uma caracterizada como sendo da SEDENA, ainda que com placa apócrifa. Nunca foi dada uma conclusão sobre a procedência desses objetos e sobre a relação dos autores com forças militares. Um Promotor de Justiça que estava a cargo das investigações foi assassinado em 27 de agosto do mesmo ano. Seguiu-se em Tamaulipas um estado de guerra vários meses após o massacre.

Uma operação militar entre 1º e 14 de abril de 2011 encontrou na mesma localidade de San Fernando 36 covas com 145 corpos, num contexto em que o sequestro de pessoas retiradas de ônibus de viagem havia se tornado constante, sem que as empresas de ônibus houvessem apresentado queixas formais. Oficiais da SEDENA informaram a prisão de 17 membros dos *Zetas* e 16 dos 36 membros da polícia de San Fernando, todos em conexão com os sequestros e assassinatos de passageiros de ônibus. Os agentes de polícia teriam dado proteção às redes criminais. No mesmo mês, 6 agentes do INM foram presos acusados do sequestro de pelo menos 4 migrantes que fugiram e os denunciaram. Os agentes federais teriam retirado os migrantes do ônibus e os entregado aos grupos criminosos. No trânsito entre San Fernando e a Cidade do México, os corpos foram repartidos entre diferentes localidades, para tornar o número total menos óbvio e menos alarmante. Todas as informações deste parágrafo foram retiradas da Mensagem Diplomática do Consulado dos EUA em Matamoros enviada em abril de 2011 (AMCONSUL MATAMOROS, 2011), que está entre uma série de documentos desclassificados da diplomacia estadunidense revelados pela organização da sociedade civil *National Security Archive* (NSA). A mensagem conclui:

Os oficiais de Tamaulipas parecem estar tentando minimizar tanto as descobertas de San Fernando quanto a responsabilidade estatal sobre elas, até porque uma recente viagem a Ciudad Victoria revelou terem os oficiais pleno conhecimento dos perigos das viagens rodoviárias nessa área. Os oficiais prometem trabalhar com o Governo Federal, mas são rápidos em apontar que as organizações do crime transnacional são um problema federal e que o estado não tem recursos para lidar com eles. A transferência para o Distrito Federal de 105 corpos do necrotério de Matamoros, superlotado e com escassez de pessoal, é compreensível de um ponto de vista prático, mas também ajudará a diminuir a visibilidade da tragédia na própria Tamaulipas. Os oficiais do estado estão preocupados com o impacto no turismo por conta do vindouro período de feriado da Semana Santa, e estão propagandeando planos especiais para a segurança rodoviária. Os oficiais federais também estão prometendo maior cooperação e apoio. Promessas semelhantes foram feitas em seguida à descoberta dos 72 migrantes assassinados em agosto de 2010, porém, com poucos resultados concretos. (AMCONSUL MATAMOROS, 2011, p. 4, traduzi)

Em dezembro de 2011, diante do silêncio dos órgãos estatais, a organização da sociedade civil *Artículo 19* enviou requerimento à PGR pedindo informações sobre as averiguações prévias do massacre de San Fernando. A requerida respondeu que classificava as informações solicitadas como reservadas, contrariando a previsão, constante da legislação mexicana, de que o carácter reservado não pode ser aplicado quando se tratarem de investigações de violações graves de direitos fundamentais ou delitos de lesa humanidade. Tal precedente legal é apoiado pela SCJN, que afirma que, em casos como esse o interesse público

em manter a reserva é superado pelo interesse da sociedade em conhecer todas as diligências levadas a cabo para promover a investigação, detenção, julgamento e punição dos responsáveis, em que não são afetadas apenas as vítimas, mas toda a sociedade, pela sua gravidade e pelas repercussões que implicam.

O *Instituto Federal de Acceso a la Información y Protección de Datos* (IFAI) foi então acionado, mas negou o recurso alegando que havia dúvidas se o caso se tratava de violações graves aos direitos humanos. A organização *Artículo 19* então buscou o Poder Judiciário, que obrigou o IFAI analisar e fundamentar se o caso constitui violações graves aos direitos humanos, e, em caso positivo, abrir a informação privilegiando o direito à verdade. O IFAI, porém, desobedeceu a decisão judicial, alegando que tal avaliação excedia suas competências, e que, assim que uma autoridade competente fizesse tal declaração, o órgão retiraria a reserva e abriria as informações.

Ressalta-se a perversidade dos mecanismos da burocracia estatal, que, no caso, a responsabilidade estatal de investigação e o direito à verdade (o que se traduz, na terminologia dos direitos humanos, em direito à verdade e justiça efetiva, que inclui a punição dos responsáveis, o dever de não repetição e a reparação integral às vítimas e à sociedade) são reduzidos a uma discussão sobre a competência para declarar se se trata de uma violação grave aos direitos humanos, quando um mínimo conhecimento dos fatos já retira qualquer dúvida sobre essa gravidade e demonstra, ante os preceitos da justiça efetiva e instrumental, tratar-se de uma discussão absurda.

Em dezembro de 2013, um mês após a NSA ter divulgado a série de documentos da diplomacia estadunidense revelando o pleno conhecimento e participação das autoridades locais sobre a atuação do crime organizado em Tamaulipas, a CNDH (2013) lançou uma recomendação conclusiva ao Estado mexicano, declarando que o Estado havia falhado no caso do massacre dos 72 migrantes, nas investigações e em aspectos técnicos sobre medicina legal, custódia, conservação e identificação dos corpos, porém, não se manifestou sobre os autores e razões do massacre, e não documentou as versões dos familiares das vítimas, o que motivou um *Amparo* (um remédio constitucional equivalente, no Brasil, ao Mandado de Segurança, porém com aplicação mais ampla) por parte da organização *Fundación para la Justicia y el Estado Democrático de Derecho* que até a finalização deste trabalho segue pendente de julgamento.

3. Significado da violência contra migrantes no México

As informações acima apresentadas são autoevidentes ao dar conta das relações entre autoridades públicas e organizações criminosas para o cometimento de violências contra os migrantes em trânsito pelo México. Ao cabo de toda a análise trazida até aqui, articulando a política migratória sobre os migrantes indocumentados com a política de guerra às drogas do Estado mexicano, fica também evidente a política pública como geradora de violência. Resta apenas amarrar teórica e conceitualmente as questões da violência contra migrantes como construção social e como fato de Estado.

A violência contra migrantes indocumentados em trânsito pelo México se revela como um fato social total, inserida num sistema migratório em que não só a migração é estimulada e auto-reproduzida numa construção social, mas também a violência contra migrantes é auto-reproduzida num sistema que vincula fluxos migratórios com crime organizado e segurança pública e dentro de uma subjetividade social violenta.

Assim discorre Casillas R. (2012, p. 150) sobre a matriz estrutural da violência:

La matriz estructural de la violencia puede verse como un contexto de amplio alcance que muestra su carácter simbólico, ideológico u organizativo, y que suele considerarse como necesario pero no siempre suficiente. En referencia a ella van a actuar los contextos particulares, los cuales pueden presentar elementos de diferente alcance según afecten a individuos, grupos pequeños o a comunidades enteras.

Como explica Casillas (2012), os sequestros são atividades racional e logisticamente organizadas, demandando pessoas e veículos, localização estratégica e deslocamentos para lugares de concentração, casas de segurança onde os migrantes são alimentados de forma precária e seviciados. Todas essas atividades só podem existir com uma ampla, embora invisível, mobilização de recursos humanos. Aos próprios migrantes, quando não podem pagar pelo seu resgate, a colaboração com as redes é oferecida como alternativa para não serem mortos. Entre os moradores locais, embora muitos ofereçam assistência humanitária, forma-se um silêncio ou inércia social, fortalecida pelo fato de que muitos, de um lado, estranham a presença dos migrantes, e, de outro lado, não são molestados pelas redes delitivas. Ou seja, a violência contra migrantes envolve uma ampla teia de atores sociais muito além das figuras idealizadas do discurso criminológico.

A violência contra migrantes em Tamaulipas está inserida no contexto social da região, onde, como ressaltam Flores Pérez (2010) e Correa-Cabrera (2012), o crime organizado luta pelo monopólio do uso legítimo da força, através de ações violentas e intimidatórias e

penetração no tecido burocrático do Estado. Ao assumi-lo, o crime organizado recompõe sua posição na sociedade, passando a fazer parte da política e de todos os fenômenos da vida social que se torna um pressuposto – e não um obstáculo – para a manutenção da ordem social. Isso explica por que “es importante tener presente que el poder de quienes delinquen con los migrantes está inserto en ciertos procesos sociales locales; no es una posesión o una invasión de ellos” (CASILLAS, 2012, p. 161).

E qual é o sentido de se ter o crime organizado como sujeito político e social no contexto de Tamaulipas? A explicação pode ser refletida a partir do que disse o editorial do jornal *The New York Times* poucos dias após o massacre dos 72 migrantes. Para o jornal, as coisas não acontecem de maneira isolada. “Os cartéis da droga do México são nutridos de fora, pelo dinheiro, armas pesadas e vício da América; a leva de imigrantes para o norte é alimentada por nossa demanda por trabalho de baixo salário” (THE NEW YORK TIMES, 2010, traduzi). O Editorial prossegue mostrando que a única resposta dos EUA aos problemas do México era a militarização da fronteira, e que a coerção sem revisão da legislação migratória criava apenas uma ilusão de controle. Enquanto o sistema de controle migratório não estivesse em consonância com a demanda de trabalho, iriam proliferar a ilegalidade, a desordem e a morte. E o Editorial conclui em primeira pessoa: “nós temos delegado aos senhores da droga o trabalho de gerenciar nosso fornecimento de imigrantes, assim como eles gerenciam nosso fornecimento de narcóticos. Os resultados são claros.” (THE NEW YORK TIMES, 2010, traduzi).

Para que o crime organizado e as ações de violência contra migrantes tenham se enraizado na sociedade, há uma condicionante segundo a qual o envio de trabalhadores estrangeiros para os EUA pode ser algo lucrativo não só no destino, mas também no trânsito. Assim é possível responder à pergunta sobre o paradoxo segundo o qual a migração indocumentada para os EUA é restringida e ao mesmo tempo permitida. Não só é permitida, mas é estruturada no sistema migratório.

O Editorial acima citado introduz o problema, porém se equivoca em supor que uma mudança legislativa seria uma alternativa à militarização da fronteira. O modelo de reforma migratória que vem sendo construído na política estadunidense combina um processo burocrático excludente de regularização da situação migratória com a militarização da fronteira e a deportação massiva. Assim como a violência contra migrantes continuou depois do massacre de 2010, vai continuar nos marcos desse modelo de reforma migratória.

Conforme já abordado em outros capítulos, a migração indocumentada cumpre um papel necessário no mercado internacional da força de trabalho, pois os migrantes preenchem

um setor do mercado desenhado para eles e que inclui a precarização das relações de trabalho – assim como explica a teoria do mercado dual de Piore (1997).

A violência contra migrantes no México combina esse papel que a migração indocumentada cumpre com as estratégias de atuação do crime organizado transnacional, em que sequestrar migrantes se torna um negócio lucrativo.

O Estado mexicano, ao importar o modelo de guerra às drogas dos EUA, incorpora o discurso da guerra, do medo e da exceção. Ao mesmo tempo, esse Estado só pode existir, em sua estruturação atual, com a participação dos cartéis do crime organizado nas estruturas de poder. Esse modelo de governabilidade pode ser chamado de Necropolítica, uma variação teórica do conceito de Biopolítica de Foucault (2004), baseando-se não só no controle dos corpos como fazer da política de dominação, mas na utilização da morte massiva como estratégia de governabilidade.

Um dos que apontam as limitações de Foucault é Agamben (2008), apontando o campo de concentração nazista como o mais profundo paradigma do espaço social na sociedade contemporânea, introduzindo um fazer político em que a matança não como um acidente, mas uma estratégia de governabilidade que produz a “fabricação de cadáveres, como se referia Hannah Arendt (*apud* AGAMBEN, 2008): extermínio e genocídio aplicados pelas instituições de poder, com jogos de apoio, justificação científica e utilidade econômica. Enquanto a biopolítica inova sobre a ciência política moderna demonstrando que o poder soberano assume o papel de “fazer viver e deixar morrer”, a tanatopolítica, ao levar ao extremo essa governabilidade, alcança também o fazer morrer: “uma absolutização sem precedentes do biopoder de fazer viver se cruza com uma não menos absoluta generalização do poder soberano de fazer morrer, de tal forma que a biopolítica coincide imediatamente com a tanatopolítica” (AGAMBEN, 2008, p. 89). Sayak Valencia (2010, p. 147) complementa essa ideia, mostrando como se pratica uma generalização (ou sobre-especialização) da violência com o fim de tirar proveito da morte: “las tecnologías gubernamentales de la biopolítica para subyugar los cuerpos y las poblaciones que integra como elemento fundamental la sobreespecialización de la violencia y tiene como fin comerciar con el proceso de dar muerte”.

Aplicando a compreensão do necropoder ao caso mexicano, ela mostra como o poder do Estado reflete uma economia dependente dos mercados ilegais do crime organizado (tais como o tráfico de drogas, de pessoas e de armas).

As análises desse capítulo permitiram recolocar as bases da violência simbólica, que estão na espinha dorsal desta tese, em um nível mais profundo, aplicado ao objeto específico, em que a globalização gera ilegalidade e violência, e aparece a migração de trânsito como *locus*

da vulneração dos corpos dos migrantes e da aplicação de políticas que têm a produção de mortes como parte do jogo de poder. Se a análise de Sayad leva a violência simbólica à compreensão das migrações internacionais, a análise que aqui faço parte de um contexto renovado de migrações internacionais em que a violência simbólica se conecta com a violência da necropolítica.

CONCLUSÃO

Para finalizar este trabalho, retomo os elementos metodológicos apontados na Introdução, lembrando que o desenvolvimento consistiu na análise do objeto a partir de um percurso teórico, para finalizar com uma nova qualidade ou contribuição ao referido quadro teórico inicial. Ao abordar a violência contra migrantes em trânsito pelo México, lancei as perguntas fundadoras. Embora essas perguntas já estivessem preliminarmente respondidas ao final do percurso teórico, os capítulos seguintes permitiram uma análise que leva as respostas a um novo patamar.

Através da *praxis* da pesquisa sociológica confundida com a própria vida do pesquisador, como propõe Wright Mills (1965), a pesquisa que culmina nessa tese incorpora numa só prática o aprendizado com a pesquisa bibliográfica, documental e empírica. O resultado é uma contribuição à pesquisa sociológica sobre as migrações indocumentadas de latino-americanos para os EUA, aplicando a reflexão sobre a violência simbólica na raiz do fenômeno migratório e sobre a relação entre a política de Estado e a violência contra migrantes.

Para tanto, as perguntas que fundaram esta tese não podem ser respondidas de maneira isolada, já que uma auxilia na compreensão da outra. São perguntas que respondem a si próprias ao lançar relações de causalidade que estão na raiz da problemática da migração indocumentada para os EUA: relações entre o sujeito e o meio social na decisão de migrar, e relações entre o sistema (que se aproveita da migração indocumentada ao mesmo tempo em que a rejeita) e a violência contra os migrantes.

Para compreender as relações entre o sujeito e o meio social na decisão de migrar, foi preciso fazer uma revisão das teorias das migrações internacionais, culminando na teoria dos sistemas migratórios, na compreensão das redes sociais e na *elghorba* como mecanismo contraditório da migração como desígnio inevitável e impossível do sujeito. Essa dupla condição é o que define a violência simbólica na emigração.

Baseado na experiência histórica do surgimento da emigração brasileira para os EUA, tomando a região de Governador Valadares como estudo de caso, vários autores mostraram como foi se formando uma cultura de migrar para o exterior, a partir do contato com elementos simbólicos que fizeram representar os EUA como terra de destino, e dos relatos subjetivamente interessados dos que regressavam, assim como a representação – a partir de fatores estruturais verdadeiros – da região de Governador Valadares como terra sem oportunidades. A cultura de migrar para o exterior, nesse caso, encontra paralelo com a representação que o imigrante de Sayad (1998) faz da sua terra natal. Esse autor mostra que a emigração se manifesta em alguns

sujeitos como o único projeto de vida possível. A experiência social, porém, coloca para o emigrante a revelação de que ela é uma ilusão, porém uma ilusão socialmente construída. Para o imigrante nos EUA, importa mais a imagem de êxito que ele projeta para o seu meio social do que o êxito propriamente. Por isso que, ainda que o projeto migratório tenha restado frustrado em muitos casos, como demonstra Siqueira (2009), o sucesso do projeto migratório aparece na cidade de Governador Valadares através de muitos elementos simbólicos, em que o migrante e seus familiares representam a migração em si como um elemento agregador de capital social e precisam reproduzir uma versão de êxito no projeto migratório para manter a posição social almejada.

Nas realizações da minha pesquisa empírica, acrescento um elemento a mais na frustração do projeto migratório, que a violência no trânsito pelo México. Se, em Sayad (1998), a desilusão com o sonho aparece na chegada do imigrante à França, sendo a viagem apenas um elemento de tensão, em meu objeto a desilusão aparece já durante a viagem, pois o migrante viaja numa condição de risco muito maior, podendo encontrar todos os tipos de violência além da prisão e deportação, incluindo o sequestro, a violação sexual e a morte.

As representações da migração como *elghorba*, para os emigrantes brasileiros, aparece também para os emigrantes centro-americanos, como ficou demonstrado no caso que trouxe sobre os cinco jovens hondurenhos que, tendo sofrido violência na travessia pelo México, decidiram pedir ajuda para voltar para Honduras.

Na pesquisa de campo pelos municípios de Santa Efigênia, Sardoá e Gonzaga, encontrei uma cultura de migrar para o exterior muito mais pulverizada que no núcleo urbano de Valadares. Aqui está uma contribuição da pesquisa que considero fundamental, pois essa emigração é invisibilizada.

Embora reste demonstrado que a emigração brasileira não é um fato isolado, mas sim uma tendência social e um fenômeno que afeta um grande número de pessoas, há uma tendência, no senso comum, em obscurecer os problemas relacionados à emigração. Depois da onda de emigração que culminou em 2005 e 2006, o tema foi pouco a pouco desaparecendo das notícias e das representações sociais, como se estivesse desaparecendo como fenômeno. Ganhou espaço uma crença de que o desenvolvimento econômico e social do Brasil, de um lado, e a crise nos EUA, de outro, tivesse feito desaparecer, como mágica, a problemática da migração indocumentada de brasileiros para os EUA. Com o massacre dos 72 migrantes no México, em agosto de 2010, essa crença foi rompida, já que entre as vítimas estavam quatro jovens brasileiros. Dois deles, Juliard e Hermínio, eram de Santa Efigênia e Sardoá,

respectivamente, e os outros dois, Edilsimar e Natane, eram da cidade de Rondon do Pará, no sul do Pará.

A realidade das famílias de Juliard e Hermínio, assim como a perspectiva social vigente em Santa Efigênia, Sardoá e Gonzaga, mostram a conexão entre o desenvolvimento social e econômico e a migração para o exterior. Tais cidades oferecem muito menos perspectivas de projetos de vida, sobretudo para os jovens, que a vizinha Valadares. Ao mesmo tempo, em tais cidades, dada uma conexão mais forte dos laços sociais, pensando no funcionamento das redes migratórias, a perspectiva da emigração se pulveriza com mais facilidade e com mais força determinante. Sempre haverá um familiar, vizinho(a), namorado(a) ou esposo(a) vivendo fora do país, e o projeto de vida acaba ficando entre um e outro lugar, num dilema indefinível e, ao mesmo tempo, desejado.

A resposta à pergunta – Por quê as pessoas continuam indo para os EUA, se sabem dos riscos da travessia? – pode ser respondida tanto no plano das relações do indivíduo com o meio social, como no plano do sistema migratório, e ambos os planos se concatenam com a violência simbólica.

No plano da relação do indivíduo com o meio social, a migração é socialmente construída, tanto pelo sujeito muito antes de se tornar emigrante, como pelas relações sociais que o circundam. Se compreendemos o mito da *elghorba* de Sayad, podemos entender que a construção da emigração como necessidade supera qualquer receio sobre os riscos da travessia.

Olhando pelo aspecto do funcionamento das redes sociais, também é possível responder à pergunta. A emigração aparece como projeto viável, não só porque é uma construção social e subjetiva, mas porque os sujeitos acreditam que os riscos serão reduzidos por conta das vantagens oferecidas pela rede. Ao ter um destino certo aonde chegar, uma pessoa de contato, e um planejamento prévio da viagem, é possível acredita-se ser possível acompanhar minimamente o processo e obter êxito na travessia.

O problema das redes sociais ganha uma nova complexidade quando examinamos o Capítulo 4, que mostra como surgiu e se consolidou a rota do México para os brasileiros, com incidência decisiva das redes de agenciamento conectadas com os facilitadores da viagem em todas as etapas da rota (*coyotes* e *cônsules*). Há que se fazer aqui uma distinção entre redes sociais, como aquelas redes de solidariedade que apoiam o migrante, e as redes de agenciamento, que funcionam em outro patamar, conectadas em diferentes níveis a redes de crime organizado transnacional. Não obstante, as redes sociais se entrelaçam com as redes de agenciamento, colocando a migração indocumentada numa zona cinzenta em que o apoio à viagem, com fim lucrativo ou não, não pode ser qualificado nem integralmente como uma

atividade criminosa, nem integralmente como uma atividade isenta de criminalidade. O que importa, aqui, é perceber como as redes surgem e como elas de fato interferem nos fluxos migratórios, sem anular a subjetividade do migrante como um sujeito que decide migrar por conta própria.

A noção de crime, aqui, é tomada fora da definição legal e estatal, mas pensando na construção sociológica do desvio. O *coyote* é um sujeito que comete um crime contra o migrante? Ou é um prestador de serviço (já que ambos, *coyote* e migrante, possuem um objetivo comum, que é lograr a entrada nos EUA)? Essa pergunta resultou paradoxal para os próprios migrantes entrevistados, já que todos consideraram que o ato de migrar não é um crime. Para responder, é preciso pensar na construção social da migração como desvio. Como resultado, embora existam condutas criminosas no amplo espectro da migração indocumentada, o que não está em discussão, é preciso observar que as estratégias de migração indocumentada foram se desenvolvendo na mesma proporção com que se desenvolveram as restrições à emigração.

É nesse sentido que foram apontadas críticas ao relatório da CPMI da Emigração CONGRESSO NACIONAL, 2006). Pela sua própria característica de ser um documento com fins políticos determinados pelas forças parlamentares que incidiam na Comissão, e pela situação política nacional e internacional, em que havia uma pressão institucional continental para combater os fluxos migratórios irregulares, o relatório serviu para a construção da migração como desvio e para aumentar as políticas restritivas à migração, como a retirada, na mesma época, do acordo de isenção de vistos entre México e Brasil.

Voltando à pergunta sobre a persistência dos fluxos migratórios numa situação de violência, é preciso responde-la também no plano da segunda relação de causalidade, a que relaciona o sistema internacional com a violência, aproveitando tanto da teoria dos sistemas migratórios como das análises das políticas migratórias abordadas no Capítulo 5.

A migração persiste a despeito da violência pelas próprias condições estruturais que geram os fluxos: fatores de desagregação social na região de origem (GERMANI, 1971); o mercado mundial da força de trabalho que continua demandando a força de trabalho imigrante em países do capitalismo central (POTTS, 1990); a segmentação do mercado de trabalho nesses países (PIORE, 1979), mantendo a existência de um setor secundário formado pelo trabalho precarizado de migrantes indocumentados.

A pergunta sobre por que os Estados impulsionam e criminalizam a migração ao mesmo tempo, pode ser assim respondida de várias formas: tanto porque, dentro do mercado de trabalho dual, o trabalho imigrante deve necessariamente ser precarizado, como porque a migração indocumentada não é uma antítese ao sistema migratório, já que é o próprio sistema que cria a

migração indocumentada ao criar restrições à migração regular. A resposta à pergunta está, assim, na construção da migração como desvio, tal como se passou no caso brasileiro. Além disso, existe a violência contra migrantes porque ela também faz parte do sistema.

O mesmo sistema que cria a migração como necessidade, cria o risco da travessia, não sendo possível tratar a violência como se fosse um acidente de percurso. As questões sobre o vínculo entre política migratória e violência e sobre por que os Estados restringem os fluxos se há uma demanda pelo seu trabalho, devem ser respondidas a partir do nexo entre migração e segurança, conectando os estudos das migrações com os estudos das relações internacionais no plano do modelo de integração continental americana e no salto qualitativo dessas políticas após o 11 de setembro de 2001.

As medidas de controle e militarização da fronteira entre EUA e México atendem aos padrões da transferência da indústria de defesa para aquela região (formando o chamado *Gunbelt*). Além disso, a exteriorização (regionalização) das políticas de segurança dos EUA são a forma de extensão do seu domínio militar (e logo, domínio estratégico, econômico e social) para todo o continente. A política do Estado mexicano para os migrantes em trânsito atende à incorporação daquele modelo. A caracterização do INM mexicano com instância de segurança nacional é contemporânea da criação do DHS estadunidense.

Além disso, no México, há uma confluência da política migratória com a política de guerra às drogas, na mesma proporção em que há uma confluência da atuação das organizações do crime transnacional com os sequestros de migrantes. Os fatos que demonstraram a participação de autoridades públicas nessas organizações e nos sequestros no estado mexicano de Tamaulipas são uma evidência cabal de que a violência contra os migrantes é sistemática. E de todas as maneiras, essas práticas de violência corroboram os interesses de governabilidade tanto do Estado mexicano, quanto dos EUA, quanto dos Estados de origem dos migrantes. Há um jogo de exclusão mútua de responsabilidades, ao mesmo tempo em que há uma penetração dos negócios ilegais na economia estruturante dos Estados. Quando a produção da morte e da violência pode resultar em saldo positivo para a governabilidade, se está tratando da materialização do conceito de necropolítica.

Embora a teoria da migração abordada por Sayad encontre grande aplicação ao objeto dessa pesquisa, é preciso levar em conta as particularidades da situação contemporânea: o drama do migrante é elevado a um nível mais alto, que é o drama do migrante indocumentado e que sofre violência no próprio trânsito migratório; assim como a violência simbólica é elevada a um nível mais alto, que encontra a violência da necropolítica.

Algumas propostas poderiam ser pensadas como saída: uma, que os EUA retirassem as restrições à migração regular, abrindo suas fronteiras proporcionalmente à demanda de trabalho em seu próprio mercado; outra, que o México criasse uma figura jurídica humanitária em que a passagem de migrantes pelo seu território fosse legalizada, o que diminuiria a vulnerabilidade que é decorrente da própria clandestinidade dos migrantes, e lhes afastaria das redes do crime organizado. As duas propostas, porém, não levam em conta que a violência não está na superfície, e sim na raiz do sistema migratório e dos sistemas políticos dos Estados. Além disso, a violência é legitimada e reproduzida pela própria sociedade, através das práticas de distinção e da colaboração direta ou indireta com as redes do crime organizado, sendo por isso mesmo uma violência simbólica e socialmente construída. A saída, portanto, passa pela mudança na raiz do sistema, e as práticas atuais de luta e solidariedade em favor dos migrantes em trânsito são um caminho para essa mudança.

Ao concluir essa tese talvez esteja deixando mais perguntas que respostas. Às vezes, a linguagem acadêmica não é capaz de expressar uma síntese tal como a expressão daqueles que dão testemunho do que viveram. Por isso, finalizo com as palavras de Vitória, tia de Juliard.

Agora você fez uma pergunta, se a gente tem vergonha de falar sobre o meu sobrinho, ter caminhado para o México, ele não estava em lugar... ele era um imigrante no México, igual o México é imigrante aqui no Brasil. Eles não tinha esse direito, e nós não temos esse direito, de tirar a vida de um ser humano, porque ele está no nosso país. Se nós não pudermos ajudar, matá-lo não! Eles podiam ter deportado o meu sobrinho, mas matar o meu sobrinho, e mais 71 pessoas, isso não traz direito a país nenhum. Nem no México, nem nos Estados Unidos, nem em outros países, não traz. Porque pra isto existe a deportação, e não matar. Foi um erro muito... foi um massacre muito forte mesmo, que balanceou muitas pessoas, e está ainda, porque todo mundo está muito machucado com isto. Porque, depois disso aí, no mesmo setor, eles mataram mais cento e tantas pessoas. Como que tá essas famílias? Passando o mesmo que nós estamos passando. É um país desorganizado? Não sei. Isso tem que acabar. Porque eu acho assim, começar. Começar das autoridades, quando a gente chega no México. Começar deles. Deixar de ser lesado pelos próprios... comandantes. Que é o que acontece com uma pessoa quando acaba de chegar no México.

POSLÚDIO

Ao começar essa tese, expliquei sobre as músicas que ouvia dentro do ônibus enquanto viajava com as mães centro-americanas pelo interior do México. Era também dentro do ônibus que eu escrevia partes do meu diário de campo. Entre elas, uma poesia, no calor do momento. Que a luta dessas mães sirva de exemplo reforçando a perseverança de muitos familiares que lutam por justiça em outras partes do mundo.

Mães Centro-americanas

Júlio Moreira

Com faixas e bandeiras
E as fotos dos seus queridos
Vão pelas ruas
A ausência lhes impõe o silêncio
Mas não vão em silêncio
Por dias e dias
Cruzam o território
Como fizeram seus filhos
As viagens são largas
Mas nunca estão cansadas
Em protesto vão gritando:
“Vivos vieram, vivos os queremos!”
Em protesto pelas ruas
E pelas linhas do trem
E perguntam aos moradores:
“Você viram este rapaz?”
Esteve passando por aqui”
Muitos se calam, muitos têm medo
Outros acendem a esperança:
“Eu me lembro, dei comida pra ele!”
E os governos? Não fazem nada
Não valem nada
Estão associados aos que sequestram
E maltratam
Apenas as mães, organizadas,
Incansáveis,
É que podem encontrar-lhes
A elas não basta o consolo
Um abraço
Muito menos uma voz que parece dizer:
“Desista! Seu filho está morto!
O que fazem é inútil!”
Pelo contrário
Elas prosseguem – e conseguem!
Muitas já encontraram
Por seu colossal esforço
Que lhes faz mais fortes

São as mães centro-americanas
Denunciando a violência
Num país em que a maior ofensa
É a violação da mãe
A mãe Tonantzin
A mãe Guadalupe
A Santa Mãe violada todos os dias
Pelo inferno dos criminosos
E dos maus governos
A Santa Mãe Migrante
Os filhos migrantes
A fuga da opressão
O sonho de transformar a vida
Num caminho em que não encontram
Mais que a mesma opressão
A opressão do Imperialismo
Do criminoso capitalismo
Este que sempre precisou da violência
E do crime
Para sobreviver
Já não são só as mães que lutam
Já não são só seus filhos
São todas as partes de um povo
Que vivendo, lutando e se organizando,
E em solidariedade internacional
E só assim
Se libertam da violência opressora
E constroem o novo mundo.

REFERÊNCIAS

Livros

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

_____. *O que resta de Auschwitz. O arquivo e a testemunha (Homo sacer III)*. São Paulo: Boitempo, 2008.

ALMEIDA, Marcony. *I came through Mexico. Remarkable testimonies from Brazilians that crossed the border of Mexico for the US*. Boston: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2010.

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. *Estar Aqui, Estar Lá... uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos*. Textos NEPO, 41. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, jun.2002.

BACON, David. *Illegal People. How globalization creates migration and criminalizes immigrants*. Boston: Beacon, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. *Vida em fragmentos. Sobre a ética pós-moderna*. Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BECKER, Howard S.. *Oustersiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BÍBLIA SAGRADA. Novo Testamento, Edição Pastoral. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *Um analista do inconsciente*. In: SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Editora da USP, 1998.

_____. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *O campo econômico*. Trad. Suzana Cardoso e Cécile Raud-Mattedi. *Política e Sociedade. Revista de Sociologia Política*, Florianópolis, v. 4, n. 6, 2005, p. 15-57.

_____. *As estruturas sociais da economia*. Trad. Lígia Calapez e Pedro Simões. Porto: Campo das Letras, 2006.

_____. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011a.

_____. (coord.). *A miséria do mundo*. 8. ed.. Petrópolis: Vozes, 2011b.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *Ofício de sociólogo*. Metodologia da pesquisa na sociologia. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRAGA MARTES, Ana Cristina. *Brasileiros nos Estados Unidos. Um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BURAWOY, Michael. *O marxismo encontra Bourdieu*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

CARASSOU, Roberto Herrera. *La perspectiva teórica en el estudio de las migraciones*. México: Siglo XXI Editores, 2006.

CASTLES, Stephen; MILLER, Mark J.. *La era de la migración. Movimientos internacionales de población en el mundo moderno*. Trad. Luis Rodolfo Morán Quiroz. México D.F.: Miguel Ángel Porrúa, 2004.

CHOMSKY, Aviva. *“They take our jobs!” and 20 other myths about migration*. Boston: Beacon, 2007.

DAUVERGNE, Catherine. *Making people ilegal. What Globalization means for migration and Law*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2008.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir. Nascimento da prisão*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998.

GERMANI, Gino. *Sociología de la Modernización. Estudios teóricos, metodológicos y aplicados a América Latina*. Buenos Aires: Paidós, 1971

GIDDENS, Anthony. *Dualidade da estrutura. Agência e Estrutura*. Oeiras (Portugal): Celta Editora, 2000.

KURZ, Robert. *Razão sangrenta*. São Paulo: Hedra, 2003.

MANHEIM, Karl. *Essays on the Sociology of Knowledge*. London: Routledge & Kegan, 1952.

_____. Ideología y Utopía. Introducción a la sociología del conocimiento. 2. ed. Trad. Salvador Echavarría. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1987.

MARGOLIS, Maxine L.. Goodbye, Brazil. Emigrantes brasileiros no mundo. Trad. Aurora M. S. Neiva. São Paulo: Contexto, 2013.

MARINI, Rui Mauro. *Dialética da dependência*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MARINUCCI, Roberto; FARIAS, Yara; SANTIN, Terezinha. *Trajetórias interrompidas: cidadãos brasileiros deportados e não admitidos*. Brasília: CSEM coedição IMDH/PBE, 2009.

MARKUSEN, Ann; HALL, Peter; CAMPBELL, Scott; DEITRICK, Sabina. The rise of the Gunbelt. The Military remapping of Industrial America. New York: Oxford University Press, 1991.

MARTINS, José de Souza. Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

MARX, Karl. Para a crítica da economia política. In: _____. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Trad. José Carlos Bruni (*et al.*). Vol. I. 4. ed.. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 1-157 (Os pensadores).

_____. *O capital: crítica da economia política*. Livro Primeiro. O processo de produção do capital. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3. ed.. São Paulo: Nova Cultural, 1988a. Volume I (Os economistas).

_____. *O capital: crítica da economia política*. Livro Primeiro. O processo de produção do capital. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3. ed.. São Paulo: Nova Cultural, 1988b. Volume II (Os economistas).

MASSEY, Douglas; ARANGO, Joaquín; HUGO, Graeme; KOUAOUCCI, Ali; PELLEGRINO, Adela, TAYLOR, J. Edward. Teorías de Migración Internacional: una revisión y aproximación. Trad. Augusto Aguilar Calahorro. ReDCE, nº 10, jul./dez. 2008, p. 435-478.

MILLS, Charles Wright. *A imaginação sociológica*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

MORALES, Patricia. Indocumentados mexicanos. Causas y razones de la migración laboral. México D.F.: Grijalbo, 1989.

MOREIRA, Júlio da Silveira. *Direito Internacional: para uma crítica marxista*. São Paulo: Alfa-Omega, 2011.

PIORE, Michael J.. *Birds of Passage: Migrant Labour and Industrial Societies*. New York: Cambridge University Press, 1979.

POTTS, Lydia. *The World Labour Market. A History of Migration*. Trad. Terry Bond. London: Zed Books, 1990.

POULANTZAS, Nicos. *O Estado, o poder, o socialismo*. 3. ed. Rio de Janeiro, Graal, 1985,

RAVENSTEIN, E. G.. *The Laws of Migration*. *Journal of the Statistical Society of London*, vol. 48, n. 2, jun. 1885, p. 167-235.

RIGONI, Flor María. *Reflexiones en el camino del migrante*. Expresiones, gestos y rituales del pueblo indocumentado y refugiado de Centroamérica hacia el Norte. Mexico: Miguel Ángel Porrúa, 2008.

RODRIGUEZ, Robyn Magalit. *Migrants for export: how the Philippine state brokers labor to the world*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

RUGGIERO, Vincenzo. *Crimes e Mercados. Ensaios em Anticriminologia*. Trad. Davi Tangerino, Luciana Boiteux, Luiz Guilherme Mendes de Paiva. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

SASSEN, Saskia. *Sociologia da globalização*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Editora USP, 1998.

SIQUEIRA, Sueli. *Aspectos cognitivos da metodologia de survey* (material de curso), UNIVALE, Curso de Especialização Ação Social e Cidadania, Governador Valadares, mar. 2006.

_____. *Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno*. Brasil/Estados Unidos. Belo Horizonte: Argymentvm, 2009.

TELLES, Vera da Silva. *A cidade nas fronteiras do legal e ilegal*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *The Anthropology of the State in the Age of Globalization*. *Close Encounters of the Deceptive Kind*. *Current Anthropology*, v. 42, n. 1, fev. 2001.

VALENCIA, Sayak. *Capitalismo Gore*. España: Melusina, 2010.

VOLPATO, Gilson. *Método lógico para redação científica*. Botucatu: Best Writing, 2010.

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

WOOD, Ellen Meiksins. *A origem do capitalismo*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

WOODIWISS, Michael. *Capitalismo gângster: quem são os verdadeiros agentes do crime organizado mundial*. Tradução C. E. de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

WRIGHT MILLS, Charles. *A imaginação sociológica*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

Artigos publicados em periódicos e capítulos de livros

ASSIS, Gláucia de Oliveira. A fronteira México-Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo - as experiências de e/imigrantes em viagens não-autorizadas no mundo global. *Cadernos Pagu* [online]. 2008, n.31, pp. 219-250.

BENÍTEZ RIVERA, René David. Modernidad, crisis estatal y violencia. In: OSORIO, Jaime (coord.). *Violencia y crisis del Estado. Estudios sobre México*. México D.F.: Universidad Autónoma Metropolitana, 2011.

BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball Sampling: Problems and techniques of Chain Referral Sampling. *Sociological Methods & Research*. Vol. 2, Nov. 1981. P. 141-163

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em Tese. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Vol. 2 nº 1 (3), jan./jul. 2005, p. 68-80.

CAMPOS, Tânia Mara de Araújo; VASCONCELOS, Ana Maria Nogales. Leitura sociodemográfica dos dados sobre brasileiros deportados ou impedidos, coletados pela polícia federal. In: MARINUCCI, Roberto; FARIAS, Yara; SANTIN, Terezinha. *Trajetórias interrompidas: cidadãos brasileiros deportados e não admitidos*. Brasília: CSEM coedição IMDH/PBE, 2009.

CASILLAS RAMÍREZ, Rodolfo. *Una vida discreta, fugaz y anónima: los centroamericanos transmigrantes en México*. Mexico, D.F.: Comisión Nacional de Derechos Humanos, 2007.

_____. Las rutas de los centroamericanos por México, un ejercicio de caracterización, actores principales y complejidades. *Migración y Desarrollo, Zacatecas*, n. 10, 2008 .

_____. Agresión y abuso de migrantes: Un aniversario para la reflexión. *Revista México Social*, ano 1, n. 14, setembro de 2011. P. 26-29.

_____. Los migrantes indocumentados: su vulnerabilidad y la nuestra. In: CANTO, Natalia Armijo (ed.). *Migración y seguridad: nuevo desafío en México*. Mexico D.F.: CASEDE, 2012.

CORREA-CABRERA, Guadalupe. Violence on the "Forgotten" Border: Mexico's Drug War, the State, and Paramilitarization of Organized Crime in Tamaulipas in a "New Democratic Era". 2012 Annual Meeting of the American Political Science Association, New Orleans, 2012.

CORREA-CABRERA, Guadalupe; NAVA, José. Informal media as freedom of the press in northern Mexico. In: PAYAN, Tony; STAUDT, Kathleen; KRUSZEWSKI, Z. Anthony (orgs.). *A War that can't be won: Binational perspectives on the war on drugs*. Tucson: Arizona University Press, 2013.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. El estado y sus márgenes. *Etnografías comparadas. Cuadernos de Antropología Social*, Buenos Aires, n. 27, 2008, p. 19-52.

DESIDERIO, Edilma de Jesus. The Berne Initiative: deficiencias y conflictos en la Gestión Migratoria. El caso del tránsito irregular de brasileños por México. Trabalho apresentado ao II Congresso Internacional Migraciones Globales "Experiencias Regionales y enseñanzas para México". Mesa XVI. Migración y Frontera. Mazatlán, Sin. México, abr. de 2008.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 115, mar. 2002, p. 139-154.

ESTÉVEZ LÓPEZ, Ariadna. La relación estructural entre la globalización y la migración: implicaciones para una ciudadanía universal. *Foro Internacional*, 197, XLIX, 2009, p. 559-594.

_____. La relación estructural entre la globalización y la migración : implicaciones para una ciudadanía universal. *Foro Internacional*, n. 197, Vol. XLIX. México: Colegio de México, 2009.

FLORES PÉREZ, Carlos Antonio. La protección política en los orígenes del Cártel del Golfo. *Boletín Criminológico*. Instituto Andaluz de Criminología, n. 120, mai. 2010.

KURZ, Robert. Barbárie, migração e guerras de ordenamento mundial. In: SERVIÇO PASTORAL dos Migrantes. (Org.). *Travessias na desordem global*. Fórum Social das Migrações. São Paulo: Paulinas, 2005.

LABICA, Georges. Violencia dominante, violencia dominada. La Haine. Trad. S. Seguí. 19 fev. 2009. Disponível em <www.lahaine.org>. Acesso em 21 jun. 2014.

MARINUCCI, Roberto. A emigração brasileira para os EUA: tipologia e desafios. *Universitas. Revista da Faculdade de Ciências Jurídicas e de Ciências Sociais do Centro Universitário de Brasília*, n. 2, v. 3, julho-dezembro de 2005.

_____. Brasileiros e brasileiras no exterior. Apresentação de dados recentes do Ministério das Relações Exteriores. Brasília: Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, 2008. Disponível em

<http://www.csem.org.br/2008/roberto_marinucci_brasileiros_e_brasileiras_no_exterior_segundo_dados_do_mre_junho2008.pdf> Acesso em 18 jun. 2014.

MARTINE, George. A globalização inacabada. Migrações internacionais e pobreza no século 21. *São Paulo em perspectiva*, v. 19, n. 3, p. 3-22, jul./set. 2005.

MELLO, Ediméia Maria Ribeiro; DE PAULA, Sermano Mendes. Mineração de ferro e enclave. Estudo de caso da Companhia Vale do Rio Doce. in: DE PAULA, João Antonio *et al.* Anais do IX Seminário sobre a Economia Mineira. Belo Horizonte: Cedeplar-UFMG, 2000, p. 613-636.

MISSE, Michel. O movimento: a constituição e reprodução das redes do mercado informal ilegal de drogas a varejo no Rio de Janeiro e seus efeitos na violência. In: BAPTISTA, Marcos *et alii.* (Org.). *Drogas e pós-modernidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 147-156. (v. 2)

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Caminho de construção da pesquisa em ciências humanas. In: _____, org. *Metodologia das ciências humanas*. São Paulo: UNESP & HUCITEC, 1998.

OLIVEIRA, Orlandina de; STERN, Claudio. Notas acerca de la teoría de las migraciones. Aspectos sociológicos. In: CLACSO (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales). Grupo Migración y Desarrollo. Informe de investigación. Consideraciones teóricas. p. 32-44

PATARRA, Neide Lopes. Migrações Internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. *Revista Estudos Avançados*. 2006. Vol. 20, número 57, p. 7-22.

_____. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo. Volumes, fluxos, significados e políticas. *São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 3, p. 23-33, jul./set. 2005.

PÉREZ-BUSTILLO, Camilo. Ningún ser humano es ilegal. El derecho a tener derechos. Migración y derechos humanos. In: GONZÁLEZ RUIZ, J. E. (org.). *Balance de los derechos humanos en el "sexenio del cambio"*. México D.F.: Grupo Parlamentario del PRD, 2009.

PORTES, Alejandro. Economic sociology and the sociology of immigration: a conceptual overview. In: _____ (org.). *The economic sociology of immigration*. Essays on networks, ethnicity and entrepreneurship. New York: Russell Sage Foundation, 1995. P. 1-41.

PÓVOA NETO, Hélon. Barreiras físicas como dispositivos de política migratória na atualidade. In: FERREIRA, Ademir Pacelli (et al.). *A experiência migrante*. Entre deslocamentos e reconstruções. Rio de Janeiro, Garamond, 2010.

RODRIGUEZ CHÁVEZ, Ernesto; BERUMEN SANDOVAL, Salvador; RAMOS MARTINEZ, Luis Felipe. Apuntes sobre migración. Migración centroamericana de tránsito irregular por México. Estimaciones y características generales. Centro de Estudios Migratorios, México D.F.: Instituto Nacional de Migración, jul. 2011.

SALES, Teresa. Brasileiros nos Estados Unidos. In: FUNAG (Fundação Alexandre Gusmão). *Brasileiros no Mundo. I Conferência sobre as Comunidades Brasileiras no Exterior*. Brasília: FUNAG, 2008, p. 243-262.

SANDOVAL PALACIOS, Juan Manuel. La seguritización de la migración y de las fronteras en América del Norte..In: ARAGONÉS, Ana María (coord.). *Mercados de trabajo y migración internacional*. México D.F.: Instituto de Investigaciones Económicas, UNAM, 2011, p. 253-288.

SASSAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teorias das migrações internacionais. *XII Encontro Nacional da ABEP*. Out. 2000. Caxambu.

SILVA, Valéria Getúlio de Brito. A violência institucionalizada na encruzilhada da desigualdade e da injustiça. In: OLIVEIRA, Dijaci David; SANTOS, Sales Augusto; SILVA, Valéria Getúlio de Brito (Orgs.). *Violência policial: tolerância zero?* Goiânia: Ed. da UFG, 2001.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In: _____. *Georg Simmel: Sociologia*. Org. da coletânea Evaristo de Moraes Filho. Trad. Carlos Alberto Pavanelli *et al.* Pp. 182-188. São Paulo: Ática, 1983.

SIQUEIRA, Sueli; ASSIS, Gláucia de Oliveira; CAMPOS, Emerson César. As redes sociais na configuração da migração internacional para os Estados Unidos. 34º Encontro Anual da Anpocs. GT 21 – Migrações Internacionais. 2010a.

_____. As redes sociais e a configuração do primeiro fluxo emigratório brasileiro: análise comparativa entre Criciúma e Governador Valadares. In: ESPINDOLA, Haruf Salmen; ABREU, Jean Luiz Neves (orgs.). *Território, Sociedade e Modernização. Abordagens interdisciplinares*. Governador Valadares: Ed. Univale, 2010b.

SOARES, Weber; RODRIGUES, Roberto Nascimento. Redes sociais e conexões prováveis entre migrações internas e emigração internacional de brasileiros. *São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 3, p. 64-76, jul./set. 2005.

SOUSA, Leonardo Gomes de; DIAS, Carlos Alberto. Microrregião de Governador Valadares: a busca de uma identidade territorial para uma região em crise. *Anais do XIV Seminário sobre a Economia Mineira*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 2010. Disponível em: <http://web.cedeplar.ufmg.br/cedeplar/site/seminarios/seminario_diamantina/2010/D10A104.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2014.

TILLY, Charles. Transplanted Networks. In: YANS-Mc LAUGHLIN, Virginia. (ed.). *Immigration Reconsidered*. Oxford: Oxford University Press, 1990. p. 79-95.

VAINER, Carlos B. Estado e migração no Brasil: da imigração à emigração. In: PATARRA, Neide Lopes. *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. Campinas: FNUAP, 1995.

VERTOVEC, Steven. Transnacionalismo migrante y modos de transformación. In: Portes, Alejandro y DeWind, Josh. *Repensando las migraciones. Nuevas perspectivas teóricas y empíricas*. México, Porrúa/INM/Universidad de Zacatecas, 2006.

VEZZETTI, Hugo. Demanda de memoria. *Página 12*. 13 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar/diario/psicologia/9-129864-2009-08-13.html>>. Acesso em 08 mar. 2014.

WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Manheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 7, n. 13, jan./jun. 2005, p. 260-300.

Teses e dissertações

ALVES, Maria Zenaide. Ser alguém na vida. Condição juvenil e projetos de vida de jovens moradores de um município rural da microrregião de Governador Valadares-MG. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013

SOARES, Weber. Emigrantes e investidores: Redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarense. 1995. Dissertação (Mestrado em Demografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga. 2002. Tese (Doutorado em Demografia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Documentos

AMCONSUL MATAMOROS (United States Consulate in Matamoros). Unclassified Document. 15 Apr. 2010.

AMEMBASSY MEXICO (United States Embassy in Mexico). Unclassified Document. 16 Apr. 2010.

AMNISTÍA INTERNACIONAL. *Victimas Invisibles*. Migrantes en movimiento en México. London, 2010a.

_____. *Viajes de esperanza y temor*. Migrantes en movimiento en México. London, 2010b.

BELÉN, POSADA DEL MIGRANTE. *Sexto Informe sobre la situación de los derechos humanos de las personas migrantes en tránsito por México*. Saltillo Coahuila, México, 2010.

CEM (Centro de Estudios Migratorios) Síntesis 2013. Estadística migratoria. Centro de Estudios Migratorios, Instituto Nacional de Migración, México, 2013.

CNDH (Comisión Nacional de los Derechos Humanos - México). *Informe especial sobre los casos de secuestro en contra de migrantes*. México D.F., 2009.

_____. *Informe especial sobre secuestro de migrantes en México*. México D.F., 2011.

_____. Recomendación no. 80/2013. Caso de privación de la vida de 72 personas migrantes y atentados a la vida de los extranjeros v73 y v74, en el municipio de San Fernando, Tamaulipas.

CONGRESSO NACIONAL (Brasil). *Relatório Final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Emigração*. Brasília, 2006.

DEA (Drugs and Enforcement Agency). Unclassified DEA Houston Tx. Assessment of “Los Zetas” evolution and expansion (2001-2009). Jul. 2009.

DPMH (Dimensión Pastoral de la Movilidad Humana – Conferencia del Episcopado Mexicano). Informe 2006-2012. México D.F., 2012.

EQUIPO BOURBAKI. El costo humano de la guerra por la construcción del monopolio del narcotráfico en México (2008-2009). [s.l.], 2011.

FJEDD (Fundación para la Justicia y el Estado Democrático de Derecho). Las personas migrantes como grupo vulnerable de ejecuciones extrajudiciales. Informe dirigido al Relator Especial sobre ejecuciones extrajudiciales, sumarias o arbitrarias con motivo de su visita a México en abril de 2013.

INICIATIVA DE BERNA. Resúmen del Presidente. *Conferencia de Berna II*, 16-17 dez. 2004.

MOVIMIENTO MIGRANTE MESOAMERICANO. Declaración Final de la Caravana de Madres Centroamericanas. 13 nov. 2011. Disponible em:
<<http://cuadernosfem.blogspot.com/2011/11/declaracion-final-de-la-caravana-de.html>>.
Acesso em: 09 dez. 2011.

OHCHR (Office of the High Commissioner for Human Rights). El Grupo de Trabajo sobre las desapariciones forzadas o involuntarias concluye su visita a México. 31 mar. 2011. Disponible em:
<<http://www.ohchr.org/SP/NewsEvents/Pages/DisplayNews.aspx?NewsID=10907&LangID=S>>. Acesso em: 19 out. 2011.

PGR (Procuraduría General de la República). Boletín 1019a. Conferencia de Prensa que ofrecieron el Dr. Alejandro Poiré y el Lic. Ricardo Nájera. 25 ago. 2010.

Matérias jornalísticas

ALMEIDA, Thobias. Cidades mineiras recebem corpos de jovens mortos por traficantes no México. *Correio Braziliense*, 2 out. 2010. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2010/10/02/interna_brasil,215969/>. Acesso em 5 jun. 2014.

ARAÚJO, Fábio. Narrativa do terror e do sofrimento: relato materno sobre o desaparecimento forçado do filho. *Sociedade e Cultura. Revista de Pesquisas e Debates em Ciências Sociais*, Goiânia, v. 14, n. 2, jul./dez. 2011, p. 333-344.

CARRASCO ARAIZAGA, Jorge. La Marina y “El Coss”: una historia de complicidades y delaciones. *Revista Proceso*, n. 1872, 19 set. 2012.

_____. El Chapo y la larga historia de un emporio. *Revista Proceso*. 26 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.proceso.com.mx/?p=365911>>. Acesso em 30 fev. 2014.

CAROTENUTO, Gennaro Gennaro. La verdad sobre la masacre de Tamaulipas. *Rebellion*. Disponível em: <www.rebellion.org> Acesso em: 20 set. 2010.

CNN MÉXICO. Familiares de migrantes desaparecidos inician su búsqueda en México. *CNN México*. 01 nov. 2010. Disponível em: <<http://mexico.cnn.com/nacional/2010/11/01/familiares-de-migrantes-desaparecidos-inician-su-busqueda-en-mexico>>. Acesso em: 09 dez. 2011.

FLORES, Nancy. Calderón reedita la Guerra Sucia. *Contralínea*, periodismo de investigación. 4 jul. 2010. Disponível em: <contralinea.info/archivo-revista/index.php/2010/07/04/calderon-reedita-la-guerra-sucia/>. Acesso em: 10 jun. 2012.

FERREIRA, Leonardo. Identificado mais um brasileiro morto em naufrágio no Caribe. *Brazilian Voice*. 9 jul. 2013. Disponível em: <www.brazilianvoice.com>. Acesso em 15 jun. 2014.

GONÇALVES, Ana Lúcia. O adeus aos mineiros mortos no México. *MG1*, 2 out. 2010. Disponível em: <<http://mg1.com.br/plus/modulos/noticias/ler.php?cdnoticia=9965>>. Acesso em 28 mai. 2014.

HENRÍQUEZ, Élio. Una de las 33 madres de la caravana halla a su hijo encarcelado en Chiapas. *La Jornada*. 14 nov. 2011. Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/2011/11/14/politica/017n1pol>>. Acesso em: 09 dez. 2011.

HERNÁNDEZ, Anabel. La historia secreta. *Proceso*, n. 1876, 13 out. 2012.

IBARRA, Epigmenio. Morir en México. El cancerbero de Ulises (blog). 26 ago. 2010. Disponível em: <http://elcancerberodeulises.blogspot.com.br/2010_08_01_archive.html>. Acesso em 20 mai. 2014.

JARDIM, Claudia. Outras três pessoas sobreviveram à chacina no México, diz equatoriano. *BBC Brasil*. 3 set. 2010. Disponível em:

<http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/09/100903_mexicosobrevivente_cj.shtml>. Acesso em 10 jun. 2014.

LALA POMAVILLA, Luis Freddy. Entrevista ao Gama TV, canal público da TV equatoriana. 25 ago. 2010. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=2Cb5RWO_TnY>. Acesso em 10 jun. 2014.

PETRICH, Blanche. Marcha la caravana hacia la frontera con EU en busca de hijos e hijas desaparecidos. La Jornada, 16 dez. 2012 Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/2012/10/16/politica/019n1pol>>. Acesso em: 06 jun. 2014.

THE NEW YORK TIMES. Massacre in Tamaulipas. Editorial. New York Edition, 30 ago. 2010, p. A18. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2010/08/30/opinion/30mon3.html>>, Acesso em: 19 out. 2011.

TREVISAN, Claudia. Brasileiro clandestino deve ser deportado até o final de semana. Folha de São Paulo. 7 mar. 1997.

TURATI, Marcela. La descomposición nacional. *Proceso*. Semanario de información y análisis. N. 1798, 17 abr. 2011. P. 6-9.

Filmes

GARCÍA BERNAL, Gael; SILVER, Marc. Los Invisibles. 2010. Documentário. México.

ITURBE, Omar; NAVA, Luis Ernesto; SHIMABUKURO, Keisdo. Entre serpientes y escaleras. 2013. Documentário. 85 min. México, Guatemala, El Salvador.

PRIETO TASSIER, Nieves; LÓPEZ CASTILLO, Fernando. El tren de las moscas. 2010. Documentário. 14 min. Espanha, México.

ULTRERAS, Pedro. La Bestia. 2010. Documentário. 77 min. EUA, El Salvador, Guatemala, México.

ANEXO

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA

As 42 fotos que seguem foram tiradas por mim com uma pequena câmera *Nikon Coolpix L24*, durante a Caravana de Mães Centro-Americanas em Busca de seus Filhos Desaparecidos no Trânsito pelo México, “Liberando la Esperanza”, entre outubro e novembro de 2012. Os momentos a que se referem as fotos foram relatados no Capítulo 2. Espero que elas possam fortalecer os relatos e análises trazidos neste trabalho, como uma expressão mais completa de uma parte das minhas experiências de campo.



Faixa de recepção à caravana no albergue Hermano San José, em Huehuetoca, Estado do México.



Migrante mostra o desenho que está fazendo para entregar a uma das mães. Huehuetoca, Estado do México.



Migrante desenhando. Huehuetoca, Estado do México.



Migrante desenhando. Huehuetoca, Estado do México.



Almoço coletivo no albergue Hermano San José. Huehuetoca, Estado do México.



Migrantes formam duas filas e um corredor para a entrada das mães no albergue. Huehuetoca, Estado do México.



Chegada da caravana à entrada do albergue. Huehuetoca, Estado do México.



Migrantes aguardam a chegada das mães da caravana. Huehuetoca, Estado do México.



Migrantes aguardam a chegada das mães da caravana. Huehuetoca, Estado do México.



Participante da caravana exibe desenho que recebeu de um dos migrantes.



Mães da caravana exibem fotos e desenhos. Huehuetoca, Estado do México.



Exposição das fotos dos migrantes desaparecidos em praça pública. Tierra Blanca, Veracruz



Protesto em praça pública. Tierra Blanca, Veracruz



Espera de mãe pelo aparecimento de seu filho. Tierra Blanca, Veracruz.



Encontro entre mãe e filho. Tierra Blanca, Veracruz.



Mãe pergunta pelo seu filho a migrantes na linha do trem. Tierra Blanca, Veracruz.



Mães perguntam pelos seus filhos a migrantes na linha do trem. Tierra Blanca, Veracruz.



O caminhar incansável das mães pela linha do trem. Coatzacoalcos, Veracruz.



Um migrante em viagem se emociona ao conversar com uma das mães da caravana. Tierra Blanca, Veracruz.



A despedida emocionada. O migrante seguirá viagem. Tierra Blanca, Veracruz.



Chegada da caravana ao viaduto em Coatzacoalcos, Veracruz.



Migrantes observam as fotos dos migrantes desaparecidos. Coatzacoalcos, Veracruz.



A eterna busca. Coatzacoalcos, Veracruz.



Mães mostram as fotos para moradores às margens da linha do trem. Coatzacoalcos, Veracruz.



Mães perguntam por seus filhos aos moradores das margens da linha do trem. Coatzacoalcos, Veracruz.



Mães perguntam por seus filhos aos moradores das margens da linha do trem. Coatzacoalcos, Veracruz.



Recepção da caravana na entrada do Albergue Hermanos en el Camino. Ixtepec, Oaxaca.



Migrantes entregam flores às mães que chegam ao Albergue Hermanos en el Camino. Ixtepec, Oaxaca.



Migrantes observam as fotos dos desaparecidos na capela do Albergue Hermanos en el Camino. Ixtepec, Oaxaca.



Ementeria Martínez encontrou sua filha em 2010 e seguiu nas caravanas lutando pela mesma causa, até falecer em 8 de janeiro de 2013. Ixtepec, Oaxaca.



Cruz e fotos na capela do Albergue Hermanos en el Camino. Ixtepec, Oaxaca.



Migrante dorme na linha do trem. Ixtepec, Oaxaca.



Mães da Guatemala em cima de vagão de trem. Ixtepec, Oaxaca.



Mães da Guatemala na linha do trem. Ixtepec, Oaxaca.



Mães da Nicarágua na linha do trem. Ixtepec, Oaxaca.



Mães caminham pela linha do trem. Ixtepec, Oaxaca.



Mães perguntam pelos seus filhos a moradores nas margens da linha do trem. Ixtepec, Oaxaca.



Mães perguntam pelos seus filhos a moradores nas margens da linha do trem. Ixtepec, Oaxaca.



Círculo de reflexão e oração em volta da vala comum do cemitério de Arriaga, Chiapas.



Cruz solitária na vala comum do cemitério de Arriaga, Chiapas.



Encontro entre mãe e seu filho, na estrada entre Arriaga e Tapachula, Chiapas.



Exposição das fotos em praça pública. Tapachula, Chiapas.